



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS UFPE/
UFPB

ANE BEATRIZ DOS SANTOS REIS

**IMAGENS QUE CONTAM HISTÓRIAS: O FEMININO NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS**

Recife
2022

ANE BEATRZ DOS SANTOS REIS

**IMAGENS QUE CONTAM HISTÓRIAS: O FEMININO NA
COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS**

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal da Paraíba/PPGAV – UFPE/UFPB, Área de Concentração: Processos Educacionais em Artes Visuais, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra.

Linha de Pesquisa: Processos Educacionais em Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria das Vitórias Negreiros do Amaral

Co-orientadora: Prof^a Dr^a Givânia Maria da Silva

Recife

2022

ANE BEATRIZ DOS SANTOS REIS

**IMAGENS QUE CONTAM HISTÓRIAS: O FEMININO NA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS**

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal da Paraíba/PPGAV – UFPE/UEPB, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra.

Aprovada em 15/12/2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Maria das Vitórias Negreiros do Amaral - (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof.^a Dr.^a Givânia Maria da Silva - (Co-orientadora)
Universidade de Brasília - UNB

Prof.^a Dr.^a Fabiana Souto Lima Vidal – Examinadora Interna
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE/CAp

Prof.^a Dr.^a Renata Aparecida Felinto dos Santos - Examinadora Externa
Universidade Regional do Cariri - URCA

À minha mãe e às nossas ancestrais.

AGRADECIMENTOS

Esta escrita sobre as histórias e imagens do feminino, não poderia ser concluída sem a participação e colaboração de várias mãos. Algumas que usam o teclado ou a caneta, outras que colaboram na abertura das gavetas da memória, na busca dos objetos, sons e sabores perdidos, produzem imagens, repassam histórias. Celebramos a ancestralidade, o estar junto, o partilhar em rodas de conversa. O que mesmo naqueles momentos de reflexão e de escrita da dissertação, não me fez sentir sozinha.

Gratidão à minha família, marido, filhas e filho que me apoiaram e acreditaram que o desafio do mestrado seria conquistado.

À Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, em nome da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC) pelo acolhimento da pesquisa e da pesquisadora. E em especial às mulheres que aceitaram nosso convite para pesquisarmos juntas, as coautoras da pesquisa: Fábria Maria de Oliveira, Fabiana Ana da Silva, Márcia Jucilene do Nascimento, Maria Aparecida Mendes, Maria Lorena da Silva Bezerra, Maria de Lourdes da Silva e Marinalva Rita da Silva Bezerra.

À Prof.^a Dr.^a Maria das Vitórias Negreiros do Amaral orientadora do mestrado, amiga e parceira de longos anos. E a Prof.^a Dr.^a Givânia Maria da Silva, pesquisadora quilombola de Conceição das Crioulas, pela sua leitura crítica e colaborativa.

Há um grupo de historiadores que defende a ideia de que temos de reeditar a História da Arte para incluir as mulheres injustiçadamente excluídas. Somos mais radicais. É preciso reescrever a História da Arte considerando as contribuições transformadoras operadas pelas mulheres na Arte. Teremos uma outra História. (Barbosa; Lona, 2019, p.31).

RESUMO

Território distante das grandes cidades, a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, no sertão pernambucano foi um local de encontros e partilhas de/com mulheres. Com escutas e leituras atentas às histórias e imagens, aquelas que muitas vezes não aparecem nos livros ou nas histórias ditas oficiais. Aprendizado com mulheres quilombolas, artesãs, educadoras, principais transmissoras das histórias e imagens das(os) suas/seus antepassadas(os), que são histórias do Brasil, histórias e imagens da arte brasileira. Histórias no plural porque, como nos afirma Durand (1996) e Adichie (2019), não há apenas uma história a ser contada, mas diversas histórias e diferentes narradoras/es. Neste sentido, a pesquisa busca compreender as imagens das mulheres, nos processos de reconhecimento de si, nas histórias da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. Para isto foram realizadas rodas de conversa com mulheres quilombolas da comunidade, ouvindo suas histórias e conhecendo as imagens que as povoam. A análise dessas histórias e imagens foi realizada a partir da Mitocrítica, metodologia baseada nos fundamentos teóricos do Imaginário e sistematizada pelo filósofo e antropólogo Gilbert Durand. O mito de origem, a chegada ao território das seis mulheres crioulas, é a história que conduziu a pesquisa à busca pelas histórias e imagens do feminino na comunidade quilombola.

Palavras-chave: artes visuais; mulher quilombola; imaginário; mitocrítica.

ABSTRACT

TA territory far from the big cities, the Quilombola Community of Conceição das Crioulas, in the Pernambuco countryside, was a place for meetings and sharing of and with women. With attentive listening and reading of stories and images, those that often do not appear in books or so-called official stories. Learning with quilombola women, artisans, educators, main transmitters of the stories and images of their ancestors, which are histories of Brazil, histories and images of Brazilian art. Histories in the plural because, as Durand (1996) and Adichie (2019) say, there is not just one history to be told, but several histories and different narrators. In this sense, this research seeks to understand the images of women, in the processes of self-recognition, in the histories of the Quilombola Community of Conceição das Crioulas. In this process, conversation circles were held with quilombola women from the community, in order to listen to their histories and getting to know the images that populate them. The analysis of these stories and images was carried out based on Mythocriticism, a methodology based on the theoretical foundations of the Imaginary and systematized by the philosopher and anthropologist Gilbert Durand. The origin myth, the arrival in the territory of the six creole women, is the story that led the research to the search for the histories and images of the feminine in the quilombola community.

Keywords: visual arts; quilombola woman; imaginary; myth-criticism.

SUMÁRIO

1	Colcha de retalhos	10
2	Retalhos/mulheres de/em Conceição das Crioulas	43
3	Retalhos/concepções - histórias de mulheres	79
4	Retalhos/mitos - origens do feminino	113
5	Retalhos/mitemas - o feminino em Conceição das Crioulas	135
5.1	Educação	139
5.2	Identidade Crioula	157
5.3	Cuidado	189
5.4	Religiosidade	207
6	Celebrar - colcha costurada, acabamento finalizado	223
	Referências	230

Nesta primeira parte da dissertação, falamos sobre o formato da escrita e as possibilidades que ele nos propicia. A costura, atividade sem fins lucrativos que minha mãe realizava, foi inspiração para os títulos dos capítulos. Tal atividade me apresenta memórias afetivas da minha infância e adolescência e durante a pesquisa elas ganharam vida e força e não poderiam ficar de fora. Assim, além dos títulos dos capítulos, o tema “costura”, permeia toda a escrita. No remexido das gavetas da memória, escolhi o formato da escrita da minha dissertação. Com as escutas, leituras, reflexões, partilhas e encontros da pesquisa a colcha de retalhos será costurada. Portanto, a peça escolhida para ser costurada é uma colcha de retalhos: uma costurada em tecido e outra escrita no formato de dissertação de mestrado. Tais colchas nos apresentam mulheres cisgêneras, memórias, histórias e imagens da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. Comunidade situada no sertão pernambucano que conheci no mês de julho de 2019. Ao longo da escrita essas duas colchas ganharão formas, cores, textos, imagens e histórias.

Para iniciar a costura, alinhavo a produção criativa, realizada por mim em 2020 que intitulei “Cartografia imagética” (Imagem 01), nela temos palavras e imagens como encontros, escutas, histórias, imagens, feminina, mulheres, boca, clítoris, ouvido, óvulos, ovários e útero. Acredito que é importante começar essa escrita apresentando esta imagem porque foi voltando sempre a ela, cada vez que eu me via perdida ou confusa durante a investigação, que reorganizei as ideias, mantive o foco, continuei estudando e escrevendo.

Imagem 01 - Ane Reis, Cartografia Imagética, 2020.



Fonte: Ane Beatriz Reis, 2020, arquivo pessoal da pesquisadora.

O formato cíclico e não cronológico, com início, meio e fim, da Cartografia Imagética, incentiva-me a estar mais atenta aos encontros e desencontros que deixam marcas, às imagens que contam histórias, às histórias que transformam e à tecer relações entre elas.

Entre as propostas da pesquisa, a escuta é o primeiro exercício. Escutar a si e às outras mulheres, para depois fazermos partilhas, buscarmos histórias, remexermos as gavetas da memória e revisitarmos as ancestralidades. E nas minhas escutas e procuras nas gavetas do passado, como já citei, encontrei as costuras de minha mãe, a Dona Tarcísia. Ela sentada empurrando um pedaço de tecido, a máquina fazendo barulho, eu sentada no chão, segurando uma pequena tesoura, aguardando o tecido chegar às minhas mãos para minha tarefa começar: as linhas e os retalhos; os fios que ela me pedia para cortar depois que a costura estava pronta. Não achava essa tarefa muito legal, queria costurar, fazer algo maior, costurar de verdade. Entretanto, a aprendiz de costureira precisava começar por cortar as linhas, era uma tarefa importante, implicava no acabamento da peça. Anos depois, já adulta quando também passei a costurar, fui entender a importância desse processo.

Deste resgate das imagens da memória entre linhas, tecidos e tesouras montei uma colcha de retalhos imaginária. Juntando tecidos de várias cores e estampas, histórias com diversas pessoas, recortes de momentos vivenciados, uns bons e outros não muito de serem lembrados. E para a montagem das mantas investigativas reuniremos os momentos de partilhas, os pedaços de histórias e as imagens; estes serão os retalhos que serão costurados ao longo da investigação. A colcha de retalhos faz parte da minha memória afetiva, da gaveta de vivências e afetos entre minha mãe e eu. Dona Tarcísia, com sua costura, junta-se às mulheres de Conceição das Crioulas.

Das memórias das minhas vivências de aprendiz de desenhista, de estudante e posteriormente de docente das Artes Visuais, as imagens que sempre chamaram mais a minha atenção e curiosidade para desenhar, pesquisar, ouvir e depois contar suas histórias, foram as que remetiam às mulheres ou ao universo feminino. Nas leituras das imagens fui em busca das histórias de mulheres, nos livros, nas exposições em museus, instituições culturais, igrejas, paredes, fachadas, etc. Dessas histórias das artes contadas nos livros e currículos escolares podemos

citar algumas características recorrentes dessas imagens de mulheres: são mulheres brancas, em sua maioria magras e com traços europeus, retratadas em ambientes “refinados”; e com histórias eurocêntricas. Como estudante das imagens e depois como professora das Artes Visuais fui impregnada por essas imagens. Encontramos diversos exemplos de imagens que foram descritas em Gombrich (2011), Dempsey (2010), Eco (2010) e Farthing (2011); livros recomendados para estudar a história da arte em ementas de cursos universitários no país¹.

Além dos livros, das exposições que temos acessos e dos materiais disponíveis para pesquisas das imagens para o exercício da docência em Artes Visuais, o educador e filósofo pernambucano Paulo Freire, patrono da Educação brasileira, nos incentiva ao aprendizado crítico. Em Freire, (1967, p. 36) nos motiva a “aprender sempre, à fazermos a auto-reflexão e a reflexão sobre nosso tempo e os espaços em que vivemos e convivemos”, assim mesmo impregnadas(os) por imagens e histórias da arte recorrentes, devemos estar sempre inquietas(os) em busca de outras histórias, em especial daquelas que ainda não foram contadas.

Das iniciativas que romperam com as narrativas patriarcais e hegemônicas que ampliam o nosso exercício de docência e pesquisa crítica nas Artes Visuais citamos aqui o grupo de ativistas feministas Guerrilla Girls² criado em 1985, em reação a uma mostra realizada no ano de 1984 no Museum of Modern Art (MoMA), na cidade de Nova York, com um total de 165 artistas com apenas treze artistas mulheres. Entre setembro de 2017 e fevereiro de 2018 o Museu de Arte de São Paulo - SP (MASP) realizou uma exposição com 116 trabalhos (cartazes) do Guerrilla Girls³, intitulada Guerrilla Girls Gráfica 1985-2017. Na mostra, além dos cartazes conhecidos internacionalmente, havia também dois novos cartazes

¹ Publiquei, com a professora Maria Betânia e Silva/UFPE, um capítulo de livro sob o título A disciplina História da Arte nos cursos de Artes Visuais da UFPB, UFPE e URCA (Reis e Silva, 2015). Nessa escrita apresentamos um estudo sobre as ementas das disciplinas de história da arte nos cursos de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba/UFPB, Universidade Federal de Pernambuco/UFPE e Universidade Regional do Cariri/URCA). Esse estudo, entre outras particularidades, descreve a tendência hegemônica das ementas e o formato cronológico da história da arte nos curso de Artes Visuais ofertados nessas universidades.

² As Guerrilla Girls se definem como um grupo de ativistas feministas que “usam fatos, humor e imagens ultrajantes para expor os preconceitos étnicos e de gênero, bem como a corrupção na política, na arte, no cinema e na cultura pop”. Disponível em: <https://masp.org.br/exposicoes/guerrilla-girls-grafica-1985-2017>. Acesso em 17mar21.

³ A mostra “Guerrilla Girls: Gráfica - 1985-2017” ficou disponível ao público no Museu de Arte de São Paulo/MASP no período de 29/09/2017 a 14/01/2018. Informações sobre a exposição disponíveis em: <https://masp.org.br/exposicoes/guerrilla-girls-grafica-1985-2017>. Acesso em 17mar21.

brasileiros, um deles com informações sobre as dificuldades de ser uma artista em um mundo da arte e suas histórias dominadas pelos homens (Imagem 02).

Imagem 02 - Guerrilla Girls, As vantagens de ser uma artista mulher, 2018.



Fonte: Acervo MASP⁴.

Outro acervo para contar histórias diferentes do discurso hegemônico são as obras da artista Rosana Paulino. Com suas imagens, Rosana Paulino conta uma narrativa sobre o Brasil, especificamente da mulher negra e do homem negro, de uma forma muito diferente das narrativas chamadas oficiais. Ainda em 2018, ocorreu em três salas da Pinacoteca de São Paulo - SP⁵, uma retrospectiva de 25 anos de sua carreira artística intitulada “Rosana Paulino: A Costura da Memória”⁶. Uma das salas abrigou a instalação “Assentamento” (Imagem 03).

⁴ Disponível: <https://masp.org.br/exposicoes/guerrilla-girls-grafica-1985-2017>.

⁵ Museu de arte mais antigo da cidade de São Paulo - SP. Informações sobre o museu disponíveis em: <https://pinacoteca.org.br/>. Acesso em 19mar21.

⁶ Rosana Paulino: A Costura da Memória na Pinacoteca de São Paulo. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/rosana-paulino-a-costura-da-memoria/>.

Imagem 03 Rosana Paulino, Assentamento, 2018.



Pinacoteca de São Paulo - SP. Fonte: Divulgação⁷.

Barulho de mar. No chão, fogueiras armadas sobre paletes com gravetos e pedaços de braços com as mãos pendendo para fora. Pequenos vídeos de uma praia. E, nas paredes, três fotos de uma mesma mulher negra, de frente, de costas e de perfil.
 (...) A obra remete aos navios negreiros. O som do mar era o único exterior ouvido pelos escravizados, forçados a ficar dias sem sair ao convés. (PASSOS, 2018 s/p).

⁷ Disponível em: <https://rosanapaulino.com.br/exposicoes/>.

As críticas do Guerrilla Girls e de Rosana Paulino nos apresentam histórias diferentes daquelas cristalizadas nos livros e discursos hegemônicos e que precisam ser desconstruídos. As histórias das imagens das mulheres nas Artes Visuais, produzidas por homens ou por mulheres e dos povos africanos sequestrados que aqui chegaram. Histórias que precisam ser reescritas e contadas a partir de outras vozes.

E nos últimos cinquenta anos, por iniciativas individuais e coletivas, a sociedade brasileira foi impelida a ouvir essas outras vozes. Isso nos mostra os documentos da década de 1970 do Serviço Nacional de Informações (SNI), órgão de inteligência do governo brasileiro que perseguia a população contrária ao sistema ditatorial existente no momento. No início da década de 1970 o SNI monitorava a movimentação de pessoas, entidades e grupos que buscavam denunciar o racismo e organizar a comunidade negra no país. Esses documentos não são as únicas fontes da movimentação e organização do movimento negro no país, mas além de contar parte da continuidade dessa história, também nos mostra a preocupação e vigilância do governo da época, uma ditadura militar, com os possíveis resultados dessas novas organizações.

(..) Num deles, de 14 de julho de 1978, podemos encontrar um relato sobre a manifestação, nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo, daquilo que se tornaria mais adiante o Movimento Negro Unificado (MNU), uma das entidades do movimento negro surgidas no Brasil na década de 1970. (...) Esse documento, que se encontra no Arquivo Ernesto Geisel, depositado no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getulio Vargas, não é o único produzido pelos órgãos de informação da época sobre a atividade de militantes e organizações do movimento negro. Mas ele nos ajuda a situar a atuação desse movimento social na História do Brasil, mais especificamente no contexto da abertura política, iniciada em 1974. Desde o início da década de 1970, é possível registrar a formação de entidades que, como diz o relatório do SNI, buscavam denunciar o racismo e organizar a comunidade negra. Por exemplo, o Grupo Palmares, criado em Porto Alegre em 1971; o Centro de Estudos e Arte Negra (Cecan), aberto em São Paulo em 1972; a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (Sinba), inaugurada no Rio de Janeiro em 1974, e o Bloco Afro Ilê Aiyê, fundado em Salvador também em 1974. (ALBERTI e PEREIRA, 2010).

Essas vozes a do Grupo Palmares, Sinba, Bloco Afro Ilê Aiyê e tantas outras que se uniram pelas mesmas causas, se organizaram e fizeram ecoar nos quatro cantos do Brasil e também para outros países, as histórias, as reivindicações das denominadas minorias, aquelas que por séculos estiveram à margem das histórias

oficiais, de políticas públicas, de debates que visam uma sociedade mais justa e equitativa. E continuam lutando. Entre avanços importantes nos últimos vinte anos, infelizmente o país vive um retrocesso nos últimos sete anos.

A denominação “minoría” não é correta ao falarmos sobre a população negra brasileira. Considerando-se os números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ela representa a maioria da população brasileira⁸. Porém, esses números ainda não se refletem na sociedade quanto ao percentual de lideranças na política, nos cargos de chefias em empresas públicas ou privadas e também nos índices de distribuição de renda no país. O termo minoría não representa exatamente os números estatísticos da população, mas a uma parcela da população brasileira que ao longo da história recebeu e ainda recebe muito pouco, ou quase nada, dessa terra invadida chamada Brasil. E para uma educação que nos instiga Freire (1967) a educação realmente “liberadora”, precisamos ouvir as histórias que ainda não foram contadas sobre mulheres e homens, rainhas e reis, lideranças, pessoas que não aceitaram ter as vidas que lhes foram impostas por aqueles que estavam e podemos sim dizer, ainda estão no poder. Foi com este intuito, o de conhecer outras histórias, narrativas diferentes daquelas em que eu estava impregnada, por conta de uma educação eurocêntrica, machista e racista e de buscar outras fontes, que cheguei à Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas⁹, no município de Salgueiro, sertão pernambucano.

Quilombo, é uma palavra originária do idioma africano “quimbunco”, que significa: sociedade formada por jovens guerreiros que pertenciam a grupo étnicos desenraizados de suas comunidades. Em 1988, com a promulgação da Constituição uma importante mudança ocorre. Segundo a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ)¹⁰, em seu artigo 68, a nova Constituição cria um novo conceito e marco jurídico para o termo quilombo,

⁸ Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2019, 42,7% dos brasileiros se declararam como brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos e 1,1% como amarelos ou indígenas. O IBGE conceitua a população negra como a soma de pretos e pardos, portanto compreende a maioria e não a minoría da população brasileira. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html#:~:text=De%20acordo%20com%20dados%20da,1%25%20como%20amarelos%20ou%20ind%C3%ADgenas>. Acesso em: 13 novembro 2021.

⁹ Ao longo da escrita, para dar melhor fluidez ao texto, iremos nos referir à comunidade quilombola com o termo “Conceição das Crioulas”.

¹⁰ Informações sobre a história da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) estão disponíveis em: <https://conaq.org.br/nossa-historia/>.

garantindo o direito à terra às comunidades remanescentes. A lei foi um grande avanço. Entretanto, passadas mais de três décadas, a luta quilombola pela terra ainda continua e são poucas as comunidades que alcançaram esse direito. A CONAQ denuncia que entre as mais de três mil comunidades quilombolas existentes nas cinco regiões do país, pouco mais de cem possuem o título.

Conceição das Crioulas é um quilombo rural localizado à 560 km do Recife, capital de Pernambuco. É o 2º Distrito do município de Salgueiro, embora sua história de origem seja anterior a formação da cidade. Segundo dados da prefeitura de Salgueiro, tem aproximadamente 4.000 habitantes¹¹. Essa informação será atualizada com a conclusão do Censo 2022, realizado pelo IBGE, que incluiu as comunidades quilombolas e indígenas na pesquisa domiciliar. O território quilombola compreende uma área de 16.865 hectares, composto por trinta (30) núcleos rurais que são denominados de sítios e duas vilas: A Vila União e a Vila Centro (Imagem 04). Está cercado pela Serra das Princesas e a Serra das Crioulas da qual dividem a pertença com o povo indígena Atikum¹², “o que faz com que cada vez mais se evidencie a inter-relação dos dois povos (indígenas e quilombolas)”, segundo Silva G. (2012, p. 18).

Neste quilombo (Imagens 4, 5, 6, 7,8, 9, 10, 11 e 12), encontramos mulheres e homens, guerreiras(os) enraizadas(os) na sua terra, como Givânia Maria da Silva, uma das lideranças da comunidade sempre pronta a defender seu povo, seu território.

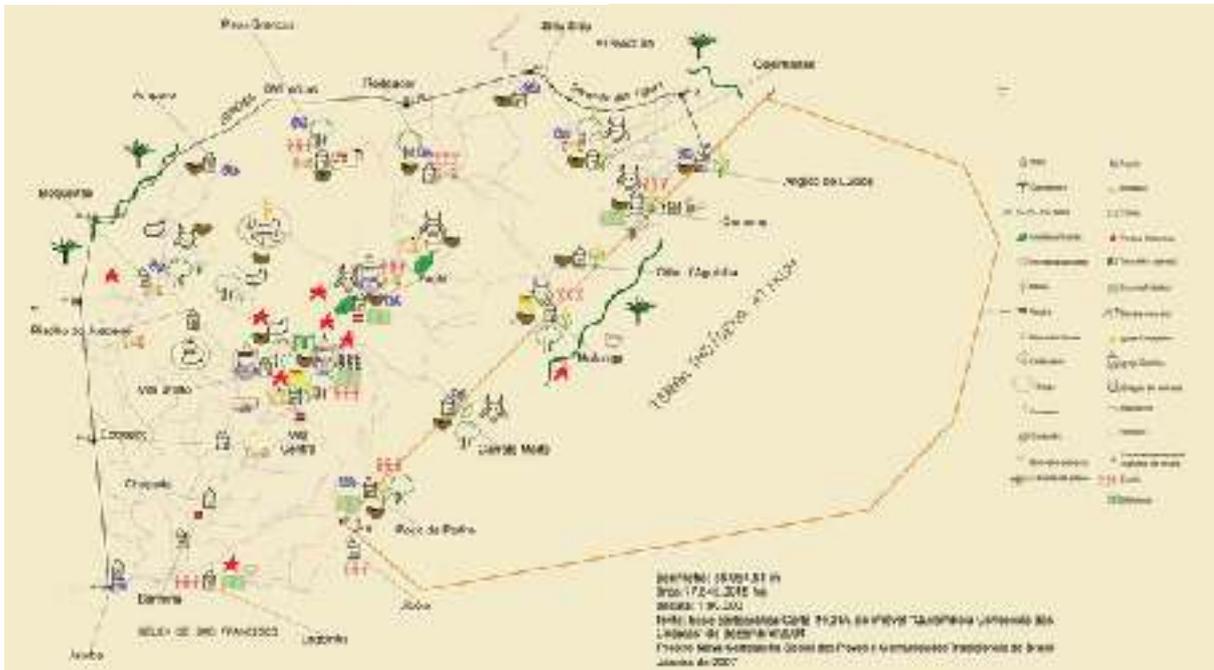
A pergunta quem somos, seria desnecessária se nossas agências não tivesse, sido tão violentadas, nossos corpos não tivessem sido tão marcados e despedaçados para satisfazer às crueldades do racismo. E se nossas vozes não tivessem sido caladas? E se nossas vozes não tivessem sido tão silenciadas, talvez já tivéssemos superado parte da ignorância que a sociedade brasileira tem ao nosso respeito. (...) Não nos agarramos muito às classificações, aliás, o que mais nos anima e fortalece é a nossa pertença as nossas raízes ancestrais africanas. Definimo-nos como mulheres e homens quilombolas, urbanos e rurais que enfrentam dia a dia as crueldades do racismo e do machismo, sem perder a capacidade de lutar, de nos indignar e tocar a vida, e mais, não abrimos mão da nossa beleza e a firmeza herdada de Dandara, Esperança Garcia,

¹¹ <https://www.salgueiro.pe.gov.br/municipio-distritos-conceicao-das-crioulas.html>.

¹² Povo Indígena Atikum está situado na região e distribuído nos municípios de Salgueiro, Carnaubeira da Penha, Mirandiba e Floresta. Os dois povos quilombolas e indígenas, mantém relações de proximidade não apenas geográfica, mas, sobretudo, de consanguinidade pelos relacionamentos que ocorreram entre os dois povos. Geograficamente a Serra das Crioulas os separa na demarcação dos territórios e também os junta na tradição do cultivo de lavouras de subsistência.

Tereza de Benguele, Mendencha, Francisca Ferreira, Agostinha Cabocla... e sendo assim, não abrimos mão de sorrir e assim seguimos ensinando e aprendendo, dançando trancelim e forró, fazendo artesanato, plantando e colhendo. (SILVA G. 2020a, p.9).

Imagem 04 - Mapa Território Quilombola de Conceição das Crioulas.



Fonte: Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, fascículo 6, Jan/2007.

Imagem 05 - Vila Centro - Chegando no Território Quilombola de Conceição das Crioulas



Fonte: Ane Beatriz Reis.

Imagem 06 - Vila Centro - Chegando no Território Quilombola de Conceição das Crioulas.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo da pesquisadora.

Imagem 07 - Vila Centro - Território Quilombola de Conceição das Crioulas.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo da pesquisadora.

Imagem 08 - Vila Centro - Território Quilombola de Conceição das Crioulas.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo da pesquisadora.

Imagem 09 - Vila Centro - Território Quilombola de Conceição das Crioulas.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo da pesquisadora.

Imagem 10 - Território Quilombola de Conceição das Crioulas.



Fonte: THE WSS

Imagem 11 - Casa da Comunidade Francisca Ferreira, Território Quilombola de Conceição das Crioulas



.Fonte: THE WSS

Imagem 12 - Vila União, Território Quilombola de Conceição das Crioulas.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo da pesquisadora.

Imagem 13 - Território Quilombola de Conceição das Crioulas.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo da pesquisadora.

No ano de 2019 fui convidada pela Professora Dra. Vitória Amaral para participar do 2º Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas¹³. Foi realizado pela Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC) em parceria com o Instituto de investigação em Arte, Design e Sociedade da Universidade do Porto/Portugal (I2ADS) e contou com a participação de moradoras/es da região, educadoras/es, estudantes, profissionais de várias áreas do Brasil e de outros países. Este foi o meu primeiro contato com Conceição das Crioulas (Imagens 14, 15 e 16).

Imagem 14 - Partilhas, 2º Encontro. Casa da Comunidade Francisca Ferreira, jul/2019.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo da pesquisadora.

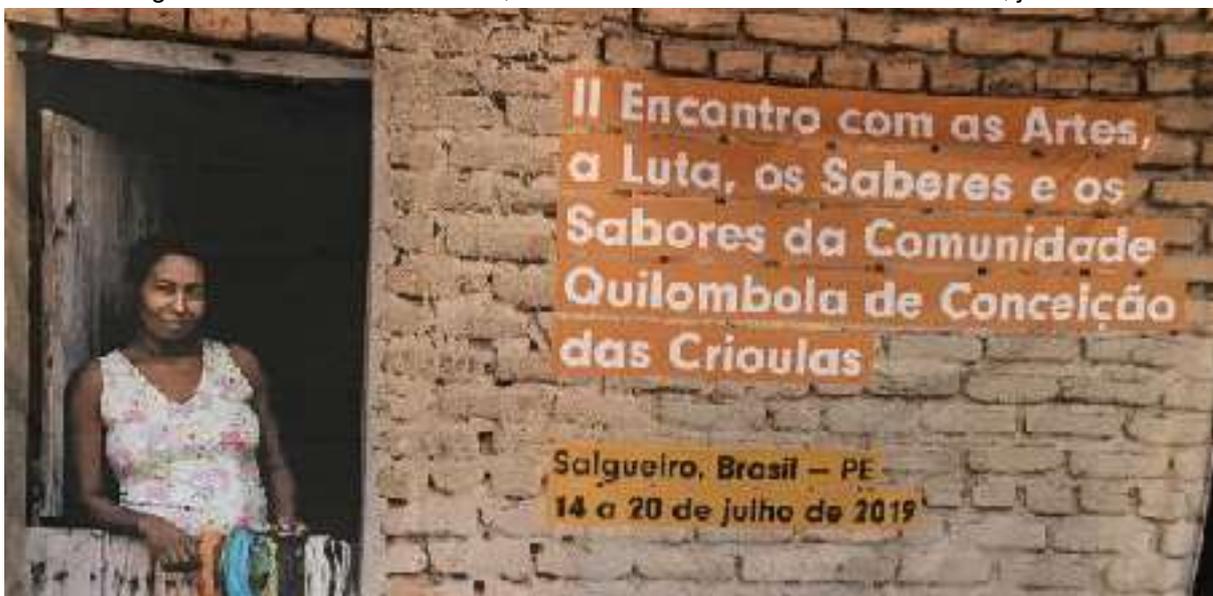
¹³ Para uma melhor fluidez do texto a partir daqui iremos nos referir ao 2º Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, apenas como 2º Encontro.

Imagem 15 - Apresentações trabalhos, 2º Encontro. Casa da Comunidade Francisca Ferreira, jul/2019.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo da pesquisadora.

Imagem 16 - Banner 2o Encontro, Casa da Comunidade Francisca Ferreira, jul/2019.



Fonte: Ane Beatriz, acervo da pesquisadora.

Não sabia nada sobre a comunidade, para onde estava seguindo viagem. Nunca tinha visitado aquela região do estado de Pernambuco e estava ansiosa por conhecer o sertão nordestino. Carregava comigo uma escrita quase concluída de projeto de mestrado sobre as imagens de mulheres na cidade do Recife e pretendia

submeter a proposta em outubro daquele mesmo ano ao Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB.

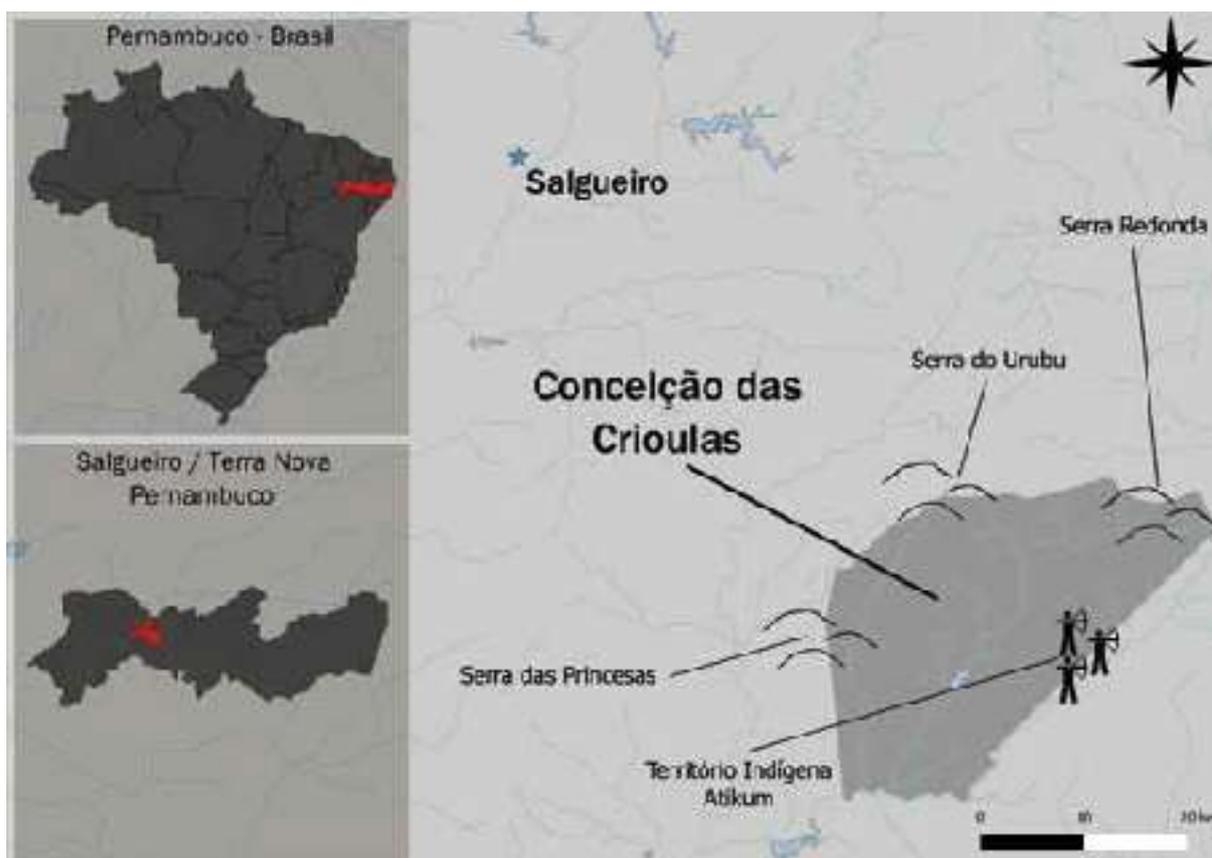
Depois de uma longa viagem pelas BR 232 e 116, saímos no entroncamento da BR 116, com a PE 460, até chegarmos ao Território Quilombola de Conceição das Crioulas (Imagens 17 e 18).

Imagem 17 - Entroncamento a BR 116 com a PE 460, estrada que leva até a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.



Fonte Google Maps.

Imagem 18 - Localização do território quilombola no mapa do estado.



Fonte: CARVALHO, 2016 p. 01.

A estrada até a comunidade era de terra, estava em obras, com muitos buracos e enormes pedras. Junho é um mês chuvoso na região e tinha chovido muito nos dias anteriores à nossa chegada, o que tornava a estrada mais perigosa.

Em 2020, após obras de implantação e pavimentação da via, demanda requisitada há muitos anos pela comunidade, a PE 460, estrada de 25 quilômetros que leva ao território quilombola, foi inaugurada com festa por políticos e moradores da região. Antes, o acesso de terra ocasionou acidentes fatais, a estrada agora asfaltada, facilita o acesso da população à comunidade e à cidade sem os riscos de outrora.

Findado o trajeto da PE 460 chegamos em Conceição das Crioulas.

Logo no começo da rua principal, além de casas e pequenos comércios, avistamos a Escola José Néu que oferece Educação Infantil, Ensino Fundamental 1 (1º ao 5º ano) e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Encontrar logo na entrada da comunidade quilombola uma escola é de uma simbologia muito significativa. Nas partilhas do 2º Encontro, ficamos sabendo que a educação é uma das lutas e conquistas celebradas pela comunidade e lideranças composta, principalmente, por mulheres. Das conquistas pela educação quilombola ainda tem a Escola Professor José Mendes, Ensino Fundamental 2 (6º ao 9º ano) e a Escola Professora Rosa Doralina Mendes, com o Ensino Médio.

Continuando pela rua principal, passamos por mais casas e uma igreja evangélica. Chegamos na praça onde está a igreja católica de Nossa Senhora da Conceição, símbolo da promessa do mito de origem (que veremos mais adiante). Depois da praça seguimos em direção ao Centro de Artesanato Francisca Ferreira (CPA), onde ocorreu a maioria das atividades do 2º Encontro. Ouvindo, vendo e vivenciando as histórias da comunidade quilombola que acabara de conhecer, me dei conta do quanto ainda precisava aprender sobre a história do meu país e também sobre a minha história, a história da minha família.

Em Conceição das Crioulas, refleti que parte das histórias sobre as origens das minhas heranças familiares foram esquecidas ou apagadas. Meu avô materno era negro, minha avó era branca, herdei a cor da pele da minha avó. Tios, tias, umas/uns conhecidos, outras(os) não, como toda família brasileira tenho ancestrais negras(os). Ouvia minha mãe falar de uma “bisavó que foi filha de escravos”. Mas nunca ouvi o seu nome. Suas histórias foram apagadas, ficou apenas o fato de ser filha de escravizados. Histórias apagadas é uma realidade que se repete no cotidiano das famílias brasileiras, o apagamento das histórias do povo africano e de seus descendentes.

Estar em Conceição das Crioulas, conhecer e escutar as histórias das mulheres daquela comunidade quilombola, não me trouxe apenas uma possibilidade a mais de pesquisa, mas me apresentou a urgente necessidade de revitalizar minhas escolhas pessoais e profissionais que não estão dissociadas de posicionamentos políticos. Essas escolhas divergem dos discursos hegemônicos e, mesmo com meu posicionamento crítico, precisava aprender mais, ler, escutar outras histórias. Aquela escrita quase terminada que levei com o propósito de voltar com ela concluída, ficou guardada na mochila. As imagens de mulheres ainda eram um dos principais focos das minhas pesquisas, mas aquele lugar e aquelas narrativas estavam fervilhando para novas ideias de investigação.

Após as vivências em Conceição das Crioulas, a afirmação de que os “historiadores da arte são também historiadores da cidade” Argan (2005, p. 77), referência que usei no meu Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCC) ganhou um outro sentido e se ampliou para o campo, para a vida rural. O lugar de pesquisa de mestrado escolhido, que continuava sendo a cidade, foi trasladado para o sertão pernambucano. Assim como as imagens urbanas, por que as rurais também não podiam contar as histórias da arte da comunidade? As imagens de Conceição das Crioulas além de contar as histórias do lugar e de seu povo, contam histórias da arte da comunidade quilombola. Com essa reflexão, uma nova escrita de projeto de mestrado precisava ser iniciada com urgência.

Voltando à cidade fui me impregnar de leituras que representavam àquelas vozes da comunidade quilombola: Givânia Maria da Silva, Maria Aparecida Mendes, Marcia Juscilene do Nascimento¹⁴, Abdias Nascimento, Carolina Maria de Jesus, bell hooks, Djamilia Ribeiro, Conceição Evaristo, Grada Kilomba, Lélia Gonzalez, Maya Angelou, entre outras(os). A vontade de pesquisar sobre o feminino nas Artes Visuais, o lugar dessa pesquisa e as mulheres participantes dessas vivências foram dando forma ao projeto de mestrado que se conclui com esta dissertação.

O novo projeto de mestrado intitulado “Imagens que contam histórias: o feminino na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas” foi submetido e aprovado pelo Programa Associado de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV/UFPE/UFPB), no final do ano de 2019. Comuniquei o feito por email à AQCC

¹⁴ Givânia Maria da Silva, Maria Aparecida Mendes, Marcia Juscilene do Nascimento são mulheres quilombolas de Conceição das Crioulas e Mestras em Desenvolvimento sustentável junto aos povos e terras tradicionais pela Universidade de Brasília/UnB e professoras atuantes na educação quilombola.

(Imagem 19) e mais uma vez fui acolhida e abraçada pelas mulheres da comunidade com alegria por mais uma pesquisa ser iniciada no território quilombola, como afirma a pesquisadora quilombola Diva Rodrigues no livro sobre o 2º Encontro.

O II Encontro foi também muito sucedido - um verdadeiro encontro. (...) Os destaques dados a algumas partes vivenciadas na ocasião objetivam demonstrar que estamos no caminho certo quando acreditamos e defendemos possibilidades de se construir convivências respeitadas entre os saberes acadêmicos e os saberes quilombolas. Para ilustrar essa afirmação apresento uma carta da Professora de Artes Visuais Colégio de Aplicação/UFPE, Ane Beatriz Reis, aprovada para o Mestrado em Artes Visuais UFPE/UFPB, em dezembro/2019. (RODRIGUES, 2020, p.23).

Imagem 19 - Email enviado à AQCC pela pesquisadora.

Cara AQCC,
Agradeço pelos encontros, afetos, descobertas e histórias que vivenci no último Encontro realizado na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, em julho/2019. Sai maravilhada e com várias ideias e reflexões que modificaram meu olhar para as pesquisas em Artes Visuais e também minha prática docente.
Dessa vivência escrevi o meu projeto de pesquisa para o Mestrado em Artes Visuais UFPE/UFPB, aprovado em dezembro/2019. "As figuras femininas da Cultura Visual africana e afro-brasileira - Mulheres que contam histórias na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas" com início para março/2020. Desde já solicito a sua permissão e parceria para iniciarmos com a comunidade, os/as professores(as) de Artes Visuais e estudantes, novos encontros, afetos, descobertas, escuta e trocas de histórias que com certeza contribuirão para as pesquisas acadêmicas, práticas docentes em Artes Visuais e também, assim espero, com a Comunidade.
Atenciosamente,
Ane Beatriz Reis
 PROFESSORA DE ARTES VISUAIS COLÉGIO DE APLICAÇÃO/UFPE

Fonte: RODRIGUES, 2020, p.23¹⁵.

¹⁵ O título do projeto de pesquisa submetido durante o processo seletivo e que consta no email enviado à AQCC, foi alterado posteriormente para "Imagens que contam histórias: o feminino na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas".

Após a aprovação do projeto de pesquisa, sob a orientação da Professora Doutora Vitorias Amaral, entrei em contato com algumas mulheres que tinha conhecido no 2º Encontro e com a AQCC. Entre elas a Maria de Lourdes, a Lurdinha e a professora Givânia Silva que posteriormente, aceitou nosso convite para ser co-orientadora da pesquisa. As aulas da pós-graduação começaram em março/2020 e no mesmo mês as atividades da universidade foram suspensas por causa da Pandemia da Covid-19¹⁶. Foi necessário refazer os planejamentos e reorganizar o calendário, sem sabermos o que aconteceria nos próximos meses tanto na universidade quanto nas atividades da comunidade quilombola.

Durante todo ano de 2020 as visitas à Conceição das Crioulas foram suspensas, muitas pessoas da comunidade adoeceram e algumas vieram à óbito. Entre elas o Sr. Andreilino Negão, liderança da comunidade, vítima da Covid-19 que foi homenageado na HQ Conceição contra o corona: ancestralidade no combate à pandemia, (AMARAL, 2021) (Imagem 20). Revista produzida em parceria com o PPGAV/UFPE/UFPB, com o roteiro e ilustrações de mestrandas(os), e com a comunidade de Conceição das Crioulas, com a participação de Fábria Oliveira, Fabiana Silva e Márcia Nascimento.



Imagem 20 - Revista Conceição contra o corona: ancestralidade no combate à pandemia.

Fonte: AMARAL, 2021, p. 52.

¹⁶ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que se alastrou por diversos países do mundo. Até o mês de outubro de 2020 matou 4,83 milhões de pessoas. O primeiro caso no Brasil foi detectado pelas autoridades sanitárias no dia 26 de fevereiro/2020.

Foram tempos difíceis para todas(os). Com a chegada da vacina foi necessário aguardar a imunização de todo território para garantir a segurança da comunidade e das pessoas que ali chegassem. O ano de 2020 foi tempo de espera, de cuidado e de respeito pelo momento em que, não somente a comunidade, mas todo o país estava passando, principalmente as(os) menos favorecidas(os).

Com a metodologia definida como roda de conversa, conseguimos organizar os encontros no formato remoto, a partir do mês de julho de 2021. Realizamos cinco rodas de conversa, entre os meses de julho e outubro do mesmo ano. No início teve a presença de todas, mas depois aconteceram problemas como incompatibilidade de agenda, conexão com a internet, falta de energia na comunidade, questões de saúde, entre outros acontecimentos que impediram a participação de todas nas datas agendadas. Percebemos, então, que o formato remoto já estava desgastado e precisávamos de uma roda de conversa presencial. Esse momento somente foi possível acontecer em maio de 2022.

Para pesquisar com as mulheres quilombolas de Conceição das Crioulas foi importante estar de volta à comunidade, vivenciar seu clima, seus cheiros e sabores mais uma vez. Os momentos no formato remoto colaboraram a iniciar a investigação, a perseverar na caminhada e não nos distanciarmos. Mas não foi possível descartar novos momentos de convivência e de partilhas presencialmente. Para mim, foi necessário voltar a percorrer as ruas da comunidade quilombola. E em Conceição das Crioulas cada caminhada nos reserva maravilhosas histórias e imagens (Imagem 21).

Imagem 21. Território Quilombola de Conceição das Crioulas. Estrada que leva até a Pedra do Latão.



Fonte: Ane Beatriz Reis.

Histórias e imagens de lutas, de resistência, de consciência política, de defesa pela educação, de defesa pelas mulheres e pelo povo quilombola. Dessa forma, a pesquisa em Conceição das Crioulas, em um contexto rural e sertanejo, vai ao encontro das histórias em que a cultura, segundo Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 36), “transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis”. Também desloca-se das investigações sobre as histórias da arte urbana, das artes legitimadas pelos museus e instituições culturais e ainda daquelas que são selecionadas para serem contadas nos livros, em sua maioria, a história da arte androcêntrica e hegemônica.

Contra essa corrente e orientando pesquisas de graduandas(os) das Artes Visuais propondo uma desobediência estética e epistêmica, a professora Vitória Amaral, nos aponta o papel importante das produções artísticas e as pesquisas para nos libertar dos padrões, modelos e assuntos pré-estabelecidos.

As mulheres, os/as indígenas, os/as negros/as, os/as pobres, as pessoas com deficiência, dentre outros agrupamentos, encontram-se focados, nessa forma de pensar, como o centro, saindo de sua alocação socialmente estigmatizada, isto é, do espaço de sentido construído como periférico ou como marginal. Tal reorganização, desse ponto de vista sobre a própria sociedade, que, ao longo dos séculos, foi pensada em função do capital como seu fator de existência, e cujos integrantes adeptos ao sistema repetem, como lema, a frase: “pior do que ser explorado é não ser”; tem como objetivo combater esse ideal nefasto, aliando-se ao trabalho de teóricos/as que refletem criticamente sobre as práticas de inserção de Arte e Política ou Decolonização ou Descolonização do conhecimento da Arte. Ou seja, nessa nova perspectiva, todos têm o interesse em comum de democratizar o conhecimento e ampliar os olhares, de modo a emancipar o ser humano que somos dos grilhões ideológicos que nos acorrentam à manutenção de um sistema que privilegia e mantém padrões já não condizentes com a realidade factual das sociedades. (AMARAL, 2019, p. 255).

Neste sentido, as Artes Visuais ganham um campo de estudo ampliado para questionarmos as formas culturais vinculadas ao olhar, o que podemos também chamar de formas culturais vinculadas às leituras do cotidiano, e, neste estudo, especificamente, às leituras das imagens relacionadas ao feminino de mulheres negras quilombolas. Também, nesse estudo ampliado, devemos ser pesquisadoras/es e docentes das Artes Visuais conscientes e críticas(os), como nos incentiva Barbosa (2011), de modo a nos dar a oportunidade de visualizarmos quem somos, onde estamos e como sentimos.

E ao cumprirmos o papel de professores/críticos/pesquisadores em Artes Visuais, com as histórias/imagens do feminino de Conceição das Crioulas, efetivarmos o que propõe a Lei 11.645/2008¹⁷. Esta complementa a Lei 10.639/2003¹⁸ e altera o Art. 26-A da Lei 9.394/1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)¹⁹, tornando obrigatório nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e de Ensino Médio, públicos e privados, o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Com a tarefa de tecer uma colcha de retalhos de grande significado para a temática esta dissertação, costurada com todo cuidado nos arremates e acabamentos com imagens e histórias do feminino, temos um punhado de retalhos recolhidos sobre as histórias e imagens a pesquisar. Definido o nosso tema, as histórias e imagens do feminino na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, temos como principal objetivo compreender as histórias e imagens das mulheres quilombolas, nos processos de reconhecimento de si e identificar como suas histórias e imagens estão associadas a esse reconhecimento. Para isso, o exercício essencial é o da escuta. E uma boa escuta acontece a partir de encontros e partilhas.

Também é importante mencionar que no projeto aprovado além da escuta das narrativas das mulheres e de identificação das imagens do feminino nas histórias partilhadas, a pesquisa se estendia às escolas da comunidade quilombola. A segunda etapa, portanto consistia em investigar como essas histórias e imagens estavam presentes na Pedagogia Crioula, termo criado na comunidade quilombola durante oficinas que discutiam sobre o Projeto Político Pedagógico do Território

¹⁷ Lei Nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em: 15 abr. 2020.

¹⁸ Lei Nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências." Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 15 abr. 2020.

¹⁹ Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 abr. 2020.

Quilombola de Conceição das Crioulas (PPPTQ). A dissertação de mestrado de Márcia Nascimento é sobre as lutas da comunidade para o direito a educação até chegar a sistematização da Pedagogia Crioula, uma educação quilombola, pensada e criada para o povo de Conceição das Crioulas. Nascimento, M. (2017, p. 111) afirma que a “com a Pedagogia Crioula a comunidade construiu um jeito específico de fazer educação, uma maneira própria do cotidiano e das práticas crioulesas”.

O processo de ensino-aprendizagem nas escolas do território quilombola de Conceição das Crioulas é constituído a partir da valorização das práticas educativas presentes no fazer cultural próprio do povo quilombola. Na valorização da história oral, nos eventos festivos, nas práticas religiosas, nas relações familiares, no contato com o território, nas associações de moradores e moradoras. Esse jeito de fazer é um ponto de fundamental importância na construção dessa pedagogia, pois se propõe como um sistema educacional, anticapitalista e descolonizador, onde o modo de pensar e os saberes da comunidade são valorizados. Assim, o público estudante tem a possibilidade de perceber o mundo de maneira mais consciente, verdadeira, objetiva e principalmente humana. (NASCIMENTO, M. 2017, p. 112).

A Pedagogia Crioula, é o jeito específico de Conceição das Crioulas de fazer educação e se propõe como um sistema educacional, anticapitalista e descolonizador, onde o modo de pensar e os saberes da comunidade são valorizados. Esta parte da pesquisa trazia a proposta de investigar como as Artes Visuais são vivenciadas nas escolas do território com as histórias e imagens das mulheres, a partir da Pedagogia Crioula. Os desenhos produzidos (Imagem 22) fazem parte de uma oficina proposta por mim e vivenciada durante o 2º Encontro, realizada com estudantes do 8º ano do EF da Escola Professor José Mendes.

Imagem 22 - Desenhos produzidos por estudantes do 8º ano da Escola Professor José Mendes na oficina Auto-retrato, realizada por mim no 2º Encontro, jul/2019.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Em apenas duas horas de oficina com “Auto-retrato”, os traços e formas que surgiram no papel, provocaram análises e reflexões que naquele momento não foram possíveis de serem discutidas entre os estudantes e professores. Como por exemplo o formato dos rostos desenhados; a escolha da maioria de não colorir os rostos, cabelos encaracolados e lisos. Questões que envolvem as identidades daquela comunidade quilombola. Entretanto, naquele momento eu estava no exercício da escuta e vivência atenta, não conhecia trabalhos anteriores, outros desenhos daquela turma e procurei não tirar conclusões precipitadas e errôneas a partir de apenas uma vivência.

Assim, aquela oficina rica de reflexões pendentes, motivou a escrita do projeto sobre a segunda etapa da pesquisa incluindo as escolas da comunidade quilombola e a Pedagogia Crioula. Entretanto, para aprofundarmos na investigação com as histórias e imagens das mulheres, decidimos dividir o projeto em duas etapas. Desse modo, a pesquisa sobre como as histórias e imagens do feminino que são problematizadas na Pedagogia Crioula é uma semente germinando para um futuro projeto de doutorado em Artes Visuais.

Também se faz necessário afirmar, seguindo as orientações de Ribeiro (2017), sobre “lugar de fala” que, ao ouvir, vivenciar e produzir conhecimento com mulheres de uma comunidade quilombola, não implica em eu assumir um lugar de fala diferente daquele a que eu pertença: mulher cisgênera, de pele branca, com cabelos castanhos cacheados, com origens afro-descendentes e não pertencente à comunidade quilombola. Ao pesquisar com mulheres da comunidade quilombola, busco refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes. Hierarquia que define que conhecimento é reconhecido e quem pode ensiná-lo, como questiona Grada Kilomba sobre o conhecimento acadêmico.

(...) conceitos de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial. Qual conhecimento está sendo reconhecido como tal? E qual conhecimento não o é? Qual conhecimento tem feito parte das agendas acadêmicas? E qual conhecimento não? De quem é esse conhecimento E de quem não o é? Quem pode ensinar conhecimento? E quem não pode? Quem está no centro? E quem permanece fora, nas margens? (KILOMBA, 2019, p. 50).

Estar na comunidade quilombola e produzir conhecimento com as mulheres de Conceição das Crioulas não significa abrir espaço para as vozes daquelas que não estão na academia, como se elas não pudessem falar por si próprias, pois elas podem e já se expressam, são ouvidas e reconhecidas há muitos anos. As mulheres de Conceição das Crioulas têm uma caminhada de luta reconhecida em Pernambuco, em outros estados e em outros países. Pesquisar com elas implica em falar de meu locus social com o propósito de não dar continuidade aos processos que dificultam que essas histórias sejam conhecidas, reconhecidas e/ou apagadas. Como pesquisar em outros espaços, com outros temas, outras pessoas, diferentes daqueles recorrentes das pesquisas das histórias das Artes Visuais: eurocêntricas, hegemônicas, urbanas, androcêntricas e em museus reconhecidos.

Escutar e vivenciar o cotidiano da comunidade quilombola, suas histórias e suas imagens foram as atividades que orientaram os processos metodológicos escolhidos. E na sistematização das metodologias de investigação iniciamos a pesquisa abertas a nos reinventarmos e a fazermos escolhas durante o processo, possibilitando para que, como nos aponta Tourinho (2013, p. 68), “as relações entre sujeitos (pesquisadores e colaboradores), as experiências e os contextos vivenciados” sejam desenhados sinalizando “condições e possibilidades de

escolhas, de decisões, de retomadas e de trajetos que a pesquisa deve enfrentar/rever/detalhar/questionar”.

Neste trajeto aberto e sendo desenhado durante a pesquisa, a metodologia para a escuta das histórias foi definida nos primeiros encontros com as mulheres quilombolas convidadas a participar da pesquisa: as rodas de conversa. Sentar em uma roda de conversa e partilhar histórias é algo que faz parte do cotidiano daquela comunidade quilombola. Durante as primeiras conversas sobre a pesquisa, suas implicações, metodologia de investigação, sem que nenhuma metodologia tivesse sido nomeada ainda, as mulheres já nos diziam estarem animadas para as nossas “rodas de conversa”. Esta partilha em uma comunidade quilombola rural, nos remete à metodologia freiriana, os “Círculos de Cultura”.

O círculo de cultura – no método Paulo Freire – revive a vida em profundidade crítica. A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano. Em diálogo circular, intersubjetivando-se mais e mais, vai assumindo, criticamente, o dinamismo de sua subjetividade criadora. (FREIRE, 1987, p. 11).

Para Betto (2006, p. 50), a emergência dos movimentos sociais na América Latina na década de 1980, renasce no Brasil do “lento, silencioso e capilar trabalho das Comunidade Eclesiais de Base”, imbuídas do método Paulo Freire, através da pedagogia do oprimido. Conceição das Crioulas tem nos círculos de cultura e nas rodas de conversa momentos, espaços de formação, de discussão sobre direitos e deveres do estado e da comunidade. Sentar em círculo, envolve discutir questões sobre a coletividade.

As rodas de conversa, metodologia bastante utilizada nos processos de leitura e intervenção comunitária, consistem em um método de participação coletiva de debates acerca de uma temática, através da criação de espaços de diálogo, nos quais os sujeitos podem se expressar e, sobretudo, escutar os outros e a si mesmos. Tem como principal objetivo motivar a construção da autonomia dos sujeitos por meio da problematização, da socialização de saberes e da reflexão voltada para a ação. Envolve, portanto, um conjunto de trocas de experiências, conversas, discussão e divulgação de conhecimentos entre os envolvidos nesta metodologia. (NASCIMENTO; SILVA, 2009, p. 01).

Os encontros em círculos de cultura ou em rodas de conversa, na comunidade quilombola, não fazem parte de uma estratégia metodológica, mas de um modo de solução de problemas coletivos, de planejamento, de reunião entre familiares e amigas(os). Seguimos então com essa sugestão de metodologia que já era uma prática do cotidiano. Assim, nas rodas de conversa, como nos círculos de

cultura em Freire (1967), teremos as pesquisadoras como coordenadoras de debates/escutas; no lugar de questionários, o diálogo; no lugar de objetos da pesquisa, participantes, para mim coautoras.

E nas partilhas, escutas, diálogos em rodas de conversa, ao revirmos as gavetas das memórias e revisitarmos as nossas ancestralidades, essas foram as etapas propostas da pesquisa: investigar as imagens que contam as histórias do cotidiano, das lutas, dos amores, histórias que transformam quem vive e quem convive com as mulheres de Conceição das Crioulas; compreender simbolicamente as histórias e imagens partilhadas; identificar nas histórias as imagens do feminino; registrar e dar visibilidade a essas histórias e imagens do feminino em Conceição das Crioulas.

As imagens que habitam essas histórias, foram as registradas em fotografias, desenhos, artesanatos, cerâmicas etc, e as produzidas, no decorrer da investigação, por mim, pesquisadora das Artes Visuais e pelas mulheres quilombolas coautoras da pesquisa: Fábria Maria de Oliveira, Fabiana Ana da Silva, Márcia Jucilene do Nascimento, Maria Aparecida Mendes, Maria Lorena da Silva Bezerra, Maria de Lourdes da Silva e Marinalva Rita da Silva Bezerra.

Por conta da pandemia da Covid-19 realizamos cinco rodas de conversa no formato remoto entre os meses de julho a outubro de 2021, pela ferramenta Google Meet. Foram disponibilizados, para as coautoras cadernos e materiais para escrita e produção criativa (desenho, pintura e/ou colagens) para que registrassem suas histórias e imagens. E com as ferramentas digitais foi feito o acompanhamento das produções criativas e escritas das histórias.

Em 2022, após ocorrer a imunização com a vacina contra a Covid-19, a da comunidade quilombola e a minha, realizei duas visitas à comunidade, nos meses de março e maio. Realizamos uma roda de conversa presencial e orientações nas produções criativas. Conversamos individualmente com as coautoras e com outras moradoras da comunidade quilombola. Estes momentos foram registrados em fotografias por Werverton Santos (THE WSS)²⁰, fotógrafo, natural de Belém de São

²⁰ THE WSS (Werverton Santos), é natural de Belém do São Francisco, com base da família materna residente na aldeia Lagoinha do povo Atikum. Possui descendência indígena (Atikum) por parte materna e atualmente compõe o grupo de articulação juvenil indígena, Jovens Aratikum. A partir de 2012, passou a estudar o Ensino Fundamental nas escolas da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas e desde 2015, ingressou nas lutas e atividades culturais da comunidade. Presente na comunidade, adquiriu e identificou-se com os lanços de luta e resistência da comunidade e carinhosamente se identifica como ÍndiCrioulo. (Texto fornecido por Werverton Santos).

Francisco que estudou nas escolas do território quilombola e participa das lutas e atividades culturais da comunidade.

As imagens e as histórias partilhadas durante a pesquisa foram analisadas qualitativamente. E para seu estudo foram utilizados os fundamentos metodológicos do Imaginário, especificamente, a metodologia de investigação denominada mitocrítica. Sistematizada pelo filósofo e antropólogo Gilbert Durand no ano de 1979, a mitocrítica tem como objetivo ler um texto ou obra (literária ou não) e detectar as imagens recorrentes, os núcleos de redundâncias que nos levam aos símbolos e aos mitos.

A palavra símbolo aqui coaduna com a definição de Jung (2016) uma palavra, um nome ou uma imagem que pode nos ser familiar na vida cotidiana e não precisamos explicá-lo pela razão.

(...) uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-lo ou explicá-lo. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a ideias que estão fora do alcance da nossa razão. (JUNG, 2016 p. 18).

Traduzindo e difundindo os ensinamentos sobre as teorias do Imaginário para as(os) pesquisadoras(es) brasileiras(os) Rocha Pitta²¹ (2017, p. 23), acrescenta que símbolo, é “uma representação que faz ‘aparecer’ um sentido secreto”, portanto pode ser algo desconhecido ou oculto para nós. Além dos símbolos outros termos são utilizados na construção teórica do Imaginário que ao longo dessa escrita voltaremos a desfiar ou costurar os fios. Como já explicamos sobre os símbolos, falemos sobre arquétipos e schemes.

SCHEME²²: é anterior à imagem, corresponde a uma tendência geral dos gestos, leva em conta as emoções e as afeições. Ele faz a junção entre os gestos inconscientes e as representações.

ARQUÉTIPO: é a representação dos schemes. Imagem primeira de caráter coletivo e inato; é o estado preliminar, zona onde nasce a idéia (Jung). (...) constitui o ponto de junção entre o imaginário e os processos racionais. (ROCHA PITTA, 2017, p. 22).

²¹ A antropóloga e professora franco-brasileira Danielle Perin Rocha Pitta (1944) introduziu no Brasil a teoria do Imaginário desenvolvida por Gilbert Durand de quem foi aluna. Como professora da Universidade Federal de Pernambuco compartilhou de forma didática os textos de Durand, Jung e outros estudiosos da Teoria do Imaginário em aulas de graduação, pós-graduação UFPE e também do Núcleo do Imaginário, grupo de pesquisa com participação de pessoas de vários estados e de outros países.

²² Mantemos a ortografia proposta por Rocha Pitta (2017, p.22) corroborando sua afirmação sobre a tradução de scheme para esquema está equivocada.

E nesse começo de escrita alinhavamos os termos apresentados na definição de mito em Rocha Pitta (2017, p. 23), como “um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e schemes que tende a se compor em relato, (...) se apresenta sob forma de história, (...), é um relato fundante da cultura”. Assim, conduzidas pelas ideias que estão fora do alcance da nossa razão, e costurando entre emoções, afeições, imaginário e os processos racionais, com a mitocrítica não buscamos explicações ou análises, mas uma compreensão simbólica das histórias e imagens que compartilhamos em Conceição das Crioulas. E com esse mesmo entendimento investigaremos os mitos que encontrarmos nas histórias e imagens do feminino.

As narrativas de Conceição das Crioulas começam com um mito de origem e a narrativa do mito de origem da comunidade quilombola funda suas origens no feminino. No decorrer destas narrativas, o relato fundante ganha um conjunto de suas lições ou também de suas leituras e continua sendo o mesmo mito gerador. A história das primeiras mulheres que chegaram em Conceição das Crioulas, o mito de origem da comunidade quilombola, pode sofrer uma mudança aqui outra acolá, mas continuará sendo contada sempre como “as mulheres que chegaram no território”.

Não precisamos explicar os símbolos, como também não buscamos explicar os mitos encontrados em Conceição das Crioulas, mas identificá-los e compreendê-los simbolicamente dentro da narrativa mítica. Para isso, usaremos a mitocrítica como metodologia de pesquisa, o que Durand (1982 p. 73) define como “pôr em relevo na obra (...) um mito em liberdade, um mito que atua por dentro da narrativa”. E para encontrarmos o mito, ou os mitos, nas narrativas e imagens do feminino em Conceição das Crioulas, seguiremos as redundâncias, as repetições nas histórias e das imagens partilhadas nas rodas de conversa. Durand (1982) denomina essas redundâncias de mitemas, aquilo que se repete abertamente na narrativa, e são os mitemas analisados pela mitocrítica que nos levarão aos mitos. Nas narrativas e imagens do feminino da comunidade quilombola identificamos com a mitocrítica os mitemas, as redundâncias míticas e a partir dos mitemas chegamos aos mitos de Conceição das Crioulas.

Concluída essa breve explanação sobre a pesquisa e as metodologias empregadas apresentamos agora como foi pensada e dividida a dissertação.

A escrita prioriza o gênero feminino no exercício que descreva e defina as narrativas de mulheres escritas por mulheres. Nesse sentido, seremos subversivas

às regras e não seguiremos os moldes da língua tradicional que prioriza o gênero masculino, mas elegemos uma prática que descreve e define as narrativas de mulheres por mulheres. Assim, priorizamos referências escritas por mulheres e inspiradas por Kilomba (2019, p. 16), incluímos o gênero feminino sempre em primeiro lugar, conscientes de que essa escolha não deixa de reduzir os gêneros da escrita à “dicotomia feminino/masculino, menina/menino, não permitindo estendê-lo a vários gêneros LGTBTTQIA+ - xs Outrxs, expondo mais uma vez, a problemática das relações de poder e a violência da língua portuguesa”. Assim, nos juntamos a Grada Kilomba para expor de forma crítica e ampliar as discussões sobre as relações de poder e a violência da língua portuguesa brasileira.

Ao pensar no formato da dissertação, esse conjunto de páginas com textos e imagens, a colcha de retalhos montada na imaginação entre linhas, tecidos e tesouras dos resgates das gavetas da minha memória, foi sendo desenhada, trabalhada e produzida em alguns encontros e rodas de conversa. Até chegar o momento em que ela não poderia estar de fora dessa montagem, do planejamento dos encontros e também da escrita da dissertação e de sua produção em tecido.

O formato de escrita desta dissertação, inspirado na colcha de retalhos, foi sendo trabalhado e produzido durante as leituras, reflexões, encontros com a professora orientadora e com as mulheres quilombolas. As minhas memórias guardadas na gaveta com linhas, tesouras, fiapos, e também o barulho da máquina de costura acionada pelos pés de minha mãe, foram me guiando na escrita e durante as produções criativas propostas na pesquisa. Ao finalizarmos, além da colcha montada no formato de escrita, teremos uma outra costurada com retalhos em tecido, com histórias e imagens do feminino em Conceição das Crioulas.

Seguindo a correnteza do pensamento e suas reflexões, decidimos não por uma escrita contínua, sem subtítulos. Entendemos que assim a leitura flui melhor e dividimos a dissertação em cinco (05) capítulos com títulos que nos remetem às etapas de uma produção de costura: a colcha de retalhos. Este capítulo, que estamos concluindo intitulado **1- Colcha de retalhos** descreve o primeiro encontro a comunidade quilombola e meu primeiro encontro com suas histórias; as motivações para a pesquisa e as metodologias elencadas durante a investigação. Ou seja, as primeiras ações para iniciarmos as costuras.

No capítulo **2 - Mulheres de/em Conceição das Crioulas**, apresentamos as

mulheres participantes da pesquisa, eu docente e pesquisadora das Artes Visuais e as mulheres quilombolas que foram convidadas a serem coautoras desta investigação: Fábria Maria de Oliveira, Fabiana Ana da Silva, Márcia Jucilene do Nascimento, Maria Aparecida Mendes, Maria Lorena da Silva Bezerra, Maria de Lourdes da Silva e Marinalva Rita da Silva Bezerra

No capítulo **3 - Retalhos Concepções - histórias de mulheres**, fomos em busca de retalhos com embasamentos teóricos sobre histórias de mulheres, feminismo e as produções criativas que envolvem as imagens de mulheres e suas leituras na docência em Artes Visuais. Esses retalhos teóricos e imagéticos abordando questões de gênero, raça e poder, nos prepararam para a escuta e partilha atenta para as histórias e imagens de Conceição das Crioulas.

No capítulo **4 - Retalhos Mitos - as origem do feminino**, teve como pergunta motivadora “como começam a histórias do feminino?”. Assim elegemos quatro mitos que contam histórias sobre a origem da mulher em diferentes culturas: Lilith, Nanã, Thuëyoma e Eva. E a partir destes mitos chegamos à história da formação do território quilombola, às seis mulheres, as primeiras que ali chegaram. O território Conceição das Crioulas tem sua origem no feminino.

No capítulo **5 - Retalhos/Histórias e imagens do feminino**, apresentamos as histórias e imagens partilhadas nas rodas de conversa e seus estudos a partir da mitocrítica. Estas histórias e imagens foram reunidas em quatro grandes temas: Educação, Cuidado, Identidade Crioula e Religiosidade. Com base nos grandes temas identificamos os mitemas e os mitos do feminino em Conceição das Crioulas. Neste capítulo também apresentamos a conclusão da dissertação.



Eu sou Maria de Lourdes da Silva, Lurdinha de Conceição das Crioulas. Tenho cinquenta e três anos, tenho dois filhos e uma filha, três netos e duas netas. E sou artesã, sou agricultora. Essa imagem desse canteiro eu penso que pra mim é muito importante, principalmente nesse período de pandemia, pra gente que não está saindo. E comprar algo em algum lugar que você nem sabe de onde vem. Então eu tenho o meu canteiro, é um canteiro orgânico. É uma lugar onde eu posso tá chamando as pessoas da comunidade pra dá uma olhada no meu canteiro, pra ver o jeito que eu cuido, o jeito que eu organizo o canteiro. A principio é pra eu me alimentar, é pra temperar.

Eu sou Lorena Bezerra, essa imagem, ela representa pra mim eu acredito mais a minha história de aceitação, o fato de eu ser negra, dentro do quilombo ou fora porque tudo é processo em relação mesmo a minha autoaceitação. Eu trago o turbante e minha cabeça um pouco levantada, porque ele me dá como se fosse uma força nesse processo, ele me deu na verdade, na questão do cabelo. As pessoas sabem que a minha identidade é estampada com a minha cara, quando eu uso o turbante, já vem tudo isso, entendeu?



Eu não sou muito de falar. Eu gosto muito de música, ela está muito presente no meu dia a dia. A imagem que eu trago pra me apresentar é de uma música que eu amo, e que eu gosto muito de ouvir, se chama "Alívio". Meus pais são católicos e eu sou evangélica. Fui convidada por um casal de amigos para conhecer a igreja evangélica onde participo até hoje. Depois convidei minha avó paterna Maria Alexandrina e ela também participa da mesma igreja.



2 - Retalhos/mulheres de/em Conceição das Crioulas

Em algum ponto na sua genealogia há pessoas semelhantes àquelas sobre as quais vou falar. Você é a herdeira. Mesmo que não as tenha conhecido, que nunca tenha se encontrado com elas, suas ansianas, suas sábias antepassadas, existem. Todas nós pertencemos a uma linhagem longuíssima de pessoas que se tornaram lanternas luminosas a balançar na escuridão, iluminando o próprio caminho e os passos de outras. (ESTÉS, 2007, p. 62).

Durante a nossa primeira roda de conversa, em julho de 2021, falamos sobre a pesquisa, sobre nossos anseios e como seriam as partilhas das histórias e imagens do feminino em Conceição das Crioulas. Em um segundo momento, realizamos uma dinâmica de apresentação das mulheres que participavam da roda. Ali estavam presentes amigas, parentes, vizinhas, que já se conheciam há muito tempo e eu, a pesquisadora das Artes Visuais, que tinha me apresentado há alguns meses e estava propondo que elas partilhassem comigo suas histórias. Ou seja, eu era a única novata daquela roda de conversa.

Para a apresentação, foi proposto que escolhessem uma imagem e se apresentassem a partir dela. Estes retratos daquele dia, não poderiam ficar de fora dessa escrita. Decidimos, então, inserir no início da dissertação, as imagens apresentadas e as transcrições desta roda de conversa. Reunimos ainda, as produções criativas, que intitulamos de imagens genealógicas. Para facilitar na produção destas imagens, foi disponibilizado um questionário online com perguntas que geraram uma minibiografia com os nomes de suas/seus ancestrais. Cada co-autora escolheu o formato que se relacionasse com suas ancestralidade, aquela que melhor representasse a linhagem longuíssima de pessoas que se tornaram as lanternas luminosas a balançar na escuridão.

Desta forma, temos neste capítulo as imagens apresentadas na primeira roda de conversa por cada participante da pesquisa; as produções criativas sobre as ancestralidades; e a transcrição das apresentações de cada participante na 1ª roda de conversa organizadas em ordem alfabética. Como nesta investigação abrimos várias gavetas da memória, na minha apresentação acrescentei os caminhos que percorri e algumas pessoas que encontrei nesses caminhos até chegar ao sertão nordestino para pesquisar com mulheres quilombolas.

Dito isso, apresentamos as mulheres participantes da pesquisa, as co-autoras da investigação: Imagens que contam histórias: o feminino na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas²³.

Ane Beatriz Reis

Eu sou a Ane Beatriz, moro em Olinda/PE. nasci dentro do carro, a caminho da maternidade, em frente ao cemitério do Caju, na cidade do Rio de Janeiro. Sou a bisneta de Maria José e Estevão; Francisca e Malaquias; e da Cândida. Neta de Isaura Malafaia e Joaquim Malaquias; Maria Idalina e Joventino. Filha de Tarcísia Gomes e Anfrísio Joventino. Esposa do André, mãe de Camille, Pedro, Carolina e Cecília e avó da pequena Liz²⁴.

Para a construção da minha imagem genealógica (Imagem 23), escolhi a colcha de retalhos pela relação que tenho com a costura que aprendi com minha mãe e por ter escolhido essa imagem para guiar a minha escrita.

Imagem 23 - Imagem genealógica Ane Beatriz Reis, 2022, Colcha de retalhos.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo da pesquisadora.

²³ Embora seja um texto com uma nota de referência entre parênteses ao final de cada fala, decidimos não diminuir a letra e usarmos espaçamento e recuo de texto, por entender que isso traria prejuízo a leitura das apresentações, diminuindo visualmente a importância do texto no conjunto da escrita. Assim subverteremos, na escrita das apresentações, as regras da ABNT.

²⁴ Alguns nomes de ancestrais estão faltando, essas informações se perderam nas histórias da família ou nunca existiram nas histórias contadas.

Quadro 1: Informações da Imagem 21 - Imagem genealógica de Ane Beatriz Reis, 2022, Colcha de retalhos.

Ancestrais/familiares da imagem genealógica de Ane Beatriz Reis	
Bisavó/Bisavô Maternos	Maria José e Estevão; Francisca e Malaquias
Bisavó Paterna	Cândida
Avó/Avô Maternos	Isaura Malafaia e Joaquim Malaquias
Avó/Avô Paternos	Maria Idalina e Joventino
Mãe/Pai	Tarcísia Gomes e Anfrísio Joventino
Marido	André Carlos
Filha, Genro e Neta	Camille, Gauthier e Liz
Filho e Filhas	Pedro, Ana Carolina e Maria Cecília

Fonte: Mini-biografia - questionário on-line respondido pelas pesquisadoras, 2021.

Em minha apresentação expus a imagem de uma planta que tenho no meu jardim de casa (Imagem 24) e contei porque esta imagem me representava naquele momento.

Imagem 24 - Eu sou Ane Beatriz Reis, 2021.



Fonte: 1ª roda de conversa, 03 jul. de 2021,

Eu, como professora de Artes Visuais, passei a semana inteira pensando em uma imagem do campo das artes para me apresentar para vocês. Mas como eu propus que escolhessem algo do cotidiano, um som, uma foto, um objeto, porque eu também não fui atrás de algo do meu cotidiano?

Então me lembrei de um dia desses, eu não tenho a sorte, a graça de ter um grande jardim, eu amo plantas, mas moro em um apartamento, eu tenho um jardim suspenso que só comporta plantas pequenas. Um dia

que eu estava regando minhas plantas eu encontrei um cacto caído dentro de um jarro mais abaixo, não sei o que aconteceu, faltou terra ou ventou muito e ele caiu e eu nem sei quantos dias ele estava ali caído em outro jarro. Fiquei preocupada, peguei ele de volta, juntei as partes quebradas e sai replantando.(...) oito dias

depois, molhando as plantas de novo, observei a mudinha que eu tinha replantado com um filhotinho saindo, fiquei super feliz e quando eu pensei em uma imagem pra me apresentar pra vcs eu lembrei do meu cacto quase destruído e que agora tinha me dado a alegria de estar brotando.

E por que o cacto com filhotinho? Porque eu me apresento pra vocês como a Ane Beatriz. Tenho quatro filhos, três meninas e um menino, a mais velha me deu uma netinha com dez meses agora e por conta dessa pandemia eu ainda não pude colocá-la no colo. E quando eu digo que tenho quatro filhos, na maioria das vezes eu escuto “poxa você é corajosa, quatro filhos!”. E eu nunca pensei nisso, de ser corajosa, de ter coragem para ter filhos. Uma vez uma das minhas filhas me perguntou “mãe como vocês fizeram o planejamento familiar?” Eu respondi, “não fizemos, vocês simplesmente foram chegando e a gente foi acolhendo”.

Essa imagem do cacto que dá um novo filhotinho, pra mim, reflete hoje a Ane Beatriz professora e a mãe que eu sou e que gosto muito de ser.

Esse filhotinho que está aí nascendo do cacto, é um pouco da minha história, dos filhos que foram chegando e a gente foi recebendo com muito amor e hoje estão aí, grandes cada um lutando, pensando em sair de casa, a mais velha já saiu, os outros têm esse mesmo desejo. Hoje eu me apresento nesse cacto que dá filhotinhos. (Ane Beatriz Reis, 1ª roda de conversa 03 jul 2021).

Essa apresentação, a partir de uma imagem, reflete muito o momento vivenciado: pandemia, isolamento social, as pessoas longe de quem ama. A última frase é bem significativa para o momento pandêmico em que estávamos vivenciando “hoje eu me apresento nesse cacto que dá filhotinhos”. Para além daquele dia em que a imagem cacto estava refletindo a mãe e a avó também tem a Ane Beatriz filha. Sou a quinta filha de um total de oito (cinco meninas e três meninos). Fui criada em uma família cristã católica e, por conta da profissão do meu pai, morei em várias cidades do país. Na fase adulta, também por motivos de trabalho, continuei trocando de cidades até voltar a residir em Pernambuco, estado onde nasceu minha mãe, e meus pais se conheceram. Onde a história de minha família começou e por consequência a minha também, até chegar em Conceição das Crioulas.

Nesta breve apresentação às mulheres da roda, busco algumas pistas sobre o que me levou ao encontro com Conceição das Crioulas.

Refutando a crença em coincidências ou em acontecimentos sem nenhuma

relação, lanço-me a vasculhar as gavetas da memória, aquelas que guardam, segundo Bachelard (1993, p. 197) “a estética do escondido”, e assim busco por histórias/imagens que podem tecer relações com as histórias/imagens de Conceição das Crioulas. E ao reencontrá-las, podemos pontuar onde e quando essas histórias/imagens se encontram com as da comunidade quilombola. Esses dois exercícios me fizeram compreender os caminhos que percorri e também aqueles que me deixei levar para chegar no hoje, na pesquisa, na comunidade com as mulheres da comunidade quilombola.

Nas gavetas das memórias da minha infância encontrei imagens de pessoas negras: meu avô materno, o Sr. Joaquim Malaquias (Imagem 25), um homem negro, alto e forte, de voz mansa e colo acolhedor.

Imagem 25 - Tarcisia Malafaia Gomes (minha mãe) e o Sr. Joaquim Malaquias Gomes (meu avô), Igreja Nossa Senhora da Piedade/Recife/PE.



Fonte: Álbum de casamento, acervo pessoal.

Meu avô era taxista e depois que não mais dirigia, comprou um carrinho de madeira e andava pelas ruas do bairro oferecendo o serviço de amolador de facas e tesouras. Tinha um apito para avisar que estava chegando na rua. Era um avô que sempre recebia as(os) netas(os) com um sorriso e abraço. A Dona Isaura Malafaia Gomes, minha avó, era branca, cabelos castanhos (herdei dela a cor da pele clara e também a dos cabelos). Era devota de Nossa Senhora. Não gostava de bagunça de criança. Era muito séria, não conversava ou brincava com as(os) netas(o), como meu avô. Mas me deixou de presente antes de morrer, uma festa de aniversário com bolo e pipoca. Meu aniversário é no final de janeiro e ela faleceu no dia dez de fevereiro, durante nossa estadia de férias. Às vezes escuto um apito, longo, de um amolador de tesoura passando na rua, esse som me leva de volta ao passado, aos poucos dias de férias que passávamos com meus avós em Ouro Preto, Olinda/PE.

Dos meus avós paternos não tenho histórias para contar. Morreram quando meu pai ainda era criança e ele foi criado por um irmão mais velho. A família também não tem fotos deles. Suas lembranças e histórias eram sempre sobre os irmãos. Moravam em Maceió/AL. Visitávamos as tias, tios em Maceió, Penedo, Pontes, lugares de Alagoas por onde passávamos as férias escolares.

Vasculhando mais um pouco a gaveta encontro o menino Beto com a idade muito próxima a minha, cinco ou seis anos. Beto, menino negro, frequentava a nossa casa em Salvador/BA, sempre que seu pai, também negro, vinha fazer algum serviço na casa que meu pai contratava, pequenos consertos ou pintura das paredes, por exemplo. Não lembro o nome do pai do Beto (para mim ele era “o pai do Beto”). Enquanto os adultos trabalhavam eu e o Beto brincávamos na cozinha ou no quintal. Não encontrei fotos de Beto e do seu pai nos álbuns da família.

Em outro canto da gaveta da memória encontro Dona Tereza (Imagem 26), mulher negra com sorriso largo e sempre com um lenço amarrado atrás da cabeça. Trabalhava como empregada doméstica na nossa casa, ajudava minha mãe nas tarefas do lar e no cuidado com as crianças. Beto e sua família, assim como Dona Tereza moravam em uma comunidade bem próxima de onde nós morávamos, o lugar chamava “Felicidade”. Lá meus pais trabalhavam com outros casais nas pastorais da igreja católica. Uma delas era a Pastoral Familiar que cuidava da saúde das mulheres e das crianças. Algumas vezes um casal ou uma mãe solteira tomava a decisão de doar a/o filha/o e os casais da pastoral se incumbiam de encontrar uma

família para acolher essa criança que podia ser recém nascida ou com poucos anos de idade²⁵.

Imagem 26 - Dona Tereza em frente a nossa casa em Salvador com meu irmão caçula no colo.

Minha mãe aparece ao fundo na foto.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo pessoal.

²⁵ É importante ressaltar que receber uma criança em casa por uma mãe sem condições financeiras de manter mais um filho ou encontrar uma caixa com um bebê deixada na porta e adotá-la(o), sem passar pelo processos jurídicos necessários nos anos de 1980 era algo tido como normal pela sociedade da época. Embora o assunto “adoção de menores”, seja tratado pela primeira vez em 1916 no Código Civil Brasileiro, os avanços na legislação, na desburocratização das adoções e na condução dos processos visando sempre o bem estar e segurança da(o) menor, foram realizados a partir da Constituição Federal em 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em 1990. Atualmente, adotar, além de um ato de amor é um ato jurídico. Quem age diferente disso está passível a um processo judicial.

O nosso irmão caçula, no colo de Dona Tereza, (Imagem 24), chegou em nossa casa assim. A mãe não podia cuidar e o entregou para adoção (era seu quarto filho e mais um que ela entregava para adoção). Ele passou alguns meses na nossa casa, a preferência dos casais que queriam adotar era para menina, e o bebê foi ficando na nossa casa. Até que meus pais decidiram adotá-lo.

Meu pai saía para trabalhar e só voltava no final da tarde. Minha mãe cuidava da logística da casa, das quatro filhas e dois filhos que tiveram e dos outros dois que chegaram e ficaram como filhos do coração. Além do caçula, uma filha do primo de meu pai, (prima de terceiro grau) que morava no interior de Alagoas, também veio morar conosco aos oito (8) anos de idade. Chegou para estudar na capital. Desse modo, quando eu tinha onze (11) anos, éramos dez (10) pessoas na minha casa. Nas férias viajavamos de carro, para visitar a família em Olinda/Pernambuco e Maceió/Alagoas e no interior. Dormíamos onde era possível, nos colchões espalhados pela sala ou em algum quarto junto com as primas e primos. No interior em redes olhando o céu pela meia porta aberta para deixar o vento entrar. Não tínhamos luxo, mas nunca passamos necessidades. Tínhamos o conforto de uma cama para descansar e a certeza de que a comida não faltaria à mesa.

Nesse exercício de resgatar nas gavetas da memória e recordar as pessoas com quem convivi durante a infância e a adolescência, encontrei relações pautadas no respeito com recordações de afeto, mas essas imagens do passado também explicitam o meu lugar social (Ribeiro, 2019): mulher branca e que usufruiu e ainda usufrui de privilégios em uma sociedade racista. Esse reconhecimento de mim mesma e de minha posição na sociedade em que vivo, não me afasta da comunidade quilombola, mas me impele de cumprir o dever social, como nos aponta Ribeiro (2019, p. 32), o de “entender e ter consciência dos privilégios que acompanham a minha cor”. Estes privilégios garantiram o alimento de todo dia da minha família; a moradia em uma casa segura e confortável; o fato de não conhecermos os riscos de ter um pai desempregado e de termo acesso à educação de qualidade em escolas públicas da cidade, reconhecidas pelo bom ensino nas décadas de 1970/1980. Desses privilégios, o Beto, seu pai e Dona Tereza não usufruíram. Fazem parte das estatísticas sobre a população negra que são a maioria da população brasileira, mas que pouco usufruem de políticas públicas e ainda estão

longe de sair da base da pirâmide social quando falamos de distribuição de renda no país.

Nas minhas gavetas da memória encontrei imagens de brincadeiras, de carinho e afeto, mas em um certo momento eles não mais participam da convivência da família, não trocamos cartas ou nos fazemos visitas. Também não temos notícias de como ficaram depois da nossa partida da cidade. Beto, seu pai e Dona Tereza ficaram guardados nas memórias e nas histórias da família, mas por seus trabalhos não serem mais requisitados os laços da convivência foram desfeitos.

Na fase adulta, casada e mãe, cheguei em Conceição das Crioulas.

Ao pesquisar com mulheres negras quilombolas, eu me reaproximo da minha ancestralidade como também das minhas memórias de infância. Ao escolher aquele lugar e aquelas mulheres para pesquisarmos juntas no mestrado em Artes Visuais e conhecendo o meu lugar de pessoa branca privilegiada, uma dúvida muito importante surgiu: era possível a mulher branca de classe média, entrar em uma comunidade quilombola para pesquisar suas histórias e suas imagens? Elas iriam aceitar esta pessoa que não pertence à comunidade e que não tem histórias de lutas similares às delas? E ainda, esse olhar curioso de quem chega de fora não seria um olhar ofensivo para aquelas mulheres guerreiras? Então, se fez necessário pedir permissão para adentrar naquela comunidade, ouvir suas histórias e encontrar-se com as imagens delas decorrentes.

Assim, peço o consentimento às mulheres de Conceição das Crioulas e às suas ancestrais para ouvir e depois partilhar de suas histórias.

Assumo o meu lugar de privilégio na sociedade, o meu lugar de fala e junto-me às mulheres quilombolas de Conceição das Crioulas. Com essa pesquisa reforço o exercício de não ficar inerte no campo de conhecimento das Artes Visuais, às narrativas que foram negadas e ou esquecidas e me comprometo, como nos convida Ribeiro (2017, p. 37) a “refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” a qual pertenço.

O meu lugar de fala é diferente das mulheres negras, artesãs moradoras da área rural, não escrevo por elas, mas com elas, a partir do meu lugar de fala. Apresento-me à Comunidade de Conceição das Crioulas como pesquisadora das Artes Visuais, ouvinte atenta às suas histórias e leitora das suas histórias e imagens. E acredito que como nos incentiva Silva, G. (2020, p. 57), com essa investigação,

“possamos contribuir para dar visibilidade a corpos e ouvir vozes historicamente silenciadas e subalternizadas, as vozes das mulheres negras e quilombolas”.

Fábia Maria de Oliveira

Fabia Oliveira é mulher quilombola de Conceição das Crioulas. Mora no território quilombola, na Vila Centro. Nasceu em casa, pelas mãos de mãe Flore, parteira da comunidade. É a tataraneta de Joaquim Arcanjo e Maria Candeia e de Simão de Oliveira. Bisneta de Vicente Simão de Oliveira e Joana Violante dos Santos; Maria Sabina e João Ferreira; José Joaquim da Silva e Alexandrina da Conceição; Januário de Oliveira e Rosa. Neta de Sabina Maria; Virgínio Vicente e Maria Alexandrina e do José Januário. Filha de Maria do Socorro e do Antonio José²⁶.

Para a construção da sua imagem genealógica Fábria Oliveira escolheu o pote de barro para acolher sua ancestralidade (Imagem 27). Argila, tecido e fios de fibra de caroá são elementos do cotidiano de sua mãe, Maria do Socorro, costureira e artesã. O pote de barro acolhe os nomes das (os) ancestrais de Fábria Oliveira escritos em retalhos de tecido e costurados com os fios de fibra de caroá.

Imagem 27 - Genealogia Fábria Oliveira, 2022. Pote de barro, tecido e fios de fibra de caroá.



Fonte The WSS.

²⁶ Alguns nomes de ancestrais estão faltando, essas informações se perderam nas histórias da família ou nunca existiram nas histórias contadas.

Quadro2: Informações da Imagem 26 - Genealogia Fábía Oliveira, 2022. Pote de barro, tecido e fios de fibra de caroá.

Ancestrais/familiares da imagem genealógica de Fábía Oliveira	
Tataravó/Tatavôs paternos	Joaquim Arcanjo e Maria Candeia; Simão de Oliveira
Bisavós/Bisavôs maternos	Vicente Simão de Oliveira e Joana Violante dos Santos; Maria Sabina e João Ferreira
Bisavós/Bisavôs paternos	José Joaquim da Silva e Alexandrina da Conceição; Januário de Oliveira e Rosa
Avó/Avô maternos	Sabina Maria da Conceição e Virgínio Vicente
Avó/Avô paternos	Maria Alexandrina e José Januário
Mãe/Pai	Maria do Socorro e Antonio José

Fonte: Mini-biografia - questionário on-line respondido pelas pesquisadoras, 2021.

Fábía Oliveira tem 21 anos e está solteira. Sua motivação para participar da pesquisa foi a vontade de conhecer mais sobre a história das mulheres da comunidade. De presenciar a força que elas tem e o quanto são guerreiras. Em sua apresentação nos trouxe uma imagem sonora, uma música e nos contou porque esta música lhe representava naquele momento.

Sou Fábía, moro aqui no território mesmo de Conceição das Crioulas estou cursando pedagogia na faculdade de Ciências Humanas na cidade de Salgueiro. Sempre que tem atividade, eu estou presente. Recentemente estou fazendo parte, comecei agora, no Crioulas Vídeo²⁷, trabalho com as meninas, Lena, Keka e juntamente com elas, trabalhando a gente faz documentários. Teve um que a gente fez sobre a PE 460 e mostramos as atividades da comunidade.

Eu não sou muito de falar. Eu gosto muito de música, ela está muito presente no meu dia a dia. A imagem que eu trago pra me apresentar é de uma música que eu amo e que eu gosto muito de ouvir, se chama “Alívio”²⁸. Meus pais são católicos e eu sou evangélica. Fui convidada por um casal de amigos para

²⁷ Crioulas Vídeo é uma produtora audiovisual criada em 2005, na comunidade de Conceição das Crioulas. Foi fundada através do incentivo do 10º Edital do Programa de Fomento à Produção Audiovisual de Pernambuco - FUNCULTURA 2016 / 2017. Seus vídeos estão disponíveis em: https://www.youtube.com/channel/UCAzZ4NVDIYPAsnI0QFw_0Dg e @crioulasvideoaqcc.

²⁸ A música Alívio foi escrita e interpretada pelo cantor e compositor Jessé Aguiar. Lançada em 2021, o clipe oficial está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JgLFoArntll>.

conhecer a igreja evangélica onde participo até hoje. Depois convidei minha avó paterna Maria Alexandrina e ela também participa da mesma igreja.

Eu gosto muito de ouvir canções de louvor e um trecho que eu gosto muito da música é "És o meu alívio, tudo o que eu preciso, bem aqui comigo pra eu continuar. Que me impulsiona todos os dias pra eu não parar, tu és o motivo Jesus que eu tenho para avançar". Eu amo muito essa canção. (Fabia Oliveira, 1ª roda de conversa, 03 jul 2021).

Fábia não traz uma imagem visual, mas uma imagem sonora: uma música gospel. E a música escolhida reflete a pessoa que ela se define "sou evangélica". Tímida, de poucas palavras e respostas curtas. Fábia se inspira nas mulheres da comunidade que estudaram e concluíram o ensino superior. Trabalha em um pequeno comércio na comunidade quilombola e à noite estuda em uma faculdade particular em Salgueiro. Acompanha as atividades da AQCC e dos projetos que ocorrem no território, especialmente os que envolvem as mulheres, como ela diz "gosta de ver toda a força que elas têm e o quanto são guerreiras". Participa da pesquisa pela vontade de conhecer mais sobre a história das mulheres da comunidade.

Um dos projetos que participa, o Crioulas Vídeo, registra no audiovisual as atividades de luta da comunidade quilombola e tem no seu acervo uma importante fonte para pesquisas.

(...) analisando documentos produzidos pela comunidade, encontramos um instrumento denominado Crioulas Vídeo, uma produtora de Audiovisuais formada por um grupo de jovens quilombolas, que busca mostrar a si e a comunidade, numa proposta que reúne a imagem positiva e a autoestima dos quilombolas, principalmente da juventude, público que normalmente fica exposto às ações e crueldade do racismo.

Criado como alternativa ao silêncio dos meios de comunicação de audiovisuais da região em relação não só a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, como também à comunidade negra em geral, torna-se um poderoso material didático das escolas do território e região. (SILVA, G. 2012, p. 143).

Com o Crioulas Vídeo a juventude quilombola registra e conta em Fontes e vídeos as histórias de Conceição das Crioulas. Após anos de luta e reivindicação por uma estrada segura que dá acesso à comunidade, o documentário a que Fabia se refere sobre a PE 460 é uma celebração, mas não sem o olhar crítico sobre tudo o que ocorreu até o momento da inauguração: os anos em que a estrada esteve

abandonada pelo poder público, os acidentes e atropelamentos causando mortes em decorrência das péssimas condições da estrada. Fábiana faz parte da juventude guerreira de Conceição das Crioulas.

Fabiana Ana da Silva

Fabiana Ana da Silva é mulher quilombola de Conceição das Crioulas. Mora no território quilombola, na Vila Centro. Nasceu na maternidade, em Salgueiro. É a bisneta de Ana Generosa e Antônio Vicente; Raimunda Justina e Cândido Dionísio; Violante da Conceição e Lourenço Macário; Luiza Maria e Gerônimo Umbelino. Neta de Maria Vicente e João Cândido e de Alzira e José Jilú. Filha de Ana e Venceslau. Mãe do Guilherme, José Akin e Antônio.

Para a construção da sua imagem genealógica Fabiana Silva escolheu a flor do algodão (Imagem 28). O algodão, é símbolo de resistência, durante anos garantiu o sustento das primeiras mulheres negras que chegaram ao território quilombola e a sua compra.

Imagem 28 - Genealogia Fabiana Ana da Silva, 2022. Flores de algodão.



Fonte: Fabiana Ana da Silva.

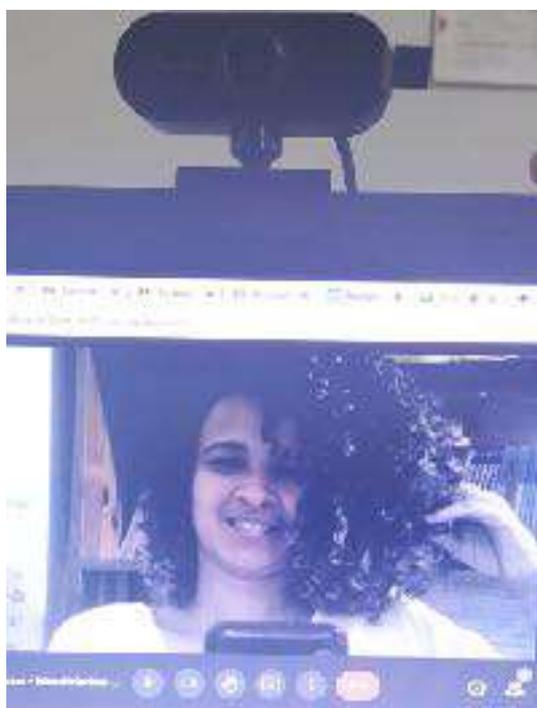
Quadro3: Informações da Imagem 26 - Genealogia Fabiana Ana da Silva, 2022. Flores de algodão.

Ancestrais/familiares da imagem genealógica de Fabiana Ana da Silva	
Bisavós/Bisavôs maternos	Ana Generosa e Antônio Vicente; Raimunda Justina e Cândido Dionísio
Bisavós paternos	Violante da Conceição e Lourenço Macário; Luiza Maria e Gerônimo Umbelino
Avó/Avô maternos	Maria Vicente e João Cândido
Avó/Avô paternos	Alzira e José Jilú
Mãe/Pai	Ana e Venceslau
Filhos	Guilherme, José Akin e Antônio

Fonte: Mini-biografia - questionário on-line respondido pelas pesquisadoras, 2021.

Fabiana Silva tem 35 anos e é divorciada. Sua motivação para participar da pesquisa foi a importância da temática para Conceição das Crioulas. Em sua apresentação expôs as imagens da web cam e sua fotografia (Imagem 29) e nos contou porque estas imagens lhe representavam naquele momento.

Imagem 29 - Eu sou Fabiana Ana da Silva, 2021.



Fonte: 1ª roda de conversa, 03 jul 2021

Eu sou Fabiana Ana da Silva sou quilombola de Conceição das Crioulas tenho três filhos meninos. Sou professora quilombola. Atualmente estou como professora substituta do IFPE campus Floresta, sou professora de Língua portuguesa. Sou sócia da AQCC da qual faço parte de algumas comissões: Comissão de Educação, Comissão de Juventude. Tenho 35 anos, mas sou jovem. É isso.

A ideia não é mostrar minha foto, mas mostrar os meios ai. Quando Ane falou trazer qualquer coisa que tivesse a ver com o dia-a-dia, eu peguei a parte do meu dia-a-dia e trouxe pra minha realidade, porque minha realidade hoje está sendo essa ai, tá dentro do computador, está dentro do celular, nas web cam da vida, indo pro mundo, o mundo vindo até eu, enfim. Então eu quis

vindo até eu, enfim. Então eu quis trazer um pouco disso do que estamos fazendo, do que estamos vivenciando.

Fazendo a reflexão de que não era o ideal, não era o que a gente queria, mas que a gente em alguns momentos, como sempre fazemos a questão da resignificação da vida, de tudo. Então a vida precisou dar continuidade e a gente parou por um momento mas teve que seguir. Ai eu trouxe alguns dos meios pelos quais a gente seguiu, continuou seguindo. São alguns dos elementos que estão na nossa rotina, no nosso dia a dia que é o celular. Que é o computador. Que é a web cam. Que a gente nem se atentava pra isso e por conta da pandemia a gente praticamente não vive sem esses instrumentos sem essas coisas.

Então, eu quis trazer um pouquinho disso, mostrar um pouquinho do meu dia a dia da minha rotina que é basicamente isso. Todo santo dia, não tem um dia sequer, onde eu não ligo o computador, alias eu nem desligo. Não tem um dia que eu não uso o computador que eu não uso o celular. Praticamente todo dia que a gente está vendo os links da vida, fazendo alguma coisa com os links, seja , reunião seja outra coisa, seja algum documento, a gente não aguenta mais ouvir falar em link. Eu vou mandar o link. A gente já chega e dá aquele frio na espinhela. Mas a gente precisou seguir, a gente não pode parar, a vida não pode parar. Temos que continuar de alguma forma, se é pra continuar dessa forma, continuemos da forma que dá. (Fabiana Silva, 1ª roda de conversa, 03 jul, 2021).

Fabiana é mais uma guerreira das novas gerações que além de ter como inspiração suas ancestrais também ver nas mestras Givânia, Aparecida Mendes, Marcia Nascimento e Maria Diva Rodrigues a força da educação atuando na comunidade e realizando melhorias significativas para todo território. Professora da comunidade, em sua fala apresenta um certo cansaço com as metodologias que teve que empregar para continuar o trabalho na escola, na AQCC e em outros projetos que ela está envolvida, entretanto demonstra sua força de vontade para prosseguir ao afirmar que “a gente não pode parar”. E realmente ela não para.

Márcia Jucilene do Nascimento

Marcia Nascimento é mulher quilombola de Conceição das Crioulas. Mora no Território Quilombola, na Vila Centro. Nasceu em casa, pelas mãos de mãe Carlota, parteira da comunidade. É bisneta de Leonor e Raimundo da Costa; Joana e Chico

da Costa; e Mariana, mais conhecida como Coletinha. Neta de Licosa e Moisés Costa e de Luiza Pilé e Zé Mago. Filha de Cecília, conhecida como Ceci e Tarcísio, conhecido como Nego de Zé Mago²⁹.

Para a construção da sua imagem genealógica Márcia Nascimento escolheu a imagem de um livro em referência à sua mãe professora e também à sua escolha pela docência na educação básica. Assim sua imagem genealógica é um livro que conta a história de suas, seus ancestrais (Imagem 30).

Imagem 30 - Imagem genealógica Márcia Nascimento, Eu vim daqui, 2022.



Fonte: Márcia Nascimento.

²⁹ Alguns nomes de ancestrais estão faltando, essas informações se perderam nas histórias da família ou nunca existiram nas histórias contadas.

Quadro4: Informações da Imagem 28 - Imagem genealógica Márcia Nascimento, Eu vim daqui, 2022.

Ancestrais/familiares da imagem genealógica de Márcia Nascimento	
Bisavós/Bisavôs maternos	Leonor e Raimundo da Costa; Joana e Chico da Costa
Bisavó paterna	Mariana (Coletinha)
Avó/Avô maternos	Licosa e Moisés Costa
Avó/Avô paternos	Luiza Pilé e Zé Mago
Mãe/Pai	Cecília (Ceci) e Tarcísio (Nego de Zé Mago)

Fonte: Mini-biografia - questionário on-line respondido pelas pesquisadoras, 2021.

Marcia Nascimento tem 47 anos, é solteira e não tem filhas(os). Sua motivação para participar da pesquisa foi o interesse pela temática, as mulheres da comunidade quilombola. Em sua apresentação expôs a imagem de um colar com uma boneca feita com fibra de caroá (Imagem 31) e nos contou porque ela lhe representava naquele momento.

Imagem 31 - Eu sou Marcia Jucilene do Nascimento, 2021.



Fonte: 1ª Roda de Conversa, 03 jul. 2021.

Um objeto, eu fiz um desenho em forma de coração com esse colar da Francisca Ferreira, é a boneca. O que me representaria, na verdade eu penso que representa todas nós de Conceição, a força da mulher, a nossa luta que é diária, que é do dia a dia que é de toda hora.

Ela tem uma, ela é bem fundamentada nas mulheres. E Francisca Ferreira é uma das seis crioulas que chegaram por aqui e esse colar eu ganhei numa atividade da escola que é minha vida na verdade.

A escola, a educação é a vida de muitas de nós e a minha principalmente. Eu não tenho filhos. Eu me acho uma mulher super corajosa, essa história da coragem pra ter filhos, é bem interessante essa historia. Porque assim, a sociedade acha que para ser mulher tem que ter filho, isso é uma coisa bem forte. Inclusive minhas próprias amigas, até um dia desse, vinham o tempo todo, você tem que ter um filho. Agora

menos. Pra isso, pra aquilo. Como é que eu vou pensar em ter um filho pra me ajudar, pra ficar comigo quando eu tiver velha, não, não existe.

Eu fui uma das mulheres que nunca tive essa vontade de ter filhos e aí, o estudo sempre veio, sempre priorizei o estudo. Primeiro eu dizia, vou terminar o magistério e depois ter um filho. Aí não. Vou terminar a faculdade. Terminei. Não. Vou fazer especialização. Depois de um tempão, agora tem filho. Não. Mas agora não, que ainda quero fazer o mestrado. Aí, fiz o mestrado. E agora eu não quero ter filho. É uma decisão minha. Eu acho que pra gente ser mulher, fazer história, fazer o que a gente quer não é preciso ter filho. Quem quiser ter filho, eu acho bonito e tudo. Minha mãe teve oito, minha irmã tem cinco, outra irmã tem duas, mas eu decidi não ter e me sinto muito corajosa em uma série de coisas que faço na vida.

Esse colar foi uma artesã, filha de João Alfredo, que deu um pra várias pessoas, numa atividade, uma gincana que a gente fez com a escola indígena e quilombola no Ensino Médio no mês da consciência negra. Foram duas etapas, a gente foi pra lá e depois eles vieram pra cá. E a gente fez um desfile das boneca. Fizemos, sempre na escola. A gente estudou a história de cada uma e no final ela deu um colar pra cada uma.

Então, eu gosto muito desse colar, dessa história de como eu ganhei e também o que ele representa para todos nós. Sempre que tem algum momento assim eu gosto de colocar ele. Eu acho que sou uma das pessoas que está aqui que não gosta desse negócio de jeito nenhum. Desse negócio à distância, desse Meet,, mas eu faço um esforço danado pra participar. Participo e tudo. Faço um esforço no meu juízo, mas não gosto.

Essa história do homem, do Francisco José, ela é bem interessante por que assim, há versões que diz que ele não veio com as mulheres, depois foi que ele chegou, então a nossa história também tem versões. A gente sabe que as histórias tem versões, depende de quem conta, da forma como conta, então esse homem ele surgiu, chegou com a santa e também ele desapareceu. Ninguém sabe onde ele entrou. (Márcia Nascimento, 1ª roda de conversa, 03 jul, 2021).

Márcia é uma das mestras de Conceição das Crioulas, com dissertação defendida pela Universidade de Brasília (UNB), liderança e inspiração para as mais novas como Fábria Oliveira e Lorena Bezerra. “A escola, a educação é a vida de muitas de nós e a minha principalmente” essa frase é um resumo sobre quem é a professora Márcia, um dos pilares de sua vida é a educação. Colocando seus

objetivos na educação, “sempre priorizei o estudo”, não seguiu as regras da sociedade patriarcal, principalmente sobre a maternidade. Ela não tem vergonha nenhuma em dizer “nunca tive essa vontade de ter filhos”, relata que ainda é cobrada, mas se mantém firme em seu propósito e de seguir seu caminho com liberdade, fazendo o que gosta. Ensinar e de contar as histórias de sua comunidade, as histórias de lutas das mulheres de Conceição das Crioulas.

Maria Aparecida Mendes

Maria Aparecida Mendes, mais conhecida na comunidade quilombola como Aparecida Mendes³⁰, é mulher quilombola de Conceição das Crioulas. Mora no território quilombola, na Vila Centro. Nasceu em casa pelas mãos das parteiras Margarida Dominga, a mãe Magá, e mãe Vilante. É a tataraneta de Simão de Oliveira e de Barnabé; bisneta de Marcionila Cesária e Belarmino; Joana Violante dos Santos e Vicente Simão de Oliveira; Rosa Maria e Januário Simão de Oliveira; e de Salviana Mendes e Andreilino Martinho Mendes. Neta de Firmiana Marcionila da Conceição e Jeremias Vicente de Oliveira; e de Doralina Rosa Mendes e Francisco Andreilino Mendes. Filha de Maria da Natividade Mendes e de João Francisco Mendes. Mãe de Ana Claudia e avó de uma neta de cinco anos³¹.

Para a construção da sua imagem genealógica Cida Mendes escolheu o pé de imbu (Imagens 32 e 33), árvore que esteve presente em vários momentos de sua vida em família. E ao remexer as gavetas da memória, a imagem do imbuzeiro era recorrente.

³⁰ A partir desse parágrafo, iremos nos referir a Maria Aparecida Mendes, como Aparecida Mendes, É que ela se apresenta na comunidade quilombola.

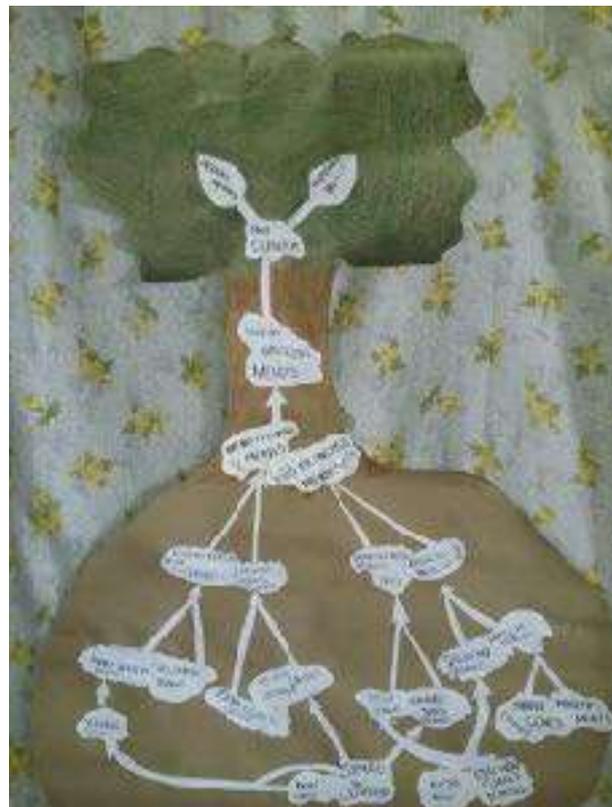
³¹ Alguns nomes de ancestrais estão faltando, essas informações se perderam nas histórias da família ou nunca existiram nas histórias contadas.

Imagem 32 - Genealogia Aparecida Mendes, Imbuzeiro, 2022.



Fonte: Aparecida Mendes.

Imagem 33 - Genealogia Aparecida Mendes, Imbuzeiro, 2022.



Fonte: Aparecida Mendes.

Quadro 5: Informações das Imagens 31 e 32 - Genealogia Aparecida Mendes, Imbuzeiro, 2022.

Ancestrais/familiares da imagem genealógica de Maria Aparecida Mendes	
Tataravó/Tataravôs maternos	Simão de Oliveira e Cesária; Duó
Tataravós / Tataravôs paternos	Rosa e Estevão Gomes Dionísio; Maria Gomes e Martim Mendes
Bisavós/Bisavôs maternos	Joana Violante dos Santos e Vicente Simão de Oliveira; Marcionila Cesária e Belarmino
Bisavós/Bisavôs paternos	Rosa Maria e Januário Simão de Oliveira; Salviana Mendes e Andreolino Martinho Mendes
Avó/Avô maternos	Firmiana Marcionila da Conceição e Jeremias Vicente de Oliveira
Avó/Avô paternos	Doralina Rosa Mendes e Francisco Andreolino Mendes
Mãe/Pai	Maria da Natividade Mendes e de João Francisco Mendes
Filha	Ana Claudia
Neta/Neto	Abdias Mendes e Amandha Mendes

Fonte: Mini-biografia - questionário on-line respondido pelas pesquisadoras, 2021.

Imagem 34 - Eu sou Aparecida Mendes, 2021.



Aparecida Mendes tem cinquenta anos, é casada e tem uma filha. A sua participação na pesquisa foi motivada pelo desejo de contribuir com o compartilhamento da história do povo quilombola. Essa partilha, que ela se refere, é com a própria comunidade e também com outros públicos que terão acesso à pesquisa. Em sua apresentação, Aparecida Mendes expôs uma imagem com ervas (Imagem 34) e nos contou porque estas ervas lhe representavam naquele momento.

Eu sou Aparecida Mendes, tenho uma filha, e hoje também já tenho uma netinha de cinco anos e sou casada pela segunda vez. Espero ser, não espero estar casada pela segunda vez.

No momento estou fora do meu território, fora

Fonte: 1ª Roda de Conversa, 03 jul 2021.

da minha casa, mas todos os dias eu peço aos deuses e às deusas que me de paciência pra aguardar o momento certo. Mas estou me preparando pra voltar pra casa. E fico assim dialogando com as mulheres à distância. Vocês perceberam o que eu escolhi pra vocês? São cascas, raízes e folhas.

Essa folha verde é boldo e estas que estão no pratinho tem marcela, quebra faca, umburana de cheiro, de campão, raiz de velame, uma série de raízes que eu trago de casa. Quando eu vou em casa, neste momento eu não estou em casa, estou morando em Guarulhos/SP.

E eu fico acompanhando, gostei da apresentação das meninas, porque eu me identifico com cada uma delas, por tudo o que elas colocam, o que representam as história das mulheres, das bonequinhas, este momento atual que Fabiana mostrou que é muito ruim³².

Olha como é contraditório, é muito ruim esse contato através da tela, esse contato visual, mas pra mim, nesse período, é o que tem mantido a minha sanidade, porque eu quero ver o meu povo, quero olhar como as pessoas estão, e na distância, que eu estou não tem outra alternativa que seja essa através das imagens virtuais, dos encontros virtuais. Então é ruim, mas eu sou grata, nunca pensei que fosse agradecer por existir essa tecnologia, mas eu estou agradecendo por que ela, de certa forma pra mim que estou distante, ela contribuiu pra me manter próxima do meu povo.

Todo dia eu falo com a minha mãe, com minhas irmãs, sempre que é possível me encontro com Lurdinha, Val, Fabiana e Márcia³³. Essa tem sido a alternativa. Se não tivesse, se fosse naquele tempo em que a gente se falava através dos correios eu não sei como estaria nossa sanidade, porque talvez a gente não se encontrasse muito, não corresse tanto, mas enfim eu me sinto contemplada na apresentação das meninas.

Mas eu preferi trazer essa simbologia porque fazendo uma volta pra história de Conceição das Crioulas, tudo que a gente coloca, é histórico da comunidade. A comunidade foi fundada pelo grupo de mulheres e elas tinham a convivência com a

³² “Este momento atual” a que Aparecida Mendes se refere é o ano da Pandemia da Covid-19. Uma das medidas de prevenção da doença para conter o contágio entre as pessoas, foi o isolamento social. Não encontrar-se com as pessoas que se quer bem não é bom para ninguém e para o povo de Conceição das Crioulas. que tem na sua cultura o pensar e agir no coletivo, é ainda mais complicado.

³³ Lurdinha, Valdeci, Fabiana e Márcia são mulheres lideranças de Conceição das Crioulas, envolvidas com as lutas pela educação de qualidade, a permanência no território quilombola, nos projetos sociais e tantas outras ações. Lurdinha, Fabiana e Márcia aceitaram o convite para participar da pesquisa sobre o feminino em Conceição das Crioulas.

natureza. Uma harmonia perfeita. Por isso que nós existimos no território até hoje. E tu sabe que as comunidades quilombolas, as comunidades rurais, em especial as comunidades tradicionais, elas sempre viveram com a ausência do Estado. E quando o Estado era muito mais ausente do que é hoje no território, a saúde do nosso povo, ela era cuidada pelas mulheres. Principalmente pelas senhoras, pelas parteiras, pelas benzedeiras, pelas meizinheiras³⁴. E o que tinha à disposição delas pra cuidar da gente era justamente as folhas e as raízes disponíveis na natureza, disponíveis no mato no nosso território.

E com a modernidade, com a chegada, o avanço das políticas públicas que nós tanto lutamos pra que tivesse atendimento à saúde pública no território, essa prática, eu imagino, que ela tenha diminuído um pouco. Nesse período de pandemia eu principalmente, desde quando vim pra cá que eu não gosto de ir pra farmácia, até porque eu moro numa periferia onde os médicos se negam a atender. Eles não vão. Então quem nos atende, pra gente passar por um atendimento onde eu moro, a gente faz um agendamento. Alguns meses depois a gente recebe notícia que foi agendado. Meses depois a gente vai ser atendido pela enfermeira. Nós não somos atendidos direto por um médico, a gente vai ser atendido por uma enfermeira que vai fazer a triagem e depois vai fazer o acompanhamento.

Então eu tenho me valido muito do que aprendi com minha avó e com mãe Magá e com as outras pessoas da comunidade que é o uso do chá. E eu gosto de usar o chá do que tem na minha terra. E outra diferença também de onde eu estou pra onde a gente vive é que nós vivemos num local onde a poluição é muito mais intensa, o solo é muito mais poluído, o ar é muito mais poluído. A minha avó dizia assim, que quando a gente ia entrar no mato pra pegar folha pra fazer remédio a gente tinha que adentrar o mato, ir pra bem longe da estrada pra tirar as ervas puras, onde só tinham contato com a natureza. Então eu prefiro trazer de casa pra fazer meus chás, fazer meus sucos, distribuir com a minha família e essa prática se tornou muito mais intensa pra mim, nesse período de pandemia.

Nós estamos num lugar onde o fluxo de pessoas de ida e vinda é muito intenso, porque todo pobre que sai da roça e vem pra cidade faz o essencial, nós

³⁴ As meizinheiras são mulheres que ajudam na reconstrução de um saber que vem sendo repassado por gerações ao longo do tempo que são os saberes terapêuticos de práticas populares de saúde, mais especificamente o uso de plantas para fins terapêuticos. Esses saberes fazem parte da cultura tradicional e popular local e possuem uma relação de resistência e ancestralidade. Disponível em: <https://www.observatoriocariri.com/post/plantas-medicinais-quem-s%C3%A3o-as-meizinheiras>. Acesso em: 16Mar2022.

fazemos o trabalho que é essencial. É o trabalho de limpeza, é o trabalho de gari, são esses trabalhos que não são visibilizados, não são valorizados, mas a gente não para de fazer e pra isso pega ônibus super lotados, trens super lotados, então na minha cabeça e na minha fé o que eu aprendi com a minha avó, com as pessoas mais velhas da minha comunidade, o que têm me salvado são os chás.

Nós nunca tivemos o direito de ter isolamento, nós nunca tivemos o direito de fazer como as pessoas recomendam “ficar em casa”, “ficar isolado”, “não sair”, “usar máscara”³⁵. Máscara a gente usa, álcool a gente usa, mas se uma pessoa dentro de casa adocece, todo mundo está vulnerável. Porque, na verdade, quem mora em periferia, estão todos expostos. E aí eu trouxe por essas razões, por trazer essa parte da história do povo do meu quilombo que se utilizou dos elementos naturais a vida inteira, na ausência do Estado. E por entender que eu acho que é o que vem nos salvando durante esse período, e completo com os cuidados. A gente não pode dizer que é cura, mas é fortalecer a imunidade no caso de alguma contaminação, alguma doença. Muito obrigada. (Aparecida Mendes, 1ª roda de conversa, 03 jul, 2021).

Aparecida Mendes é uma das mestras de Conceição das Crioulas, com dissertação defendida pela Universidade de Brasília (UNB), uma das lideranças e inspiração para a juventude. No momento reside em São Paulo/SP, mas sua conexão com a comunidade não diminuiu por causa da distância. As mudanças e os avanços das ferramentas digitais, que ocorreram durante a pandemia da Covid-19, forçaram algumas pessoas que não se sentiam muito à vontade no meio digital, a usá-las com mais frequência e ainda a contra-gosto, como Márcia Nascimento e Fabiana Silva. Para Aparecida Mendes, elas ajudaram a diminuir a distância com a comunidade e com sua família “todo dia eu falo com a minha mãe, com minhas irmãs, sempre que é possível me encontro com Lurdinha, Val, Fabiana, Márcia”.

Sua vida em São Paulo não é nada fácil, mas ela encontra forças e energias na sua ancestralidade para continuar seguindo na luta na cidade grande. E é nos ensinamentos das parteiras, benzedeiças, mezinheiras, na manipulação das ervas que se sente fortalecida. Neste período de tanta gente adoecendo à sua volta. Aparecida Mendes é uma incansável defensora das histórias de seu povo. Tem

³⁵ Isolamento social, uso de máscaras, álcool em gel foram medidas preventivas durante a pandemia da Covid-19.

muitas histórias para nos contar e ama partilhar as histórias de sua comunidade.

Maria Lorena Bezerra da Silva

Lorena Bezerra é mulher quilombola de Conceição das Crioulas. Mora no território quilombola, no Sítio Paula. Nasceu na maternidade, em Salgueiro/PE. É a penta neta de Rosa e Estevão Gomes Dionísio. Tataraneta de Lourenço Macário e Vilante da Conceição; Domingas da Conceição; Belarmino e Marcionilia; e de Josefa e Gabriel. Bisneta de Nelson Mota e Luiza Vilante; Hosana Josefa e Luiz Belarmino, Clara Bezerra e Emídio Grande; e de Maria Domingas. Neta de José Luiz e Rita Luiza; Ana Maria e Manoel Emídio. Filha de Marinalva Bezerra e João Neto Bezerra³⁶.

Para a construção da sua imagem genealógica (Imagem 35) Lorena Bezerra escolheu a semente de catolé, palmeira encontrada na região, presente nas histórias de sua bisavó Maria Domingas. Semente de catolé e fibra de caroá acolhem os nomes de sua ancestralidade. A semente é o começo, é Lorena e abraçando o catolé a fibra de caroá vermelha, vida vibrante expressa no olhar da jovem crioula. Antes dela e subindo nos fios de caroá na cor natural, foram amarrados os nomes das(os) ancestrais até a quinta geração.

Imagem 35 - Genealogia Lorena Bezerra, 2022. Caroá, semente de catolé, papel.



Fonte The WSS.

³⁶ Alguns nomes de ancestrais estão faltando, essas informações se perderam nas histórias da família ou nunca existiram nas histórias contadas.

Quadro 6: Informações da Imagem 34 - Genealogia Lorena Bezerra, 2022. Caroá, semente de catolé, papel.

Ancestrais/familiares da imagem genealógica de Lorena Bezerra	
Pentavó/Pentavô paternos	Rosa e Estevão Gomes Dionísio
Tataravó/Tataravô maternos	Belarmino e Marcionilia; Josefa e Gabriel
Tataravó/Tataravô paternos	Tataraneta de Lourenço Macário e Vilante da Conceição; e de Domingas da Conceição
Bisavós/Bisavôs maternos	Hosana Josefa e Luiz Belarmino
Bisavós/Bisavôs paternos	Nelson Mota e Luiza Vilante; Clara Bezerra e Emídio Grande; e de Maria Domingas
Avó/Avô maternos	Rita Luiza e José Luiz
Avó/Avô paternos	Ana Maria e Manoel Emídio
Mãe/Pai	Marinalva Bezerra e João Neto Bezerra

Imagem 36 - Eu Lorena Bezerra, 2021.



Lorena Bezerra tem 18 anos e é solteira. Sua motivação para participar da pesquisa foi porque acredita na importância do tema: as mulheres quilombolas. A pesquisa também lhe deixou mais curiosa para investigar sobre sua ancestralidade. Em sua apresentação expôs a sua fotografia com um turbante (Imagem 36) e nos contou porque esta imagem lhe representava naquele momento.

Eu sou Lorena Bezerra, essa imagem, ela representa pra mim eu acredito mais na minha história de aceitação, o fato de eu ser negra, dentro do quilombo ou fora, porque tudo é processo em relação, mesmo a minha autoaceitação.

Eu trago o turbante e minha cabeça um pouco levantada, porque ele me dá como se

fosse uma força nesse processo, ele me deu na verdade, na questão do cabelo. As pessoas sabem que a minha identidade é estampada com a minha cara, quando eu uso o turbante, já vem tudo isso, entendeu?

A imagem do turbante já vai deixando na mente das pessoas, quem é essa menina, de onde ela vem? Eu acho que é importante, eu acho que ele representa muita coisa em mim. Quando as pessoas perguntam sobre isso eu não tenho vergonha de falar e com ele fica muito bem estampado quem eu sou. Por isso é que eu falo que o turbante resgata e deixa em mim, marca a minha identidade. Não que a minha identidade seja algo que fique escondido, mas eu quero que seja uma coisa exposta. Quando eu falo do turbante é sobre isso sobre a identidade que eu quero que seja visível para as pessoas. (Lorena Bezerra, 1ª roda de conversa, 03 jul, 2021).

Lorena Bezerra, como ela se apresenta, é uma jovem mulher guerreira quilombola. Ela e Fábria são as mais novas coautoras da pesquisa e representam as meninas de Conceição das Crioulas que cresceram ouvindo as histórias de suas bisavós, avós, mães, tias e agora além de quererem saber mais, também contam essas histórias. É uma juventude atuante. Lorena nos afirma: “tenho participação ativa nos diversos debates que acontecem dentro da comunidade quilombola, em reuniões de associações, nas escolas” e isso é incentivado na comunidade com as(os) estudantes participando dos eventos promovidos pela AQCC, como ocorreu no 2º Encontro, em julho/2019. Durante as palestras e partilhas, oficinas, refeições etc, sempre tinha estudantes das escolas da região presentes. Lorena faz parte desse aprendizado, do pertencimento das crianças e adolescentes sobre os assuntos importantes para a comunidade quilombola.

Maria de Lourdes da Silva

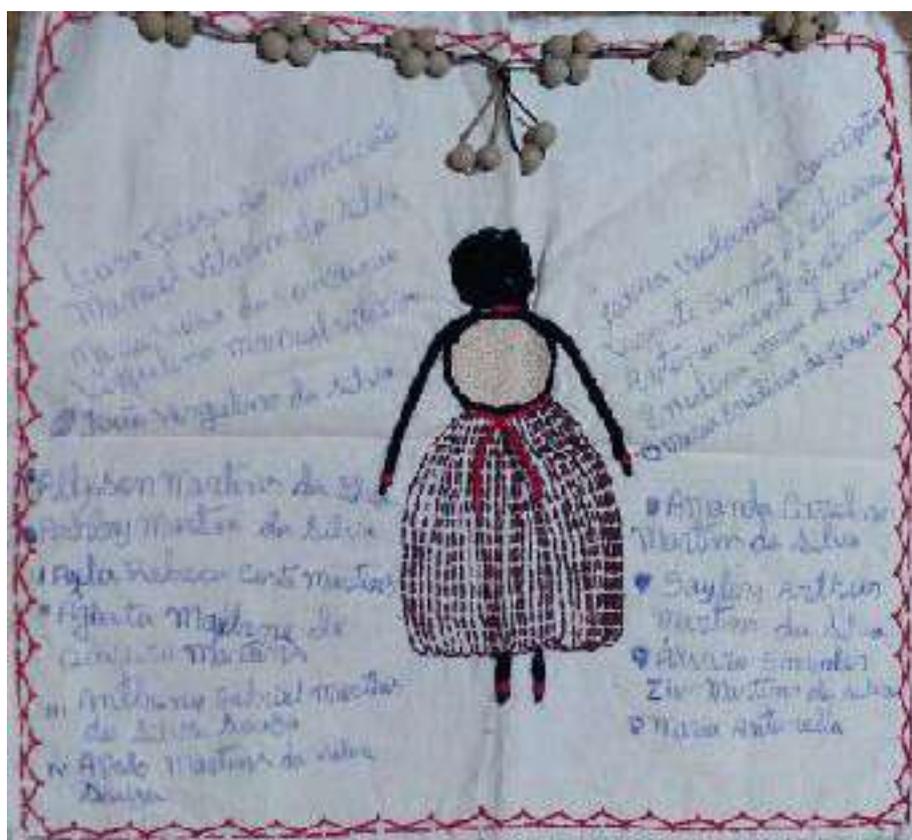
Maria de Lourdes da Silva, a Lurdinha³⁷, é mulher quilombola de Conceição das Crioulas. Mora no território quilombola, na Vila Centro. Nasceu em casa, no Sítio Poço da Pedra, onde a família morava na época, pelas mãos de mãe Bela. A parteira morava em Pedras de Fogo, localidade do outro lado da Serra das Crioulas e atuava nos sítios próximos. Lurdinha é bisneta de Joana Violante dos Santos e

³⁷ A partir desse parágrafo, a Lurdinha citada refere-se, a Maria de Lourdes da Silva.

Vicente Simão de Oliveira; Maria Luiza da Silva e Manoel Vilarino da Silva. Neta de Antonio Vicente de Oliveira e Enedina Maria da Conceição; Virgulino Manoel da Silva e Maria Luiza da Conceição; Filha de Enedina Maria de Jesus e João Virgulino da Silva³⁸.

Para a construção de sua imagem genealógica (Imagem 37), Lurdinha escolheu a boneca Lurdinha, bordada em um tecido de algodão cru e em volta da boneca escreveu os nomes de suas/seus ancestrais e descendentes.

Imagem 37 - Genealogia Maria de Lourdes da Silva, 2022. Boneca Lurdinha, linha e tecido.



Fonte Maria de Lourdes da Silva.

³⁸ Alguns nomes de ancestrais estão faltando, essas informações se perderam nas histórias da família ou nunca existiram nas histórias contadas.

Quadro 7: Informações da Imagem 36 - Genealogia Maria de Lourdes da Silva, 2022.
Boneca Lourdinha, linha e tecido.

Ancestrais/familiares da imagem genealógica de Maria de Lourdes da Silva	
Bisavó/Bisavô maternos	Joana Violante dos Santos e Vicente Simão de Oliveira
Bisavó/Bisavô paternos	Luisa Tereza da Conceição e Manoel Vilarino da Silva
Avó/Avô maternos	Enedina Maria de Jesus e Antonio Vicente de Oliveira
Avó/Avô paternos	Maria Luiza da Conceição e Virgulino Manoel Vilarino
Mãe/Pai	Maria Enedina de Jesus e João Virgulino da Silva
Filha/Filhos	Amanda Caroline Martins a Silva, e Allysson Martins da Silva
Netas/Netos	Saylon, Álvaro, Maria Antonella, Ayla, Ágata, Anthony e Apolo

Fonte: Mini-biografia - questionário on-line respondido pelas pesquisadoras, 2021.

Lurdinha tem cinquenta e três anos, é solteira, tem uma filha e dois filhos. Sua motivação para participar da pesquisa foi pelo seu interesse pelo tema; mulheres quilombolas. Ela acredita que pesquisar com e sobre as mulheres de suas comunidade fortalece cada vez mais suas lutas e suas histórias. Em sua apresentação expôs a imagem de uma horta orgânica (Imagem 38) e nos contou porque esta imagem lhe representava naquele momento.

Imagem 38 - Eu sou Lourdinha, 2021.



Fonte: 1ª roda de conversa, 03 jul 2021.

Eu sou Maria de Lourdes da Silva, Lurdinha de Conceição das Crioulas. Tenho cinquenta e três anos, tenho dois filhos e uma filha, três netos e duas netas. E sou artesã, sou agricultora.

Essa imagem desse canteiro eu penso que pra mim é muito importante, principalmente nesse período de pandemia, pra gente que não está saindo. E comprar algo em algum lugar que você nem sabe de onde vem. Então eu tenho o meu canteiro, é um canteiro orgânico. É um lugar onde eu posso tá chamando as pessoas da comunidade pra dá uma olhada no meu canteiro, pra ver o jeito que eu cuido, o jeito que eu organizo o canteiro. A principio é pra eu me alimentar, é pra temperar.

Posso chegar no canteiro e alguém que tiver olhando eu posso chegar e comer ali porque é orgânico, eu sei de onde é, o que tem, o que foi que eu coloquei, o que não coloquei. Primeiro eu como, depois eu ofereço pras pessoas da comunidade, pra venda. Também se tem alguém da comunidade mesmo que não tem o dinheiro, mas quer o coentro, eu dou, já fiz várias vezes isso na comunidade.

É uma das coisas que eu penso muito na questão do cuidado. nessa imagem. Tem a cebolinha. A cebolinha é uma das plantas que está sempre se renovando, você tira uma quantidade, corta e ela renasce, então eu peguei essa parte pra tá mostrando simbolicamente que na história da nossa comunidade a gente precisa ser isso e nós somos isso, renovação.

Os nossos mais velhos e mais velhas contam que chegaram seis mulheres, e como elas dizem, não se diz ao certo de onde elas vieram. Tem uma história que diz que vieram de uma localidade chamada Panelas D'água, a gente não sabe onde fica, eu já ouvi rumores, mas não tenho certeza. E aí contam que chegaram essas mulheres. Elas começaram a plantar algodão e diz a história que com o passar do tempo chegou um homem que vinha fugido de uma guerra e na bagagem dele, na sacola dele, trazia a imagem de Nossa Senhora da Conceição e pra que eles não fossem alcançados, nem ele, nem elas, foi onde fizeram a promessa a Nossa Senhora da Conceição. Fizeram a capela e se ninguém conseguisse alcançá-los, eles iam fazer essa capela pra que se protegessem. Começaram a plantar o algodão e vender na cidade de Flores.

As primeiras que chegaram foram dando oportunidade às outras pessoas. Esse sangue corre nas nossas veias e a gente está sempre renascendo. Então

realmente tem muita coisa ainda pra se pesquisar. (Maria de Lourdes Silva, 1ª roda de conversa, 03 jul 2021).

Lourdinha é uma força da natureza, não para nunca. É mais uma liderança de Conceição das Crioulas e com suas histórias e lutas também inspiração para a juventude quilombola. É agricultora, artesã, participa de vários projetos, dá palestras, oficinas no estado de Pernambuco e em outros também. Para acompanhar a rotina de Lourdinha é preciso ter muita energia. Renovação e cuidado são as palavras que Lourdinha traz na imagem que ela escolheu para se apresentar. Diante das dificuldades que a vida lhe apresentou ela recomeçou e se reinventou. E continuou a luta diária cuidando de si, do pai, da filha e dos filhos e agora dos netos.

Marinalva Rita da Silva Bezerra

Marinalva Bezerra é mulher quilombola de Conceição das Crioulas. Mora no território quilombola, no Sítio Paula. Nasceu em casa pelas mãos da parteira Margarida Dominga, a mãe Magá. É a trineta de Sabina Curta; Cesária e Belo. Bisneta de Lourenço Macário e Vilante da Conceição; Marcionilia e Belarmino, Josefa e Gabriel; Neta de Luiza Vilante e Nelson Mota; Hosana Josefa da Conceição e Luiz Belarmino. Filha de Rita Luiza da Silva e José Luiz da Silva³⁹.

Para a construção da sua imagem genealógica (Imagens 39 e 40) Marinalva Bezerra escolheu a imagem de uma estrada de barro com várias árvores espalhadas pelo caminho. Para pintar o caminho no tecido de algodão cru, usou tinta a base de água e argila retirada de um dos barreiros do Sítio Paula. E em cada árvore ela escreveu os nomes de suas/seus ancestrais.

³⁹ Alguns nomes de ancestrais estão faltando, essas informações se perderam nas histórias da família ou nunca existiram nas histórias contadas.

Imagem 39 - Genealogia Marinalva Bezerra, 2022. Tecido, tinta natural (barro e água) e sintética.



Fonte The WSS.

Imagem 40 - Genealogia Marinalva Bezerra, 2022. Tecido, tinta natural (barro e água) e sintética.



Fonte The WSS.

Quadro 8: Informações das Imagens 38 e 39 - Genealogia Marinalva Bezerra, 2022. Tecido, tinta natural (barro e água) e sintética.

Ancestrais/familiares da imagem genealógica de Marinalva Bezerra	
Pentavó/Pentavô paternos	Rosa e Estevão Gomes Dionísio
Tataravós / Tataravôs maternos	Belarmino e Marcionilia; Josefa e Gabriel.
Tataravós / Tataravôs paternos	Tataraneta de Lourenço Macário e Vilante da Conceição; Domingas da Conceição;
Bisavó/Bisavô maternos	Hosana Josefa e Luiz Belarmino
Bisavós/Bisavôs paternos	Nelson Mota e Luiza Vilante; Clara Bezerra e Emídio Grande; e de Maria Domingas.
Avó/Avô maternos	Rita Luiza e José Luiz
Avó/Avô paternos	Ana Maria e Manoel Emídio.
Mãe/Pai	Marinalva Bezerra e João Neto Bezerra

Fonte: Mini-biografia - questionário on-line respondido pelas pesquisadoras, 2021.

Marinalva Bezerra tem 46 anos, é casada e tem três filhas e um filho. Sua motivação para participar da pesquisa foi pra contar e recontar as histórias de seu povo. Em sua apresentação expôs fotografias da vacinação contra a Covid-19 na comunidade quilombola (Imagem 41) e nos contou porque estas imagens lhe representavam naquele momento.

Eu sou Marinalva moro também no território quilombola, no sitio Paula, fica a seis quilômetros da Vila Centro. Sou liderança também. Faço de tudo um pouco na comunidade quando precisa. Nas escolas, na Associação, na igreja, de tudo um pouco.

Sou casada, tenho três filhas mulheres e um homem, um menino, todos com menos de 18 anos. Sou a décima sexta dos vinte e três filhos que a minha mãe teve.

Escolhi colocar uma foto que tem nos angustiado muito e esse é um momento que nos deixa muito feliz. Nesse período de pandemia que a gente vive eu me preocupe muito e ainda me preocupo principalmente com esses idosos da comunidade.

Esses das fotos são alguns idosos, lideranças da comunidade, pessoas mais velhas que eu me preocupava muito ao ver ver tanta gente, os mais novos, saindo,

Imagem 41 - Eu sou Marinalva Bezerra, 2021.



Fonte: 1ª roda de conversa, 03 jul 2021,

eu acho que o nosso dia a dia hoje é esse pra mim. As escolas têm um impacto também, mas na nossa comunidade isso, a vacinação dos idosos, nos preocupou muito. Os idosos, pra continuar o que eles vem nos ensinando, a gente continuar contando a nossa história, contribuíram muito e vem contribuindo. (Marinalva Bezerra, 1ª roda de conversa, 03 jul 2021).

Marinalva Bezerra é professora no Sítio Paula, onde mora, e liderança na comunidade quilombola. É mãe de Lorena que também participa da pesquisa. Marinalva se apresenta com imagens de outras pessoas e também invoca a palavra

não dando muita importância ao isolamento social e com essa vitória do movimento quilombola, da AQCC, os idosos estão vacinados, estão imunizados⁴⁰.

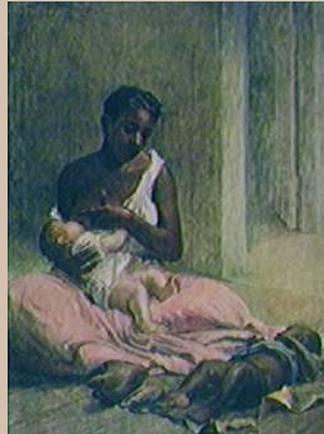
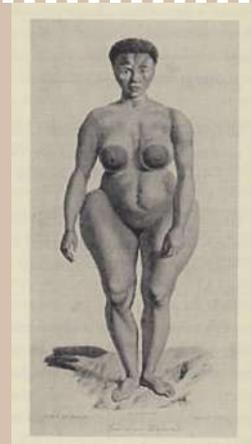
E foi um momento que eu registrei, que está nos meus arquivos, fotos dessas pessoas se vacinando: Dona Luiza das Caboclas, Dona Toinha de Bertinho, minha mãe, Dona Rita, que foi presidente da Associação por mais de vinte anos, entre tantos outros idosos do nosso território que conseguiram nos deixar felizes depois da segunda dose da vacina.

Agradecer principalmente às lideranças do nosso povo, da AQCC, do território que conseguiram nos deixar mais aliviadas. Quando eu estava fazendo e Lorena estava procurando essas fotos, ela foi enviando pras famílias, nem eles próprios tinham registrado esse momento. É um momento muito importante que a gente vive, então a gente falava é uma foto do nosso dia a dia, então

⁴⁰ Esse relato de Marinalva Bezerra sobre a preocupação com as pessoas idosas, as mais vulneráveis e com taxas de mortalidade mais altas durante a pandemia da Covid-19, e a comemoração da vacina contra a doença coaduna com o tempo de respeito e espera que a pesquisadora precisou realizar para que a segurança física e também psicológica de todas(os) fossem preservadas(os).

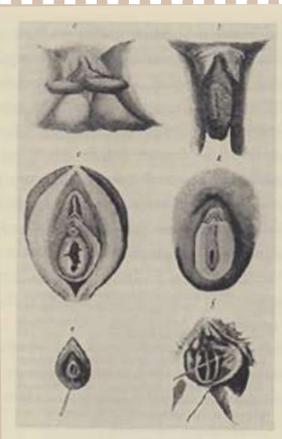
cuidado, e em especial o cuidado com as(os) idosas(os) da comunidade. Aquelas(es) que guardam e repassam as histórias do território, as tradições, merecem toda a atenção, o cuidado da comunidade. E no período da pandemia da Covid-19 esse cuidado teve que ser redobrado. Na escola, Marinalva alfabetiza, educa os pequenos e nas atividades junto à sua vizinhança cuida das(os) mais velhas(os).

Concluimos aqui, as apresentações das mulheres pesquisadoras de/em Conceição das Crioulas, as coautoras da investigação.



(...) As feministas negras propuseram diversos tipos de agência coletiva e vários contrapontos em relação aos projetos emancipatórios do feminismo hegemônico. Entre as principais, leituras interseccionais da história em torno de algumas discussões centrais: o legado da escravidão, o acesso a trabalho, maternidade, reprodução e família como eixos a partir dos quais seria preciso olhar para as especificidades. (Díaz-Benítez, 2020, p. 264-265).

Existe uma palavra em Igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer "ser maior que o outro". Assim, como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. (ADICHIE, 2019 p. 23).



Quanto às mães-pretas, referem as tradições o lugar verdadeiramente de honra que ficavam ocupando no seio das famílias patriarcais. Alforriadas, arredondavam-se quase sempre em pretalhonas enormes. Negras a quem se faziam todas as vontades: os meninos tomavam-lhe a bênção; os escravos tratavam-nas de senhoras, os boleiros andavam com elas de carro. E dia de festa, quem as visse anchas e enganjentas entre os brancos de casa, havia de supô-las senhoras bem nascidas; nunca ex-escravas vindas da senzala. (FREYRE, 2006, p. 435).



3 - Retalhos/concepções - histórias de mulheres

Existe uma palavra em Igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior que o outro”. Assim, como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. (ADICHIE, 2019 p. 23).

Até este momento da nossa costura temos a inspiração e o formato para a escrita, a colcha de retalhos, as motivações para a pesquisa, as metodologias adotadas e as apresentações das pesquisadoras. Imagens e textos são partes da montagem da colcha, assim como os tecidos, retalhos, linhas, agulhas e tesouras. Neste terceiro capítulo juntamos as referências bibliográficas pertinentes aos assuntos e contextos que vivenciamos durante a investigação e as reflexões demandadas dessas referências. Por conseguinte, vamos apresentar algumas escolhas e caminhos que a pesquisa nos fez percorrer.

Como já citamos no capítulo anterior, nesta investigação, proposta por mulheres e com mulheres, todas são pesquisadoras e as mulheres convidadas são coautoras desta pesquisa. Não temos aqui uma distinção das mulheres da comunidade quilombola e das pesquisadoras da universidade, todas são participantes da pesquisa, todas são investigadoras. Desta maneira, é importante ficarmos atentas ao princípio de nkali, para que ele não aconteça, para que não seja adotado, na escuta e na partilha, para que ninguém se sinta maior que ninguém. Todas são contadoras e ouvintes das histórias, pesquisadoras e produtoras de imagens.

Ao começarmos uma nova pesquisa, é de grande importância conhecermos o que já foi investigado sobre o tema elencado, como também as pesquisas que dialogam ou contradizem com a investigação. Neste caso, não somente as pesquisas realizadas no campo de conhecimento das Artes Visuais, mas o que já foi pesquisado sobre Conceição das Crioulas⁴¹ e, principalmente àquelas pesquisas que apresentam o tema “feminino” e “mulher quilombola”. O desafio, afirma Ferreira, N. (2002, p. 259), “de conhecer o já construído e produzido”, contribui para entendermos os caminhos metodológicos da pesquisa em fase inicial. Estimula-nos

⁴¹ Reis (2022), artigo aprovado no 31º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas/ANPAP, sob o título “Mulheres quilombolas e as Artes Visuais: pesquisas, retalhos valiosos sobre Conceição das Crioulas”, traz a escrita sobre as leituras críticas e contribuições das pesquisas encontradas no Catálogo online de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que contribuíram para a construção dessa dissertação.

a buscar o que ainda não foi realizado, como também a dar maior visibilidade às pesquisas de difícil acesso, divulgando-as à Academia e à sociedade.

Durante o encontro realizado em julho de 2019, recebemos a informação de que na comunidade quilombola havia quatro professoras com mestrado concluído. Conhecemos e ouvimos as mestras de Conceição das Crioulas: Aparecida Mendes, Givânia da Silva, Márcia Nascimento e Maria Diva Rodrigues, apresentadas no capítulo anterior. Desta forma, iniciamos a busca no Catálogo online de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelas dissertações das mestras de Conceição das Crioulas.

Do lugar de fala de quem nasceu e cresceu ouvindo e vivenciando as histórias da comunidade no colo de suas ancestrais, Rodrigues (2017), Nascimento, M. (2017) e Silva, G. (2012) nos apresentam as histórias do território quilombola, suas tradições, questões do cotidiano e o protagonismo das mulheres nas lutas pelo direito à terra; à educação quilombola; na preservação da cultura e na transmissão das histórias da comunidade. Mendes (2019), a tudo isso, acrescenta as histórias de superação das violências domésticas sofridas por ela e por outras mulheres da comunidade. São herdeiras das seis negras que chegaram no território, como conta o mito de origem e ali fincaram suas raízes.

As mestras de Conceição das Crioulas presenciaram e participaram da produção de conhecimento no cotidiano da comunidade quilombola e também no registro do conhecimento acadêmico. Romperam as barreiras do preconceito e das dificuldades por uma educação de qualidade e hoje, além de serem líderes no território, inspiram as(os) mais jovens; suas vozes produzem ecos na comunidade e em outros cantos do país.

A segunda prioridade nessa busca foi achar as pesquisas que tiveram como lugar de investigação o território quilombola. Para isso usamos o descritor “crioulas”; com o intervalo de tempo de dez (10) anos 2010/2019 e não limitamos a área de conhecimento para assim encontrarmos o maior número possível de pesquisas realizadas. Deste modo, encontramos dez (10) pesquisas, quatro (04) teses de doutorado: Antunes (2016); Vilela (2014); Souza (2013); e Leite (2012). E seis (06) dissertações de mestrado: Silva, C. V. (2019); França (2018); Marques (2018); Lima, K. (2017); Freire, E. (2012) e Silva, C. (2011).

Embora nesse recorte temporal não tenhamos encontrado pesquisas em

programa de pós-graduação em Artes/Artes Visuais tendo como objeto de investigação Conceição das Crioulas, tais pesquisas nos apresentam temas importantes e caros à comunidade quilombola: em Antunes (2016) o processo de implementação da gestão territorial e a regulamentação da terra quilombola; Vilela (2014), Souza (2013), e Freire, E. (2012) a identidade negra e de gênero; Leite (2012), Marques (2018), Silva, C. V. (2019) e Silva, C. (2011) a luta, a organização coletiva e a conquista pela educação quilombola; França (2018) a oralidade e memória coletiva; Lima, K. (2017) o empreendedorismo e a representação da identidade coletiva por meio do artesanato. Investigações que nos contam sobre as histórias de lutas, de conquistas e retrocessos, de organização coletiva, de transmissão de conhecimento pela oralidade, de liderança e empreendedorismo das mulheres quilombolas.

Na sequência, como não encontramos pesquisas no campo das Artes/Artes Visuais no território quilombola de Conceição das Crioulas, procuramos por pesquisas realizadas na área de conhecimento em Ciências Humanas e Artes nos Programas de Pós-graduação em Artes/Artes Visuais. Assim, realizamos uma terceira busca por pesquisas no Catálogo online de Teses e Dissertações da CAPES, com os seguintes descritores: "mulher quilombola"; período dez (10) anos (2010/2019); área de conhecimento "Artes" e "Artes Visuais"; Programas de Pós-graduação em Artes e Artes Visuais.

Com o termo "mulher quilombola" encontramos cinco (05) teses de doutorado e dezessete (17) dissertações de mestrado. Embora o termo não apareça em nenhum dos estudos encontrados, na análise dos títulos e leitura dos resumos, selecionamos as teses de doutorado de Santos, J. (2014) e Paulino (2011). E as dissertações de mestrados de Rosário (2019), Aniceto (2018) e Hardman (2015). Com Paulino (2011), Santos, J. (2014), Rosário (2019) e Hardman (2015) nos deparamos com questões sobre a mulher negra, feminismo e referências às ancestralidades africanas; e em Aniceto (2018), questões sobre o feminismo e com a condição da mulher na sociedade patriarcal, onde esta é situada comumente no lugar de "outro".

Uma quarta busca foi realizada com o descritor "feminino" e com os mesmos parâmetros da busca anterior. Encontramos quatro (04) teses de doutorado e vinte e seis (26) dissertações de mestrado. Apesar de encontrarmos um bom número de

pesquisas com o termo “feminino” no título ou na temática com mulheres, os temas eram diversos e a maioria não dialogava ou contribuía com a pesquisa em andamento. Na leitura dos resumos, apenas três trabalhos nos chamou atenção para um diálogo com a investigação na comunidade quilombola: a tese de doutorado de Whan (2010) e as dissertações de mestrado de Bastos (2019) e Lopes (2019).

Em Whan (2010) encontramos similaridades no tema investigado com as ceramistas Karajá, artesãs ceramistas que produzem as bonecas Ritxoko, como as mulheres quilombolas de Conceição das Crioulas que também trabalham com a cerâmica e fazem bonecas com a fibra de caroá⁴². A participação de mulheres de várias gerações na investigação em Conceição das Crioulas já nos delineava a possibilidade da partilha, escuta e resgate das memórias femininas através de gerações o que encontramos em Bastos (2019) e Lopes (2019).

Ampliamos a busca com o descritor “mulher quilombola” para a área de conhecimento Ciências Humanas nos Programas de Pós-graduação em Educação e História, usando o mesmo período de dez (10) anos 2010/2019 e encontramos cento e oito (108) teses de doutorado e trezentos e sessenta e duas (362) dissertações de mestrado. Selecionamos a partir da leitura dos títulos que continham o termo “mulher quilombola” ou algum outro que caracterizasse a pesquisa sobre a mulher no quilombo. Desta forma, elegemos a tese de doutorado de Gonçalves (2019) e as dissertações de mestrado de Santos, A. (2019); Santana (2019); Xavier (2018); Andrade (2016); Ferreira, M. (2016); Silva, L. (2016); Lima, G. (2015) e Santos, M. (2012).

Os objetos e territórios quilombolas pesquisados em cada pesquisa são distintos, no entanto podemos reunir, neste recorte, dois grupos com os interesses e discussões das pesquisas: Gonçalves (2019), Santos, A. (2019), Xavier (2018), Andrade (2016) e Lima, G. (2015) discutem questões sobre a construção das identidades quilombolas, a emancipação da mulher quilombola, sua liderança e participação política nas lutas do território, entre eles o direito à educação quilombola; Santana (2019); Ferreira, M. (2016); Silva, L. (2016) e Santos, M.

⁴² O caroá (nome científico: *Neoglasiovia variegata*), também conhecido como gravatá, gravá, caruá, croatá, caraguatá e corotá, é um tipo de bromélia de poucas folhas, com flores vermelhas ou rosadas. Seu nome vem da palavra em tupi *kara wã*, que significa talo com espinho. É uma planta resistente e típica das áreas de Caatinga. As folhas do caroá fornecem fibra para a confecção de barbantes, linhas de pesca, tecidos, cestos, esteiras e chapéus, além de outras peças artesanais e decorativas. Em Conceição das Crioulas é usado para a produção de bonecas, bolsas, colares e no bordado. Texto disponível em: <https://www.cerratinga.org.br/especies/caroa/>. Acesso em 25 mai 2021.

(2012) investigam sobre narrativas e aprendizagens de mulheres quilombolas na educação. Além dos temas individuais de cada pesquisa, é importante também citar questões que são comuns nessas escritas: formas de ser mulher no quilombo; identidades de gênero; o coletivo; a história oral como transmissão do conhecimento e preservação das memórias ancestrais; empoderamento e liderança das mulheres; narrativas de mulheres e a partilha de memórias.

Para o termo "feminino" e os mesmos descritores: período de dez (10) anos 2010/2019; na área de conhecimento Ciências Humanas nos Programas de Pós-graduação em Educação e História, encontramos setenta e duas (72) teses de doutorado e duzentos e sessenta e duas (262) dissertações de mestrado. A palavra feminino abrange um termo muito amplo e abarca diversas pesquisas, nos mais variados campos de investigação. Na análise de títulos e resumos não observamos nenhuma tese de doutorado com possibilidade de diálogo direto com o tema da pesquisa em Conceição das Crioulas. Nas dissertações de mestrado selecionamos Cordeiro (2012) e Santiago (2019) com trajetórias de lutas e resistências de mulheres negras. Suas investigações não se referem às mulheres quilombolas, mas apresentam e discutem questões sobre o feminismo negro que também é do interesse da minha investigação em curso.

Os resultados encontrados nas buscas realizadas no Catálogo online de Teses e Dissertações da CAPES, apontam-nos dois aspectos importantes: o interesse e a produção científica recente das(os) pesquisadoras(es), nas diversas áreas do conhecimento sobre as histórias e as problemáticas que envolvem as populações tradicionais e quilombolas e, por outro lado, a falta de pesquisas, dentro do período pesquisado, no campo de conhecimento das Artes e Artes Visuais sobre essas mesmas histórias.

A pesquisa em Conceição das Crioulas envolve gênero e quando falamos sobre essa temática, Dias e Loponte (2019) afirmam existir um consenso, entre pesquisadoras e pesquisadores, de que há uma carência de pesquisas sobre o tema nas Artes Visuais. Se juntarmos gênero e comunidades quilombolas a palavra carência pode ser permutada por inexistência. Podemos concluir, a partir deste recorte de dez anos, que as pesquisas sobre as histórias das Artes Visuais e as histórias sobre gênero que envolvem as Artes Visuais ainda passam muito longe das comunidades tradicionais e quilombolas.

Essa carência ou inexistência foi confirmada nas teses e dissertações encontradas nas buscas por pesquisas em programas de Artes Visuais com os descritores “mulheres quilombolas” e “feminino”. Contudo essa carência não é motivo de desânimo ou de arrependimento pela escolha do tema, mas reforça a minha vontade e a necessidade de explorar esse tema de estudo, mesmo com os desafios apresentados. E também corrobora a escolha por dialogar com mulheres ausentes nas pesquisas em Artes Visuais, no intuito de reparar uma urgência histórica e política, refutando as armadilhas do pensamento hegemônico, como nos convida as pesquisadoras Taís Ritter Dias e Luciana Gruppelli Loponte.

Agregar sujeitos considerados ausentes e marginalizados, bem como adicionar temas a uma concepção canônica de Artes pode, num primeiro momento, reparar uma urgência histórica e política, mas se revelar insuficiente na medida em que conserva as principais premissas do pensamento hegemônico, as mesmas que outrora serviram para justificar exclusões. (DIAS, LOPONTE, 2019, p. 07).

A busca por teses e dissertações em Artes Visuais que dialogassem com a pesquisa sobre as histórias e as imagens do feminino em Conceição das Crioulas, além de nos apresentar um quadro de exclusão do tema mulheres quilombolas nas pesquisas sobre as histórias das artes, também nos move para uma autoavaliação sobre a prática da docência em Artes Visuais. Se o que nos move na docência é a pesquisa, aquelas que realizamos e as que temos acesso nos artigos e livros, podemos avaliar que também há carência e inexistência de imagens produzidas pelas comunidades quilombolas quando partilhamos histórias das artes nas aulas. Portanto, ainda há muito trabalho pela frente, é preciso romper com o ciclo que inviabiliza as histórias das imagens das populações quilombolas, indígenas, povos tradicionais que são a base das histórias de origem do nosso país. E para isso a professora Vitória Amaral nos convida a uma desobediência estética e epistêmica.

Todas as escolhas que realizamos, inclusive na sala de aula, são efetuadas a partir de um ponto de vista, e este não é isento de política nem de ideologia. No nosso caso, trabalhamos com a desobediência estética e epistêmica. (...) Com isso, estamos considerando as produções artísticas locais e marginais e com certeza dando outra visibilidade e valor à arte e à estética. (AMARAL, 2019, p. 254).

E estar em Conceição das Crioulas é fazer parte dessa desobediência, é empenhar-se em outros trajetos, outras buscas e de novos questionamentos para as narrativas das Artes Visuais e dos questionamentos sobre as histórias, voltamos aqui às concepções sobre as histórias induzidas pelo substantivo nkali: como elas

são contadas, quando são contadas, quantas são contadas e por quem são contadas.

Voltemos ao quadro de exclusão do tema mulheres quilombolas nas pesquisas sobre as histórias das artes. Como verificamos a falta de pesquisas, podemos concluir a dificuldade de encontrarmos imagens produzidas pelas comunidades quilombolas nas aulas de Artes Visuais na Educação Básica e nos cursos universitários de formação de professoras(es). Juntos a esse contexto, os obstáculos que encontramos, embora atualmente seja mais fácil do que há décadas atrás, para priorizarmos leituras produzidas por mulheres, já que estamos investigando sobre mulheres.

Por longos séculos, denuncia Tiburi (2019, p.48), “homens produziram discursos, apagaram os textos das mulheres (...) inclusive sobre elas”. Por isso, não fica difícil de entender o porquê de o referencial teórico produzido por homens, infelizmente, ainda gerar mais confiança e prestígio no meio acadêmico. Contudo, tivemos uma atenção, uma preocupação especial sobre o referencial teórico para esta pesquisa. Inspiradas por Evaristo (2016) e seu interesse em escrever histórias de mulheres; Estés (2007 e 2018) ao encontrar-se com as histórias ancestrais das mulheres; e hooks (2020b) em seu convite para a produção de novos trabalhos por e sobre mulheres, durante a investigação procuramos ler principalmente escritas produzidas por mulheres.

Para hooks (2020a) as produções literárias feministas das décadas de 1970 e 1980, fizeram o papel de resgatar as histórias, instigando a produção de novos trabalhos por e sobre mulheres. Também nesse sentido, Zaccara (2016, p. 1055) afirma que “a partir dos anos 70, principalmente nos Estados Unidos, um número importante de artistas, escritoras, dramaturgas, poetisas ou compositoras foram reveladas, retiradas do esquecimento”. Demorou, não foi fácil e ainda não é, mas a mulher conquistou o seu lugar de fala, o direito de contar suas histórias e neste sentido, ainda afirma hooks (2020a, p. 42), a produção de “um *corpus* de literatura feminista junto com a demanda de recuperação da história das mulheres foi uma das mais poderosas e bem sucedidas intervenções do feminismo contemporâneo”.

Nasci na década de 1970 e não me recordo de ter lido algum texto ou participado de alguma discussão durante minha educação formal antes da universidade, que envolvesse as escritas da literatura feminista. É importante

ressaltar que o livro da professora, filósofa e ativista Angela Davis, “Mulheres, Raça e Classe”, foi traduzido para o português trinta e cinco anos após a publicação original nos Estados Unidos e publicado no Brasil somente em 2016. No cenário político-social brasileiro, as décadas de 1970 a 1990 foram imersas em um período de ditadura militar, seguido de uma redemocratização a partir do ano de 1985, sob um governo federal escolhido ainda a partir de eleições indiretas. Ou seja, foram trinta anos muito conturbados, com ênfase no patriarcado estrutural na sociedade brasileira e, conseqüentemente, a exclusão de mulheres intelectuais que produziram conhecimento.

A constatação da ausência de estudos, narrativas, poesias, realizados por mulheres durante o período de 1970 a 1990, embora me refira a uma experiência individual, não representa um caso isolado. Portanto, faço parte de uma geração que vivencia um processo de desvelamento recente ao se encontrar com as histórias dessas artistas, escritoras, ativistas, dramaturgas, poetizas e/ou compositoras, e de tantas outras que, como mulheres, não devem ser relegadas ao esquecimento.

E neste processo de desvelamento, escrever com e sobre mulheres se fez necessário um mergulho nos escritos feministas. Em hooks (2020b), e sua defesa de uma educação feminista para uma consciência crítica, percebi que na docência em Artes Visuais praticava e propunha a leitura crítica das imagens, especialmente nas imagens relacionadas às mulheres, porém não nomeava as discussões levantadas como “questões feministas”. Não me assumia como “mulher feminista” e neste sentido, hooks (2020a p. 13) aponta onde está o problema e nos lembra que “nós, mulheres e homens, temos sido socializados desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas”. Incluo-me nessa lista e faço uma autocrítica para compreender as histórias do feminismo. Assumo assim, a minha inércia durante anos em aceitar sem críticas, pensamentos e ações sexistas. Também reconheço o medo de me assumir feminista e escutar as críticas que provavelmente não saberia, naqueles momentos, como rebatê-las, faltava-me aprofundar nas leituras sobre as teorias e práticas feministas, para não reafirmar as ideias do senso comum.

Em vista disso, antes de ouvir as histórias da comunidade quilombola imbuídas de práticas feministas, embora também, muitas vezes, não nomeadas como feministas, fez-se necessário voltar no tempo e visitar as histórias de lutas das mulheres. Pretendemos aqui não fazer um resumo histórico sobre as ondas do

feminismo, mas um recorte sobre as teorias feministas que se relacionam com a pesquisa em Conceição das Crioulas: feminismo liberal, feminismo negro, feminismo quilombola; e feminismo interseccional.

Deste modo, voltemos aos protestos das donas de casa de classe média, nos meados do século 19. Na nova era do capitalismo industrial, mulheres brancas insatisfeitas aderem às causas abolicionistas, o que, para Davis (2016, p. 49) “conferiu a elas a oportunidade de iniciar um protesto implícito contra o caráter opressivo de seu papel no lar”. Começava assim, a história do feminismo liberal. Isso não significa dizer que, antes desse momento, outras mulheres (não brancas e de classe menos favorecida, as operárias, pobres, solteiras ou casadas, trabalhadoras e donas de casa) não estavam insatisfeitas com suas realidades, com seu papel no lar e também fora dele. Mas, o que essa história nos conta, é que suas aflições e protestos não foram ouvidos, nem relatados ou ainda que por longos anos não tiveram a oportunidade de se organizarem como um grupo de mulheres. O conceito de nkali, mais uma vez se faz presente.

O feminismo, afirma hooks (2020a, p. 13), “é um movimento para acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão”, e assim promover a igualdade entre homens e mulheres por vias institucionais e de forma gradativa. Entretanto, no começo de sua história a luta pela igualdade social com os homens, complementa hooks (2019, p. 49) teve “efeitos relevantes para a situação de mulheres de classe social superior, mas impactando de modo muito marginal o status das mulheres pobres e operárias”. A história nos conta que, dentro do movimento, a espera para que essas outras vozes de mulheres (as não brancas, de classe menos favorecida, as operárias, pobres, solteiras ou casadas, trabalhadoras e também donas de casa) fossem ouvidas, foi penosa e longa. Ainda assim, nos afirma Tiburi (2019, p. 43), o movimento feminista, “é complexo, de caráter inventivo e seu modo de ser é processual”. Ao longo das histórias de mulheres críticas e combativas, o movimento foi capaz, não sem embates, enfrentamentos e nem sempre chegando a um consenso, de se recriar, se reinventar e ouvir outras vozes.

Bairros (2020, p. 2008), citando Judith Grant, sobre “conceitos básicos (e problemáticos): mulher, experiência e política pessoal”, herdados do feminismo radical, ressalta que até um determinado momento, tais conceitos “foram úteis para definir uma coletividade e seus respectivos interesses”, mas são problemáticos

porque não podem ser usados para definir ou unir todas as mulheres.

Assim este período da história feminista, o feminismo liberal, também denominado como feminismo hegemônico, passou a ser exposto

(...) em seu etnocentrismo, anglo-eurocentrismo, (neo)liberalismo, branqueamento e negligência de questões coloniais e raciais que atravessam etnias, nacionalidades e geografias. Também, passou a ser retratado como um feminismo do Primeiro Mundo ou Norte Global, muito pouco sensível às questões das “outras” mulheres do feminismo. (BALLESTRIN, 2020, p. 04).

Essas “outras” mulheres, as que não estavam dentro desse círculo geográfico e cultural do “primeiro Mundo ou Norte Global”, por muito tempo tiveram suas contribuições ignoradas. Entre estas contribuições hooks (2020, p. 254) assinala a das “mulheres negras”; Miñoso (2020, p.111), as das mulheres da América Latina que se contrapõe ao “desejo salvacionista” das feministas estadunidenses, denunciando a repetição do modelo imperialista; Oyěwùmí (2020, p. 85) “o uso do gênero como modelo explicativo para que se compreenda a subordinação e a opressão das mulheres” afirmando que “gênero é uma construção social”, e ainda “a categoria mulher não é universal”.

Com o caráter inventivo e processual, o movimento feminista continuou sua jornada em constante processo de aprendizagem e como nos convida Spivak (2010) de “dasaprendizagem”, entre teorias e experiências de mulheres de diferentes lugares, posição social e cultural. Assim, o movimento e a teoria feminista se beneficiaram das influências críticas nas questões de raça, classe e cultura.

Ocorre uma primeira mudança na virada do século 19 para o 20, assinala Collins (2019, p. 75), com o “movimento de associações de mulheres negras” e um segundo movimento ou “feminismo negro moderno, estimulado pelos movimentos antirracistas e por justiça social para as mulheres dos anos 1960 e 1970”. É importante ressaltar que continuamos ainda falando do cenário estadunidense.. Nesses anos, hooks (2020) afirma que testemunha com esperança o processo do movimento das mulheres negras no aprendizado em grupos sobre o feminismo e celebra a

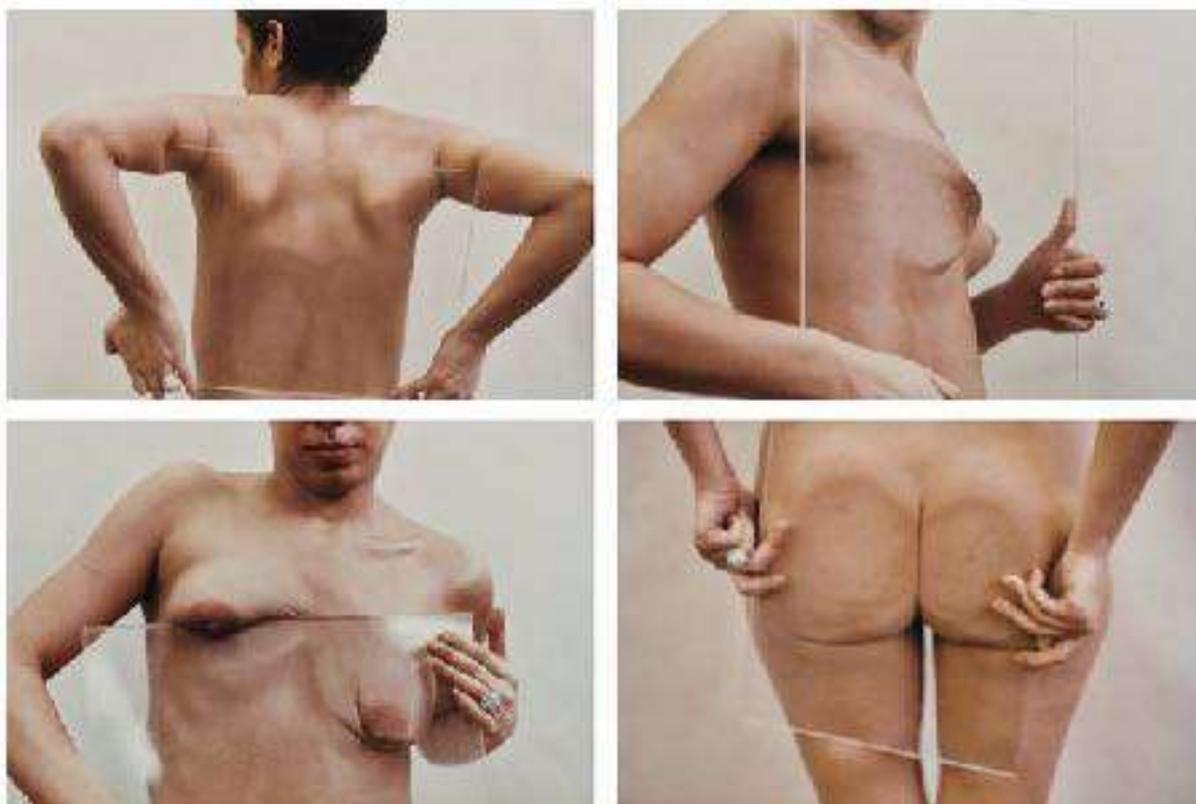
(...) a revolução de consciência que aconteceu quando mulheres individuais começaram a se libertar da negação, a se libertar do pensamento de supremacia branca. Essas maravilhosas mudanças restauram minha fé no movimento feminista e fortalecem minha solidariedade a mulheres. (hooks, 2020b, p. 93).

Como teoria e prática, reitera Gonzalez (2020, p. 140) o movimento feminista

“desempenhou um papel fundamental nas lutas e conquistas das mulheres, estimulou a formação de grupos e redes” e desenvolveu a busca por uma nova maneira de ser mulher”.

E como estamos em uma investigação das Artes Visuais, fomos em busca de como esses grupos, redes e uma nova maneira de ser mulher também influenciaram as artistas. Citamos aqui, Ana Mendieta, nascida em Cuba, migrou ainda criança para os EUA. Em suas produções usou e expôs seu corpo (Imagem 42) para falar do âmbito social e da violência de gênero vivenciada pelas mulheres e por ela.

Imagem 42 - Ana Mendieta, Impressões de vidro sobre corpo, 1972.



Fonte: Revista Desvio⁴³.

Sua história como mulher e artista foi precoce e tragicamente encerrada. Ana Mendieta morreu aos 36 anos ao cair do 34º andar do prédio onde morava em Nova York com seu marido, o também artista Carl Andre. Sua morte até hoje suscita dúvidas, embora a justiça estadunidense tenha absolvido o marido, única pessoa que estava com Ana Mendieta, momentos antes de sua morte. A pergunta ainda faz

⁴³ Disponível em: <https://revistadesvio.com/2020/03/14/ana-mendieta-entre-o-feminismo-e-o-ritual/>.

parte de sua biografia: ela caiu, pulou ou foi jogada da janela?

A vida de Ana Mendieta foi tragicamente interrompida, contudo suas produções continuam a gritar, a questionar, a problematizar sobre as mulheres e seus corpos. Estes temas foram discutidos pelas feministas ao longo dos anos.

E nesse caminhar de longos anos, de lutas contra os diversos tipos de violências sofridas, além de estimular uma tomada de consciência, Collins (2019, p. 78) nos aponta que “o pensamento feminista negro afirma, rearticula, e proporciona um veículo para expressar publicamente uma consciência que muitas vezes já existe”, somente ainda não é nomeada como feminista. E não é imperativo que seja nomeada, mas como movimento da coletividade, proporciona oportunidade de que as vozes daquelas que não têm história e não podem falar, sejam ouvidas.

Vozes daquelas que Spivak (2010, p. 85), vai chamar de “sujeito subalterno” e quanto às mulheres, afirma a teórica indiana “o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”, conseqüentemente mais difícil de serem ouvidas. As vozes silenciadas das viúvas imoladas junto ao marido morto a quem Spivak (2010) refere-se como símbolo de subalternidade, estão confinadas, segundo Kilomba (2019, p. 47) “à posição de marginalidade e silêncio que o pós-colonialismo prescreve“. Essa mesma posição de marginalidade e imposição de silêncio às(aos) sujeitas(os) colonizadas(os), é problemática se entendida como absoluta “porque sustenta a ideia de que o sujeito negro não tem capacidade de questionar e combater discursos coloniais” (Ibid, p.48). Neste sentido, as vozes e a consciência articulada do movimento feminista negro, empodera e fomenta resistência, não somente das afro-americanas, como nos afirma Collins (2019), mas também das mulheres negras, latinas e indígenas das Américas. Estas também são vozes que demoraram para serem ouvidas, histórias feministas que contribuíram para os processos de aprendizado do movimento e que precisam ser contadas: as vozes e olhares das outras Américas.

Esse novo olhar feminista e antirracista, ao se integrar em si tanto as tradições de luta do feminismo negro como a tradição de luta do movimento de mulheres, afirma essa nova identidade política decorrente da condição específica do ser mulher negra. O atual movimento de mulheres negras, ao trazer para a cena política as contradições resultantes da articulação das variáveis de raça, classe e gênero, promove a síntese das bandeiras de luta historicamente levantadas pelos movimento negro e de mulheres do país, enegrecendo de um lado, as reivindicações das mulheres, tornando-as assim mais representativas do conjunto das mulheres brasileiras, e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e

reivindicação do movimento negro. (CARNEIRO, 2019, p. 315).

Nesse conjunto de mulheres brasileiras negras lutando pelos seus direitos e que também ainda são ignoradas nos debates teóricos feministas estão as mulheres quilombolas. Gonzalez (2020) amplia o termo mulher quilombola para todas as mulheres negras, em um sentido metafórico. E explica sua metáfora.

(...) A mulher negra tem sido uma quilombola exatamente porque, graças a ela, podemos dizer que a identidade cultural brasileira passa necessariamente pelo negro.

Enquanto escrava ela foi dirigida para diferentes tipos de trabalho que iam desde aquele do campo (plantação de cana, de café, etc) até o tratado doméstico (...) enquanto estava no eito ela estimulou os companheiros para a revolta, a fuga e a formação de quilombos. Enquanto habitantes destes últimos ela participou, como em Palmares das lutas contra as expedições militares destinadas à sua destruição, nunca deixando de educar seus filhos dentro do espírito antiescravagista, anticolonialista e antirracista. (GONZALEZ, 2020, p. 198).

Silva, G. (2020, p. 54) descreve as mulheres negras quilombolas como “guardiãs da pluralidade de conhecimentos que emergem e são praticados nos territórios quilombolas”. Como guardiãs, elas têm a tarefa de proteger e difundir esses conhecimentos, “atuam como acervo da memória coletiva” dos quilombos. E esse acervo, afirma Gonzalez (2020) compõe a identidade cultural brasileira, na difusão alimenta e amplia não somente as lutas do povos quilombolas, mas de todas(os) que a aliam na defesa de uma sociedade antiescravagista, anticolonialista e antirracista.

A poetisa, cantora e compositora Ana Cleide Vasconcelos, do Quilombo Arapemã, em Santarém - PA, declama em seus poemas essa vontade de construir um país melhor no trabalho, na saúde, na educação.

Mulheres da Amazônia

As mulheres da Amazônia,
Negras, indígenas, pescadoras.
As lavadeiras, as parteiras e as benzedoras.
Muitos anos atrás
Elas sofriam demais
Sem conhecer seus direitos
Muita coisa ficava pra trás
Mas hoje tudo mudou
Com a luta das mulheres
Muita coisa se concretizou
Avançamos na política, avançamos na sociedade.
Avançamos no trabalho, na saúde, na educação.
Mas ainda tem gente que diz
E usa de discriminação

Dizendo que o lugar da mulher sempre foi na beira do fogão
 Ah! Companheiro, isso não existe mais não.
 Porque a mulher tem seu direito e seu poder de decisão.
 Ah! Companheiro, isso não existe mais não.
 Porque a mulher tem seu direito e seu poder de decisão.
 (VASCONCELOS, 2020, p. 22)

As mulheres negras quilombolas continuam lutando, seja no meio urbano ou rural, em busca de caminhos que, defende Silva, G. (2020, p. 56-57) “levem mulheres negras, quilombolas, jovens negras e negros, indígenas, a compreender o que representam seus territórios em suas vidas e vice-versa”, reconhecendo a diversidade da mulher negra quilombola “para dar visibilidade a corpos e vozes historicamente silenciadas e subalternizadas, as vozes das mulheres negras e quilombolas”.

As críticas de feministas negras, latinas, indianas, quilombolas e tantas outras mulheres intelectuais, produzindo e disseminando conhecimento nas universidades e fora delas, causaram fissuras nas práticas e teorias feministas. Críticas de acordo com Ballestrin (2020, p. 04) de “movimentos de mulheres que identificam, na existência de um feminismo hegemônico, a promoção de uma outra relação de subalternidade sobre mulheres historicamente subalternizadas”. Estas considerações fizeram o movimento convergir para novos embates e debates; avaliar realidades distintas; abrigar novos textos e reflexões. E das críticas, fissuras e discussões nasce o feminismo interseccional.

A chegada de uma nova terminologia não implica que teorias e práticas interseccionais não tenham acontecido antes, como mencionamos anteriormente sobre o próprio termo “feminismo”. Para explicitar a interseccionalidade antes da teoria ser discutida, Díaz-Benítez (2020, p. 264) reporta-se à Antropóloga Mara Viveiros ao situar “a presença dessas ideias em 1791 com Olympia de Gouges⁴⁴ na Declaração dos Direitos da Mulher e com Sojourner Truth⁴⁵, em 1851, ao falar sobre sua experiência de mulher negra operária.

As feministas negras propuseram diversos tipos de agência coletiva e vários contrapontos em relação aos projetos emancipatórios do feminismo hegemônico. Entre as principais, leituras interseccionais da história em torno de algumas discussões centrais: o legado da escravidão, o acesso a trabalho, maternidade, reprodução e família

⁴⁴ Olympia de Gouges (1748-1793) foi o pseudônimo de Marie Gouze dramaturga, ativista política, feminista e abolicionista francesa.

⁴⁵ Sojourner Truth (1797-1883), mulher, negra, escravizada liberta e abolicionista estadunidense.

como eixos a partir dos quais seria preciso olhar para as especificidades. (DÍAZ-BENÍTEZ, 2020, p.-265).

Em escritas publicadas no ano de 1989, a pesquisadora e jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw sistematizou a ideia de interseccionalidade. Como metodologia analítica, Bilge e Collins (2020, p. 16) afirmam que a “interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder, influência as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana”. Essa forma de “entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas”, sistematizada em uma teoria no feminismo, amplia o olhar para especificidades das mulheres. Assim atribui a intersecção entre classes sociais, etnia, orientações sexuais, transexualidade entre outras, que vivenciam opressões de diversas formas, não somente a partir do gênero. Dito isso, a interseccionalidade nas teorias feministas faz uma leitura nas especificidades das realidades das mulheres.

Com as abordagens interseccionais, acrescenta Díaz-Benítez (2020, p. 271), o feminismo “ganha quando percebe o poder como uma relação e não como algo que alguns possuem e outros não”. Assim, o feminismo contemporâneo, um movimento que continua em constante processo de transformações, discussões e debates, nos leva, convida Tiburi (2019), à luta por direitos “de todas, todes e todos”. As mulheres que levam a luta adiante; as pessoas liberadas pelo feminismo de se identificarem como mulheres ou como homens ou ainda a não se identificarem, e também os homens companheiros de luta para a construção de sociedades verdadeiramente democráticas e igualitárias.

Entre tantos marcadores, definições, nomes para teorias e práticas, concluímos essa curta volta às histórias do feminismo. E antes de finalizarmos, propomos também desconstruirmos tais marcadores nomes de gênero, raça, classe, cultura e outras(os) com as ideias sobre os diversos lugares da diferença de Glória Anzaldúa, também defendidas por Maria Elvira Díaz-Benítez.

Está no feminismo o papel de nos traduzirmos umas às outras e de nos situarmos nos diversos lugares da diferença. Glória Anzaldúa logrou pensar a si mesma como uma nova mestiça, como mulher que não é apenas mulher, nem apenas lésbica, nem apenas mexicana, chicana ou americana, mas uma mulher no seio de toda essa mestiçagem e de todos esses hibridismos, no seio da fronteira com todos os seus desequilíbrios históricos e exclusões múltiplas. (...) Como diz Judith Butler comentado as ideias de Glória Anzaldúa: “É somente através de existirmos no modo da tradução, da constante tradução, que teremos alguma chance de produzir um entendimento

multicultural das mulheres, de fato, da sociedade. (DÍAZ-BENÍTEZ, 2020, p. 274).

Continuemos a contar tais histórias, a aprendê-las, a desaprendê-las, a construí-las e também desconstruí-las. Atentas a como essas histórias são contadas, quando são contadas e quantas são contadas. Atentas aos mecanismos de poder que envolvem o desenrolar e o contar dessas histórias. Atentas a concepção de nkali.

Estes mecanismos de poder que definem quais histórias serão contadas fazem parte dos processos de formação de várias gerações; de formação e definição das culturas; de processos educativos formal ou informal. Eu, mulher, branca, cisgênera, mãe, casada, pesquisadora das histórias e imagens de mulheres, ouvindo e tendo acesso a algumas histórias sobre mulheres, cheguei à comunidade quilombola carregando nas costas o mito da mulher frágil. Essa carga na mochila se deve às minhas vivências como uma pessoa com acesso à privilégios na sociedade brasileira. Um deles, a educação escolar de qualidade, (embora a educação no Brasil seja um direito fundamental garantido pela Constituição de 1988, na prática, isso não acontece), me permitiu fazer escolhas pessoais e profissionais,. Entretanto demorei a compreender as vertentes do feminismo e me questionar sobre o protagonismo das mulheres negras nas histórias que vivenciei, as herdeiras daquelas que foram sequestradas e traficadas para trabalhos forçados nas Américas.

Por isso fiquei encantada, admirada com a força e energia empreendidas em tantas lutas por aquelas mulheres. Além da admiração, o mito da mulher frágil me trazia a pergunta “de onde elas conseguiam tal força?” A pergunta possivelmente estava presente porque eu não tinha ouvido o grito de Sojourner Truth; as críticas de Angela Davis, bell hooks, María Elvira Díaz-Benítez e Lélia Gonzalez; as histórias de Clarissa Pinkola Estés, Conceição Evaristo, Gayatri Spivak, Grada Kilomba, Maria Carolina de Jesus, Patricia Hill Collins, Márica Tiburi, Sueli Carneiro, Luciana Ballestrin, e muitas outras que não estão nesta escrita.

Os encontros e escutas em Conceição das Crioulas não deixam espaço para encontrar o mito da mulher frágil no imaginário das mulheres negras quilombolas e de suas ancestrais sequestradas de seus reinos, de suas casas e de seus amores como nas histórias de Adetutu contadas por Reginaldo Prandi (2007).

Fechou os olhos tentando dormir, não conseguia. O balanço do navio

negreiro a enjoava, o corpo doía, o corte no pé latejava. Adetutu não tinha forças para nada, a não ser chorar. Onde estariam seus pequenos Taió e Caiandê? Talvez nunca mais os visse, nunca mais os abraçasse nem lhes desse o leite que agora escorria dos seios inchados e doloridos.

Adetutu sentiu nos lábios ressequidos o sal de suas lágrimas; soluçava. No escuro do porão apertado e fétido do navio negreiro, que se arrastava pelo oceano na noite sem estrelas, a mulher deitada ao lado fez um esforço para vencer o peso das correntes que as uniam e apertou o braço de Adetutu num gesto de conforto. E de dor compartilhada pelo destino comum dos que haviam sido caçados para ser escravos em terras estrangeiras.

No sonho embalado pelo sobe e desce das ondas, Adetutu se agarrou aos orixás, que reacendiam suas esperanças. Juntou-se a eles no sonho, e reviveu com fé as aventuras dos deuses na criação do mundo, o mundo de Adetutu e dos outros africanos que, como ele, vinham sendo transportados para o Brasil naquele e em incontáveis outros navios negreiros, o mundo de todos nós (PRANDI, 2007, p. 8-11)

Assim como Reginaldo Prandi nos narra os caminhos e sonhos de Adetutu até a chegada na terra para onde foi sequestrada e seria escravizada, a artista Priscila Rezende na instalação/performance “Nau frágil”, realizada na cidade de Poznan, Polônia (Imagens 43 e 44) oferece rosas vermelhas ao público participante. Uma outra referência muito interessante que trazemos das Artes Visuais para dialogar com a pesquisa.

Imagem 43 - Priscila Rezende, Nau frágil, 2019, (instalação/performance).



Fonte: Adam Ciereszko⁴⁶.

⁴⁶ Disponível em: <http://priscilarezendeart.com/projects/nau-fragil-2019/>.

Imagem 44 - Priscila Rezende, Nau frágil, 2019, (instalação/performance).



Fonte: Adam Ciereszko⁴⁷.

Em um espaço delimitado por cercas de arame farpado, a artista se coloca em pé entre uma outra demarcação de espaço, não com arame farpado, mas de rosas brancas nos seus galhos com espinhos. Ao centro há um pequeno barco carregado de rosas vermelhas também com galhos e espinhos, mas não estão demarcando espaços no barco, essas rosas estão ali para serem ofertadas pela artista. As cores gritam ao redor de Priscila Rezende. Vermelho sangue, de amores perdidos, de lágrimas de dores pelas(os) que ficaram e pelo que vai acontecer no lugar desconhecido. Milhares de mulheres escravizadas levadas para terras estrangeiras longe de tudo e de toda(os) que elas conheciam e amavam. Branco do silêncio, da paz e também do luto. Ausência de tanta coisa que não cabe em palavras. A artista encena na performance *Nau frágil*, as descendentes de Adetutu, aquelas também que não conheceram o mito da mulher frágil. Mulheres que depois de vencerem a morte, continuaram lutando pela liberdade.

Entre estas, a escravizada liberta no século 19, Sojourner Truth (Imagem 45), aquela que falou para um público de mulheres e homens brancas(os), sobre sua experiência de mulher negra operária em 1851. Foi durante a segunda convenção anual do movimento pelos direitos das mulheres em Akron, Ohio/EUA. Sojourner

⁴⁷ Disponível em: <http://priscilarezendeart.com/projects/nau-fragil-2019/>.

Truth sabia que aquele movimento de mulheres por direitos, chamado feminismo, não a incluía, seus anseios não estavam ali representados. Bem que tentaram impedi-la, fizeram muita algazarra e gritaria em protesto, mas ela falou em alto e bom som para todas(os) ouvirem. De que mulher era aquela que falavam?

Imagem 45 - Sojourner Truth (1797-1883)



Fonte: Scenichudson.org⁴⁸

⁴⁸ Disponível em: <https://www.scenichudson.org/explore-the-valley/our-parks/sjtrail/>. Acesso em: 15ou2021.

Bem crianças onde há muita algazarra teve ter alguma coisa que não está certa. Penso que entre as negras do Sul e as mulheres do Norte todas estão falando sobre direitos, os homens brancos logo, logo terão problemas. Mas sobre o que isso tudo aqui está falando? Que o homem lá fala que as mulheres precisam de ajuda para subir na carruagem, para passar sobre as valas e para ter os melhores lugares (...) eu não sou uma mulher? (...) Olhem pra mim! (...) Eu conseguia trabalhar tanto quanto qualquer homem (quando conseguia trabalho) -e aguentar os chicotes também - e eu não sou uma mulher? Pari cinco crianças e vi a maioria delas ser vendida para a escravidão, e quando chorei meu luto de mãe, ninguém além de Jesus me ouviu - e eu não sou uma mulher? (hooks, 2020, p. 252-253)

A escravizada liberta faz uma previsão para um futuro próximo - quando as mulheres começarem a falar em direitos os homens logo, logo terão problemas! Não são reivindicações sobre ajuda nos afazeres domésticos ou sobre direitos para apenas algumas mulheres. São reivindicações sobre direitos para mulheres que trabalham tanto quanto qualquer homem; mulheres que cuidam da casa; que são mães e cuidam de várias crianças estando casadas ou solteiras. Sojourner Truth, mulher abolicionista não reclamava apenas pelos direitos das mulheres negras, mas pelo direito de ser enxergada por aquelas e aqueles que ali estavam.

Sojourner Truth e suas companheiras de trabalho escravizado e depois em liberdade também nunca ouviram falar no mito da mulher frágil, que precisam de ajuda para subir na carruagem, realidade daquelas mulheres brancas que ali estavam na convenção em 1851. Esta mulher negra, escravizada liberta, que exige ser vista e ouvida, foi umas das mulheres inspiradoras para o movimento negro feminista do século 20.

Assim como Sojourner Truth, Toni Morrison, bell hooks, Angela Davis, Maria Carolina de Jesus, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo, Priscila Rezende e tantas outras mulheres que não se calaram, que exigiram ser vistas e ouvidas. Mulheres que nunca reconheceram em si mesmas o mito da mulher frágil porque nunca foram tratadas como frágeis. Sobre esse tema Carneiro (2019) afirma.

(...) Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós mulheres negras fazemos parte (...) de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. (CARNEIRO, 2019, p.314).

Portanto, não é tolerado adentrar em uma comunidade quilombola do sertão pernambucano ou em qualquer outra, carregando este mito na mochila, nos rascunhos ou nos pensamentos. Mas, ainda assim, se a ideia do mito da mulher frágil persistir em ficar, ao escutarmos as histórias das mulheres nas comunidades quilombolas, ela logo cairá por terra. Este mito não se faz presente nas histórias das mulheres crioulas que chegaram ao sertão nordestino. Os olhares de admiração e encantamento são permitidos sobre suas histórias, mas não os de estranhamento sobre a ótica de um mito ao qual elas nunca tomaram parte.

As vozes das mulheres de Conceição das Crioulas se juntam ao de todas as mulheres que lutaram e continuam lutando pelos direitos que lhes foram negados. Nesse sentido, pesquisar sobre histórias e imagens, com as mulheres da comunidade quilombola busca uma recuperação das histórias das mulheres com a produção de trabalhos por e sobre mulheres e colabora com a ampliação do corpus literário, citado por Zaccara (2016) e hooks (2020a).

Juntamos até aqui vários retalhos e recortes de novos tecidos que encontramos nas escritas feministas. Continuemos o processo de desconstrução dos mitos sobre a mulher e de processos de desaprendizagem, inspiradas em Spivak (2010), esses são retalhos que precisam ser replicados em vários momentos na escrita pesquisa que arremata a costura da colcha. Nesse desaprender abordaremos outra questão: as reflexões sobre gênero e a docência das Artes Visuais.

Voltemos às diversas possibilidades de leituras das histórias da arte, as histórias e imagens de mulheres que me instigaram e ainda instigam na caminhada de pesquisadora/professora/fazedora de imagens. Com os retalhos recolhidos das teorias feministas, retornamos à pesquisa com outros olhares e questionamentos: sobre a prática docente em Artes Visuais, as imagens que escolhemos para problematizar em sala de aula e as pesquisas sobre as imagens produzidas por ou sobre mulheres.

Neste contexto, as reflexões sobre gênero no ensino das Artes Visuais de Dias e Loponte, (2019), quando exemplificam que as escolhas superficiais, como apenas acrescentar artistas mulheres nas aulas, sem um estudo crítico que possa gerar uma problematização sobre o tema, apontam direções que não devemos seguir para não repetirmos discursos que pensamos estar criticando, mas na

verdade realizamos algo irrisório, sem grandes transformações.

(...) é preciso admitir que somente a adição de artistas mulheres nas aulas de Artes Visuais não implica, necessariamente, uma abordagem política da arte ou uma leitura que tenha como panorama as discussões de gênero, podendo inclusive, restituir e fortalecer análises estritamente formalistas. Além disso, tal inserção pode se tornar uma estratégia puramente reformatória, um conteúdo programático a mais que os/as professores/as sentem-se obrigados/as a cumprir. (...) Enfim um acréscimo que se pode encaixar de muitos modos com o que já está consagrado no ensino de Artes Visuais, sem alterar concepções de gênero hegemônicas, discriminações correntes e efeitos de poder que aí circulam (DIAS e LOPONTE, 2019).

Inserir as produções de artistas mulheres nas discussões em sala de aula sem instigar o pensamento crítico sobre o que representa tais imagens no contexto das Artes Visuais, da sociedade brasileira e das questões sobre a mulher na sociedade é praticar a docência sem alterar concepções de gênero hegemônicas, discriminações correntes e efeitos de poder. Ou seja, é reafirmar aquelas histórias já contadas, de uma forma diferente.

Precisamos desaprender o que nos foi ensinado durante longos anos pela narrativa colonizadora. Decolonizar a educação, as discussões, as leituras.

Decolonizar a educação significa, entre outros argumentos, reconhecer que os indígenas, trabalhadores rurais, afro-descendentes ou surdos, vêm até a universidade não somente para aprender e transformar-se, mas também para ensinar. A decolonialidade da educação é alcançada na medida em que se reconhece a validade e a importância dos saberes “outros” não oficializados pela matriz colonial. (OCAÑA; ARIAS; CONEDO, 2018, p. 79, tradução nossa)⁴⁹.

Esses saberes “outros” já nos falava o mestre Paulo Freire, ao propor a educação problematizadora contra a pedagogia das classes dominantes. Freire (1987) defende a educação como prática da liberdade e recomenda que as pessoas percebam e realizem uma análise crítica das dimensões significativas de suas realidades. Essas realidades das comunidades que Paulo Freire tanto defendeu, muitas vezes não estão incluídas nas matrizes ou currículos oficiais. Freire (1987), e Dias e Loponte, (2019), nos instigam a discutirmos e propor, a partir das leituras de histórias e imagens de mulheres, alterações às concepções de gênero hegemônicas; a estarmos atentas(os) a discriminações correntes e efeitos de poder

⁴⁹ Decolonizar la educación significa, entre otros argumentos, reconocer que los indígenas, campesinos, afros o sordos, vienen a la universidad no solo a aprender y transformarse sino también a enseñar. La decolonialidad de la educación se logra en la misma medida en que se reconoce la validez e importancia de los saberes “otros” no oficializados por la matriz colonial.

que circulam nos conteúdos programáticos. Entre estas leituras críticas, por exemplo, um bom exemplo são as representações da Vênus⁵⁰, as figuras femininas produzidas em várias épocas e em diferentes lugares. Estas imagens não somente se apresentam como a figura da mulher deusa, da mulher inatingível, mas são também concepções de gênero hegemônicas, eurocêtricas e de poder.

Além das produções denominadas vênus com a beleza de inspiração grega e de concepções de gênero hegemônicas, juntemos ao nosso cesto de retalhos a imagem da mulher que recebeu esse título à revelia, Saartjie Baartman (Imagem 46), conhecida como a Vênus Hotentote.

Imagem 46 - Saartjie Baartman, conhecida como a Vênus Hotentote.



Fonte: HALL, 2016, p, 202.

⁵⁰ Vênus, nome dado a deusa do amor e da beleza na mitologia romana. Na mitologia grega, corresponde à deusa Afrodite.

Mulher africana que virou atração de circo no século 19, por seus alçôres e platéia, por crerem que suas características eram exóticas. Amor, beleza, ideia de mulher inatingível são algumas das características da deusa do amor e da beleza do mito greco-romano que Saartjie Baartman não herdou. Estas concepções de gênero eurocêntricas, determinaram ao longo dos séculos o nome das imagens femininas encontradas por arqueólogos ou produzidas por artistas. Segundo Hall (2016), Saartjie Baartman “não se encaixava na norma etnocêntrica aplicada às mulheres europeias”. Embora tenha recebido o nome “vênus”, não lhe foi transferida a simbologia do amor e da beleza da deusa da mitologia greco-romana, mas os olhares de horror e abominação pelas suas formas chamadas exuberantes.

Saartjie Baartman é a vênus desprezada e ridicularizada. Ela estava “fora de um sistema classificatório ocidental sobre como são as ‘mulheres’ ”, (Ibid, p. 203), ela é a “outra” entre as imagens de mulheres que as histórias da arte nominou como vênus. Como vênus ridicularizada não faz parte da lista do quadro comparativo de Eco (2019) “Vênus nua” (Imagem 47). Recebe o nome da deusa sem sua glória e sua imagem não faz parte da historiografia da arte ocidental que apresenta os corpos femininos intitulados como Vênus.



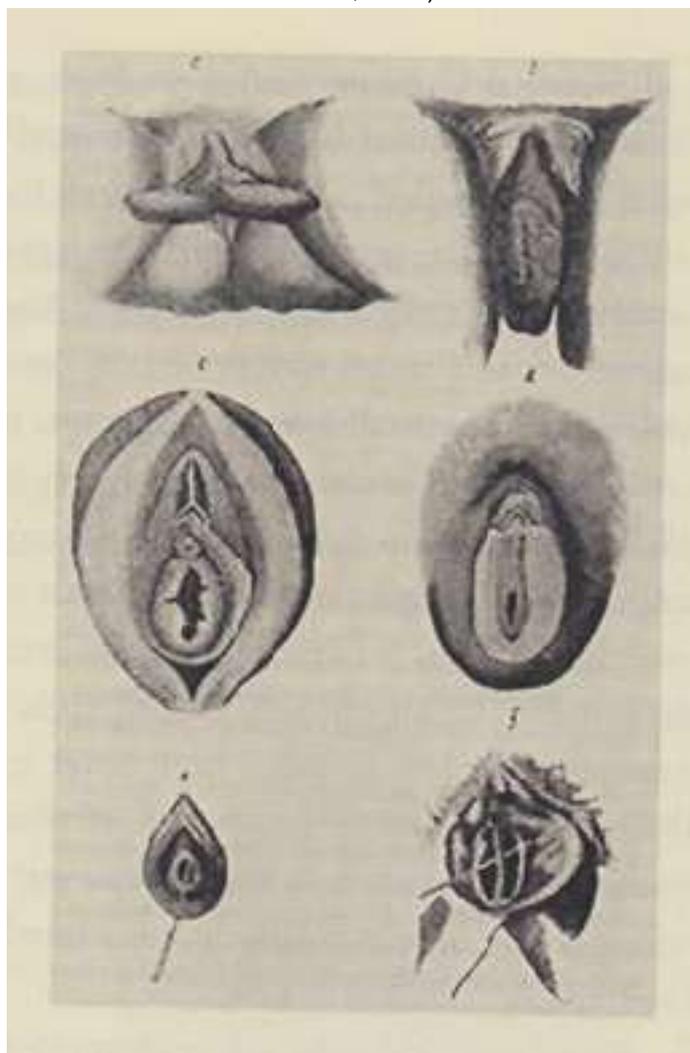
Imagem 47 - Vênus Nua. Fonte: ECO, 2010, p, 16-19.

Além de não compartilhar dos atributos da deusa também não se ajustou às normas para que lhe denominassem “mulher”. Sob a análise da abordagem antropológica sobre a “diferença⁵¹”, Hall (2016, p. 157) afirma que ela era um “sinal de transgressão das fronteiras simbólicas” sobre o corpo feminino. Sua fisiologia não pertencia às regras designadas para o ser chamado mulher. E como um ser animal Saartjie Baartman (Ibid, p. 204), “foi assimilada à ordem do natural, não à cultura humana e, portanto, comparada aos animais selvagens, como o macaco e o orangotango. Ela era a “outra”, não era uma mulher, tornou-se “a personificação da diferença” (Ibid, p. 213). E como “outra” seu corpo foi estudado durante sua vida e também após a morte em seus pormenores, especialmente seus órgãos sexuais. Desenhos e moldes de sua genitália foram preservados e expostos no Musée de L’Homme, Paris/França (Imagem 48).

Saartjie Baartman, a vênus desprezada e ridicularizada, ao ser transformada ainda segundo Hall (2016, p. 205), em “uma coleção de partes sexuais, sofreu uma espécie de desmontagem simbólica. (...) Saartjie Baartman não existia como pessoa, ela foi desmontada em partes relevantes, foi ‘fetichizada’ - transformou-se em um objeto”.

⁵¹ Ao discorrer sobre as questões referentes à “diferença” no âmbito dos estudos culturais Hall (2016) apresenta quatro abordagens, duas que vem da teoria da linguagem, uma da antropologia e a última da psicanálise. A primeira com o francês Saussure vem da linguística e o principal argumento é que “a ‘diferença’ é importante porque é essencial ao significado; sem ela, o significado não poderia existir”. Neste sentido, “o significado seria relacional” e depende da diferença entre os opostos “preto/branco. dia/noite, masculino/feminino. São “formas duras e reducionistas” de estabelecimento de significados, conclui Hall (2016). A segunda, também da linguística, com o russo Mikhail Bakhtin, “estudava a língua, não como um sistema objetivo (como os saussurianos), mas em termos de como o significado é sustentado no diálogo entre dois ou mais falantes”. O seu argumento é que “precisamos da ‘diferença’ porque somente podemos construir significado através de um diálogo com o ‘Outro’.” Para Bakhtin, “o significado surge através da ‘diferença’ entre os participantes de qualquer diálogo. (...) O ‘Outro’, em suma é essencial para o significado”. Na terceira abordagem, antropólogos vão defender que “a cultura depende do significado que damos às coisas, isto é, a atribuição de diferentes posições dentro de um sistema classificatório. A marcação da ‘diferença’ é, portanto, a base da ordem simbólica que chamamos de cultura”. Nessa abordagem “culturas estáveis exigem que as coisas não saiam de seus lugares designados”, a “diferença” causaria uma confusão e quando isso acontece, é preciso “trazer de volta o estado normal das coisas”. A quarta abordagem é psicanalítica, iniciada por Freud, defende que “o ‘Outro’ é fundamental para a constituição do self dos sujeitos e para a identidade sexual. (HALL, 2016, p. 153-158).

Imagem 48 - “Todos os detalhes de sua anatomia: anomalias sexuais em mulheres” Em *La Donna delinquente: la prostituta e la Donna normale*, de Cesare Lombroso e Guillaume Ferrero (Turim: L.Roux, 1893).



Fonte: HALL, 2016, .p. 204.

Esta reflexão sobre a mulher africana é atualizada em Gonzalez (2020, p. 202) e Nascimento (2021) ao apontarem os estereótipos relacionados à exploração sexual da mulher negra: “mulher fácil”, não é necessário muito esforço ou conversa do homem para convencê-la a ceder a relação sexual; “boa de cama”, a cor da mulher negra é a cor da luxúria a cor do pecado, ela satisfaz o homem em seus prazeres; “mulher sem vergonha”, a mulher negra pertence a uma raça “primitiva” e a classe pobre, portanto não se preocupa com os recatos da sociedade. Tais esteriótipos refletem os séculos de tratamento desumano a que as mulheres negras escravizadas suportaram em terras brasileiras. Desrespeito, humilhações, violências que causaram milhares de mortes e deixaram como herança o racismo vivenciado ainda na atualidade.

Ainda em busca de “outras” mulheres e coletando nas artes visuais, juntamos ao nosso cesto de retalhos, as imagens das amas de leite (Imagem 49 e 50) e das mães pretas (Imagem 51), mulheres negras que amamentaram e/ou criaram as(os) filha(os) dos senhores de escravos no Brasil colonial.

Imagem 49. Rosana Paulino, Ama de Leite, 2007 Visão frontal da obra e abaixo detalhes da obra – Monotipias sobre tecido, costura, fitas de cetim, garrafas de vidros e fotografias.



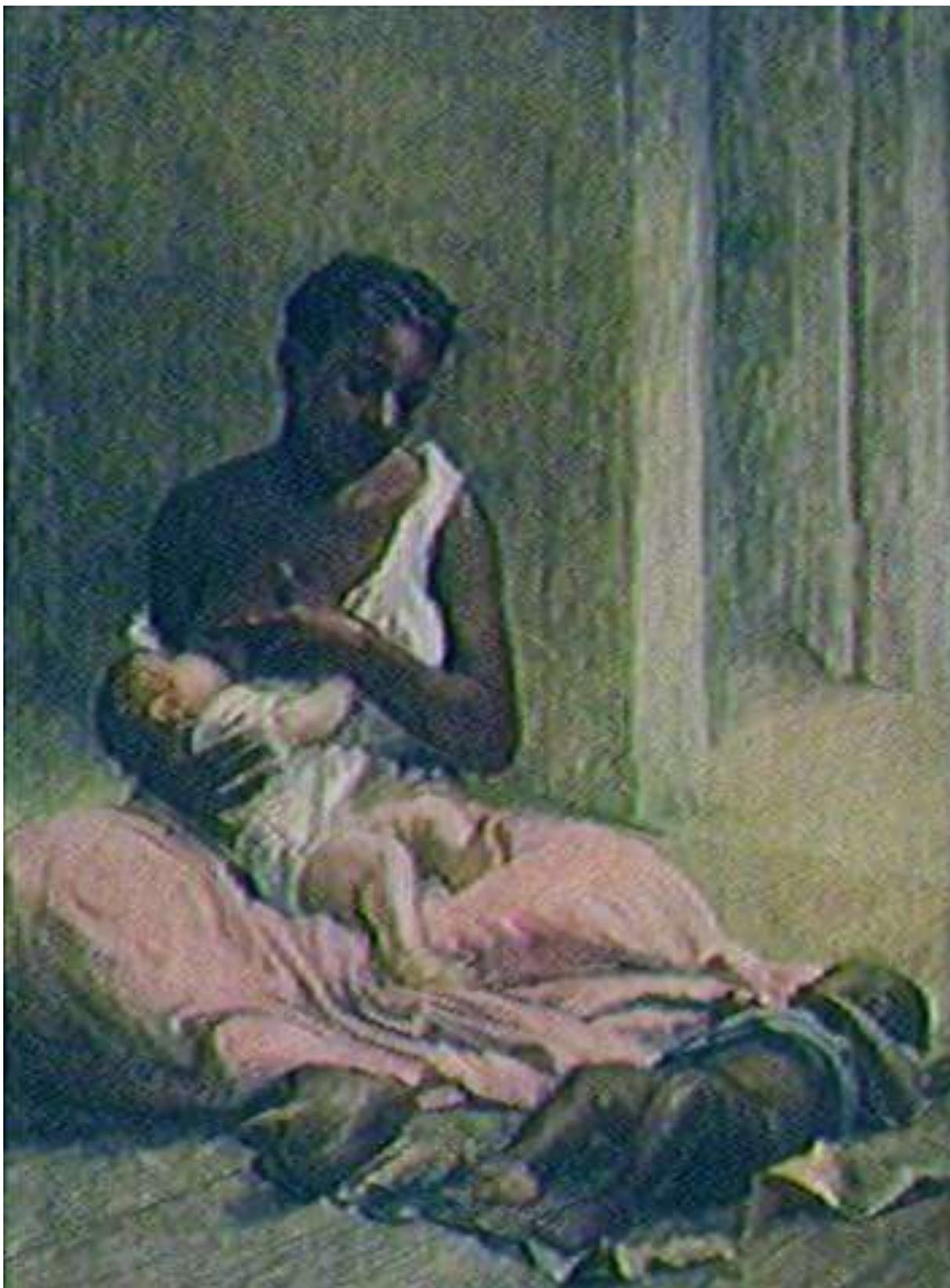
Fonte: PAULINO, 2011, p. 56.

Imagem 50. - Ama de leite Mônica e o menino Augusto Gomes Leal (c.1860). Acervo da Fundação Gilberto Freyre.



Fonte: FREYRE, 2006, p. 253.

Imagem 51. - Mãe Preta, Lucílio de Albuquerque, 1912.



Fonte: Itaú Cultural⁵².

⁵² Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3242/mae-preta>.

Gilberto Freyre (2006, p. 443) descreve a função de ama de leite, exercida por escravizadas sob o enfoque higiênico, o que o autor acredita ser um aspecto “interessantíssimo das relações entre senhores e escravos no Brasil” e uma importante ajuda às senhoras para a organização doméstica da sociedade brasileira daqueles tempos. Os escritos do sociólogo publicado em 1933 não descreve que, especificamente, das relações entre mães da senzala e da casa-grande, as que chegavam para ajudar, foram obrigadas a abandonar suas crianças recém nascidas e a alimentar com o leite que jorrava de seus seios a(o) recém nascida(o) de outra. Abandono, privação do alimento, sequestro do colo de mãe, seriam as primeiras linhas escritas se fosse possível às(aos) filhas(os) das amas de leite contarem suas histórias. Os cuidados com a criança da casa-grande muitas vezes se estendia para além da infância e com o passar do tempo, algumas destas amas de leite, tornariam-se as mães pretas.

Quanto às mães-pretas, referem as tradições o lugar verdadeiramente de honra que ficavam ocupando no seio das famílias patriarcais. Alforriadas, arredondavam-se quase sempre em pretalhonas enormes. Negras a quem se faziam todas as vontades: os meninos tomavam-lhe a bênção; os escravos tratavam-nas de senhoras, os boleiros andavam com elas de carro. E dia de festa, quem as visse anchas e enganjentas entre os brancos de casa, havia de supô-las senhoras bem nascidas; nunca ex-escravas vindas da senzala. (FREYRE, 2006, p. 435).

A narrativa freyriana oculta marcas da escravização, dias de sofrimento com as violências sofridas e de lamentos pelas(os) filhas(os) que perderam. Fatos vivenciados antes da chegada das amas de leite e das mães pretas à casa grande e durante sua estadia. Estas histórias perpassam os séculos e as “pretalhonas enormes” na leitura feminina e contemporânea de hooks (2020a) não têm o glamour que Freyre (2006) enxerga na mulher negra alforriada “ancha e enganjenta entre os brancos de casa”. A mãe preta ou babá negra que chega aos nossos dias para hooks (2020), é uma criação do homem branco, que ela nomeia como “a babá negra ideal”, para não ter problemas com a esposa branca enciumada.

Para começar ela era assexuada e conseqüentemente tinha que ser gorda (de preferência obesa); também precisa dar a impressão de não ser limpa, por isso usava um lenço sujo e engordurado na cabeça. (...) A imagem da mãe preta era representada com afeição por pessoas brancas, por que resumia a definitiva visão sexista e racista do ideal de mulheridade negra - submissão total ao desejo dos brancos. Em certo sentido, os brancos criaram na figura da mãe preta uma mulher negra que personificava somente aquelas características que eles, como colonizadores, desejavam explorar. Eles enxergavam nela a encarnação da mulher como uma cuidadora

passiva, uma figura de mãe que dava tudo sem esperar nada em troca, que não somente reconhecia sua inferioridade em relação aos brancos, mas que os amava. A mãe preta, como representada pelos brancos, não é uma ameaça à ordem social patriarcal branca, porque ela se submete por completo ao regime racista branco. (hooks, 2020, p. 143).

Mulheres negras escravizadas ou libertas, de tempos mais remotos ou atuais, foram renegadas aos sentimentos de redenção, amor e dedicação à maternidade. O grito de “*e eu não sou uma mulher?*” está abafado, silenciado nas imagens da mulher que oferece seu peito ao bebê estranho ao seu ventre e depois do desmame, os cuidados e o amor de mãe, sentimento que ela não teve liberdade de sentir pelas suas filhas(os), mas teve que doar às(aos) das senhoras de engenho.

A estas tarefas, Freyre (2006, p. 435) define como “o serviço mais íntimo e delicado dos senhores” e para este serviço, trazia da senzala

(...) uma série de indivíduos - amas de criar, mucamas, irmãos de criação dos meninos brancos. Indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não de escravos, mas o de pessoas de casa. Espécies de parentes pobres nas famílias européias. à mesa patriarcal das casa-grandes sentavam-se como se fossem da família numerosos mulatinhos. Crias. Malungos. Moleques de estimação. Alguns saem de carro com os senhores, acompanhando-os aos passeios como se fossem filhos. (Freyre, 2006, p. 435).

Este relato sobre o relacionamento entre a família patriarcal e as(os) escravizadas(os), escrito na década de 1930, denuncia Reis (2019), traz um toque de docilidade e também caracteriza uma relação de afeto, na medida em que estes frequentariam o núcleo familiar. É uma leitura essencial para entender o Brasil colonial e o país da atualidade que ainda acredita nesta relação de afeto construída sob o mito da miscigenação. Aqui é importante lembrarmos das reflexões de Spivak (2010) sobre a “posição de marginalidade e silêncio” do sujeito subalterno. E à luz de Spivak (2010), uma nova leitura à frase “moleques de estimação (...) como se fossem filhos” quando identificamos no texto quem esteve na marginalidade da história, as(os) sujeitas(os) que não foram ouvidas(os) por longos séculos é um total desrespeito a qualquer ser humano. Esta nova leitura e as histórias nos apontam caminhos diferentes. Marina de Oliveira Reis traz a lupa de Lélia Gonzalez à escrita de Freyre (2006) e desconstrói a narrativa oficial do homem branco, burguês e racista.

Lélia Gonzalez problematiza esse lugar de subserviência aquela que a narrativa oficial conferiu à mãe preta, criticando a construção

Freyriana, explicitada aqui. Na verdade sua atuação estava imbricada de resistência, e não de passividade. Assim a partir do que era possível, atuou no sentido anti-horário da árvore do esquecimento, garantindo a sobrevivência do seu próprio ser e mantendo vivas suas tradições, culturas, línguas etc. (REIS, 2019, p. 97).

Para as descendentes das amas de leite e mães pretas, a resistência continua sendo seu lema e sua luta. Vivenciamos um cenário atualizado das casas-grandes, substituídas pelas casas e apartamentos e as senzalas pelo quarto dos fundos desses imóveis, para acomodarem não mais as(os) escravizadas(os), mas as(os) trabalhadoras/es domésticas(os). Rara (2019) em seus versos sobre a rotina do trabalho doméstico denuncia essa realidade “a senhora vire à esquerda, entra naquele quartinho apertado que a vassoura está a sua espera, seja bem vinda”.

Ainda sobre a atualização da casa-grande/senzala, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNAD/IBGE/2020), as trabalhadoras domésticas são mais de 92%, das quais mais de 65% são negras⁵³. Este é mais um dado que comprova a herança do trabalho doméstico advindo da casa-grande/senzala. Um cenário atualizado do Brasil colonial que precisa ser demolido.

Saartjie Baartman, as amas de leite, as mães pretas, as empregadas domésticas brasileiras, em sua maioria negras, apresentam-nos histórias e imagens de mulheres que foram sequestradas de seus territórios, escravizadas, sofreram os maiores tipos de violência física e também emocional, trabalharam durante horas extenuantes e deixaram um legado de resistência para suas descendentes. Suas herdeiras são as mulheres negras trabalhadoras da atualidade, como afirma Lélia Gonzalez, e mesmo que elas ainda passem por

(...) situação de extrema inferiorização a mulher negra exerceu um importante papel no âmbito da estrutura familiar ao unir a comunidade negra para resistir aos efeitos do capitalismo e aos valores de uma cultura ocidental burguesa. Como mãe (real ou simbólica), ela foi uma grande geradora na perpetuação dos valores culturais afro-brasileiros e em sua transmissão para a próxima geração. (GONZALEZ, (2020, p. 161).

Estas mulheres, mesmo sendo colocadas no lugar “das outras” pela

⁵³ Pesquisa realizada sobre o Trabalho doméstico no Brasil. Dados da PNAD Contínua, do IBGE, revelam que, entre o 4º trimestre de 2019 e o 4º trimestre de 2020, o número de ocupados no Brasil passou de 94,5 milhões para 86,2 milhões. No mesmo período, a população ocupada em trabalhos domésticos também viu as oportunidades diminuírem, de 6,4 milhões, em 2019, para 4,9 milhões, no ano passado. A pesquisa mostrou que no quadro As MULHERES representam mais de 92% das pessoas ocupadas em trabalho doméstico, das quais mais de 65% são NEGRAS. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html>. Acesso em 05abr.2021.

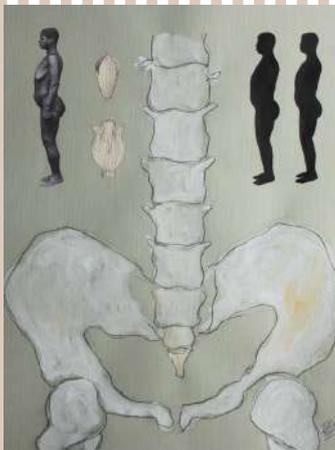
sociedade patriarcal, branca, burguesa, capitalista, garantiram que os valores culturais afro-brasileiros fossem preservados durante gerações por meio de muita resistência. Pesquisar em Conceição das Crioulas foi mergulhar em um lugar onde esses contextos de escravização, embora os relatos orais afirmem que as primeiras negras que chegaram ao território não estavam fugindo, mas elas carregavam consigo as histórias das suas e dos seus ancestrais; de resistência contra o racismo de uma sociedade burguesa patriarcal.

Investigar sobre as histórias e imagens do feminino em uma comunidade quilombola, também nos faz ir ao encontro das discussões trazidas por Mignolo (2020) sobre o reordenamento da geopolítica do conhecimento. O território quilombola carrega as fontes de conhecimento dos valores culturais afro-brasileiros, há tempos esquecidas e/ou abandonadas pelos cânones hegemônicos. Essas convenções regem as pesquisas em diversos campos de estudos e também nas Artes Visuais. Nas cidades e nas áreas rurais, como em Conceição das Crioulas, povos que reivindicam esse reordenamento do conhecimento acadêmico, não deixaram que suas histórias contadas pela oralidade durante várias gerações não fossem esquecidas e apagadas. E o mais importante é que o respeito à ancestralidade, garantia de que essas histórias continuem sendo contadas, continua sendo passadas para as gerações mais novas.

Os novos retalhos até aqui encontrados: as teorias e práticas feministas; os conhecimento das mulheres acadêmicas ou não que contribuíram para construir essa luta pelos direitos das mulheres; Saartjie Baartman, amas de leite, mães pretas e as empregadas domésticas brasileiras em sua maioria negras, nos conduzem até às mulheres quilombolas de Conceição das Crioulas. Mulheres que carregam essa ancestralidade, que são produtoras e disseminadoras de conhecimentos, não menos importantes, como nos afirma Mendes (2020, 63), “singulares, oriundos da vivência em contexto comunitário, em profunda ligação com o território e com as marcas que carregamos de nossa ancestralidade negra”.

Nesta busca por histórias e imagens para construirmos a colcha de retalhos, estamos recolhendo e costurando também caminhos percorridos pelas ancestralidades, com lutas, resistências, amores, companheirismo e abandono. Estes são os retalhos recolhidos, neste capítulo.

Pois quando o homem foi criado e seu corpo terminado, mil espíritos do lado esquerdo (o lado do Mal) se reuniram ao redor daquele corpo, cada um tentando entrar, até que por fim, uma nuvem desceu e afugentou-os, e Deus disse: "Que a Terra dê a luz uma alma vivente" (Gen 1:24), e ela deu à luz um espírito para respirar no homem, qual tornou-se assim completo com dois lados, porquanto é dito: "E ele soprou em suas narinas o fôlego da vida, e o homem tornou-se uma alma vivente" (Gn 2:7). (...) Mais tarde Deus serrou o homem ao meio, formou sua fêmea e levou-a até ele, como uma noiva ao dossel. Lilith, ao ver isso, fugiu e ainda se encontra nas cidade da costa marítima, tentando armar ciladas para os homens. (KOLTUV, 2017, p. 27).



Olocum isola-se no fundo do oceano. Olocum vivia na água e vivia na terra. A natureza de Olocum era anfíbia. Olocum tinha vergonha de sua natureza, pois ela nem era uma coisa, nem era outra. Ela se sentia muito atraída por Orixá Ocô, mas não queria ter relações com ele, pois temia ser objeto de ridículo. Olocum, então, pediu conselho a Olofim, que lhe assegurou que Orixá Ocô era um homem sério e reservado. Olocum criou coragem e foi viver com o orixá lavrador, mas este descobriu a particularidade que existia na natureza de Olocum e contou para todos. (...) A vergonha fez com que Olocum se escondesse no fundo do oceano, onde tudo é desconhecido e onde ninguém nunca pôde chegar (PRANDI, 2001, p. 405)



(...) Omama e seu irmão Yoasi viviam sozinhos. Nenhuma mulher existia ainda. Os dois irmãos só vieram a conhecer a primeira mulher muito mais tarde, quando Omama pescou a filha de Têpêrsiki num grande rio. No início, Omama copulava na dobra do joelho de seu irmão Yaosi. Com o passar do tempo, a panturrilha deste ficou grávida, e foi assim que Omama primeiro teve um filho. Porém, nós, habitantes da floresta não nascemos assim. Nós saímos, mais tarde, da vagina da esposa de Omama, Thuëyoma, a mulher que ele tirou da água. Chamam-na também Paonakare. Era um ser peixe que se deixou capturar na forma de uma mulher. Assim é. (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 82).



(...) em meados do século XVIII, tempo estimado a partir da história oral, seis mulheres negras, em busca de liberdade, fixaram moradia em um espaço de terra e começaram a trabalhar no cultivo do algodão. Com o passar do tempo chega à região um homem chamado Francisco José que trazia uma Santa, Nossa Senhora da Conceição, e juntamente com as mulheres fizeram uma promessa: se conseguissem aquele espaço territorial fariam uma capela. E assim aconteceu. No ano de 1802 conseguiram o documento de posse da terra que compreende aproximadamente 17 mil hectares, começando assim um longo episódio de territorialização, desterritorialização e reterritorialização desde essa época até os dias atuais. (NASCIMENTO, 2017 p. 43).



A narrativa iorubá sobre o mito de criação da humanidade será guiada por Nanã, a orixá integrante do panteão da Terra, a guardiã do saber ancestral. Nanã Burucu é a orixá que traz a solução necessária para a criação de mulheres e homens. Olorum encarrega Oxalá, após criar a terra, lugar depois chamado Ifé de criar também seus habitantes. A narrativa iorubá traz orixás femininos participando da criação do mundo. Não são coadjuvantes, são seres essenciais para que a criação da terra e da humanidade aconteçam com êxito.

Juntamos então, aos retalhos de Lilith, Nanã Thuëyoma e Eva às seis primeiras mulheres que chegaram em Conceição das Crioulas: Mendença Ferreira, Francisca Ferreira, Francisca Presidente, Francisca Macário, Germana Ferreira e Romana, mulheres "guerreiras que demarcaram seu lugar no mundo e constituíram seu modo de viver e fazer: resistir vivendo e fazer com as mãos". (AMARAL, LIRA, e PAIVA, 2019, p. 200).

A mulher ingênua concorda em permanecer "na ignorância" (...) Proibir a mulher de usar a chave que leva à consciência é o mesmo que lhe arrancar a Mulher Selvagem, seu instinto natural de curiosidade e sua descoberta do "que se esconde por baixo" (ESTÉS, 2018, p. 66).



4 - Retalhos/mitos de origem do feminino

A mulher ingênua concorda em permanecer “na ignorância” (...) Proibir a mulher de usar a chave que leva à consciência é o mesmo que lhe arrancar a Mulher Selvagem, seu instinto natural de curiosidade e sua descoberta do “que se esconde por baixo” .
(ESTÉS, 2018, p. 66).

Continuamos com o corte dos tecidos, a costura e o cuidado no acabamento na junção dos retalhos recolhidos durante a pesquisa. E neste capítulo nossa coleta será guiada pelo instinto da curiosidade da mulher selvagem. Instigadas pelo arquétipo da que não quer permanecer na ignorância, a “mulher selvagem”, dos mitos e histórias de Estés (2018).

Os retalhos até aqui recolhidos nos prepararam para uma escuta e vivência mais atenta das histórias e imagens do feminino em Conceição das Crioulas. Destes retalhos temos: as histórias e imagens resgatas das gavetas das memórias individuais e coletivas; nossas apresentações; os aprendizados sobre o movimento feminista; e a análise crítica sobre as pesquisas e a docência em Artes Visuais. Neste capítulo, considerando que o feminino é a temática circundante da pesquisa, fomos em busca dos mitos de origem do feminino. Mitos fundantes protagonizados por mulheres, até chegarmos ao mito de fundação da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.

Antes de chegarmos em Conceição das Crioulas, pegamos as chaves da intuição, que nos tiram da ignorância e fomos nos encontrar com os mitos de origem da mulher, para entendermos como começaram essas histórias, as ditas do feminino e como foram criadas suas primeiras imagens. Deste modo, elegemos quatro narrativas míticas: Lilith, da mitologia judaica; Nanã, africana, Thüeyoma, indígena e Eva, judaica-cristã.

Como um recorte de uma pesquisa sobre um assunto muito mais amplo, essa investigação traz a escrita sobre o feminino respeitando a feminilidade das águas, das palavras femininas do devaneio, da doçura e também do azedo que as narrativas femininas nos faz provar. Desta forma, o estudo proposto por mulheres pesquisadoras em Artes Visuais com mulheres quilombolas, une-se aos debates em torno de gênero e Artes Visuais, no entendimento de que a concepção de gênero, como nos ensina Louro (2011) é uma construção cultural contínua, sempre inconclusa e relacional e que

(...) as marcas da feminilidade são sempre diferentes de uma cultura para outra; essas marcas se transformam, são provisórias. Inscrevê-las num corpo supõe, também, lidar com as marcas distintivas do

seu outro, a masculinidade. Percebe-se, então, que ao falar de gênero estamos nos referindo a feminilidades e a masculinidades (sempre no plural). (LOURO, 2011, p. 63).

Deste modo os objetos de estudo que investigamos em Conceição das Crioulas, são aqueles relacionados aos femininos, sempre no plural. E também aqueles que as mulheres de Conceição das Crioulas nos apontaram.

Neste sentido, embora o filósofo e poeta francês Gaston Bachelard não use o termo no plural, juntemo-nos aos seus devaneios e mergulhem nas descobertas sobre os femininos.

(...) devemos preparar, por um devaneio sobre as próprias palavras, as convicções íntimas que asseguram, em toda psique humana, a permanência da feminilidade.

(...) cremos reconhecer um privilégio de devaneio nas palavras femininas. (...) Há palavras em que o feminino impregna todas as sílabas. Tais palavras, podemos chamá-las de palavras de devaneio.

(...) das ideias em que eu divagava passei aos nomes das coisas sobre as quais estava certo de bem devanear. Agradava-me saber que em francês os nomes dos rios são geralmente femininos. É uma coisa tão natural! O Alba e o Sena, o Mosela e o Loire são os meus únicos rios. O Ródano e o Reno, para mim, são monstros linguísticos. Eles carregam as águas das geleiras. Não serão necessários nomes femininos para respeitar a feminilidade da água verdadeira? (BACHELARD, 1988, p. 28-29).

Nas leituras e escutas desta pesquisa nos encontramos muitas vezes com a feminilidade da água: os rios que respeitam a feminilidade da água verdadeira de Bachelard (1988) e por isso devem ter nomes femininos. Em Ruanda, país da África Central com cerca de treze milhões de habitantes, os fluídos do prazer das mulheres, alimentam o lago Kivu. A tradição oral conta que o fluido, chamado kuniara, liberado pelo gozo da rainha, deu origem ao lago de águas doce. Ruanda não tem saída para o mar, no entanto, suas águas subterrâneas, águas provenientes do gozo das mulheres, as do rio por baixo do rio se misturam e chegam ao mar. Águas doces e salgadas são fontes da criatividade feminina. E seguindo essa correnteza, iniciamos a recolher e costurar os retalhos com as imagens e histórias do feminino nos mitos, de diferentes culturas, que narram a origem da criação da humanidade e/ou tecem relações com esse momento.

A imagem da mãe, aquela que gera, é um retalho precioso, ao pensarmos sobre criação, origem de mulheres e homens. Com esse retalho, a mãe, voltemos a ideia dos arquétipos em Rocha Pitta (2017, p. 22), imagem primeira de caráter coletivo e inato, que segundo Jung (2000, p. 90), não se difundem por toda parte mediante a simples tradição, linguagem e migração, mas ressurgem

espontaneamente em qualquer tempo e lugar, sem a influência de uma transmissão externa. A mãe faz parte do arquétipo materno, mas não somente ela, também outras imagens do feminino como

(...) a avó; a madrasta e a sogra; uma mulher qualquer com a qual nos relacionamos, bem como a ama-de-leite ou ama-seca, a antepassada (...) a deusa (...) a meta da nostalgia da salvação (Paraíso, Reino de Deus, Jerusalém Celeste); em sentido mais amplo, a Igreja, a Universidade, a cidade ou país, o Céu, a Terra, a floresta, o mar e as águas quietas; em sentido mais restrito ainda, o útero, (...) em sentido mais restrito, como o lugar do nascimento ou da concepção, a terra arada, o jardim, o rochedo, a gruta, a árvore, a fonte, o poço profundo, a pia batismal, a flor como recipiente (rosa e lótus);

Todos estes símbolos podem ter um sentido positivo, favorável, ou negativo e nefasto. (JUNG, 2000 p. 91-92).

“A avó, a mãe, a ama-de-leite, a deusa, a floresta, o mar e as águas quietas, o lugar do nascimento” todas essas imagens se juntam ao retalho do arquétipo materno e nas narrativas sobre a origem do feminino, podemos apresentar um “sentido positivo, favorável, ou negativo”.

É importante enfatizar que nessa escrita não questionamos as histórias, todas são verdadeiras: contos, mitos, lendas e também aquelas intituladas metanarrativas⁵⁴. Seguindo o curso das águas, após recolhermos os retalhos das narrativas de origem do feminino, chegaremos até o mito de origem de Conceição das Crioulas, até as seis primeiras crioulas. Esse é o caminho para onde corre as águas da criatividade, para o sertão pernambucano.

Desta forma, nos retalhos com as narrativas sobre as primeiras mulheres, o principio da criação, encontramos com Lilith, Nanã, Thuëyoma e Eva. Estes mitos nos contam histórias, em diferentes épocas e lugares. Para Rocha Pitta (2017, p. 23) os mitos “têm a função pedagógica de fornecer modelos de comportamento”, assim eles estão na base dos grupos culturais e regem nossos comportamentos, as nossas relações com a família, com os outros e com o mundo que nos rodeia. Neste contexto, “uma filha de Maria e uma filha de Iemanjá não tem nem a mesma visão de mundo nem o mesmo comportamento, mas as duas comungam da imagem arquetípica da Grande Mãe” (Ibid, p. 23). As histórias das primeiras mulheres e o arquétipo materno se entrelaçam na construção das narrativas do feminino.

⁵⁴ Metanarrativas podem ser compreendidas como explicações gerais, amplas e universalizantes sobre o mundo e a sociedade na qual vivemos. Os ideais e princípios da modernidade alicerçam-se em narrativas mestras. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/pemcie/2019/07/26/metanarrativas-e-pos-modernidade/>. Acesso em: 23 maio 2022.

E para iniciarmos nossas costuras dos retalhos das narrativas sobre as origens do feminino escolhemos começar por Lilith - a primeira mulher que não aceitou as regras impostas por Deus e pelo primeiro homem. Lilith, a transgressora.

Se necessário for, que nos transformemos em alegres subversivas que estão em constante crescimento, e têm um coração luminoso e calmo. Assim chega o espírito à superfície do lago. (ESTÉS, 2007, p. 24).

Lilith, nossa primeira narrativa sobre os mitos de origem da mulher é subversiva por natureza. Personagem presente em diversas mitologias, suméria, assíria, babilônica, persa e também judaica⁵⁵. Não aceitou ser subjugada por homem algum. Lilith (Imagem 52) se relaciona com os cultos dos povos antigos sumérios, semitas, entre outros, povos que habitavam a antiga Babilônia e honravam a Grande Mãe chamada também “Grande Serpente” e “Dragão”. Seu nome tem raízes semíticas e indo-européias ligadas às palavras “lil” que significa vento e ar e também às palavras sumérias “lulti” (lascívia) e a palavra hebraica “lail” (noite).

Imagem 52- Lilith, Rainha da noite, imagem Suméria cerca de 2000 a.C.



Fonte: British Museum⁵⁶

⁵⁵ Vamos considerar a versão da mitologia judaica, como escolha didática para a escrita da pesquisa.

⁵⁶ Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/W_2003-0718-1.

As narrativas sobre Lilith relatam sobre sua origem antes mesmo do nascimento do primeiro homem. Koltuv (2017, p. 17) traz a narrativa sobre o mito da discórdia entre a Lua e o Sol, no Zohar⁵⁷: Lilith nasce das cascas ou k'lifah que protegem a lua, “uma k'lifah expandiu-se e produziu uma outra, que foi Lilith. A essência feminina de Lilith origina-se da lua, por isso ela é “sombria, ardente e noturna” (Ibid, p. 19). Muito tempo depois a essência feminina ou o espírito de Lilith encontra-se com o primeiro homem.

Nas profundezas do grande abismo, há um certo espírito feminino, ardente como o fogo, chamado Lilith, o qual a princípio, coabitou com o homem. Pois quando o homem foi criado e seu corpo terminado, mil espíritos do lado esquerdo (o lado do Mal) se reuniram ao redor daquele corpo, cada um tentando entrar, até que por fim, uma nuvem desceu e afugentou-os, e Deus disse: “Que a Terra dê a luz uma alma vivente” (Gen 1:24), e ela deu à luz um espírito para respirar no homem, qual tornou-se assim completo com dois lados, porquanto é dito: “ E ele soprou em suas narinas o fôlego da vida, e o homem tornou-se uma alma vivente” (Gn 2:7). Quando o homem surgiu sua fêmea foi fixada ao seu lado e o espírito sagrado nele se propagou por ambos os lados, tornando-se assim perfeito. Mais tarde Deus serrou o homem ao meio, formou sua fêmea e levou-a até ele, como uma noiva ao dossel. Lilith, ao ver isso, fugiu e ainda se encontra nas cidades da costa marítima, tentando armar ciladas para os homens. (KOLTUV, 2017, p. 27).

Lilith foi criada antes de Eva, antes de Adão, ou ainda, nasceu da mesma matéria que Adão. Segundo o midrash⁵⁸ de Ben Sira, Lilith foi a primeira mulher.

Deus criou Lilith, a primeira mulher, do mesmo modo que havia criado Adão, só que ele usou sujeira e sedimento impuro em vez de pó ou terra. Adão e Lilith nunca encontraram paz juntos. Ela discordava dele em muitos assuntos e recusava-se a deitar debaixo dele na relação sexual, fundamentando sua reivindicação de igualdade no fato de que haviam sido criados da terra. Quando Lilith percebeu que Adão a subjugaria, proferiu o inefável nome de Deus e pôs-se a voar pelo mundo. Finalmente passou a viver numa caverna no deserto, às margens do Mar Vermelho. Ali, envolveu-se numa desenfreada promiscuidade, unindo-se com demônios lascivos e gerando, diariamente, centenas de Lilim ou bebês demoníacos. (KOLTUV, 2017, p. 40).

Lilith encarna o símbolo nefasto da figura feminina que desagrade a Deus e a Adão, não podia ser diferente, a terra onde foi gerada era impura. Lilith faz parte

⁵⁷ “O Zohar é uma obra cabalística do século XIII que, na essência, é uma meditação a respeito o Velho testamento”, a primeira parte da Bíblia. (KOLTUV 2017, p. 16)

⁵⁸ Midrash (do hebraico מדרש) é uma forma narrativa criada por volta do século I a.C. em Israel pelo povo judeu, desenvolvida pela tradição oral até ter a sua primeira compilação apenas por volta do ano 500 d.C no livro Midrash Rabbah. Disponível em: [https://judaismo.fandom.com/pt-br/wiki/Midrash#:~:text=Midrash%20\(do%20hebraico%20%D7%9E%D7%93%D7%A8%D7%A9\)%20%C3%A9,d.C.%20no%20livro%20Midrash%20Rabbah](https://judaismo.fandom.com/pt-br/wiki/Midrash#:~:text=Midrash%20(do%20hebraico%20%D7%9E%D7%93%D7%A8%D7%A9)%20%C3%A9,d.C.%20no%20livro%20Midrash%20Rabbah). Acesso em 28 abril 2022.

dos símbolos nefastos do arquétipo materno, segundo Jung (2000), a oposição a Eva que tudo aceita até o momento de experimentar do fruto proibido. Lilith não espera um momento para experimentar o que não lhe é autorizado, ela já nasce desafiando o subjugo do homem e o poder de Deus.

Ela é um aspecto do ego feminino individualizado que só pode se desenvolver no deserto, sem relacionamentos, sem eros e sem filhos, sempre com ciúmes de Eva, que permanece abraçada ao homem. Lilith não foi dócil nem obediente, sua morada é o mundo sombrio, o subterrâneo. É a Grande Deusa que foi rejeitada e expulsa no período pós-bíblico; (...) a Deusa da Vida e da Morte e a chama da espada giratória; (...) sua sexualidade pertence a si mesma, é livre; conhece o nome mágico de Deus e ousa usá-lo em sua fuga de Adão; é a Deusa, mãe e criadora. (KOLTUV, 2017, p. 124).

A primeira mulher rejeitada, expulsa do paraíso, antes de ter filhos com Adão tem apenas uma rápida citação na narrativa judaica (...) Nos palácios haverá sarças, espinhos e abrolhos nos baluartes; (...) Gatos selvagens se encontrarão com hienas, e os sátiros chamarão uns aos outros. Aí viverá também Lilith para achar o repouso (Is. 34, 13-14). Contudo antes desse lugar de repouso ela exercerá sua

(...) vontade poderosa que não se dobra diante da pressão masculina e prefere a transgressão à vassalagem. Lilith é ímpeto sexual, mulher emancipada e em fuga, sombra maligna por se haver considerado em pé de igualdade com os homens; é igualmente a mais remota concepção feminina, que transmigrou para o judaísmo pós-bíblico a partir da mitologia da antiga Suméria como a primeira mulher de Adão, como ele criada do pó insuflada com o sopro divino para fundar nossa espécie sem que houvesse aparente superioridade do homem sobre a mulher, até enfrentar no leito o desafio de sua submissão, o que provocou uma retificação mitológica por meio da suposta fragilidade de Eva. (ROBLES, 2019, p. 35).

Lilith foi moldada com a mesma matéria do primeiro homem, é uma eterna inconformada, tem uma vontade poderosa que não se dobra diante da pressão masculina, prefere a transgressão à vassalagem, sua rebeldia essencial a vincula ao demônio, por isso foi atirada ao abismo, continua Robles (2019, p. 37) “nas profundezas do oceano (...) e ali é mantida pelos guardiões supremos por meio de reiteradas censuras, a fim de que não volte a perturbar a vida dos homens e de outras mulheres”.

Lilith nasceu sedenta, não se satisfaz com as regras que lhes foram impostas, vai em busca de outras realidades, outras possibilidades de viver. Por isso, em um mundo dominado por divindades e narrativas masculinas, Lilith deve ser mantida longe das mulheres, presa às águas profundas, sem que ninguém a escute.

Conforme a narrativa, sua natureza transgressora causa a ira de Deus, Lilith é afastada da convivência divina e dos homens. Vive em uma caverna no deserto, “às margens do Mar Vermelho” e se une “numa desenfreada promiscuidade” a demônios, reafirmando assim sua essência maléfica.

A mulher transgressora, em busca de liberdade para fazer o bem para si e para as(os) outras(os), reitera Koltuv (2017) é nutrida, segundo o Zohar, pelas águas e sua influência é disseminada pelo vento sul. Por mais que ela tenha sofrido, a primeira mulher busca nas entranhas da terra, da sua essência, das águas que lhe nutrem, da sua vontade de viver, forças para continuar. Estés (2007), sobre a mulher ancestral, afirma que ela sempre estará à procura de vida significativa a céu aberto, para florescer, dar sombras, frutos e se deliciar com o vento, com a água da chuva e com o calor do sol. Lilith, a mulher ancestral, que vive nas narrativas femininas, vai à procura de vida significativa e não é apenas uma prisioneira das águas profundas, junto com ela, no fundo do oceano, também está Olocum⁵⁹, a senhora do mar, na mitologia africana iorubá.

Olocum isola-se no fundo do oceano. Olocum vivia na água e vivia na terra. A natureza de Olocum era anfíbia. Olocum tinha vergonha de sua natureza, pois ela nem era uma coisa, nem era outra. Ela se sentia muito atraída por Orixá Ocô, mas não queria ter relações com ele, pois temia ser objeto de ridículo. Olocum, então, pediu conselho a Olofim, que lhe assegurou que Orixá Ocô era um homem sério e reservado. Olocum criou coragem e foi viver com o orixá lavrador, mas este descobriu a particularidade que existia na natureza de Olocum e contou para todos.

(...) A vergonha fez com que Olocum se escondesse no fundo do oceano, onde tudo é desconhecido e onde ninguém nunca pôde chegar.

Outros dizem que Olocum se transformou numa sereia, ou numa serpente marinha que habita os oceanos (PRANDI, 2001, p. 405).

Lilith e Olocum encontram-se nas águas profundas, têm o fundo do mar como seu refúgio, se deliciam com o vento, com a água da chuva e com o calor do sol. Livres dos olhares condenatórios dominam as águas e realizam suas façanhas sem que ninguém as perturbem. Sem que ninguém as acusem ou as façam algum mal. As águas doce do rio por baixo do rio que nutrem Nanã Burucu, desaguam nos mares que protegem Lilith e Olocum. Nanã é a orixá que participa da criação da humanidade, nosso segundo mito sobre as origens do feminino.

Prandi (2001) nos ensina que os orixás, cultuados no continente africano

⁵⁹ Não há consenso quanto ao sexo de Olocum. Em algumas áreas da África Ocidental, Olocum é considerado masculino, ao passo que em outras é feminino. Disponível em: <https://ocandoble.com/2008/08/15/olokun/>. Acesso em: 23 abr 2022.

pelos povos iorubás, são deusa(es) que receberam de Olodumare ou Olorum, o Ser Supremo, a incumbência de criar e governar o mundo. Diferente da narrativa de um deus único, que vive em um lugar distante, os orixás continuam participando lado a lado, dos desdobramentos da vida das humanidades. Descendentes iorubás sequestradas(os) de seus territórios e escravizadas(os) nas Américas, embora obrigados a esquecer de tudo deixaram para trás, durante séculos de violências sofridas de toda natureza, resistem e mantiveram seus cultos e sua fé. No Brasil essas histórias são expressas pelos Candomblés⁶⁰, com as três vertentes principais: o Keto, que trata dos orixás e é esta vertente que exploramos na pesquisa e nos encontramos com Nanã Burucu; o Jeje, dos voduns; e o Congo Angola, dos inquices.

Na fé iorubá os humanos descendem dos orixás. Deste modo, cada um herda do orixá de origem suas marcas e características, propensões e desejos, tudo está relatado nos mitos. Como já citamos, os mitos regem nossos comportamentos, então se nascemos deles, não somente aprendemos com os mitos, mas somos parte de sua essência.

Na crença iorubá (...) os mitos justificam papéis e atributos dos orixás, explicam a ocorrência de fatos do dia-a-dia e legitimam as práticas rituais, desde as fórmulas iniciáticas, oraculares e sacrificais até a coreografia das danças sagradas definindo cores, objetos, etc. A associação a algum desses aspectos é que dá vida ao mito, é sua prova de sentido. (PRANDI, 2001, p. 32).

Na procura por mitos sobre a criação da mulher, em Prandi (2001), encontramos retalhos preciosos, das religiões de matriz africana, em uma narrativa no formato de poemas dos babalaôs africanos. Nestes poemas recortamos algumas figuras femininas: Euá, Iansã, Obá, Oxum, Iemanjá, Olocum, Ajê Xalugá e Nanã Burucu. Poderosas, amantes da natureza, origem de tudo o que existe no céu e na terra.

Euá, transforma-se em rio para saciar a sede de seus filhos; Iansã, é a mãe de nove filhos e usava de seus encantos e sedução para adquirir poder; Obá,

⁶⁰ Usamos aqui o termo no plural por entendermos que candomblé não é um único culto religioso, mas uma série de cultos.

O nome candomblé está historicamente associado aos cultos da Bahia, mas religiões semelhantes recebem outras denominações regionais, como xangô em Pernambuco, tambor de mina no Maranhão e batuque no Rio Grande do Sul. O termo candomblé, contudo, tem se disseminado para outras regiões do Brasil e para outros países à medida que a religião ganha mais adeptos. Até por conta dessas variações, algumas pessoas preferem simplesmente denominar esse conjunto de cultos com o nome de religião dos orixás, deixando de lado as diferenças entre eles. (Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/manifestacoes-culturais/candomble>. Acesso em: 18jun22).

escolheu a guerra como prazer na vida; Oxum a bela e jovem sedutora, salvou a humanidade com sua dança de amor; Iemanjá a mãe dos orixás; Olocum rainha de todas as águas; Ajê Xalugá com seu poder cegava as mulheres e os homens e Nanã (Imagem 53), é narrativa que nos conta sobre a criação da mulher. Nanã Burucu dá a porção de lama a Oxalá para modelar a mulher e o homem.

Imagem 53 - Nanã Burucu, Carybé, s/d.



Fonte: Revista Super Interessante⁶¹.

A narrativa iorubá sobre o mito de criação da humanidade será guiada por Nanã, a orixá integrante do panteão da Terra, a guardiã do saber ancestral. Nanã Burucu é a orixá que traz a solução necessária para a criação de mulheres e homens. Olorum encarrega Oxalá, após criar a terra, lugar depois chamado Ifé⁶² de

⁶¹ Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/os-orixas-mais-populares-do-brasil/>.

⁶² Ifé atualmente é uma cidade situada no estado de Osun, no sudoeste da Nigéria.

criar também seus habitantes. A narrativa iorubá traz orixás femininos participando da criação do mundo. Não são coadjuvantes, são seres essenciais para que a criação da terra e da humanidade aconteçam com êxito.

Nanã vai em socorro a Oxalá, que sem sucesso tentava modelar o homem, a orixá feminina participa da modelagem da humanidade. Nanã fornece a lama para criação, e doa sua essência para a modelagem de mulheres e homens. Nanã é a lama do fundo do rio por baixo do rio.

Dizem que quando Olorum encarregou Oxalá de fazer o mundo e modelar o ser humano, o orixá tentou vários caminhos. Tentou fazer o homem de ar como ele. Não deu certo, o homem logo se desvaneceu. Tentou fazer de pau, mas a criatura ficou dura. (...) Tentou azeite, água e até vinho de palma, e nada. Foi então que Nanã Burucu veio em seu socorro. Apontou para o fundo do lago com o seu ibiri, seu cetro e arma, e de lá retirou uma porção de lama. Nanã deu a porção de lama a Oxalá, o barro do fundo da lagoa onde morava ela, a lama sob as águas, que é Nanã. Oxalá criou o homem, o modelou no barro. Com o sopro de Olorum ele caminhou Com a ajuda dos orixás povoou a Terra. Mas tem um dia que o homem morre e seu corpo tem que retornar à terra, Voltar à natureza de Nanã Burucu. Nanã deu a matéria no começo, mas quer de volta no final tudo o que é seu. (PRANDI, 2001, p. 196-197).

Olorum, o Senhor do Céu e Olocum a dona dos oceanos compartilham da mesma idade. Em outro mito sobre a origem do mundo, seus filhos Obatalá e Odudua são os criadores da terra, de todos os seres que a habitam e também de mulheres e homens.

Num tempo em que o mundo era a imaginação de Olodumar só existia o infinito firmamento e abaixo dele a imensidão do mar. Olorum, o Senhor do Céu e Olocum a Dona dos oceanos tinha a mesma idade e compartilhavam os segredos do que já existia e ainda existiria. Olorum e Olocum tinha dois filhos: Orixalá, o primogênito, também chamado Obatalá, E Odudua, o mais novo. Olorum-Olodumare encarregou Obatalá O Senhor do Pano Branco, de criar o mundo. (...) Chegando o dia da criação do mundo, Obatalá se pôs a caminho até a fronteira do além, Onde Exu é o guardião. Obatalá não fez as oferendas nesse lugar, Como estava prescrito. Exu ficou muito magoado com a insolência

E usou seus poderes para se vingar de Obatalá. (PRANDI, 2001, p. 503-504).

Obatalá se embriaga no caminho e perde a oportunidade de criar o mundo para seu irmão Ododua que acompanhava tudo de longe. Depois de criar a Terra, Ododua nela vem fazer sua morada e cuidar do que é seu por direito.

(...) Então Obatalá despertou e tomou conhecimento do ocorrido.
 Voltou a Olodumare contando sua história.
 Olodumare disse:
 “O mundo já está criado.
 Perdeste uma grande oportunidade”
 (...) Mas a missão ainda não estava completa
 E Olodumare deu outra dádiva a Obatalá:
 A criação de todos os seres vivos que habitariam a Terra.
 E assim Obatalá criou todos os seres vivos
 e criou o homem e a mulher.
 Obatalá modelou em barro os seres humanos
 e o sopro de Olodumare os animou.
 O mundo agora se completara.
 E todos louvaram Obatalá. (PRANDI, 2001, p. 505-506).

Nos mitos iorubás, os orixás que evocam as formas femininas participam ativamente compartilhando funções com outros orixás para a criação da humanidade. Mulheres e homens são criados da mesma matéria, da mesma lama. Como Lilith e o primeiro homem, moldados do mesmo barro. E esse barro vem do fundo da lagoa onde morava Nanã Burucu. A lama sob as águas, no rio por baixo do rio, que é Nanã. A orixá é a matéria que dá forma a mulheres e homens. Nanã Burucu dá a matéria e ao final ela quer de volta, ela quer de volta aquilo que lhe pertence.

Lama, barro, água doce ou salgada, mar, rio por baixo do rio, são retalhos presentes nas narrativas de origem do feminino. E mais uma vez vamos encontrar estes retalhos na narrativa indígena. Thuëyoma, é a primeira mulher no mito de origem do povo Yanomami.

Na narrativa contada por Davi Kopenawa, xamã e liderança indígena do povo Yanomami que vive nas florestas e montanhas do norte do Brasil e sul da Venezuela, encontramos-nos com Thuëyoma⁶³ (Imagem 54). Neste mito continuamos seguindo o curso das águas: a correnteza das águas criativas e o rio por baixo do rio continuam nos conduzindo pelas histórias de origens dos femininos.

⁶³ Não há em Kopenawa e Albert, (2015) uma ilustração de Thuëyoma, como também não encontramos na internet uma ilustração sobre a primeira mulher Yanomami. Assim resolvemos inserir na escrita um recorte do filme “A última floresta, 2021”, filme documentário dirigido por Luiz Bolognesi e com roteiro de Davi Kopenawa, xamã Yanomami. A fotografia narra o momento em que Omama tira a filha de Têpêrsiki do grande rio.

Recolhemos com Thuëyoma mais um retalho sobre a origem dos mitos do feminino para a montagem da colcha.

Imagem 54 - A última floresta, 2021 (documentário). Momento em que Omama tira a filha de Tëpërësiiki do grande rio.



Fonte Youtube⁶⁴.

Foi Omama que criou a terra e a floresta, o vento que agita suas folhas e os rios cuja água bebemos. Foi ele que nos deu a vida e nos fez muitos. (...) Omama e seu irmão Yoasi vieram à existência sozinhos. Não tiveram pai nem mãe. Antes deles, no primeiro tempo, havia apenas a gente que chamamos yarori. Esses ancestrais eram humanos com nomes de animais e não paravam de se transformar.

(...) No início também não existiam rios; as águas corriam debaixo da terra, bem fundo. Só se ouvia seu ronco, ao longe, como o de fortes corredeiras. Formavam um enorme rio que os xamãs nomeiam Moto uri u.

(...) Omama e seu irmão Yoasi viviam sozinhos. Nenhuma mulher existia ainda. Os dois irmãos só vieram a conhecer a primeira mulher muito mais tarde, quando Omama pescou a filha de Tëpërësiiki num grande rio. No início, Omama copulava na dobra do joelho de seu irmão Yaosi. Com o passar do tempo, a panturrilha deste ficou grávida e foi assim que Omama primeiro teve um filho. Porém, nós, habitantes da floresta não nascemos assim. Nós saímos, mais tarde, da vagina da esposa de Omama, Thuëyoma, a mulher que ele tirou da água. Chamam-na também Paonakare. Era um ser peixe que se deixou capturar na forma de uma mulher. Assim é. (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 82).

⁶⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=herqOmo-qT4>

Thüëyoma não nasce de Omama, do barro ou de alguma outra matéria. Thüëyoma já existia antes, vivia livre nas águas do grande rio. Em companhia de peixes e outros animais desfrutava dos alimentos da floresta, dos ventos e da correnteza das águas. Nadava livre sob o rio por baixo do rio. Até que um dia avistou Omama. A narrativa mítica conta que Omama pescou Thüëyoma do grande rio, mas antes que ela saísse da água provocou uma transformação em seu corpo. O ser peixe se deixou capturar na forma de uma mulher, ela concordou em ser tirada do rio. Viu Omama antes mesmo que seu anzol a fisesse, agradou-se dele e se deixou capturar. Transforma-se em mulher indígena e encanta Omama que a elege sua esposa. Na forma de mulher e com Omama concebeu muitas filhas e filhos para povoar a floresta: o povo Yanomami.

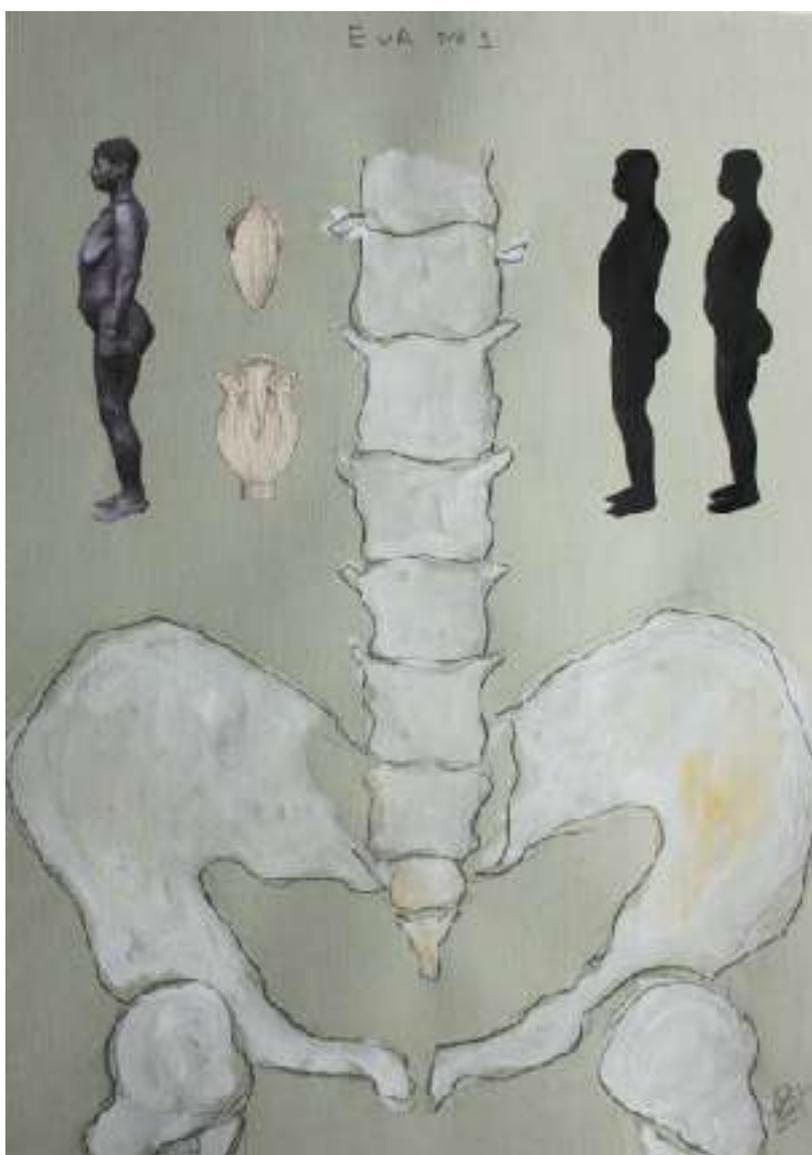
Thüëyoma e Omama coabitavam a terra e as águas, só ainda não tinham se encontrado. Seres encantados e humanos habitavam terras e águas. Dorrico (2019, p.47-49) nos apresenta um dos contos do Povo Macuxi contado por sua avó, e podemos tecer uma relação inversa da narrativa de Thüëyoma, “o homem seguiu a correnteza sem se incomodar com o perigo das profundas águas (...) a mulher, num gesto abrupto o levou para a profundidade do rio. A mulher era uma sereia. A mulher era um ser encantado”. A mulher, no mito Macuxi, espreita o homem de dentro do rio, o convida para a água e o carrega para seu mundo.

As narrativas sobre o mito indígena Thüëyoma, africano Nanã e o judaico Lilith, têm em comum a água, o rio por baixo do rio. A água é parte da essência feminina assim como o barro. Ora a água é morada, ora é matéria que se junta ao barro para moldar mulheres e homens. As três mulheres que narramos até aqui fizeram escolhas. Nanã resolve ajudar na criação, Lilith não permite a submissão e Thüëyoma saiu das águas do rio para uma nova vida. Nossa quarta mulher se chama Eva, aquela que foi criada para que o homem não ficasse só. Na narrativa, Eva já nasce para servir ao outro, carrega consigo, na narrativa judaico-cristã, o útero de onde nasceu a humanidade.

Para Estés (2018, p. 442), as escolhas de quase toda filha de Eva, não são voltadas para seu prazer, “mesmo tendo boa vivência dos costumes do mundo, se ela tiver uma chance, opta a principio pelo pacto infeliz”. Eva, em sua origem não participa da criação, ela chega depois para auxiliar; não pode fazer escolhas e deve ser submissa a quem ela nasceu para que não ficasse só.

O livro do Gênesis, primeiro livro da Bíblia judaico-cristã, descreve a criação do mundo, de todos os animais e do nascimento do primeiro homem e da primeira mulher. Eva, (Imagem 55), não foi criada junto com o primeiro homem ou da mesma matéria que ele foi moldado, mas de uma parte dele. Ela é um ser que dependeu de outro para existir. Deve sua existência ao homem, ou a doação de uma pedaço de sua costela, embora isso não tenha sido um ato voluntário do primeiro homem, mas uma decisão de seu criador.

Imagem 55 - Rosana Paulino, Eva Nº 1, da série Adão e Eva no Paraíso Brasileiro, 2014.



Fonte: Itaú Cultural⁶⁵.

⁶⁵ Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/acervos/artistas-mulheres-contemporaneas-acervo-rosana-paulino>.

(...) Para o homem, todavia, ele não achou uma auxiliar que lhe conviesse. Então Javé Deus fez cair sobre o homem um sono profundo, e este adormeceu. Tirou-lhe uma costela e fechou de novo a carne em seu lugar. Da costela que tirou do homem, Javé Deus edificou uma mulher e a apresentou ao homem. O homem exclamou: “Desta vez, sim! É osso de meus ossos, e carne de minha carne! Esta se chamará Mulher, isto é, a humana, porque do homem foi tirada.”
É por isso que o homem deixará pai e mãe, e se apegará à sua mulher, e serão uma só carne. (Gen 2, 21-24).

Ao longo dos capítulos 2 e 3 do livro do Gênesis, a narrativa vai descrevendo os primeiros dias de Eva e o primeiro homem, do lugar determinado para eles viverem, das regras que devem seguir e das consequências por alguma desobediência.

Homem e mulher andavam nus no paraíso e não sentiam vergonha. Podiam desfrutar de tudo no jardim do Éden. No meio do jardim, estavam a árvore da vida e a árvore da ciência do bem e do mal. O criador colocou o homem lá pra cultivar o jardim e também protegê-lo. E ainda recomendou comer dos frutos de todas as árvores do jardim, mas não da árvore da ciência do bem e do mal. Eva, após ser criada, recebeu a mesma ordem. Mas não ficou muito convencida sobre o porque de não comer do fruto proibido. Veio então o dia em que a serpente, um animal pra lá de astuto, lhe fez uma proposta muito instigante: comer o fruto da árvore proibida para lhe abrir os olhos e se igualar aos deuses, aqueles que tudo sabem, conhecedores do bem e do mal. Uma proposta imperdível. A serpente fez um convite à Eva: transgredir, fazer escolhas.

Eva é curiosa, quer descobrir os segredos do paraíso, quer viver aquele mundo tal como ele é, sem regras restritivas, então come o fruto proibido. Eva transgride a principal regra dada por Deus. Nesta façanha transgressora, Eva não é egoísta e oferece o fruto também ao homem, compartilha com ele a descoberta de novos sabores, de novos caminhos, de recriar aquele mundo a cada instante. Eva convida-o a transgredir e a começarem juntos uma nova história (Imagem 56).

Imagem 56 - J. Borges, Eva e Adão, 1970.



Fonte: Pé de boi - Arte popular brasileira⁶⁶.

O mito judaico-cristão se perpetuou na civilização ocidental e dele alguns comportamentos aprendidos ao longo dos tempos não foram benéficos às mulheres.

(...) Eva não foi criada ao mesmo tempo que o homem; não foi fabricada com uma substância diferente, nem com o mesmo barro que serviu para moldar o primeiro macho. Seu nascimento não foi autônomo; Deus não resolveu espontaneamente criá-la com um fim em si e para ser por ela adorado em paga: destinou-a ao homem. Foi para salvar Adão da solidão que ele lhe deu, ela tem no esposo sua origem e seu fim. (BEAUVOIR, 2019, p. 201).

Beauvoir (2019) fundamenta de forma simples a condição da mulher ocidental regida pelo mito de Eva: a mulher não existe para ser “a mulher”, mas

⁶⁶ Disponível em: <https://pedeboi.com.br/loja/j-borges-adao-e-eva-decada-de-70/>. Acesso em: 28 abr. 2020.

aquela que surgiu de uma parte do homem e a ele pertence. Ao comer o fruto proibido, nasce o pecado e a culpa que a mulher carrega. Desta história, nascem todas as outras mulheres, as filhas de Eva.

Em Robles (2019), Eva é a história de uma ideia que representa

(...) desejo e remorso, gozo carnal, imaginação fundadora e força libertadora: ela é a mulher, a deusa, a mãe e a amante, a abnegada parideira de homens que atravessa os séculos trazendo o símbolo da queda, mas trazendo também a consciência eletiva de quem se atreveu a desvelar o mistério mais elevado: o da sabedoria que estava entranhada na árvore proibida. (ROBLES, 2019, p.42).

Diferente de Thüeyoma, Nanã e Lilith, Eva, é parte do homem, nasce dele e depois pertence a ele. Entretanto, mesmo tendo sido predestinada a ter no homem origem e fim, Eva transgrediu. Provou do fruto proibido e ofereceu a Adão. A essência transgressora de Lilith durante muito tempo adormecida, por um instante é aflorada e Eva desobedece. Nanã, a guardiã do saber ancestral, se junta a Eva e ela também tem sede de conhecimento. E a liberdade para escolher, mulher ou peixe de Thüeyoma, fez com que Eva comesse o fruto proibido. Embora essa força libertadora lhe reservasse punições.

À mulher pecadora Deus disse: “Tornarei penosa tua gravidez, e entre penas darás à luz seus filhos. Contudo, sentir-te-ás atraída para teu marido, mas este te dominará”. Além da expulsão do paraíso, Eva e todas as mulheres que vierem depois dela darão à luz com terríveis dores, serão submissas aos seus maridos e sob os seus domínios permanecerão. Estes castigos são revividos nas histórias de mulheres que buscaram o conhecimento ou realizaram seus projetos sem a permissão da sociedade patriarcal. Milhares de mulheres foram punidas, chamadas de bruxas, pecadoras, hereges, e sentenciadas aos piores castigos e a morte. A narrativa de Eva perpetua o conchavo patriarcal. A primeira mulher da narrativa judaico-cristã e suas descendentes transgressoras carregam em seu íntimo a culpa pelo pecado original, por afrontar a Deus. E renovam a cada dia, a escolha pelo “pacto infeliz”.

Todavia, esse arranjo entre deus único e homens durante séculos também sofreu ações corrosivas para garantir a sobrevivência, a liberdade, a autonomia, a felicidade e tantas outras conquistas realizadas por e para mulheres. Ações individuais (cada uma em seu mundo particular lutando por seus sonhos) e coletivas (os movimentos pelos direitos civis, feminista e antirracismo). Por mais que nos queiram calar, aprisionar, diminuir a força que rege o rio por baixo do rio, com o

passar do tempo essa força pode até diminuir, mas não é extinta e quando retorna surge com mais energia. Para manter essa força que movimenta a correnteza das águas do rio por baixo do rio Clarissa Pinkola Estés nos incita a escutar uma voz distante.

Existe um ponto crítico para nós (mulheres) quando estamos esperando por aquilo que temos certeza de que irá representar nossa destruição, nosso fim. Isso faz com que nós, como a donzela, voltemos nossos ouvidos para uma voz distante proveniente de tempos ancestrais, uma voz que nos diz como nos mantermos fortes, como manter o espírito simples e puro. (ESTÉS, 2018, p.452).

Quando nos deparamos com as narrativas mitológicas, em especial aquelas que não conhecíamos, mas que de alguma forma nos é familiar, faz parte da nossa ancestralidade, entendemos que não se faz necessário escolher aquela em que precisamos acreditar. Mas sim fazemos uma nova leitura daquelas histórias que nos foram contadas, agora que encontramos novos retalhos e retalhos preciosos. Rever com os sentidos mais apurados, as histórias, os mitos que moldaram nosso comportamento. E como a donzela que ouve a voz de suas ancestrais, voltarmos no tempo, questionarmos as histórias que nos afastam do espírito simples e puro, jogarmos fora aquilo que não nos faz bem e continuarmos caminhando ouvindo as vozes ancestrais que nos dizem como nos mantermos fortes.

E entre essas vozes estão as alegres e subversivas mulheres quilombolas de Conceição das Crioulas. O mito de origem da comunidade quilombola é composto de seis crioulas e suas histórias inspiram até hoje suas descendentes e incorpora o jeito de ser das mulheres de Conceição das Crioulas.

As seis negras chegaram, no território onde hoje se situa a comunidade quilombola, em meados do século 18, “sabe-se que se identificavam como crioulas”, afirma Rodrigues (2017, p. 16). A tradição oral contada pelas(os) mais velhas(os) afirma que aquelas primeiras mulheres não chegaram no sertão nordestino como escravizadas fugidas. Livres, naquele pedaço de chão, iniciaram a luta coletiva pela terra em uma primeira e inspiradora, afirma Nascimento, M. (2017), p. 43) “ação em que se demonstrou resistência e coragem como sinônimo de autonomia e de expressão de liberdade”.

Juntemos então, aos retalhos de Lilith, Nanã Thüeyoma e Eva às seis primeiras mulheres que chegaram em Conceição das Crioulas: Mendencha Ferreira, Francisca Ferreira, Francisca Presidente, Francisca Macário, Germana Ferreira e Romana, mulheres “guerreiras que demarcaram seu lugar no mundo e constituíram

seu modo de viver e fazer: resistir vivendo e fazer com as mãos”. (AMARAL, LIRA, e PAIVA, 2019, p. 200).

(...) em meados do século XVIII, tempo estimado a partir da história oral, seis mulheres negras, em busca de liberdade, fixaram moradia em um espaço de terra e começaram a trabalhar no cultivo do algodão. Com o passar do tempo chega à região um homem chamado Francisco José que trazia uma Santa, Nossa Senhora da Conceição, e juntamente com as mulheres fizeram uma promessa: se conseguissem aquele espaço territorial fariam uma capela. E assim aconteceu. No ano de 1802 conseguiram o documento de posse da terra que compreende aproximadamente 17 mil hectares, começando assim um longo episódio de territorialização, desterritorialização e reterritorialização desde essa época até os dias atuais. (NASCIMENTO, M. 2017 p. 43).

Como Lilith, as crioulas que chegaram ao sertão pernambucano estavam cheias de coragem e assim como Thüeyoma não aceitaram ser subjugadas por homem algum, elas fizeram suas escolhas. Não sabemos o que ou quem enfrentaram até resolverem cessar a busca por um lugar de moradia e trabalho. Mas como afirma Nascimento (2017, p.21) as crioulas que chegaram no território quilombola “usaram da coragem e do desejo de não serem dominadas pelos que utilizavam das formas mais violentas de opressão às quais, na época, o povo negro era submetido”.

Do Francisco José, aquele que carregava a santa, o único relato que se tem sobre ele é esse, que chegou na comunidade carregando uma santa. Alguns contam que era um escravizado que teria fugido e nada mais. A história oral não acrescenta mais informações sobre esse homem, como também as pesquisas realizadas no território quilombola de Mendes (2019); Nascimento, M. (2017), Rodrigues, (2017); Silva, G. (2012) e Leite (2012) que relatam o mito de origem da comunidade quilombola, nada acrescenta sobre ele. Este homem não tem outras histórias, não tem descendentes. Ele é ao mesmo tempo a figura masculina que chega para proteger as seis mulheres e a fé cristã católica, professada na colônia portuguesa, representada pela imagem da santa. É o representante da sociedade patriarcal e cristã católica naquele momento.

Curiosamente a narrativa mítica não traz nenhuma outra imagem que se refere a crença de matriz africana e as origens das seis mulheres crioulas. Silva , G. (2012, p. 54) alega que a Igreja Católica aproveitou a narrativa das crioulas com a santa para “continuar sua superioridade em detrimento de outras manifestações religiosas, pode ter sido a razão que levou essa comunidade quilombola a ser

comunidade eminentemente católica por um bom período”. Esse objetivo foi alcançado e veremos, mais adiante, o afastamento de pessoas da comunidade por não abandonarem as crenças ancestrais africanas.

Entretanto, de suas origens, sabe-se que elas se identificavam como crioulas, termo que é sinônimo da mestiçagem no Brasil colonial. Hardman (2015) descreve sobre o termo “crioula” e nos apresenta algumas possibilidades sobre as origens das primeiras negras que chegaram no território quilombola do sertão pernambucano.

O termo “crioula” não designa somente africanos nascidos no Brasil, no livro *Díáspora Negra no Brasil* (2012), a palavra tem uma conotação de miscigenação entre os africanos e europeus. Linda Heywood discute em um capítulo sobre a ideia de “crioulização”, defende que não era uma manifestação de adaptação e síntese cultural própria das Américas ao detalhar processos similares na África Central. Mostra como os escravizados estavam expostos a essa miscigenação, “a cultura crioula”, antes mesmo de atravessarem o Atlântico.

É interessante pensarmos em como foram criadas novas identidades coletivas na África, o que resultou dessa intensa transformação com a chegada dos europeus, os traumas provenientes da escravidão ao longo de séculos de exploração. Os primeiros escravizados até os últimos partiram de contexto totalmente diferentes, não só de etnias, mas longos anos de mudanças e contatos com outras culturas, altera-se a ideia de uma africanização “pura” que se “crioulizou” só na chegada no Brasil. (HARDMAN, 2015, p. 33).

As crioulas que chegaram no sertão pernambucano em busca de tranquilidade e de uma terra para trabalhar e fincar morada, carregavam consigo histórias de suas ancestralidades, dos lugares por onde viveram e das pessoas que conviveram. Essas histórias não ficam explícitas na narrativa mítica, mas são contadas com o passar do tempo nas narrativas de lutas para continuar existindo e resistindo no lugar que escolheram. Estas lutas foram continuadas por suas descendentes. Como afirma Souza (2006, p. 34), “se trata de comunidade construída de forma própria, na qual as mulheres são celebradas como fundadoras e vistas como pessoas que resistem, negociam e agenciam suas vidas, sendo as principais responsáveis pelas conquistas efetivas”.

Estas histórias de embates, além de gerar conflitos também promoveram uniões entre povos, do povo quilombola de Conceição das Crioulas e o povo indígena Atikum-Umã, residentes naturais da Serra Umã, localizada no município de Carnaubeira da Penha/PE e que faz fronteira com o território quilombola. Desta forma, afirma Nascimento, M. (2017, p. 21), “convive no quilombo hoje uma

população que se identifica etnicamente parte como quilombolas e parte como indígenas, com os quais temos fortes ligações ancestrais e históricas”.

As forças femininas de Lilith, Nanã, Thuëyoma e Eva; são percebidas por quem visita a comunidade e também por quem nela vive. São transmitidas às novas gerações de mulheres no cotidiano da comunidade, em suas lutas diárias e nas aspirações das novas guerreiras sobre o futuro do território quilombola. Também são fonte de inspiração para a busca de outras histórias. Encontrar-se com essas narrativas é experimentá-las no cotidiano da comunidade quilombola, é sentir a presença da ancestralidade que deixou um legado e que é seguido pelas filhas, sobrinhas, netas e tantas(os) outras(os) que vivem naquele lugar

Os retalhos/histórias/imagens sobre os mitos de origem do feminino nos conduziram até o mito de origem de Conceição das Crioulas. Uma comunidade quilombola que tem no começo de suas histórias o nome de seis mulheres e suas descendências e um homem que participa apenas do mito de origem e depois não temos mais informações sobre ele. As histórias de Conceição se iniciam no feminino e continuam sendo contadas e escritas no feminino.



(...) Toda narrativa (literária, que é óbvio, mas também em outras linguagens: musical, cênica, pictorial, etc.) possui um estreito parentesco com o sermo mythicus, o mito. (...) É portanto, necessário, procurar qual (ou quais) o mito mais ou menos explícito (ou latente) que anima a expressão de uma linguagem segunda, não mítica. (DURAND, 1996, p. 246).



Eu lembro que eu era pequena, bem pequena e a gente morava no sítio Areia, uma comunidadezinha lá na roça, 3km de distância da vila que faz parte do território. E o povo de Conceição eles gostam de procurar catolé, que em outras regiões chamam de ouricuri, mas pra nós é catolé, que é um coquinho pequenininho ele é docinho e a gente gostava de catar. Eu mesma nunca fui, meu pai e muita gente da comunidade mais velha que eu ia muito buscar lá em uma serra (...) chamada de Serra da Princesa.



5 - Retalhos/mitemas - o feminino em Conceição das Crioulas

(...) o imaginário, lugar do “entre-saberes”.
Museu, reserva de museu, do conjunto de todas as imagens passadas e possíveis produzidas pelo homo sapiens sapiens. O que implica um pluralismo das imagens e uma estrutura sistêmica do conjunto dessas imagens infinitamente díspares, se não mesmo divergentes... (DURAND, 1996, p. 231).

Até aqui recolhemos e costuramos retalhos preciosos para entendermos o imaginário, o museu de imagens, as imagens passadas e as produzidas durante a investigação que compõe esta pesquisa realizada na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. Nesta parte da costura e escrita, os retalhos serão recolhidos a partir das histórias compartilhadas nas rodas de conversa por Aparecida Mendes, Fábila Oliveira, Fabiana Silva, Lorena Bezerra, Maria de Lourdes, Marcia Nascimento e Marinalva Bezerra.

Durante o 2º Encontro, mencionado no primeiro capítulo, ouvimos muito sobre as primeiras mulheres, as primeiras crioulas que chegaram no território. Sua força e resistência era lembrada a cada nova história partilhada. E no início da investigação, pesquisar sobre suas histórias parecia um caminho interessante a ser percorrido no estudo. As seis mulheres fundadoras da comunidade quilombola são citadas em Rodrigues (2017), Nascimento, M. (2017), Silva, G. (2012) e Mendes (2019), pesquisadoras quilombolas, mestras pelas Universidade de Brasília. E em pesquisas que tiveram o território como campo de investigação: Silva, C. V. (2019); França (2018); Marques (2018); Lima, K. (2017); Antunes (2016); Vilela (2014); Souza (2013); Leite (2012); Freire, E. (2012) e Silva, C. (2011), contudo, as histórias das seis crioulas não são o objetivo, o foco principal destas pesquisas.

Ainda assim, apesar da importância de cada uma dessas mulheres para as histórias da comunidade, com as leituras, reflexões e rodas de conversa, não nos caberia definir quais histórias e imagens as mulheres, convidadas a pesquisar, deveriam partilhar na investigação. Convidar mulheres para pesquisar sobre mulheres e ainda definir quais histórias deveriam ser partilhadas, seria uma decisão autoritária e essa atitude não estaria de acordo com as premissas da pesquisa.

Assim, foi proposto às coautoras da pesquisa que escolhessem uma mulher da comunidade para partilhar suas histórias e imagens. E não definimos quais critérios elas deveriam seguir para esta escolha. Desta maneira, Fábila Oliveira escolheu falar sobre sua mãe Maria do Socorro; Fabiana Silva, sua avó Alzira; Márcia Nascimento, Agostinha Cabocla; Aparecida Mendes, foi difícil escolher apenas uma, então escolheu partilhar as histórias de Margarida Domingas (mãe

Magá, uma das parteiras da comunidade), sua avó Ana Belo e também de sua mãe Maria da Natividade; Lorena Bezerra sua bisavó paterna Maria Domingas; Maria de Lourdes, fala de si mesma, a Lourdinha; e Marinalva Bezerra partilha as histórias de sua mãe Dona Rita.

Nas rodas de conversa cada uma partilhou as histórias e imagens sobre a mulher escolhida. Embora estivessem contando narrativas já conhecidas entre elas e apenas eu, como pesquisadora de fora da comunidade, fosse a única que não conhecia os relatos, em vários momentos algumas delas demonstravam surpresa sobre alguma informações ou fatos. As partilhas se tornaram reencontros com a memória individual e coletiva. A “estética do escondido” de Bachelard (1993), as gavetas da memória foram se abrindo a cada encontro e revelando narrativas e imagens guardadas, esquecidas, quase perdidas.

Para Durand (1996),

(...) Toda narrativa (literária, que é obvio, mas também em outras linguagens: musical, cênica, pictorial, etc.) possui um estreito parentesco com o termo *mythicus*, o mito. (...) É portanto, necessário, procurar qual (ou quais) o mito mais ou menos explícito (ou latente) que anima a expressão de uma linguagem segunda, não mítica. (DURAND, 1996, p. 246).

O mito como modelo matriarcal de toda narrativa, é o relato que dá origem às histórias, o que Rocha Pitta (2017, p. 23) traduz como "o relato fundante de uma cultura". Esse relato fundante em Conceição das Crioulas é a história das seis mulheres negras que se declaravam como crioulas. Chegaram no território, arrendaram um pedaço de terra, plantaram algodão para vender na cidade de Flores⁶⁷ e com o dinheiro da venda do algodão compraram o território onde hoje se situa a comunidade quilombola. Essa é a matriz, a essência da narrativa do mito de origem de Conceição das Crioulas. A partir da narrativa das seis crioulas, nascem muitas outras histórias que apresentam outros mitos, mais ou menos explícitos, que farão parte dos relatos contados na comunidade quilombola ao longo de sua existência.

Fomos em busca destas outras histórias na escuta e partilha nas rodas de conversa, uma das metodologias utilizadas para a coleta de retalhos para a colcha e

⁶⁷ O município de Flores está localizado no Sertão Pernambucano, na Microrregião do Pajeú. Limitando-se ao norte com o Estado da Paraíba e Quixaba, ao sul com o município de Betânia, ao leste com os municípios de Carnaíba e Custódia e ao Oeste com os municípios de Triunfo e Calumbí. A distância entre Flores e Salgueiro é de 139 km. Disponível em: <https://www.cidadesdomeubrasil.com.br/pe/flores>

a escrita. Para analisar simbolicamente essas narrativas nos apropriamos da mitocrítica, metodologia de análise do Imaginário, que é o estudo das redundâncias, as repetições, os retalhos semelhantes que não são descartados, mas recolhidos com cuidado. Estas redundâncias, Durand (1996, p. 254) denomina “mitema”, “o elemento significativo mais pequeno de um mito, caracterizado pela sua redundância, a sua metabole”. Com a mitocrítica realizamos o estudo das repetições encontradas nas histórias partilhadas nas rodas de conversa. O estudo dos mitemas nas narrativas do feminino, nos conduz aos mitos de Conceição das Crioulas.

A partir dos dados coletados⁶⁸, agrupamos as constelações de retalhos/mitemas⁶⁹ em quatro grandes temas que denominamos de Educação, Identidade Crioula, Cuidado e Religiosidade. Em Educação, os mitemas relacionados à força transformadora da educação; na Identidade Crioula, os que nos apontam características que traduzem as mulheres crioulas; no Cuidado, os que nos apresentam ações de zelo e em Religiosidade as manifestações do sagrado na comunidade.

Os temas que identificamos são muito próximos e se relacionam entre si. A mesma mulher que ensina é a que benze, que reza; a que faz o parto é a que cuida, a que levanta a casa. Em Conceição das Crioulas o sentimento de coletividade está sempre presente. A divisão por temas não retira o caráter de coletividade destas histórias, apenas as apresenta de uma forma didática e nos ajuda a organizar a escrita. Na leitura e análise do material coletado encontramos retalhos repetidos, narrativas parecidas, imagens similares, estes retalhos nos indicam caminhos preciosos.

⁶⁸ Os dados da pesquisa foram coletados a partir das transcrições das rodas de conversas, a mini-biografia com as repostas do questionário on-line, mensagens de texto enviadas por email ou aplicativos de mensagem e conversas individuais realizadas na comunidade.

⁶⁹ Nas citações das rodas de conversa, textos enviados por email e aplicativos de mensagens, destacamos em negrito as partes que nos levou a separar aquela fala, as recorrências, que identificamos os mitemas.



(...) após anos de promessas foi iniciado o processo de inserção de escolas públicas nos núcleos comunitários do nosso território. Porém, durante muito tempo, as professoras numa condição "naturalizada" eram as esposas, filhas ou noras dos fazendeiros. E, em último caso, a função era cedida às filhas de moradores, desde que essas fossem escolhidas pelos patrões ou por representantes da política local. Sendo assim, nas escolas se ensinava, exclusivamente, aquilo que seria útil aos interesses dos "donos" das terras. (RODRIGUES, 2017, p. 27).

5.1 - Educação

O grande tema Educação reúne uma constelação de retalhos/mitemas relacionados às escolas da comunidade, às mulheres que contribuíram para o ensino das crianças, e à vontade de estudar mesmo quando a realidade não favorece a ida à escola. Em diversos momentos nas rodas de conversa durante a pesquisa ou em conversas informais na comunidade, ouvimos histórias sobre a força transformadora da educação em Conceição das Crioulas.

Nas páginas de cadernos com os relatos sobre a vida dura e cruel de moradora de favela, a escritora Carolina Maria de Jesus não esquecia de também escrever sobre um fio de esperança de uma vida melhor para os filhos.

Fiz café e mandei os filhos lavar-se para ir na escola. Depois sai e fui catar papel. Passei no frigorífico e a Vera foi pedir salsicha. Ganhei só 55 cruzeiros. Depois voltei e fiquei pensando na vida. (JESUS, 2014, p. 115).

Mandar os filhos à escola era uma atitude de resistência, frente a realidade vivenciada por Carolina Maria de Jesus e suas/seus vizinhas(os) esquecidas(os) pelo Estado brasileiro. Em Conceição das Crioulas, ir à escola, lutar pela educação também foi e ainda é resistência, uma luta que ultrapassa gerações.

Na primeira roda de conversa, em que realizamos a nossa apresentação, o tema educação aparece em várias falas. Na forma de se apresentar de Fabiana Silva “sou professora quilombola”; na justificativa em não ter filhas(os) de Márcia Nascimento “(...) sempre priorizei o estudo. Primeiro eu dizia, vou terminar o magistério e depois ter um filho. Aí não, vou terminar a faculdade. Terminei. Não, vou fazer especialização. (...) mas agora não, que ainda quero fazer o mestrado”; e nas atividades do cotidiano de Marinalva, “sou liderança também, faço de tudo um pouco na comunidade quando precisa, nas escolas, na Associação, na igreja, de tudo um pouco” .(Fabiana Silva, Marcia Nascimento, Marinalva Bezerra, respectivamente, 1ª roda de conversa, 03 jul. 2021).

Na comunidade quilombola, as pessoas de todas as idades se orgulham de contar sobre sua trajetória ou da história de algum parente ou vizinha(o). Sobre suas lutas para concluir os estudos, fazer faculdade, inscrever-se em concurso público, conseguir um emprego, etc. Essas lutas sempre foram incentivadas pelas(os) mais velhas(os). Foram as(os) que não tiveram a oportunidade de estudar, mas não desistiram de proporcionar os estudos às gerações mais novas. Nas narrativas partilhadas identificamos estas redundâncias e denominamos de retalho/mitema “incentivo à educação”. Entre as repetições sobre este retalho/mitema, Aparecida Mendes nos fala sobre a luta de sua mãe Maria da Natividade (Imagem 57), para manter as(os) filhos na escola.

Imagem 57 - Aparecida Mendes e a mãe Maria da Natividade.

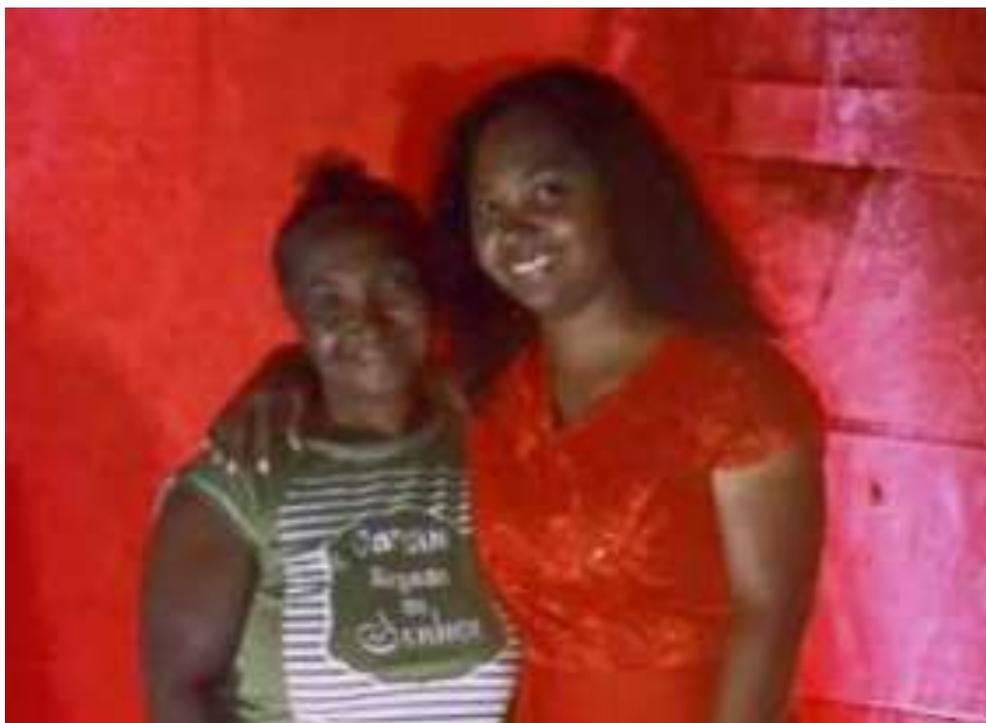


Fonte: Aparecida Mendes, acervo pessoal.

Tem umas coisas que mãe fez, que é muito, hoje eu fico analisando é muito forte assim. Nós sempre, principalmente eu de nós dois que somos mais velhos, eu e meu irmão. A gente sempre **quis estudar, mas a gente não podia ir pra escola** porque pai não deixava. Pai era daqueles que entendia que a gente tinha que ir pra roça, trabalhar pra ajudar a criar os mais novos. **E mãe achava que a gente tinha que ir pra escola**, porque ela nunca tinha ido, mas a gente tinha que ir. É tanto que ela nessa história de vender imbu ela se juntou com tia Dina, com Bior que é uma prima dela, tia Maria da vila **e elas se organizaram para pagar uma pessoa pra dar aula pra gente, pros filhos**. É por isso que eu digo que a **minha primeira professora foi Dona Auxiliadora, para mim ela é Dona Auxiliadora, porque professora a gente chamava Dona**. Então Dona Auxiliadora, que era minha tia que já faleceu, ela foi a minha primeira professora, quando a gente teve a oportunidade de ir pra sala de aula a gente já foi alfabetizada, já foi sabendo decifrar as letras, porque aprendemos **porque as nossas mães se organizaram, fizeram uma vaquinha e pagavam a ela pra dar aula pra nós, pra ensinar a gente em casa**. Então esse é um comportamento que eu acho tão forte e tão necessário de ser dito, porque as mulheres, elas estão à frente, mesmo no silêncio, mas elas estão a frente na organização, no cuidado, no desenvolvimento, no estímulo, mesmo nas políticas que elas nunca tiveram acesso e elas querem que a gente tenha acesso. (Aparecida Mendes, 2ª Roda de Conversa, 22 jul 2021).

E Fábria Oliveira sobre a mãe Maria do Socorro, sua inspiração para continuar os estudos (Imagem 58).

Imagem 58 Fábria e a mãe Maria do Socorro.



Fonte: Fábria Oliveira, acervo pessoal.

Eu sou a **única da família que está cursando a faculdade. Minha mãe é minha inspiração pra continuar meus estudos** e outras pessoas também como Cida, Márcia, Fabiana⁷⁰. (Fábia Oliveira, 3ª roda de conversa, 14 ago 2021).

Aparecida Mendes, Fábia Oliveira e as(os) mais jovens da comunidade quilombola, se inspiram em pessoas que escolheram sua profissão a partir da educação. E assim seguiram um caminho daqueles, como denuncia Nascimento, B. (2021, p. 139), impostos pelos “processos e formas de dominação, subordinação, dominância e subserviência” a que a população negra no Brasil foi submetida durante séculos.

A escola em Conceição das Crioulas é um dos lugares de luta e resistência contra o racismo, contra a inferiorização da população negra e do direito ao conhecimento negado às(os) descendentes das(os) negras(os) sequestradas(os) de seus reinos e escravizadas(os) nas Américas. É um espaço onde se aprende que é possível fazer escolhas.

O cenário estadunidense que Davis (2016) descreve, sobre a proibição ao acesso à educação da população negra, não difere do cenário brasileiro, isso significa que as(os) mais velhas(os), que não tiveram acesso à educação, não o fizeram por não terem capacidade, mas porque, durante séculos, o direito à educação lhes foi negado.

Com frequência, os poderes mistificadores do racismo emanam de sua lógica irracional e confusa. De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparadas ao epítome branco da humanidade. Mas se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento. Portanto não teria sido necessário proibi-las de aprender. Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere à aquisição da educação.

O anseio por conhecimento sempre existiu. (DAVIS, 2016, p. 109)

Assim as(os) mais velhas(os) de Conceição das Crioulas não usufruíram do direito à educação, alguns nunca foram à escola, outras(os) não concluíram os estudos. Entretanto, o anseio por conhecimento sempre existiu e não desistiram de lutar pelo direito que lhes foi usurpado para que as histórias de suas/seus filhas(os) fossem diferentes. E a vontade pelo conhecimento não foi abafada pelos obstáculos

⁷⁰ Aparecida Mendes, Márcia Nascimento e Fabiana Silva também fizeram a formação superior na FACHUSC. Aparecida Mendes e Márcia Nascimento são mestras pela Universidade de Brasília (UNB).

criados pela sociedade racista. Com o acesso à educação garantido e a organização de luta coletiva, lideranças da comunidade conseguiram infiltrar-se nas instituições de poder para desmobilizar os processos de dominação, subordinação, dominância e subserviência que criaram os obstáculos também no território quilombola.

Não somente no sertão pernambucano, mas em todo país, o direito à educação tem um histórico de lutas no campo social, político e também econômico. Os ideais sobre o direito à educação, garantidos por lei no continente europeu em meados do século 19 e início do 20, como nos aponta Cury (2010, p. 569), “um canal de acesso aos bens sociais e à luta política e como tal um caminho também de emancipação do indivíduo frente à ignorância”, somente serão discutidos no Brasil no final do século 20, até então, a educação brasileira vivencia realidades

(...) de desleixo e abandono cujas consequências são extremamente visíveis e sempre catalogadas nos indicadores estatísticos dos órgãos do governo ou de organizações internacionais. (...) Mas não faltaram esforços, propostas, projetos e lutas tendentes a realizar a cidadania educacional em nosso país. Um dos campos de luta foi o terreno de elaboração de leis. (...) não há como ignorar os avanços possibilitados pelas Constituições de 1934 e de 1988. (CURY, 2010, p. 569).

E para a população negra brasileira, essa luta foi mais longa e ainda é mais difícil. Isso se reflete nos índices das pesquisas realizadas pelo IBGE⁷¹ sobre escolaridade, como a diferença entre as taxas de analfabetismo entre pessoas brancas de 3,9% e pretas ou pardas de 9,1%. Uma discrepância ainda mais acentuada quando se trata de pessoas pretas ou pardas na área rural com o percentual de 20,7% enquanto que na área urbana é de 6,8%. Conceição das Crioulas está inserida no contexto rural, onde o índice de analfabetismo é mais alto: pessoas pretas ou pardas e área rural onde as mudanças propostas nas leis demoraram mais para acontecer. Isso posto, foi necessário mais resistência e organização, herança de sua ancestralidade, para mudar histórias e estatísticas.

Durante sua trajetória o quilombo serve de símbolo que abrange conotações de resistência étnica e política. Como instituição guarda características singulares do seu modelo africano. Como prática política, apregoa ideais de emancipação de cunho liberal que a qualquer momento de crise da nacionalidade brasileira corrigem distorções importantes pelos poderes dominantes. O fascínio de heroicidade de um povo regularmente apresentado como dócil e subserviente reforça o caráter hodierno da comunidade negra que se volta para uma atitude crítica frente às desigualdades sociais a que está submetida. (NASCIMENTO, B. 2021, p. 166).

⁷¹ Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. IBGE, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em 10 maio 2022.

No quilombo de Conceição das Crioulas não foi diferente. O anseio por conhecimento e a atitude crítica frente às desigualdades sociais a que foi submetido por longos anos, foram uma das motivações para as(os) descendentes das seis crioulas não desistissem e continuassem resistindo e insistindo pelo direito à educação. Nascimento, A. (2016) denuncia que esse direito é apenas o começo de uma longa história de contínua luta e resistência.

O sistema educacional funciona como aparelhamento de controle nesta estrutura de discriminação cultural. Em todo os níveis do ensino brasileiro - primário, secundário, universitário - o elenco das matérias ensinadas, (...) constitui um ritual da formalidade e da ostentação das salas da Europa, e, mais recentemente, dos Estados Unidos. Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira, no currículo escolar? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo, foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? Ao contrário, quando há alguma referência ao africano ou negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra. (NASCIMENTO, A. 2016, p, 116).

Novos e complexos desafios se apresentam quando o direito à educação é conquistado pela população negra brasileira para que a escola seja realmente um lugar de aprendizado e que estimule as(os) estudantes a outras conquistas. Ao longo dos anos, iniciativas do Movimento Negro e outros movimentos sociais conseguiram realizar mudanças significativas na legislação brasileira. No campo da Educação, a Lei Nº 10.639/2003⁷², inseriu a obrigatoriedade do ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, oficiais e particulares do país, alterando a Lei Nº 9.394/1996, que estabeleceu as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)⁷³. Em 2008 ocorreu uma nova alteração com a Lei Nº 11.645/2008⁷⁴, acrescentando ao texto o “estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”. E em 2012 a Resolução Nº 08/2012, do Conselho

⁷² LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 30 abr. 2021.

⁷³ LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 30 abr. 2021.

⁷⁴ LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 30 abr. 2021.

Nacional de Educação da Câmara de Educação Básica, define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica⁷⁵.

Embora a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena sejam garantidas por uma lei, muito ainda deve ser feito para que o que foi proposto e aprovado pelas(os) legisladoras(es), seja realmente um compromisso de contar as histórias dos povos africanos que contribuíram para a formação do que hoje chamamos de povo brasileiro. O incentivo à pesquisa é um fator primordial para que essas histórias sejam contadas.

Em sua pesquisa de mestrado em Artes Visuais, Perini (2012, p. 36) nos aponta que “a cultura afro-brasileira é uma manifestação complexa porque não está somente no campo artístico, mas também no campo social, político e cultural” e ao trazermos essa arte para sala de aula e fazermos sua leitura é necessário conhecermos seu contexto e sua história.

Em sala de aula, esse termo “afro” abre múltiplas possibilidades, pois podem ser trabalhadas peças produzidas em diferentes nações africanas (*Nagô, Jêje*, Angola); os objetos de uso ritual; objetos de uso cotidiano, denominados artesanato ou objetos utilitários; pinturas de artistas que têm uma visão exótica do escravo africano (Debret, Rugendas, Carlos Julião); pinturas de artistas que mostram a visão do branco sobre o negro (Tarsila do Amaral, Portinari, Di Cavalcanti); artistas que mostram a visão do negro sobre si mesmo (Arthur Timóteo, José Benedito Tobias); os que mostram o momento atual (Mestre Didi, Rosana Paulino, Rego Monteiro, Rubem Valentim); fotógrafos que têm como temática a arte afro-brasileira (Walter Firmo, Pierre Verger, Madalena Scharwartz, Mário Cravo Neto) ou ainda entrar no campo antropológico e ver a proposta de Raul Lody, que estuda a cultura material corporificada, as joias de Axé, pencas, guisos dos orixás e fios de conta.

As tendências atuais na arte-educação têm buscado a preservação das culturas e da harmonia por meio do desenvolvimento de habilidades em muitos sistemas culturais. Essas atribuições envolvem o conhecimento e a capacidade de lidar com códigos culturais de outras culturas, bem como a compreensão de como ocorrem certos processos culturais básicos e o reconhecimento de contextos macroculturais em que as culturas se inserem, como é o caso da arte. (PERINI, 2012, p. 36-37).

As histórias da arte africana que Perini (2012) apresenta como sugestões, e tantas outras, fazem parte de um exercício crítico e comprometido da docência em Artes Visuais para cumprirmos com o objetivo da Lei Nº 10.639 de inserirmos nas

⁷⁵Resolução Nº 08/2012, do Conselho Nacional de Educação da Câmara de Educação Básica, define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11970-221112resol-8-cne-pdf&category_slug=novembro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 30 abr. 2021.

histórias da arte as contribuições do povo negro, no passado de nossas histórias e também na atualidade. Nesse exercício de pesquisar diferentes artistas, diferentes épocas e propostas distintas a professora/pesquisadora também se apropria das discussões e propostas atuais da arte/educação de vivenciar a arte como uma linguagem aguçadora de sentidos.

Segundo Barbosa (2010) essa é a única concepção de sensibilidade que interessa ao ensino da arte, “aguçar os sentidos”, e não apenas nos deixar sensíveis, mas, ampliar nosso campo de visão, nossa percepção dos cheiros, sabores, texturas, volumes. Nesse aguçar dos sentidos, concordamos com Barbosa (2010, p. 99) ao afirmar que as imagens, matéria prima das Artes Visuais, “tornam possível a visualização de quem somos, de onde estamos e de como sentimos”.

Em Conceição das Crioulas não pesquisamos imagens de artistas, mas também encontramos os códigos que retratam a cultura afrobrasileira. Estes códigos estão nas histórias e imagens partilhadas nas rodas de conversa. Entre elas estão as de Maria do Socorro (Imagem 59), mãe de Fábria Oliveira. Nas partilhas de Fábria sobre sua mãe encontramos mitemas que compõe o grande tema Educação.

Imagem 59 - Maria do Socorro Oliveira e Fábria Oliveira.



Fonte: Fábria Oliveira, acervo pessoal.

Maria do Socorro nasceu em 1959, hoje tem 62 anos, é costureira e agricultora aposentada. Casou pela primeira vez aos 27 anos. Com seu primeiro marido teve uma filha e dois filhos. Aos 39 anos ficou viúva e um ano depois conheceu Antonio José, seu atual esposo. Com ele teve Fábria e Fabílson. Quando ela nos apresenta o segundo marido, nos diz sorrindo, “ele é mais novo que eu”.

Na época em que Maria do Socorro era estudante, nos anos de 1970, somente existia uma escola no território quilombola que ofertava as séries iniciais do Ensino Fundamental (EF), até a 4ª série, atualmente o 5º ano do EF. A 4ª série era o ano final da escola entre os anos de 1970/1990. Durante esse período a comunidade quilombola foi se conscientizando sobre o direito ao ensino gratuito e que a educação era um dever do estado. As reivindicações foram ganhando força como foi destacado pela pesquisadora quilombola Maria Diva Rodrigues.

(...) após anos de promessas foi iniciado o processo de inserção de escolas públicas nos núcleos comunitários do nosso território. Porém, durante muito tempo, as professoras numa condição “naturalizada” eram as esposas, filhas ou noras dos fazendeiros. E, em último caso, a função era cedida às filhas de moradores, desde que essas fossem escolhidas pelos patrões ou por representantes da política local. Sendo assim, nas escolas se ensinava, exclusivamente, aquilo que seria útil aos interesses dos “donos” das terras. (RODRIGUES, 2017, p. 27).

Com a inserção das escolas públicas no território quilombola, uma primeira demanda foi atendida e ainda tinha tantas outras para serem resolvidas. Com o ensino até a 4ª série nos núcleos comunitários, para seguir adiante nos estudos, as(os) estudantes tinham que ir para as escolas da cidade, em Salgueiro. Sem transporte público, a ida para escola era impossível para as crianças da comunidade. Maria do Socorro, não conseguiu concluir seus estudos. Mas para não sair da escola, a estratégia era repetir de ano, assim ela repetiu a 4ª série duas vezes. Tal realidade começa a ser transformada, segundo Rodrigues (2017, p. 42), “gradativamente a partir do momento em que a Educação Escolar começou a ser pensada e assumida por educadores/lideranças da comunidade”.

O marco inicial deste processo de transformação da educação na comunidade quilombola, conquistado com muita luta e resistência, foi a implantação dos anos finais do Ensino Fundamental com a construção, no ano de 1995, da Escola Municipal Quilombola Professor José Mendes e a elaboração coletiva do Projeto Político Pedagógico do Território Quilombola de Conceição das Crioulas

(PPPTQ), relatado na dissertação da pesquisadora e professora quilombola Márcia Nascimento.

Considerando a necessidade de implantação de uma nova etapa educacional no quilombo de Conceição das Crioulas é que percebemos que a estrutura que existia até aquele momento necessitaria de mudança e que o ensino deveria ser transformado. Fomos em busca disso, e com muita persistência conseguimos a implantação de uma escola no quilombo, pois entendemos que a educação escolar é um dos caminhos para a aquisição de outros conhecimentos necessários para o enfrentamento das lutas. As batalhas se intensificaram e no ano de 1995 é inaugurada a Escola Municipal Professor José Mendes. Implanta-se no quilombo o Ensino Fundamental, anos finais, na época denominado de 5ª a 8ª série, trazendo com ele a necessidade de profissionais qualificados e de um currículo —novo, que desenvolvesse uma pedagogia diferenciada, que enfatizasse a história e a cultura local.

(...) o caráter discutido ali era o que contribuiria para o processo de reorganização social que ora acontecia naquela comunidade, que há muito tempo vinha enfrentando situações de opressão, em que negavam a sua história, a sua cultura, os seus direitos.

Na busca por uma educação escolar que desse sentido à vida da comunidade, inicia-se a reconstrução do —modelo de escola vivenciado até então. Como instrumento propulsor dessa ideia tivemos a tão sonhada Escola Professor José Mendes. A instituição recebeu esse nome em homenagem a José Martins Mendes, primeiro professor negro da região. (NASCIMENTO, M., 2017, p. 73-75).

Essa foi uma conquista muito importante para o território quilombola, mas que por si só não garantiu uma educação diferenciada, discutida e planejada pela coletividade. Ainda é necessário muita luta, resistência e vigilância para que as conquistas não sejam usurpadas a cada troca de gestores políticos, como o que aconteceu entre os anos de 1997 a 2000. Após o processo eleitoral, uma nova gestão pública municipal assumiu e atuou, segundo Nascimento, M. (2017), contra os anseios da comunidade quilombola: desorganizou o que foi planejado pelas lideranças locais; demitiu professoras(es) quilombolas e contratou professoras(es) de fora da comunidade que atendiam aos interesses dos políticos e fazendeiros locais e cancelou as aulas do horário noturno. Em 2001, novas eleições e uma outra mudança ocorre, agora com gestores que receberam o apoio e a confiança de Conceição das Crioulas, mais uma vez a escola é reorganizada, mas agora em prol de uma educação que favoreça a comunidade e suas demandas, entre elas a reelaboração do PPPTQ.

Márcia Nascimento vivenciou essas lutas pela educação na comunidade. E compartilhou como foi o começo de sua história pela escolha à docência, Sua mãe, Dona Cecília, como a Maria do Socorro, também a incentivou muito para estudar e

fazer o concurso para professora. Continuamos identificando e recolhendo as repetições do retalho/mitema incentivo à educação.

Quando eu passei no concurso em 1995, na verdade eu não queria ser professora, essa história eu digo em todo canto. Porque eu não queria ser professora, porque mamãe foi professora desde os dezessete. Ela não era nem de maior na época. **Ela começou a trabalhar, não tinha nem escola.** E eu via muito o sofrimento dela.

Era uma turma multisseriada, de quarenta e poucos estudantes onde ela tinha que ir pra roça levar comida pro meu pai, **quando ela vinha da roça já trazia a lenha pra merenda. Ela era a merendeira.** Quando chegava em casa tinha que fazer a janta pro meu pai quando chegasse da roça. E ela era uma mulher que sofreu muito e eu não queria ser professora, mas na época era o curso que nós enquanto pessoas pobres, que não tinha condição de pagar outro curso, era o que era acessível a gente.

Quando a gente saía das nossas casas no sítio e ia servir de empregada doméstica, a gente ia ser explorada. Porque empregada doméstica é uma categoria que tem direito e tudo e a gente era explorada até mesmo na casa dos primos da gente. Porque eu morei na casa de um primo da minha mãe e eu fui explorada, mas **eu tinha muita vontade de estudar, de avançar nesse sentido na escolarização que eu aguntei**, minha irmã já não aguentou.

Eu terminei em 94, em 95 teve o concurso. **Minha mãe disse “você vai fazer”, eu disse “não vou não”.** Ela me aperreou o juízo até que eu fiz e passei. Eram 40 vagas eu passei em décimo lugar. Aí foi quando Givânia, a gente já conhecia Givânia de muito tempo e eu vim pra cá pra Conceição.

No ano 90, Inaldete Pinheiro do Movimento Negro, escritora, na época coordenava o Centro Solano Trindade e fazia encontros de professores e professoras negras. Teve um encontro que as professoras do sertão iriam, ela já estava em contato com a comunidade, na época nem existia a AQCC ainda, mas ela tinha esse contato e mamãe foi a um encontro e depois disse “agora você vai” e eu respondi “eu? Nem negra eu sou, o que é que eu vou fazer? (risos) Entendeu? Então isso foi muito importante pra minha construção da minha identidade enquanto professora, enquanto mulher, enquanto quilombola, estava bem no início dessa construção que não pára por aqui. **Todo dia a gente está aprendendo e reconstruindo né nossa vida, nosso perfil e nossa identidade. E pra mim marcou, ela me incentivou (a mãe) e aí eu fui, entendeu?** E eu lembro que tinha, a gente teve contato com o escritor Rogério Andrade que ele escreve sobre história da África. E isso marcou na minha vida. Então quando Fábica falou de **incentivo de estudo** de Dona Socorro eu me lembrei disso da minha mãe. (Márcia Nascimento, 3ª roda de conversa, 14 ago. 2021).

Esse incentivo aos estudos e a luta pela educação, para poder ter opções e escolher o que fazer de seu futuro é uma das histórias recorrentes em Conceição das Crioulas e conta com o apoio de várias mulheres na comunidade. Ouvir essas histórias e refletir sobre os acontecimentos que delas reverberaram na comunidade, compreender os processos que foram violentos, processos de negação das

histórias, de negação de direitos é um exercício, como diz Marcia Nascimento, “muito doído e não é fácil”.

Quando pesquisamos, quando estudamos um pouco mais, buscamos responder perguntas que ainda não tinham sido realizadas e algumas continuam, e podem continuar sem respostas. Mas esse exercício de perguntar, de refletir, de compreender não pode ser deixado para trás. E a escola deve ser o espaço propício para fazermos esse exercício: questionar e encontrar respostas. Como também as rodas de conversa são espaços de ouvir e refletir sobre as histórias partilhadas.

Entre estas histórias, ouvimos também a de Maria da Natividade, a Nativi como é conhecida na comunidade, a mãe de Aparecida Mendes.

As histórias de Maria da Natividade, apresentam, segundo sua filha, “uma mulher desaforada, atrevida e corajosa”. Nativi⁷⁶, ficou órfã de pai muito nova, tinha apenas sete anos. Seguiu-se então uma vida com muitas dificuldades. Aos dezoito anos, repetindo o caminho da mãe, casou muito nova, o escolhido foi João Francisco Mendes. Juntos, Nativi e João Francisco tiveram quatro filhas e cinco filhos. Eram agricultores. Nativi tinha um envolvimento muito grande com a natureza e passou o que aprendeu sobre a terra, as ervas, as frutas para as(os) filhas(os). Tirava imbu pra vender na feira, trabalhava na roça e no quintal ao redor da casa. Chegou um momento da vida do casal que a relação não pode mais continuar e Nativi, assumiu a responsabilidade sozinha, sem marido, de criar as(os) filhas(os), mas com a ajuda de outras mulheres da comunidade.

A luta pela sobrevivência e por um futuro melhor para as crianças da comunidade quilombola era e ainda é uma prioridade das mulheres que ali vivem. Com Nativi não foi diferente. Compartilhar histórias sobre a educação reavivou as lembranças das gavetas da memória de Aparecida Mendes. E nelas encontrou um objeto do dia a dia, um sabonete, importante para a higiene e com um valor sentimental. Um sabonete especial, muito cheiroso e com um significado que extrapolava a sua função de limpeza. Juntamos mais um retalho/mitema na constelação Educação: o sabonete Phebo na escola.

(...) E tinha uma situação que a gente vivia tantas dificuldades assim, porque imagina uma família de quatro, cinco, seis pessoas, viver a base de diária de serviço na roça dos outros e da venda de imbu e as vezes da venda de um frango de uma galinha, enfim, é

⁷⁶ A partir desse parágrafo a Nativi citada refere-se a Maria da Natividade.

difícil, principalmente nos períodos de estiagem. E **a escola tinha uma história que só agora eu analiso. A escola tinha uma história de fazer a festa do dia das mães e era um dia muito bonito**, um dia muito emocionante. E era o dia das crianças dar presentes pras mães. E a gente queria muito dá presente pra mãe né? Mas a gente não tinha, nós éramos criança e ela também não tinha condições, pai também não tinha condições de comprar o presente, que o certo seria isso, né de comprar o presente pra gente dar a ela.

Aí mãe, eu nunca esqueço gente daquela cena que mãe ia pra cidade vender imbu e do dinheiro que era pra comprar, pra fazer a feira pra casa, ela comprava um sabonete pra cada um de nós, um sabonete Phebo, um sabonetinho preto, aí mãe comprava dois sabonetes, colocava num saquinho de presente e colocava pra gente pra levar pra escola pra na hora da distribuição dos presentes a gente não pagar mico diante dos outros colegas. **Todo mundo tinha presente pra dar pra mãe, então nós também tinha, eu e Zé.** A gente tinha presente pra dar pra mãe um sabonetinho que ela ia lá comprava e colocava num saquinho pra gente não passar constrangimento diante dos outros colegas na sala de aula. E depois que ia usar o sabonete era todo mundo. **A minha mãe eu acho que é uma das muitas mulheres da comunidade que tem uma história muito forte, de muita coragem de muita resistência e ela precisa ser contada.** (Aparecida Mendes, 2ª roda de conversa, 22 jul. 21).

A história do sabonete no dia das mães na escola, é um gesto simples, mas de uma grandiosidade de resultados na memória das crianças e na satisfação de uma mãe que quer tudo de melhor para suas/seus filhas(os). Na casa de Aparecida Mendes e em outras casas e espaços do quilombo, a educação quilombola foi e ainda é transmitida pelas mulheres da comunidade. É necessário compartilhar esse comportamento porque essas mulheres, estão à frente, do seu tempo, do seu lugar de morada, mesmo no silêncio e na opressão da sociedade patriarcal que vivenciavam e ainda vivenciam, elas estavam à frente, na organização, no cuidado, no desenvolvimento, no incentivo à educação. Elas não tiveram acesso às políticas públicas, mas elas queriam e lutaram para que as gerações seguintes tivessem acesso, principalmente a educação escolar. E na persistência contra as violências que sofriam, na escola de casa ensinavam as crianças a também persistirem em seus sonhos, em seus objetivos. Estes ensinamentos da educação quilombola no convívio doméstico, nutrem as correntes de águas doces das mulheres de Conceição das Crioulas e lhes dão forças para continuarem reagindo, resistindo, combatendo.

Atualmente em Conceição das Crioulas há três escolas quilombolas municipais, situadas na Vila Centro: a Escola José Néu de Carvalho (Imagem 59),

com os anos iniciais do Ensino Fundamental 1º ao 4º ano e a Escola Professor José Mendes (Imagem 61), com os anos finais do Ensino Fundamental 5º ao 9º ano; e situada no Sítio Paula a Escola Bevenuto Simão de Oliveira (Imagem 62), com os anos iniciais do Ensino Fundamental 1º ao 4º ano. E uma escola estadual localizada na Vila Centro a Escola Estadual Rosa Doralina Mendes (Imagens 63 e 64) com o Ensino Médio. Ninguém mais precisa repetir a 4ª série para não sair da escola.

Imagem 60 - Escola Municipal José Nêu de Carvalho.



Fonte: The WSS.

Imagem 61 - Escola Municipal Quilombola Professora José Mendes, Vila Centro.



Fonte: The WSS.

Imagem 62 - Escola Municipal Bevenuto Simão de Oliveira, Sítio Paula.



Fonte: Renata Silva.

Imagem 63 - Escola Estadual Rosa Doralina Mendes.



Fonte: WSS

Imagem 64 - Escola Estadual Rosa Doralina Mendes.



Fonte: The WSS.

As escolas da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas trabalham na lógica construída pelo novo PPPTQ. Sempre em processo de revisão e reelaboração, Nascimento, M. (2017) afirma que o PPPTQ não é um produto pronto e acabado, ele surge dos anseios da comunidade e por isso tem que ser sempre revisitado. Desse modo, a comunidade faz subversões nas propostas curriculares padronizadas e continuamente impostas pelo Ministério da Educação.

Concluída a Educação Básica no território quilombola, aquelas/es que pretendem continuar os estudos em uma universidade ou Instituto Federal, precisam se deslocar para outras cidades da região. Em Salgueiro, localizada a 42 km de Conceição das Crioulas, uma das faculdades mais procuradas pelas(os) é a Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC)⁷⁷, uma instituição de ensino privado. A instituição pública de ensino técnico e tecnológico mais próxima é o Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertão)⁷⁸, também em Salgueiro.

Este é mais um desafio para as as lideranças de Conceição das Crioulas: orientar as(os) adolescentes sobre as possibilidades para continuar os estudos após o Ensino Médio. Uma das lutas da Maria de Lourdes, a Lurdinha que foi uma das primeiras professoras quilombolas a lecionar na Escola Professor José Mendes, criada em 1995. Foi também através de seu trabalho nas escolas da comunidade que ela foi pesquisada e homenageada enquanto boneca Lurdinha (Imagem 65) no ano de 2002.



Imagem 65 - Boneca Lurdinha, Artesanato Conceição das Crioulas. Boneca confeccionada em fibra de caroá vendida na comunidade e feiras de artesanato.

Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo pesquisadora.

⁷⁷ Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC). Disponível em: <https://www.fachus.com.br/>

⁷⁸ IF Sertão com campus em Floresta, Ouricuri, Petrolina, Salgueiro, Santa Maria e Serra Talhada. Disponível em: <https://www.ifsertao-pe.edu.br/index.php>

Lurdinha

Professora e artesã conhecida na comunidade por valorizar a beleza da mulher negra. Como professora contribui para o fortalecimento de seus alunos enfatizando o saber dos mais velhos e a história de luta do seu povo. Como artesã, contribui para a manutenção da cultura tradicional expressa no trabalho com fibra de caroá. (Texto impresso no encarte que acompanha a boneca Lurdinha vendida na 21ª Feira Nacional de Negócios do Artesanato (FENEARTE)⁷⁹).

Lurdinha não atua mais como professora nas escolas, mas a educação continua sendo uma de sua principal preocupação para as(os) jovens da comunidade. E uma de suas lutas é para que a juventude consiga fazer também suas escolhas profissionais para não ficarem frustradas(os) com o futuro. Por exemplo, um dos cursos mais procurados na FACHUSC é o de Pedagogia (a fala de Marcia Nascimento sobre Pedagogia ser o curso na década de 1990, o único acessível para as pessoas pobres, ainda reverbera na atualidade), mas Lurdinha incentiva as(os) estudantes a conhecerem outros cursos, outras profissões, outras possibilidades.

(...) tem pessoas na comunidade com profissões, porque eu digo muito, **nas escolas de Conceição** não cabe toda pedagoga, não cabe todo mundo, porque não tem pra todo mundo.

Tem curso agora na nossa comunidade em relação a Letras, professora de português, vai passar muito tempo pra ter uma vaga pra professora porque entraram há pouco tempo, cinco anos oito anos⁸⁰, então vai demorar muito tempo pra ter um concurso que tenha vaga pra professora de português. Então a gente precisa abrir os nossos olhos. Entendendo e vendo que também há saída sem ser um emprego da prefeitura, do estado. Mas a gente pode fazer isso nas nossas contações de história; nas roupas e vender as roupas; nas nossas peças de artesanato e vender as peças; nas nossas visitas ao museu vivo que nós estamos querendo organizar e vamos organizar mesmo, em nome de Jesus, vamos organizar o museu vivo. Estamos correndo atrás de possibilidades pra muita gente dentro do quilombo. (Maria de Lourdes, 2ª roda de conversa, 22 jul 2021).

Continuando o legado das suas ancestrais, as mulheres de Conceição das Crioulas estão sempre atentas às oportunidades de fomentar a educação no aprendizado formal e também nos projetos que participam fora da escola, fora do

⁷⁹ A 21ª edição da Feira Nacional de Negócios do Artesanato, a FENEARTE, realizada de 10 a 19 de dezembro de 2021, no Centro de Convenções de Pernambuco. Teve como tema “É Festa no Reino da Arte”, o evento homenageou o Movimento Armorial, iniciativa artístico-cultural idealizada pelo escritor e dramaturgo Ariano Suassuna, que teve como propósito criar uma arte erudita por meio dos elementos e riqueza da nossa cultura popular. Disponível em: <https://www.fenearte.pe.gov.br/portal/index.php>.

⁸⁰ Lurdinha está se referindo às vagas de professoras/es nas escolas de Conceição das Crioulas, as(os) professoras(es) são jovens, e teve contratações recentes, então, no entendimento dela vai demorar para ocorrer novos concursos.

quilombo. Buscam informações sobre o que acontece na região, no estado e também em outros lugares para construir diálogos, pontes e trazerem benefícios para a educação, cultura e captação de novas fontes de renda no território quilombola. Participam de feiras de artesanato como a FENEARTE, onde expõe e vendem o artesanato produzido na comunidade: as bonecas de fibra de caroá, peças de cerâmicas, bolsas, roupas etc. Participam de eventos e projetos realizados por universidades e/ou ONGs na comunidade e também em outros espaços países (Imagem 66).

Imagem 66 - Fabiana Silva apresenta a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas no 7^o Encontro Internacional sobre Educação Artística, realizado em Mindelo/Cabo Verde.



Fonte: Flávia Lira.

Além de manterem a luta de suas ancestrais pelo direito à educação, as novas gerações também acrescentaram as lutas pela educação diferenciada, pela educação crioula, pela capacitação continuada de suas lideranças e professoras(es) e a juventude. Essa é uma história que já é contada pelas jovens crioulas da comunidade quilombola como Fábria Oliveira e Lorena Bezerra.

Mãe Magá era prima legítima do meu avô Chico Bilo que também era irmão de Totô. E mãe Magá era uma preta linda, grandona. E eu acho que ela foi uma das primeiras mulheres da comunidade a soltar os cabelos. O cabelo dela era bem grande e ela penteava seco, ele ficava aquele cabelão assim solto ou então fazia um cocó bem grandão no meio da cabeça, a mulher era linda demais. Gostava de usar uma roupa social azul, era muito vaidosa. (Aparecida Mendes, texto enviado através de aplicativo de mensagem de texto 17 dez. 2021).



5.2 - Identidade Crioula

O segundo tema que identificamos nas histórias partilhadas e denominamos de Identidade crioula, reúne uma constelação de retalhos/mitemas que nos indicam características das mulheres crioulas em Conceição das Crioulas. Nessas narrativas encontramos as mulheres quilombolas com todas as dificuldades que lhes foram e ainda são apresentadas e elas se impõe guerreiras e não desistem das lutas. Assim, trataremos temas sobre política, violência contra a mulher, mãe solo, racismo, empoderamento feminino, resiliência, e feminismo negro, esses são os mitemas do grande tema Identidade Crioula.

Identificamos redundâncias com descrições sobre a mulher crioula no nosso primeiro encontro: os retalhos/mitemas “apresentação de Lorena Bezerra e Márcia Nascimento” (Imagens 67 e 68).

Imagem 67 - Lorena Bezerra com um de seus turbantes.



(...) “As pessoas sabem que **a minha identidade é estampada com a minha cara.**(...) A imagem do turbante já vai deixando na mente das pessoas, quem é essa menina, de onde ela vem” (Lorena Bezerra, 1ª roda de conversa, 03 jul 2021).

Fonte: The WSS.

Imagem 68 - Eu sou Marcia Jucilene do Nascimento, 2021.



(...) eu fiz um desenho em forma de coração com esse colar da Francisca Ferreira, é a boneca. **O que me representaria, na verdade, eu penso que representa todas nós de Conceição, a força da mulher, a nossa luta que é diária, que é do dia a dia que é de toda hora.** (Márcia Nascimento, 1ª roda de conversa 03 jul 2021).

Fonte: 1ª Roda de Conversa, 03 jul. 2021,

Em outro momento o “retrato de mãe Magá” apresentado por Aparecida Mendes.

Mãe Magá era prima legítima do meu avô Chico Bilo que também era irmão de Totô. E mãe Magá era uma preta linda, grandona. E eu acho que ela foi uma das primeiras mulheres da comunidade a soltar os cabelos. O cabelo dela era bem grande e ela penteava seco, ele ficava aquele cabelão assim solto ou então fazia um cocó bem grandão no meio da cabeça, a mulher era linda

demais. Gostava de usar uma roupa social azul, era muito vaidosa. (Aparecida Mendes, texto enviado através de aplicativo de mensagem de texto 17 dez. 2021).

E nas narrativas que descrevem as mulheres escolhidas para terem suas histórias compartilhadas, por exemplo, a alegria de Dona Alzira, o amor pela liberdade de Ana Belo. Iniciar as histórias trazendo características das mulheres escolhidas foi uma das redundâncias encontradas e que separamos para esse retalho/mitema. Falar como Ana Belo não se deixava ser dominada por homem nenhum, como Lurdinha conseguiu empoderar-se com seus cabelos afro, era uma introdução para conhecermos sobre um pouco mais da personalidade dessas mulheres e também das histórias da comunidade quilombola. Histórias “escritas no feminino”.

(...) Na análise das vivências cotidianas, como locais onde as diferenças e as divisões são encenadas e praticadas percebi que as histórias se confundem, se interpenetram, em razão da forte presença e atuação de suas mulheres. São histórias escritas, portanto no feminino. (SOUZA, 2006, p. 11).

Esta mesma reflexão, de que as histórias de Conceição das Crioulas terem as formas, o cheiro, a voz, o olhar de suas mulheres e portanto são escritas no feminino, encontramos na dissertação de Márcia Nascimento.

(...) o vigor das mulheres crioulas e a história de muitas delas marcou e marca a resistência do povo de Conceição das Crioulas. Seja como guardiãs do documento da terra; seja como companheira dos homens nos momentos de guerra ou ainda enquanto transmissoras de costumes, crenças e tradições que são relevantes para o fortalecimento da cultura e da identidade quilombola (NASCIMENTO, M. 2017, p. 31).

As conversas que fluíam desenhando retratos de mulheres ancestrais, e também das que ainda transmitem ensinamentos às novas gerações, percebemos que as imagens descritas por palavras e gestos são admiradas e reverenciadas pelas mulheres que participam da roda de conversa. O que nos leva a refletir sobre a escrita de Kilomba (2019) quando nos fala sobre os mecanismos de defesa do ego que a(o) sujeita(o) negra(o) atravessa para se conscientizar de sua negritude: negação, frustração, ambivalência, identificação e descolonização. Nesses retratos ancestrais descritos em histórias, podemos tecer uma relação com o mecanismo de identificação

(...) processo no qual o sujeito “assimila um aspecto do outro e é transformado, total ou parcialmente, segundo o modelo que o outro fornece” (Laplanche e Pontalis, 1988, p. 205). Nesse estado o sujeito negro inicia uma série de identificações consecutivas com outras pessoas negras: sua(s) história(s), suas biografias, suas

experiências, seus conhecimentos, etc. Essa série de identificações previne o sujeito negro da identificação alienante com a branquitude. Em vez de se identificar com a/o outra/o branca/o, desenvolve-se uma identificação positiva com sua própria negritude, o que por sua vez, leva a uma segurança interior e de autorreconhecimento. Tal processo leva à reparação e à abertura em relação às/aos “outras(os)” brancas(os), uma vez que, internamente o sujeito negro está fora da ordem colonial. (KILOMBA, 2019, p. 237).

Essa dinâmica, de identificar-se com as suas e os seus ancestrais e continuar contando suas histórias é muito bem exercida pelas mulheres de Conceição das Crioulas e isso as tornam sujeitas de suas histórias. Elas ensinam às novas gerações como se conscientizar de sua negritude e de suas realidades vividas no racismo cotidiano. Com essas histórias, afirma Aparecida Mendes, “as novas gerações aprendem e se fortalecem para continuar lutando e superando as novas adversidades”.

Essas descrições nos introduzem às histórias e nos apresentam características das mulheres de Conceição das Crioulas. Não queremos aqui definir a identidade crioula, como afirma Hall (2019, p. 9) esse tema é “demasiadamente complexo e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea”. Portanto, não nos cabe apresentar nenhum conceito ou definição sobre a identidade das mulheres crioulas na comunidade quilombola. Ainda assim, os retalhos/mitemas que nos trazem características destas mulheres enriquecem a nossa colcha e são fontes valiosas para a pesquisa. E sem definições que restrinjam sua identidade, as mulheres de Conceição das Crioulas assumem personalidades em momentos diversos que como Hall (2019, p. 12) nos indica, elas “não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” mas que as “empurra para diferentes direções” e acrescentamos aqui mais uma reflexão, as empurra também para direções de combates, resistências e celebrações.

Com mãe Alzira recolhemos o retalho/mitema “alegria”. (Imagem 69), como era chamada a avó de Fabiana Silva, pelas pessoas que frequentavam sua casa e ouviam as rezas ao redor de sua mesa.

Imagem 69 - Mãe Alzira em dia de festa na comunidade quilombola.



Fonte: Aparecida Mendes, acervo pessoal.

Ela se declarava mulher cabocla e fazia questão de afirmar sua descendência indígena⁸¹. Para Fabiana Silva, sua avó expressava a alegria de viver expressando sua vaidade, “ela era a vaidade em vida”. **Essa foto dela tem a ver com ela** é claro, mas tem a ver com todo adorno que está ali nela que é o maracá⁸², porque ela se dizia cabocla e ela está cheia de colar, cheia de pulseira, cheia disso, cheia daquilo, porque **a véia era vaidosa. A vaidade em vida.** Ela nos seus noventa anos chamava a gente pra ir ao forró dos véio, **ela era muito, muito festiva.** E eu cansei de ir de Conceição pra Salgueiro pra levar ela no forró dos véio. A véia se emperiquitava de todo jeito e ela usava maquiagem, ela não saía de casa sem botar o pó, ela não saía de casa sem ele. O cabelo dela, criava um tiquinho branco na raiz, ela se agoniava “cadê a tinta, eu quero pintar meu cabelo, pinta meu cabelo que eu não aguento ver esses cabelos brancos na minha cabeça”. **Ela era extremamente vaidosa. E divertida, feliz da vida. Era impossível qualquer pessoa ficar perto dela e não rir,** não sair com um sorriso no rosto porque ela era desse tipo, **era a alegria em vida.** (Fabiana Silva, 4ª roda de conversa 11 set 2021).

Mãe Alzira era criticada por muitas(os) e admirada por tantas(os) outras(os). Alegria, vaidade e liberdade são palavras que lhe vestem muito bem. Na sua juventude, nas décadas de 1940/50, enquanto as mulheres eram presas em casa pelos pais ou pelos maridos e não podiam fazer nada sem autorização dos homens, não podiam isso e nem aquilo, Alzira já fazia e falava tudo o que queria.

Mente descolonizada não é Fabiana? Tia Alzira. Ela casava, se não desse certo rapidamente ela deixava e casava de novo. De vestido de noiva e tudo. Mãe foi uma vez na casa dela, fazia muito tempo que ela não tinha ido lá. E quando chegou lá, ela disse “mas Rita, vixe como Zé tá feio e acabado, arruma outro marido!” **Tia Alzira era assim.** (Marinalva Bezerra, 4ª roda de conversa, 11 set 2021).

Além da alegria nas histórias da tia Alzira recolhemos também o retalho/mitema “liberdade”. Não existia para a tia Alzira a ideia e muito menos a realidade de

⁸¹ Como já citamos no primeiro capítulo, há uma estreita relação entre os dois povos, os indígenas da aldeia Atikum e os quilombolas de Conceição das Crioulas.

⁸² O maracá, assim chamado em tupi-guarani, é o instrumento musical mais difundido entre as tribos indígenas no Brasil. Artefato simples de ser montado, esse chocalho é feito por uma cabaça e preenchido por pedrinhas ou sementes. Disponível em: <https://musicabrasilis.org.br/instrumentos/maraca>.

ser uma mulher presa em casa, de pedir permissão à homem algum para fazer o que pretendia. Casou quatro vezes. Seu comportamento era diferente das mulheres de sua época. Ela era uma feminista sem nunca ter ouvido falar desse termo. Não precisava, ela seguia e fazia o que acreditava ser o correto, ser o que era bom para ela.

(...) Eu costumo dizer assim que **ela era uma mulher além do seu tempo**. Quando lá atrás as mulheres eram presas, não podiam fazer nada, não podiam isso e aquilo **ela já fazia tudo, ela já falava tudo ela nunca teve isso não. Esse negócio de ser presa, de ser domesticada, ela sempre foi livre. Ela sempre foi insurgente**, ela nem sabe, acho que ela nunca nem ouviu falar na palavra insurgência, mas ela era insurgente. Acho que ela nunca ouviu falar na palavra decolonial, mas ela era. Ela era uma pessoa condenada aos olhos de tudo e de todos que pensava dentro da caixinha. Eu me acho muito parecida com ela. Eu tenho certeza de muito do que eu sou e do que digo e do que eu penso tá na ancestralidade da minha avozinha. A gente é muito parecida, claro que eu não chego aos pés dela, **a véia era arretada demais**. (Fabiana Ana da Silva, 4ª roda de conversa 11 set 2021).

Uma mulher além do seu tempo, enquanto as outras não falavam ou não faziam nada sem permissão do pai, do marido, mãe Alzira falava e fazia o que bem queria. Como no mito indígena Thüeyoma, Alzira fazia suas escolhas, não esperava o homem decidir por ela. Insurgente, decolonial, condenada aos olhos de alguns da comunidade e também da família, mas inspiração para as(os) netas(os) e outras(os) que a admiravam e as(os) de hoje que se inspiram nela.

Ao retalho/mitema alegria e liberdade de Alzira, juntamos a insurgência de Ana Belo a avó de Cida Mendes. Ela também agia contra as expectativas do pensamento patriarcal e religioso que ditava as regras na comunidade de sua época. Seu nome de batismo é Firmiana Marcionilia, filha de Marcionilia e Belarmino. Seu pai era mais conhecido como Belo, e por causa do nome do pai, passou a ser chamada de Ana Belo.

A minha avó era a mulher mais criativa, a mulher era, se a gente se intitulasse como feminista ela se encaixaria no feminismo negro rural; **a mulher era autonomia; a mulher não baixava a cabeça pra ninguém**; quando precisava ser braba **ela era braba**; a mulher **era acolhedora**. (Maria Aparecida Mendes, 6ª roda de conversa, 30 out 2021).

Ana Belo era artesã e mantinha viva a atividade iniciada pelas seis negras crioulas que chegaram ao território, a arte de fiar o algodão. Também fazia panela, pote, ferro de engomar de cerâmica. Ana Belo como Lurdinha também é uma das

mulheres homenageadas pelo artesanato da comunidade quilombola em boneca de caroá (Imagem 70).

Imagem 70 - Boneca Ana Belo, boneca de fibra de caroá.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo pesquisadora.

Ana Belo

Uma das artesãs que mantém viva a atividade mais antiga de Conceição: a arte de fiar o algodão. Contam os mais velhos que o território tradicionalmente ocupado pelo povo de Crioulas foi comprado por seis negras que ali chegaram e começaram a fiar o algodão para vender na cidade de Flores. Assim, deu-se início a formação e ao nome deste povo que até hoje reside na luta pelo território. (Texto no encarte que acompanhou a boneca Ana Belo vendida na 21ª Feira Nacional de Negócios do Artesanato/ FENEARTE, realizada de 10 a 19 de dezembro, no Centro de Convenções de Pernambuco).

Ana Belo casou muito jovem com Jeremias Vicente, uma história que se repetiu com a filha Natividade e depois também com a neta Aparecida Mendes. No começo da década de 1950, depois de oito anos de casada, Ana Belo ficou viúva e com duas filhas pequenas para cuidar. Não casou de novo e teve outras(os) filhas(os), a experiência de um casamento já lhe bastou, ela dizia. Era amante da liberdade e casar-se de novo poderia tirar-lhe a liberdade conquistada com a viuvez.

Eu perguntava pra ela assim, **vó porque você não se casou de novo?** Nas comunidades tem umas marcas, umas figuras de linguagem pra elas justificarem e **a minha avó dizia assim “não minha filha eu não, o meu pai já dizia que o boi solto se lambe todo, o boi amarrado lamberá ou não”**. Ou seja, **ela era amante da liberdade**. Ela queria determinar a vida dela e assim ela acabou, teve que criar as filhas sozinha, com a ajuda da comunidade. (Maria Aparecida Mendes, 2a roda de conversa, 22 jul 2021).

Mulher festeira, Ana Belo adorava encher a casa de gente e comemorar a vida (Imagem 71). O ritual do luto não lhe tirou a alegria de continuar vivendo e amando.

Imagem 71: Ana Belo e Cida Mendes na porta e outras crianças da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.



Fonte: Aparecida Mendes, acervo pessoal.

A minha avó **ficou viuva muito nova**, ela tinha as duas filhas, a minha mãe Nativi e a minha tia Dina. Naquela época **a comunidade sofria uma influência muito, mas muito intensa do catolicismo e no catolicismo a mulher que fica viuva** ela tem que viver a vida inteira, os filhos tem que viver, **passar um ano vestindo preto, o luto, e as viúvas tem que passar o resto da vida de preto**, um ano sem ligar o rádio, um ano sem um monte de coisa e durante um ano não pode nem olhar pro lado. Não pode olhar pra um paquera. Se não casar de novo, tem que viver o resto da vida de preto, vestindo preto em luto ao finado. (Aparecida Mendes, 2ª roda de conversa 22 jul 2021).

Depois de vivenciar o luto, Ana Belo voltou a namorar, mas sem compromisso de um futuro casamento. Não usou preto por toda a vida, mas evitava cores e estampas que chamassem atenção, era discreta. Aparecida Mendes a descreve como uma mulher guerreira, valente, braba, criativa, e também acolhedora. Assim como Alzira, Ana Belo era uma mulher independente, não baixava a cabeça para ninguém. Também era festeira e isso, nos diz Aparecida Mendes, é uma característica do povo de Conceição das Crioulas, gostar de se reunir, de festejar.

Ana Belo gostava e fazia a festa acontecer. Quando não encontrava motivo para fazer festa, ela criava. Um desses motivos, uma dessas festas era a de São José, que acontecia todos os anos no mês de março. Começava com a retirada da

imagem de São José da capela, o que era a sua especialidade, a de esconder o santo. Outro motivo de festa eram as construções de casas. Ela gostava de construir casa de taipa⁸³, diziam que construía casa só para fazer festa. Ela morava em uma casa e de repente desmanchava aquela casa e começava a fazer outra. Fincava as madeiras no chão, fazia um furo no chão e colocava as madeiras, esse processo, chamam na comunidade de “enchimentar”.

Essa parte, o enchimento (Imagens 72 e 73), Ana Belo fazia sozinha. As madeiras fincadas no chão iam dando forma à casa, depois ela chamava o povo para ajudar. O dia de tapar a casa, era um dia de festa.

Então naquele dia de tapar a casa ela chamava os parentes, chamava a comunidade. Elas pilavam o milho pra preparar a massa do angu. Juntava quatro, cinco pessoas no pilão e fazia “tum, tum... tum, tum... tum... aí, o outro fazia tum tum... tum tum... tum, tum. Com o pilão, era lindo demais. E nessa brincadeira vó fez, acho que sete casas que minha vó chegou a fazer. E uma delas, eu não vi porque eu não existia ainda, uma dessas casas dela, ela cobriu parecendo uma, sabe aquelas casas do polo norte? Ela fez a casa toda de barro e madeira, ela não usou telha, não usou palha, só barro e madeira. **A minha avó era essa mulher assim, toda criativa, toda determinava.** (Maria Aparecida Mendes, 6ª roda de conversa, 30 out 2021).

Imagem 72: Casa de taipa na roça de Lurdinha, antes do almoço de domingo para tapar a casa⁸⁴.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo da pesquisadora.

⁸³ A casa de taipa, ou de pau-a-pique, feita de barro e madeira, atravessa milênios, permeia culturas, e mais do que uma imposição social nos dias atuais, é sinal de liberdade criadora do lar próprio, numa intensa relação entre o ser humano e a natureza que o cerca. (Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/casa-de-taipa-expressa-cultura-1.58511>)

⁸⁴ As Fontes da casa do pai de Lurdinha nos remete as casas e festas realizadas por Ana Belo.

Imagem 73: Casa de taipa na roça de Lurdinha, depois do almoço de domingo para tapar a casa.



Fonte: Maria de Lourdes, acervo pessoal.

A ideia de construir uma nova casa era compartilhada com quem chegava para ajudar e para participar da festa quando a casa estivesse pronta. A construção das casas de taipa ocorria através de mutirão. Em Conceição das Crioulas mutirão é sinônimo de trabalho em grupo e festa com muita comida no prato e também sobrando, para depois levar para casa. Esse era, e ainda é, um dia de muita animação. Junto com a família e a comunidade, Ana Belo construiu sete casas em mutirão com festa, muita comida boa e forró de sanfona. Uma de suas filhas, Bernardina (imagem 74) ajudava na organização do almoço. O trabalho, a partilha da mesa e comemoração são momentos da coletividade na comunidade, que permanecem até os dias de hoje.

Particpei da organização de vários almoços na casa de vó e o que mais me chamava atenção **era o semblante de preocupação, ela o tempo todo inquieta** dizendo: "Será que o de comer vai dar para todo mundo? Será que vai dar pra levar um tiquinho pra casa, ai minha Nossa Senhora da Conceição". Enquanto isso minha tia Dina tentava acalmá-la porque tinha muita comida. **Aquela preocupação toda se transformava em alegria, brilho nos olhos** ao ver a casa lotada de gente por toda parte, todos comendo e a alegria se tornava maior ao ver elas levarem um pouco pra casa e ainda ficava comida nas panelas. Dava gosto de **ver a empolgação de vó contando como foi o dia e feliz com o resultado**. (Aparecida Mendes, texto enviado através de aplicativo de mensagem de texto, 19 jan 2022).

Imagem 74- Bernadina e Ana Belo.



Fonte: Cida Mendes, acervo pessoal.

Ana Belo passou por muitas dificuldades junto com as(os) filhas e as responsabilidades que não dividia com ninguém. Foi brava, quando teve que ser, para defender os direitos de seu povo. Por isso não era bem vista pelos poderosos da região, fazendeiros, políticos, mas soube conquistar a simpatia do povo da comunidade com muita alegria. As festas, a comida em volta de sua mesa, afirma Aparecida Mendes “sempre foram uma de suas ferramentas políticas para viver até os últimos dias rodeada de gente e assim se fazer presente, na linha de frente ou apoiando e encorajando as(os) mais novas(os), a seguirem lutando pela permanência no território quilombola”. Ana Belo faleceu em 2014.

Herdeiras das lutas de Ana Belo, pela sobrevivência, pela alegria de viver e festejar, suas filhas e netas continuaram seu legado. Entre elas, sua filha Maria da Natividade, a Nativi, como é conhecida na comunidade, a mãe de Aparecida Mendes, nosso retalho/mitema “mulher guerreira”.

(...) minha mãe que é **uma mulher guerreira, determinada**, na linguagem de Sirlene ou na linguagem de Sandra Andrade⁸⁵ ela é **uma mulher desaforada, uma mulher atrevida, corajosa**. (Aparecida Mendes, 2ª roda de conversa 22 jul 2021).

⁸⁵ Sandra Maria da Silva Andrade, mulher negra quilombola, escritora, liderança do Quilombo Carrapatos da Tabatinga/Bom Despacho/ MG. É liderança na Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) e foi Presidenta da Federação das Comunidades Quilombola de Minas Gerais (N’Golo).

Para Aparecida Mendes, sua mãe Nativi é uma mulher “desapocada”, termo que Sirlene Passold pesquisa em sua dissertação de mestrado, com mulheres quilombolas do Púbis - MG. “Desapocada” remete a uma característica da beleza feminina que “associa o belo ao oposto do recato e da submissão” (PASSOLD, 2017, p. 83). Aparecida Mendes toma o termo emprestado do Quilombo do Puris e veste a desapocada Nativi, que para ela é “uma mulher desarnada, sem vergonha, sem medo de falar diante das pessoas, atrevida e corajosa”.

Maria da Natividade repetiu o rito da mãe Ana Belo e casou muito nova, aos dezoito anos, com João Francisco. Tiveram quatro filhas e cinco filhos. O casamento, não durou muito tempo, mas foi pelas dificuldades financeiras e de convivência, não por viuvez, como ocorreu como sua mãe. Assim Nativi teve que criar as(os) filhas(os) sozinha, sem marido, embora vivo, com a ajuda da mãe e de outras mulheres da comunidade. Ter a sua própria renda agora, não era motivo de destaque na comunidade, mas uma necessidade, já que o apoio do companheiro não existia mais e as(os) filhas(os) tinham ficado com ela.

Então eu ainda não sei com qual figura, com qual imagem, qual mito eu posso comparar a minha mãe. Porque **ela é uma mulher que criou a gente com um envolvimento muito grande com a natureza**. Ela tirava muito imbu. Sou uma mulher que cresceu vendo minha mãe tirando imbu pra vender. **Ela era uma dessas pessoas que tirava imbu, vendia. Trabalhava de diária na roça de serviço, na roça das pessoas. Trabalhava no quintal.**

Eu lembro que nosso quintal tinha muita galinha, muita cabra. A roça nossa era uma quintal praticamente em volta da casa. E chegou um momento que por uma série de situação que acontece na vida dos casais eles não conseguiram, o casamento dos dois não foi adiante, eles separaram e **ela assumiu a responsabilidade e criou todos nós. Com o jeitinho simples dela**. (Aparecida Mendes, 2ª roda de conversa 22 jul 2021).

As mulheres guerreiras, alegres, brabas quando era preciso, acolhedoras quando necessário e com seu jeito simples de seguir a vida, superam as adversidades se ajudando. Alzira, Ana Belo, Natividade são inspirações para todas as mulheres da comunidade quilombola. Suas histórias são gritos de protesto contra a estrutura da família patriarcal brasileira herdada pela colonização europeia a que também estão submetidas as famílias do quilombo como nos afirma em sua dissertação de mestrado Aparecida Mendes.

Apesar de a população negra ser a mais vulnerável às violações de direitos, é preciso desconstruir a ideia romantizada de que os quilombos estão isentos de conflitos internos. O povo quilombola não está isolado em um universo à parte. Ainda que de forma injusta,

estamos inseridos no mesmo sistema patriarcal capitalista, cujas relações influenciam e afetam a todos nós.

Em minha comunidade, as mulheres protagonizam a luta em defesa do território desde a formação do Quilombo de Conceição das Crioulas. Identificamos que muitas dessas lideranças passam por situações de violência doméstica e percebemos que elas adotam a luta pelos direitos coletivos ao território como estratégia de autofortalecimento e de apoio mútuo para a superação coletiva dos dilemas pessoais. (MENDES, 2020, p. 64).

As histórias de Alzira, Ana Belo, Nativi, Aparecida Mendes e outras mulheres de Conceição das Crioulas não estão livres dos dilemas pessoais, das dificuldades financeiras, das violências sofridas pelas mulheres. Ao longo dos anos, no território essas vozes individuais foram se organizando e se fortalecendo. Outras lutas foram acrescentadas à defesa da terra, o direito a educação e posteriormente à educação quilombola; e a luta pelo respeito às mulheres da comunidade. A dissertação de mestrado de Aparecida Mendes (MENDES, 2020), aborda a violência doméstica sofrida por ela e outras mulheres da comunidade. É uma escrita de denúncia e de libertação de histórias sufocadas durante décadas ou ainda podemos dizer, durante séculos. Faz parte das estratégias de “autofortalecimento e de apoio mútuo para a superação coletiva dos dilemas pessoais”.

São lutas que continuam sendo protagonizadas pelas mulheres da comunidade quilombola, embora nós mulheres continuamos pagando pelo conchavo patriarcal que promove a infelicidade da mulher, mergulhadas na escolha pelo pacto infeliz. Apesar disso, a luta coletiva no quilombo, como também as lutas coletivas do movimento feminista, são estratégias para superação dos dilemas pessoais que são os mesmos de outros coletivos.

As histórias e imagens nos mostram que, o custo por conta do modelo imposto pelo colonizador invasor é muito mais caro para as mulheres negras. Em Waiselfisz (2015), pesquisa realizada entre os anos de 1980 e 2013, sobre homicídio de mulheres no Brasil, sobre a cor das vítimas conclui que “a questão da incidência da raça/cor na violência letal, para o conjunto da população, com poucas exceções geográficas, a população negra é vítima prioritária da violência homicida no País”. Um exemplo disso é que no intervalo pesquisado enquanto o número total de homicídios do período de mulheres brancas caiu 9,8%, os homicídios de mulheres negras aumentaram 54,2% no mesmo período. Pesquisas como esta apontam que por longos anos e ainda nos dias atuais a mulher negra brasileira, por causa de sua

condição de pobreza, ausência de status social e total desamparo de políticas públicas, continua a vítima fácil, vulnerável de qualquer agressão sexual do homem.

Nas estatísticas, narrativas e imagens partilhadas vamos encontrar dor, indignação, mas também um sentimento de pertencimento e de resistência, de que a luta ainda não foi vencida. Este contexto nos leva ao retalho/mitema “família patriarcal”.

(...) até a minha época, **algumas mulheres** da comunidade elas eram marcadas pra serem criadas, pra crescer assim envolvidas de muito cuidado e esse cuidado nem era tanto a preocupação com a pessoa, mas era o cuidado imposto pela sociedade extremamente discriminatória, extremamente preconceituosa e que tinha uma ligação muito forte com a igreja católica.

Eu era uma dessas pessoas, eu não saía de casa com qualquer pessoa, eu não ia pra qualquer lugar. **Eu tinha umas pessoas na comunidade que eram determinadas em casa era determinado, você só pode sair com essa, com essa e com essa.** Então as pessoas de Conceição com quem eu podia sair adolescente, juvenzinha, era madrinha Socorro, Dona Auxiliadora, madrinha Neném, Pilé e Luiza Cabocla. Então eram essas quatro pessoas com quem eu podia sair pra algum lugar que mãe não fosse, uma festa, uma novena uma caminhada fora da comunidade eu só podia sair com uma dessas quatro pessoas.

(...) Se tivesse uma novena no Sítio Paula, na Mulungu, se fosse umas cinquenta pessoas, mas se nenhuma delas fossem eu nem me animasse, que eu não ia. Aí eu falava com madrinha Socorro, “madrinha Socorro eu quero ir, vai lá e fala com mãe, pede pra ela deixar eu ir com a senhora” então ela ia lá falava com ela e ela deixava. Então se tornou a minha madrinha de São João. (Aparecida Mendes 3ª roda de conversa 14 ago 2021).

Diferente de mãe Alzira e sua avó Ana Belo, Aparecida Mendes relata que não tinha direito a fazer escolhas e também não tinha apoio para lutar por elas. Não podia sair sozinha, até a adolescência, para determinados lugares, mas tinha uma excessão, se fosse acompanhada por algumas das mulheres de confiança da família. Isso era uma estratégia de proteção e controle da família patriarcal.

Eu sou daquele tempo, nasci em 1971, que **a moça precisava de um amparo, você precisa ser amparada por alguém. Você é podada pelo pai e a mãe, você não vai a um forró sem eles pra vigiar ou alguém que seja da confiança deles.** Você não namora longe da família e você só sai dessa posição quando se casa, porque **você sai da responsabilidade do pai e da mãe e vai pra responsabilidade do marido.**

Porque a gente não podia virar mulher da vida, que eles chamavam, vai me matar de vergonha, não quero passar essa vergonha. É por isso que eu tenho parte de histórias da minha vida que eu não contei e ainda não conto, muito embora a minha dissertação seja sobre violência sobre as mulheres, o enfrentamento da violência contra as mulheres. (Aparecida Mendes 3ª roda de conversa 14 ago. 2021).

As mulheres que foram escolhidas para “cuidar” de Cida Mendes sabem que ela não pode sair sem os seus cuidados, sem os seus olhares de proteção. Então além de ser uma estratégia que colabora com as regras da família patriarcal, pode abrir uma possibilidade de burlar essas regras: a gente cuida, olha e ela se diverte, vai para festa, para novena, conversa com outras pessoas, não fica presa em casa.

Na escuta das histórias de Aparecida Mendes, outras vão sendo lembradas e partilhadas. São lembranças doloridas e fontes de inspiração para que estas narrativas não se repitam com as novas gerações da comunidade. E juntamos ao tema identidade crioula porque entendemos que essas histórias fazem parte da construção da personalidade dessas mulheres.

Eu gosto muito de ouvir histórias e de contar, às vezes eu esqueço e pergunto de novo.

Cida **contando a história das mulheres como era, alguns fatos** eu não passei por eles, mas minhas primas mais velhas, da época de mamãe passaram. Essa história de sair. Pra sair, **as mulheres, elas tinham que ir acompanhadas ou com as pessoas que eram de confiança da família, na maioria das vezes era mãe quem dizia se vai ou se não vai.** Papai até dizia alguma coisa, mas quem dizia por último era ela.

Minhas primas mais velhas eram os irmãos mais velhos que iam pra festa, ou o pai ou os irmãos. E pra começar a dançar tinha que ser primeiro com os irmãos ou com o pai, pra depois poder dançar com os outros.

E quando ela virava mulher da vida, mulher solteira, ela não podia dançar junto no mesmo salão que as outras mulheres dançavam, as que eram virgens (eu vou falar com esses termos pra gente entender melhor).

Eu lembro e a gente sabe de vários casos na família que foram extremamente violentadas e elas não podiam, a família abandonava. (Márcia Jucilene do Nascimento, 3a roda de conversa 14 ago 2021).

O discurso de proteger a filha, a irmã, a honra da família era uma forma de justificar a vigilância e o controle que a família patriarcal exercia sobre a mulher na comunidade e quando a família perdia o controle do destino daquela filha, mesmo que ela fosse a vítima, uma gravidez por motivo de estupro, por exemplo, a vergonha da família era maior do que o amor pela filha, a vítima da história, e o abandono acontecia, é o que nos diz Márcia Nascimento.

São histórias que começam lá nos tempos do Brasil escravocrata a que Freyre (2006, p. 455) atribui aos “vícios da meninice dos filhos do senhor de engenho”, um comportamento “sádico e bestial” que se repete no Brasil da atualidade. A cena do cotidiano do Brasil colonial retratada pela artista Adriana Varejão em Filho Bastardo II, 1994 (Imagem 75) se estende nos séculos posteriores,

ultrapassa a casa-grande e a senzala e usa também o território quilombola como cenário, para seus horrores.

Imagem 75 - Adriana Varejão, Filho Bastardo II - Cena de Interior, 1994.



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.⁸⁶

Uma prima da minha mãe ela teve um filho, uns quarenta anos atrás ou mais e ela teve que ir embora, ter esse filho fora, ela não sabe onde esse filho mora. **Ela teve que abandonar esse filho, dá pra alguém porque não podia trazer pra família.** E aqui tem muitas histórias assim.

Hoje se a gente for ver a dimensão de tudo isso é muito forte, é muita violência e que parecia natural naquela época. Então, eu mesmo sei de várias histórias, a gente escuta, **a gente que já estudou mais, que está mais nessa história de compreender esses processos violentos de negação da história, dos direitos, a gente começa a refletir e a pensar, o que é isso? O que foi isso na vida dessas pessoas, dessas mulheres?** Estão marcadas pro resto da vida e estão marcadas até hoje.

E hoje eu já falo, Cida fala, mas as pessoas não falam isso, essas histórias são escondidas. É muito escondido ainda e nem todo mundo toca nessas histórias. E é muito doído também. (Márcia Jucilene do Nascimento, 3ª roda de conversa 14 ago 2021).

Entre as histórias que ainda não são contadas abertamente em Conceição das Crioulas, além de uma prima da mãe de Márcia Nascimento, Lorena Bezerra partilhou histórias similares de suas ancestrais. Maria Domingas, sua bisavó paterna, era filha de Domingas da Conceição e de... não se sabe quem era seu pai. Maria Domingas teve uma única filha, Ana Maria que também não conheceu seu pai. Ana Maria nunca casou, teve um filho e três filhas: João Neto (pai de Lorena), Raimunda, Rosa e Talia. As gravidezes de Ana Maria (Imagem 76) foram consequência de estupros que ela sofreu supostamente (porque nunca foi

⁸⁶ Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra6874/filho-bastardo-ii-cena-de-interior>

comprovado, mas é a história contada na comunidade) de fazendeiros da região e/ou de seus filhos.

Imagem 76 - Ana Maria, avó paterna de Lorena Bezerra



Fonte: Lorena Bezerra, acervo pessoal.

As partilhas de Lorena Bezerra nos trazem o retalho/mitema mãe solo, presente na formação simbólica da comunidade quilombola. Essa mulher que assume de forma exclusiva todas as responsabilidades pela criação da(o) filha(o), expressa sua força de trabalho e sentimental para superar as dificuldades que encontra.

(...) minha bisavó **Maria Domingas foi mãe de apenas uma filha Ana Maria**, só que ela teve que criar os seus seis netos, já que a minha **avó Ana Maria tinha alguns problemas mentais** exatamente pelos fatos que foram falados naquela roda de conversa que foi a questão **dela ter sido abusada**. E aí, ela desenvolveu alguns problemas mentais e ela não tinha condições de criar os filhos dela, nem mentalmente, nem financeiramente. Foi a partir disso que a minha bisavó começou a trabalhar com caroá, palha de catolé. **Ela fazia esteira, vassouras e ia vender, ela andava tudo de jumento. Ela teve uma vida bem difícil. Ela também subia os serrotes a pé**. Ela as vezes levava um neto que era meu pai, ele conta muito que ia com ela. (Lorena Bezerra, áudio enviado por aplicativo de mensagem, 23 abr 2022).

Josefa, também bisavó de Lorena Bezerra, teve sete filhos ela nunca contou, a ninguém da comunidade quilombola, quem são os pais de seus filhos. Luiza Vilante (Imagem 77), sua bisavó materna tem história semelhante.

Imagem 77 - Luiza Vilante, bisavó materna de Lorena Bezerra.



Fonte: Lorena Bezerra, acervo pessoal

Ela teve seis filhos todos de pais diferentes por que trabalhava como frentista em obras para algumas empresas, em obras como por exemplo, de criação de açudes. E aí conhecia homens que se aproveitavam, tinham os filhos e sumiam. Até hoje ainda aparece irmãos paternos da minha avó que ela nunca teve o direito de conhecer. (Lorena Bezerra, texto enviado por aplicativo de mensagem de texto, 23 abr 2022).

Em Conceição das Crioulas muitas mulheres trabalhavam na casa dos fazendeiros, na roça ou como empregada doméstica. O que encontramos nas histórias de Maria Domingas, Ana Maria, Josefa e Luiza Vilante são retalhos/histórias de mulheres violentadas e/ou enganadas em relações consentidas. Com a gravidez e o abandono elas assumem de forma exclusiva a responsabilidade de criar as(os) filhas(os). Essas crianças foram frutos de estupros ou de relacionamentos consentidos, embora abusivos, entre mulheres quilombolas e fazendeiros, roceiros, frentistas. Todavia, por medo e/ou vergonha, estas mulheres, não ousaram contar suas histórias. Muito provavelmente, ninguém iria acreditar na palavra da mulher solteira, empregada da fazenda, do posto de combustível. Ainda

mais sendo, esse homem branco, dono da fazenda, funcionário do posto, o homem, não podia ser acusado por uma mulher negra.

A relação de poder perpetuou-se por longos anos e essas mulheres foram silenciadas durante toda sua vida. Não tiveram o direito e também não se permitiram no direito de contar a sua própria história e as histórias de suas/seus filhas(os). Entretanto essas histórias ainda estão na memória coletiva.

A minha bisavó Leonor da Costa é daqui do Poço Verde. Ela era tia do avô de André, por exemplo, se a gente for ver as histórias. **Ela era afilhada, foi criada com Afra da Barrinha, ela era afilhada de Afra da Barrinha. Ela foi criada pela mulher do coronel, minha bisavó.** É uma história muito misturada. E quando a gente vai pesquisar, analisar, ouvir as pessoas a gente vê muita opressão, o machismo, a violência, o estupro com essas mulheres.

Porque tem muita essa mistura dos fazendeiros, de homens brancos com mulheres negras. E houve essa história toda que é muito forte, muito triste, mas é muito de resistência e de estratégias que quando a gente vai analisar, a gente vai aprendendo mais. Estudando, a gente vai entendendo que eram estratégias para as pessoas se manterem, então isso é resistência, pra hoje a gente está aqui contando essas histórias. (Márcia Jucilene do Nascimento, 3ª roda de conversa 14 ago 2021).

A filha da empregada da fazenda, que ninguém sabia quem era o pai, foi criada pela mulher do coronel. As histórias se misturam numa cumplicidade perversa. As gavetas da memória de Lorena Bezerra, Márcia Nascimento e Aparecida Mendes foram sendo abertas e as histórias misturadas foram compartilhadas nas rodas de conversa. Também pessoas que chegam na comunidade em busca de suas origens, a procura de alguma pista sobre seus antepassados, não voltam sem respostas, como afirma Lorena Bezerra: “ainda hoje aparecem irmãos paternos da minha avó que ela nunca teve o direito de conhecer”.

As histórias misturadas entre as famílias de fazendeiros, homens brancos e mulheres negras; mulheres fazendeiras madrinhas das(os) filhas(os) das empregadas da fazenda, tudo isso compõe a fotografia do Brasil miscigenado que ainda acredita no mito da democracia racial. Mito que Gonzalez (2020, p, 202) põe por terra, ao afirmar que “na verdade o grande contingente de brasileiros mestiços resultou de estupro, de violentação, de manipulação sexual da escrava” e essa violência continuou após o fim da escravidão e chega aos dias de hoje. Mulheres abandonadas, mães solo, crianças sem pai. A cor do Brasil miscigenado diz muito mais do que apenas as relações entre as raças que compõe esse país. Uma prima da mãe de Marcia Nascimento, Leonor da Costa, Afra da Barrinha (mulher do

coronel), Maria Domingas, Luiza Vilante, Ana Maria, Josefa e tantas outras que não estão nessa escrita, são mulheres, personagens de histórias que ainda não foram contadas por completo.

Para completarmos os retalhos/mitemas das mulheres que compõe o tema identidade crioula, temos ainda algumas informações coletadas na comunidade por Lorena Bezerra sobre sua bisavó Maria Domingas.

Maria Domingas era conhecida como Maria Ronco porque tinha uma voz muito forte; Maria Pequena porque tinha uma irmã que também se chamava Maria Domingas e era mais alta que ela; Maria de Teodoro porque era casada com João Teodoro e também como Maria do cachimbo porque fumava cachimbo. São nomes que a descreviam em alguma atividade ou característica física ou afetiva.

Contam as(os) mais velhas(os) que Maria Domingas era muito bonita, de olhos escuros, ombros e quadris largos, cabelo preto, cacheado e longo. Era uma mulher de voz mansa e muito observadora, prestava atenção em tudo. Fumava cachimbo, usava um lenço na cabeça amarrado com um nó atrás do pescoço. Não era quilombola nem indígena, assim como Alzira, Maria Domingas, era cabocla. Tirava o seu sustento da fibra do catolé, fazia vassouras e esteiras. Foi com essa semente, a do catolé que Lorena Bezerra escolheu para começar a sua imagem genealógica e nela enrolou fios vermelhos de fibra de caroá (Imagem 78). Lorena inicia a sua imagem genealógica com o seu nome na semente do catolé. Depois vai inserindo os nomes de suas/seus ancestrais.

Imagem 78 - Semente de catolé - Imagem genealógica Lorena Bezerra.



Fonte: The WSS.

Ana Maria, avó de Lorena Bezerra, era uma mulher bonita, festeira, vaidosa e andava sempre muito arrumada. Expressava a força que ela tinha através do seu

corpo. Trabalhava na roça com a mãe. Maria Domingas e Ana Maria trabalhavam juntas nas roças dos fazendeiros da região. Dessas roças receberam o alimento e os infortúnios da vida. Dessa mesma árvore genealógica de Lorena, temos o retalho/mitema “casamento” com Rita Luiza e José Luis, avós de Lorena Bezerra (Imagem 79).

Imagem 79 - Dona Rita e Sr. José Luis na sua casa, Sítio Paula.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo da pesquisadora.

Quebrando o ciclo do retalho/mitema “mãe solo” (apenas no aspecto de que ninguém sabia quem era o pai da criança, pelo menos oficialmente), Rita Luiza casou com José Luis e tiveram vinte e seis filhos. A união ocorreu no ano de 1963, os dois eram muito jovens, ela tinha treze e ele dezessete anos. O casamento oficial, foi registrado em cartório apenas em 1970. A maternidade solitária de Dona Rita, como veremos mais adiante em seus relatos, foi vivenciada no modelo patriarcal de família em que ao homem tudo é possível e à mulher apenas a obediência lhe cabe. Ela sempre repete nas conversas “eu sofri muito minha filha, sofri muito com esse marido”. Nas histórias de Dona Rita identificamos o mitema resiliência. Hoje Rita Luiza tem setenta e dois anos e Seu José Luis setenta e seis anos, moram no Sítio Paula.

Dona Rita, como é conhecida na comunidade, é uma mulher alegre, de sorriso fácil. Atuou durante vinte anos no Sítio Paula, como liderança de Conceição das Crioulas, contrariando a vontade do marido. Nos dias atuais não participa de reuniões e decisões das lideranças porque a saúde está frágil, mas é só fazer-lhe uma visita que a conversa sobre suas lutas na comunidade logo se inicia. E são muitas histórias, ela diz, “minha história é extensa”. Uma de suas prediletas é sobre a vida de casada que afirma “não foi nada fácil”, “eu sofri muito”, ela diz isso a qualquer hora e na frente do marido. Ele escuta, passa a mão na cabeça, ri meio sem jeito e confirma o que ela está contando.

(...) disse que **sofreu muito na vida com esse esposo dela, mas ia casar com ele novamente**. Isso é uma coisa que ela sempre dizia. Contava a história de como sofreu tanto naquele tempo. Teve vinte e seis filhos e ela pariu todos em casa. Sofreu três abortos. Dos vinte e três nascidos vivos ela criou catorze. Hoje são treze vivos. **Pariu sozinha** porque meu pai ia atrás da parteira e lá se embriagava. **Bebia cachaça e ela terminava tendo esses filhos só em casa, com a ajuda das vizinhas Maria de Aldenora, Izabel e Dona Júlia** que tempos depois se tornou parteira do Sítio Paula, a mãe Júlia. (Marinalva Bezerra, 2ª roda de conversa 22 jul 2021).

As dificuldades do casamento foram vivenciadas por uma adolescente de treze anos e depois pela mãe adolescente aos catorze, quinze, dezesseis anos. Com vinte e seis gestações, praticamente todo ano, Rita Luiza estava grávida. A família foi aumentando ano após ano. A menina rapidamente se fez mulher e mãe. Não somente nas horas do parto estava sozinha, mas no dia a dia, nos afazeres domésticos, no cuidar e educar as(os) filh(as)os. E na hora de satisfazer a vontade sexual do marido seu cansaço ou a falta de vontade para o sexo não era respeitada. Esse assunto não foi explicitado nas conversas com Dona Rita ou nos relatos de sua filha Marinalva Bezerra. Entretanto, como um tabu que ainda persiste na sociedade brasileira, o livre acesso do homem ao corpo mulher é normalizado pelo casamento. O abuso, se não é exposto, apresenta-se nas entrelinhas: “sofreu muito na vida com esse esposo dela”, “teve vinte e seis filhos”, “o marido praticamente era quem obrigava ela trabalhar”.

Nas horas do parto, Rita Luiza estava sem o marido, mas não sozinha, tinha o apoio das mulheres, suas vizinhas. Nas criação das(os) filhas(os) essa cumplicidade também não lhe faltava.

(...) **ela conta muito sofrimento no casamento pra trabalhar com os fazendeiros pra sustentar a família. E o marido praticamente era quem obrigava ela trabalhar** pra esses fazendeiros, pra poder

dar boa vida aos filhos dos fazendeiros. Então ela é uma pessoa que eu tenho muita admiração pela luta e pela história dela. Uma coisa que eu aprendi a fazer era brigando muito. Ela sempre dizia “minha gente, pessoas que não são do movimento social não tem vida não, a gente tem que viver mais pra gente, do que viver pros outros, vão pra uma reunião que a gente aprende muita coisa nessas reuniões”. (Marinalva Bezerra, 2ª roda de conversa 22 jul 2021).

Na década de 1980 Rita Luiza ouviu falar de um pessoal dos movimentos sociais. Para Betto (2006) os movimentos sociais surgem na América Latina a partir do fortalecimento dos setores populares assumindo, como sujeitos políticos, uma consciência crítica proporcional ao seu desempenho

(...) seja entre os camponeses da zona ocidental da Colômbia, os mineiros dos altiplanos da Bolívia ou os sem-terra do sertão do Brasil. (...) Formaram-se movimentos de solidariedade (a Cuba, aos sem-terra, aos presos políticos, aos indígenas ameaçados); de reivindicação (de benefícios e equipamentos sociais, de demandas sindicais, de direitos elementares); de denúncia (da destruição do meio ambiente, do desrespeito aos direitos humanos, da violência acobertada pelo Estado) e de conquista (de terra, de moradia, promoção da mulher, direitos jurídicos, de espaço e poder políticos). (BETTO, 2006, p. 196-197).

O que Dona Rita foi aprendendo com as reuniões na comunidade naqueles anos difíceis e que não é dito na citação de Betto (2006) é que o quilombo de Conceição das Crioulas também era e é um movimento social. Ações coletivas de grupos oprimidos já aconteciam no Brasil colônia com a formação dos quilombos. Nascimento (2021, p. 161), nos aponta sobre a diferença dos quilombos do século XVII e os demais, quando grupos de etnias comuns ainda se encontram num mesmo espaço territorial, “voltados para um tipo de economia, o que dá a medida do risco que eles representavam para o sistema colonial”. Esse “risco para o sistema” ao longo dos anos e na organização dos grupos, dos movimentos sociais de então, se traduzem em insurreições contra a escravização, por independência como a Revolta dos Males, ocorrida em 1835, na cidade de Salvador/BA. O quilombo, como instituição, continua Nascimento (2021, p. 167) “serve de símbolo que abrange conotações de resistência étnica e política”.

Nas escritas do feminino em Conceição das Crioulas constam ações de solidariedade entre as famílias; reivindicações de direitos à cidadania junto às autoridades locais; denúncias de violências sofridas ao longo dos anos pelos fazendeiros, políticos e outras(os) detentoras(es) de poder no seu território e lutas pelo direito à terra, que já era do quilombo, pela educação e pela sobrevivência da

comunidade quilombola. Nas histórias e imagens de Conceição das Crioulas encontramos muita resistência étnica e política. Mas era necessário uma organização formalizada para conseguirem mais conquistas. E na década de 80 chegam na comunidade quilombola o pessoal do Sindicato Rural de Salgueiro e da Pastoral da Terra. Foi um início de organização coletiva e das ideias para a construção da AQCC, que vai ser estruturada no ano 2000, contudo nos afirma Silva, G. (2012, p. 60) “não substitui a representação existente nos núcleos, e sim, é um ponto de unidade entre todos”.

Seu José Luis não gostava dessa história de sindicato, movimentos sociais e não permitia que Dona Rita participasse das reuniões. Para evitar confusão em casa, ela evitava conversar com as pessoas desses grupos, porém, procurou saber o que era, o que queriam e do que falavam. Depois participou de reuniões sem o marido ficar sabendo. Seu José Luis quando soube a proibiu de continuar. Rita Luiza entendeu que aqueles assuntos eram importantes e sempre arrumava um jeito de participar das reuniões. Rita e mãe Alzira, são insurgentes e como Lilith, não baixaram a cabeça, não disseram “sim senhor” às vontades do homem. Em conversas com as vizinhas, Dona Rita (Imagem 80) incentivou outras mulheres a participarem das reuniões, a se informarem e a viver mais para elas do que para os outros.

Imagem 80 - Dona Rita em visita à Casa da Comunidade Francisca Ferreira/CPA, Vila Centro.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo da pesquisadora.

Quando a gente participava das reuniões ela ficava muito feliz e perguntava o que tinha se passado na reunião.

E Lorena, sua neta, é uma das admiradoras dela também, ela gosta muito dessa parte que Lorena participa das atividades da AQCC, do movimento social, porque ela disse que “alguém tem que continuar contando essas histórias, será possível que nesse tanto de filhos, nesse tanto de netos não vai ter um pra continuar essas histórias de movimento de associação”. (Marinalva Bezerra, 2ª roda de conversa 22 jul. 2021).

Na visita que lhe visemos em março de 2022, na sua casa, no Sítio Paula, todas essas histórias foram confirmadas, “casei muito cedo, sofri muito”. E sentada ao lado do marido, lembrando de suas lutas nos movimentos sociais disse com orgulho “meu marido não queria que eu participasse das reuniões, mas eu estou aqui e continuo participando”. Ele, ouvindo ela lhe denunciar, apenas olhou pra ela, sorriu e balançou a cabeça concordando. Seu José Luis, foi convencido a também participar das reuniões, a não impedir e acompanhar a esposa nas lutas da comunidade.

Quero agradecer por Dona Rita, ela é uma grande figura. Ela é uma pessoa, não só nossa, mas **os jovens** mesmo principalmente **se espelham nela e Lorena está certa em ser uma admiradora de Dona Rita**. Eu mesma já fui a vários encontros em Recife com Dona Rita e Seu Zé. Já fomos várias vezes em Brasília com Dona Rita e Seu Zé e outros mais por aqui, em Salvador a gente já foi também, em muitos lugares. Então são guerreiros mesmo. Até por conta também que quando ela conta essas **histórias que o que passou com o marido dela**, eu acho assim, de uma fortaleza tão grande porque como diz Marinalva, ele está ali e ela contando, **ela não está mentindo, ela está contando a superação dela, a resistência dela**. Então pra mim eu fico até sem palavras, eu a admiro muito. (Maria de Lourdes, 2ª roda de conversa 22 jul. 2021).

Dona Rita carrega consigo as histórias de suas ancestrais, é força viva e vibrante para sua família e para toda comunidade quilombola. O relato de Lurdinha é uma prova disso. A Lurdinha aprendeu com ela e com as que não conviveu, mas conhece suas histórias. E hoje ela está ensinando a força e resistência da mulher crioula. Assim, juntemos à coleção de retalhos/mitemas, com mulheres independentes, alegres, vaidosas, libertárias, guerreiras, a Maria de Lourdes, a Lurdinha⁸⁷ como gosta de ser chamada em Conceição das Crioulas. Com Lurdinha recolhemos os retalhos/mitemas “ancestralidade” e “cabelo afro”.

Lurdinha ao decidir participar da pesquisa se lançou a um desafio, falar de si mesma. “Eu sou artesã, sou agricultora”, assim ela se descreve na nossa primeira

⁸⁷ A partir dessa parte do texto, iremos nos referir a Maria de Lourdes da Silva como Lurdinha, como ela é conhecida na comunidade quilombola.

roda de conversa. É uma mulher inquieta, sorridente, curiosa, vibrante, não gosta de

Imagem 81 - Lurdinha, auto-retrato em cerâmica.



Fonte: Maria de Lourdes, acervo pessoal.

ficar parada e suas produções expressam sua vivacidade (Imagem 81). Está envolvida em diversos projetos: na luta por melhorias de infraestrutura no território quilombola; na educação; na produção do artesanato; na difusão das histórias de seu povo entre outros. Tem várias ideias e vontades para por em prática. E tem motivações para fazer todas ao mesmo tempo.

O falar de si, que Lurdinha propõe, não é uma fala individual, mas a fala da coletividade. As histórias que Lurdinha nos conta sobre suas vivências são também histórias de suas ancestrais, de mulheres de coragem, mulheres que lutaram por algo que

viram que não estava correto, que não estava direito, que não estava bom para o seu povo. São também histórias de Alzira, Maria Domingas, Ana Maria, Josefa, aquela prima da mãe de Márcia, Leonor, Maria Vilante e de tantas outras. Lurdinha é uma dessas mulheres, as histórias das seis mulheres fundadoras e das mulheres de Conceição das Crioulas motivam sua ações.

Gosto muito das histórias nossas, elas são a minha base. (...) Eu comecei nesse caderno que você passou pra gente, no outro lado eu fiz a minha imagem, realmente **a minha imagem, coleí a boneca Lurdinha**, feita de caroá, que eu mesma fiz. Então **eu começo aqui falando de fontes históricas, fontes de histórias**. (Maria de Lourdes da Silva, 2ª roda de conversa 22 jul 2021).

Como já citamos no tema Educação, Lurdinha foi homenageada em boneca de fibra de caroá na produção do artesanato quilombola em Conceição das Crioulas. Além de Lurdinha essa produção homenageia onze mulheres da comunidade quilombola. Mulheres cada uma com sua especificidade, segundo Nascimento, M. (2017): Ana Belo, artesã e historiadora; Antonia Maria, artesã e historiadora; Dona Júlia, uma das artesãs que persistiu e garantiu a transmissão da arte do caroá às novas gerações; Francisca Ferreira, uma das seis negras fundadoras de Conceição das Crioulas; Generosa Ana, liderança da comunidade quilombola; Josefa Maria,

artesã e agricultora; Madrinha Lourdes, artesã e agricultora; Maria de Lourdes, a Lurdinha, professora, artesã e liderança da comunidade quilombola; Margarida Dominga, mãe Magá, parteira da comunidade, a mãe de todas(os); Maria Emília da Conceição, agricultora e historiadora; Valdeci Maria da Silva, artesã, agricultora e liderança da comunidade quilombola.

Cada uma não foi homenageada apenas por si só, mas carregam consigo todas as suas ancestrais, suas histórias, os fazeres, os saberes e sabores de Conceição das Crioulas. E Lurdinha sempre enfatiza essa ligação com a ancestralidade da comunidade.

O que elas fizeram é que dá essa fortaleza para cada uma de nós. Então eu sempre digo que eu homenageio e gosto de todas as **mulheres que deram origem** ao nome de Conceição das Crioulas e das **seis mulheres Germana, Francisca Ferreira, Francisca Macário, Francisca Presidente, Mendencha Ferreira e Romana.** Eu tenho uma grande admiração por Francisca Ferreira. Por que eu tenho essa ligação grande com Francisca Ferreira? Eu faço um paralelo entre eu e ela. Francisca é a mais velha e eu a mulher mais nova até então a ter sido homenageada enquanto boneca de caroá. (Maria de Lourdes da Silva, 2ª roda de conversa, 22 jul 2021).

Lurdinha se identifica com o protagonismo de Francisca Ferreira. A história oral conta que foi através do cultivo do algodão que ela e as demais crioulas arrendaram e adquiriram a posse da terra, onde hoje está o território quilombola. Francisca Ferreira, afirma Mendes (2019, p. 85) foi a “responsável pela doação de uma parte do território para a construção da Capela de Nossa Senhora da Conceição” (Imagem 82).

Imagem 82 - Praça, Vila Centro, terreno onde está localizada a igreja de Nossa Senhora da Conceição, Conceição das Crioulas



Fonte: The WSS.

As histórias e lutas de Lurdinha especialmente estão relacionadas com as mulheres, fortalecendo as questões das mulheres. E sua jornada como professora e artesã, como diz o texto do encarte boneca Lurdinha, ela procura enfatizar o saber das(os) mais velha(os) e a história de luta do seu povo.

Essa é a minha história pensando nas mulheres, fortalecendo mais a questão das mulheres, principalmente nessa área que eu trouxe enquanto professora, enquanto artesã e aí eu fico bastante orgulhosa de ter pessoa nessa roda agora que enquanto professora como diz o texto de Lurdinha, eu sempre trabalhei nas escolas mostrando que nós temos um valor. **Que nós temos o nosso valor** que muitas pessoas da sociedade sempre quiseram dá outro pra gente. (Maria de Lourdes da Silva, 2ª roda de conversa, 22 jul 2021).

Depois de escutarmos as histórias de Aparecida Mendes, Márcia Nascimento e das ancestrais de Lorena fica mais fácil entendermos de que valor é esse que Lurdinha se refere. Que as pessoas da sociedade quiseram dá para seu povo, para as mulheres de Conceição das Crioulas. Ou ainda podemos afirmar que não existia valor nenhum que a sociedade gostaria de dar a esse povo. Essa constatação de Lurdinha, do valor diferente do que ela acredita ter, do que lhe é dado pelas pessoas da sociedade, é consequência do racismo estrutural do qual ela e seu povo sofreram e ainda sofrem.

No retalho/mitema “cabelo afro” Lurdinha nos apresenta um tema bem específico desse racismo, na descrição da mulher crioula: a questões que envolvem o cabelo das mulheres com descendência africana. (Imagem 83).

Imagem 83 - Lurdinha e seu tradicional penteado “ os pitozinhos”.



Fonte: The WSS.

Kilomba (2019) nos apresenta os motivos de desaprovação do cabelo afro que atravessaram vários séculos e ainda reflete nas relações da atualidade.

Mais do que a cor de pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravidão. Uma vez escravizadas(os), a cor da pele de africanas(os) passou a ser tolerada pelos senhores brancos, mas o cabelo não, que acabou, se tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização. O cabelo africano foi então classificado como “cabelo ruim”. Ao mesmo tempo, negras e negros foram pressionadas(os) a alisar o “cabelo ruim”. (...) Essas eram formas de controle e apagamento dos chamados “sinais repulsivos” da negritude. (Kilomba, 2019, p. 127).

Falar de como as formas de controle e apagamento foram moldando compulsoriamente o comportamento de mulheres e homens negras(os) não é apenas atestar as violências físicas e psicológicas sofridas por essas pessoas, mas também jogar uma lupa nessa história/imagem trazida por Lurdinha: o processo doído de valorização de seu cabelo afro e de sua imagem de mulher negra.

Porque **eu fui uma das mulheres enquanto novinha, as pessoas diziam “coloca quelisa no teu cabelo, que se tu colocar quelisa tu vai ficar bonita”** e naquele momento eu vivia assim. E hoje eu fazendo uma reflexão, quem é que não quer ficar bonita? Então **a sociedade me via como uma pessoa feia, mas tinha uma saída que era só alisar os cabelos**. E quem não queria ser bonita? E naquele momento eu via isso como se fosse o certo. Agora hoje como eu já tenho a minha autoestima definida, eu conto isso, mas conto com muita dor. como eu sofri, como a sociedade me disse como eu tinha que ser e eu por muito tempo trilhei do jeito que a sociedade queria, “ajeita esse cabelo” e ajeitar o cabelo era alisar o cabelo pra deixar ele baixinho. (Maria de Lourdes da Silva, 2ª roda de conversa, 22 jul 2021).

Neste breve relato Lurdinha nos conta a história de uma vida. De sua vida na adolescência e juventude e de tantas outras meninas negras que sofreram e ainda sofrem racismo pela cor da sua pele, pelas características de seu cabelo. Lurdinha é uma mulher corajosa para contar sua história de muita dor. Oyěwùmí (2021, p. 185) nos lembra que “as histórias do colonizado e do colonizador foram escritas do ponto de vista masculino”. As mulheres, aparecem nestas histórias, mas, muitas vezes, quando aparecem, estão em segundo plano, como coadjuvantes. O que a história contada pelos historiadores homens não dá conta é que “a colonização afetou homens e mulheres de maneiras semelhantes e diferentes”. Neste sentido, as questões sobre o cabelo afro de Lurdinha e de tantas outras mulheres afrodescendentes nos mostram, é que as pesquisas e o contar destas histórias

ainda precisam ser aprofundadas e discutidas sobre como afetam as mulheres negras. E Lurdinha é uma fala potente no contar da sua história.

Nas falas de Lurdinha encontramos ecos das vivências e lutas de bell hooks , professora e ativista antirracista estadunidense que também não aceitava a natureza do seu cabelo e se deixava influenciar pelos comentários racistas de outras pessoas para resolver o que diziam ser um “problema” do seu cabelo.

(...) A verdadeira liberação do meu cabelo veio quando parei de tentar controlar em qualquer estado e o aceitei como era. Só há poucos anos é que deixei de me preocupar com o quê os outros possam dizer sobre o meu cabelo. Só nesses últimos anos foi que eu senti consecutivamente o prazer lavando, penteando e cuidando do meu cabelo. Esses sentimentos me lembram o aconchego e o deleite que eu sentia quando menina, sentada entre as pernas de minha mãe, sentindo o calor do seu corpo e do seu ser enquanto ela penteava e trançava o meu cabelo. (hooks, 2005).

Lurdinha e hooks passaram por processo de aceitação porque muitas vezes lhes foi dito que elas estavam fora do padrão. Para serem bonitas tinham que mudar, que alisar, que diminuir o volume do cabelo. Diziam-lhes que aquela imagem refletida no espelho não era bonita. Isso é de uma violência absurda. Escutar isso desde a infância requer um esforço muito grande para conseguir remover essas vozes da cabeça. Mas Lurdinha e hooks, cada uma em seu contexto sociopolítico, conseguiram e ainda lutam para que outras meninas cresçam valorizando sua beleza.

(...) eu tenho orgulho também de ver Lorena que é uma das meninas que já falou em uma atividade do CTA, **“eu gosto muito do jeito que Lurdinha se penteia, eu me identifico muito com ela** e sempre perguntava: como é que bota esse turbante Lurdinha, como é que faz?” **Então, pra mim ajeitar o cabelo, quando eu percebo que meu cabelo está sem tá arrumado é porque ele está muito baixo, ele poderia está mais alto, enfio os dedos pra ele levantar mais né?”Eu faço o penteado do qual eu fui homenageada que a gente chama os pitozinhos. Faço vários penteados.**

E aí digo hoje, quem quiser utilizar a chapinha utiliza, mas hoje tem muitas pessoas na comunidade que utiliza de forma diferente. Utiliza porque ela quer nesse momento dá uma mudada, não porque ela tá feia, mas aí volta depois o cabelo (volta a ficar crespo). Mas também ainda é uma coisa ruim na comunidade porque muitas pessoas ainda não deixaram a quelisa, né?. Realmente não é aquela quelisa que eu usei, mas ainda tem pessoas que ainda não se acostumaram, ainda não se acharam. Eu digo isso porque já conversei com várias pessoas que dizem: “não Lurdinha ainda não é o meu tempo” e logicamente cada pessoa tem seu tempo, tudo tem seu tempo. (Maria de Lourdes da Silva, 2ª roda de conversa 22 jul 21).

Sempre sorrindo e afirmando que sofreu para conseguir se valorizar como mulher negra e usar o penteado que ela quiser, Lurdinha é vaidosa como Alzira e

Ana Maria e transforma suas dores em resistência. Não importa o que pensam o que é ser bonita, ela está bonita como ela quer estar. Lurdinha como Lilith não quer ser submissa aos desejos dos homens ou de uma sociedade racista. Lurdinha nos aponta que o importante é poder escolher.

(...) E hoje minha autoestima é essa e gosto sempre de está falando pras pessoas que a nossa cor, o nosso cabelo, nós não temos como parecer com outra pessoa. **Se o pai é negro, se a família é negra, se o cabelo é pichaim, se o cabelo é encaracolado certamente vai puxar a quem tem os cabelos dessa forma. Então vejo muito isso hoje com muito orgulho de pentear o cabelo do jeito que eu quero.**

Em relação a nossa cor, já sofri muito porque as pessoas diziam “isso é coisa de negro” e eu queria saber o que é coisa de negro? Porque hoje eu vejo com outros olhos, quando eu vejo, às vezes tem uma mensagem “coisas de negro” mas é uma coisa boa, mas antigamente quando eu via, tinha umas certas coisas que era assim “deixa de coisa, deixa de pantim, tá com coisa de negro”. Então hoje eu não deixo passar não. Quando eu vejo alguma coisa assim eu tô falando na hora, falo mesmo. Porque a pessoa precisa. Ela não é obrigada, que ela goste do jeito que a pessoa é, negro, mas ela tem que aceitar porque não vamos usar cal. Não vamos usar outra coisa pra ficar da cor que a outra pessoa quer, né? (Maria de Lourdes da Silva, 2ª roda de conversa 22 jul 21).

Apesar do sofrimento vivenciado pelo racismo, Lurdinha conseguiu fortalecer sua autoestima e hoje não escuta calada frases que ela identifica como racistas. Nos projetos que participa junto às escolas, à AQCC, entre outros, com suas histórias de superação, encoraja outras mulheres. Nestas narrativas que separamos no grande tema Identidade Crioula encontramos algumas características da identidade da mulher crioula, da mulher cabocla em Conceição das Crioulas:

- Mulheres que sofreram muito na vida mas não perderam ou deixaram que lhes roubassem a alegria de viver, são mulheres alegres, de sorriso cativante;
- Mulheres que sofreram violências físicas e psicológicas, mas conseguiram se reerguer e continuar brigando por aquilo que acreditavam, são mulheres guerreiras, não desistem fácil;
- Mulheres nascidas e criadas no seio de famílias patriarcais e heterossexista que ditam o que as mulheres devem ou não devem fazer, como podem ou não podem agir. Elas conseguiram burlar as regras e seguiram suas vidas do modo que elas escolheram, são mulheres libertárias, insurgentes;
- Mulheres amantes da beleza, de sua beleza, mesmo convivendo com pessoas racistas que faziam de tudo para baixar sua auto-estima, elas

conseguiram continuar amando seu corpo, cuidam de sua aparência, são mulheres vaidosas;

- Mulheres que não tiveram acesso à educação, nunca desistiram de aprender, de escutar, de se organizar. Sabiam que a sociedade estava lhes devendo algo e esse preço deveria ser pago um dia para as gerações mais novas. E elas conseguiram. Hoje tem escolas na comunidade que oferecem da Educação Infantil até o Ensino Médio. São mulheres guerreiras e inteligentes que agem no e pelo coletivo.

Estas são as mulheres de Conceição das Crioulas.

O marido chegava pra avisar que tinha chegado a hora do parto. Elas se arrumavam, todas eram mulheres muito vaidosas, se arrumavam e iam rezar. Entravam no quarto e diziam "você se acalme que o que tiver de acontecer vai acontecer". Era a fé. Muitas vezes quando ela chegavam a mulher já tinha feito o parto sozinha. Elas sabiam quem tinha condição de fazer o parto sem ajuda e quem não tinha. Pelo fato de demorar para chegar na casa da grávida diziam que Maria Domingas era parteira de cortar o umbigo. (Lorena Bezerra, texto enviado por aplicativo de mensagem de texto, 23 abr. 2022).



5.3 - Cuidado

O terceiro grande tema que identificamos nas histórias partilhadas denominamos de Cuidado. Este tema reúne os retalhos/mitemas em uma constelação que nos indicam ações sobre o cuidado com a terra, com as pessoas da família, com a vizinhança, com quem gera vida e com a vida que acaba de chegar no território.

Assim, como as falas que defendem a educação quilombola e as que descrevem as mulheres de Conceição das Crioulas, encontramos nas partilhas, narrativas que expressam a vontade de querer proteger, preservar, zelar. O cuidado de si, com a(o) outra(o), com a terra e o que está relacionado a ela. O chão que se pisa e vive. A terra onde se colhe o que vai para mesa. A história de Agostinha Cabocla nos conta sobre o cuidado com um objeto muito importante para garantia de continuidade do território naquele lugar, naquele chão: o documento de posse. A "resistência contra os poderosos" de Agostinha Cabocla é o nosso primeiro retalho/mitema relacionado ao cuidado com a terra, com o território.

Quando qualquer pessoa, aqui da comunidade, escuta o nome de **Agostinha Cabocla**, a primeira coisa que a gente pensa é a cabaça. Por conta que, na história que nos foi repassada e contada, **é que**

ela escondeu o documento quando tentavam acabar com o documento das terras compradas do território, ela escondeu o documento dentro da cabaça. Então houve um ano no aniversário da AQCC que a gente refez em forma de exposição vários marcos da história. E uma das coisas que a gente fez foi isso, tinha essa representatividade e eu acho que qualquer pessoa que lembre de Agostinha Cabocla que conhecesse essa história vai pensar logo na cabaça. (Fabiana Silva, 4ª roda de conversa, 11 set. 2021).

O documento de posse da terra, conseguido por meio da venda do algodão das primeiras crioulas que ali chegaram, era uma das garantias para a permanência do povo quilombola em Conceição das Crioulas no território. Os poderosos da região sabiam da existência desse documento e estavam à espreita para conseguir encontrá-lo e destruir a possibilidade daquele povo regularizar a posse das terras. Essa é uma das histórias contadas pela tradição oral sobre Agostinha Cabocla: ela escondeu o documento que atestava a compra das terras do território quilombola pelas negras fundadoras do quilombo.

(...) em meados do século XVIII, tempo estimado a partir da história oral, seis mulheres negras, em busca de liberdade, fixaram moradia em um espaço de terra e começaram a trabalhar no cultivo do algodão. (...) No ano de 1802 conseguiram o documento de posse da terra que compreende aproximadamente 17 mil hectares, começando assim um longo episódio de territorialização, desterritorialização e reterritorialização desde essa época até os dias atuais. (NASCIMENTO, M. 2017, p. 43-44).

A Constituição de 1988 abriu caminho para um longo processo de reconhecimento dos povos tradicionais e de regularização das terras por eles habitadas. O documento escondido na cabaça foi fundamental para garantir a regularização das terras do povo quilombola de Conceição das Crioulas.

Em 1998 Conceição das Crioulas foi reconhecida como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares (FCP) e no ano 2000 a FCP tituló uma área de 16.865 hectares à comunidade, mas não retirou os ocupantes externos. No mesmo ano, foi criada a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), que passou a reunir as diversas associações existentes na maioria dos sítios. Hoje a AQCC sedia a Comissão Estadual de Articulação das Comunidades Quilombolas de Pernambuco, criada em 2003.

Ainda no ano 2000 (...) foi aberto um novo processo de titulação no Incra. Esse período foi marcado por ações violentas dos fazendeiros contra os quilombolas. Muitas lideranças foram ameaçadas de morte e, em 2004, a sede da AQCC foi queimada.

(...) Hoje, graças à luta contínua da comunidade, Conceição das Crioulas tem obtido muitas conquistas e melhorias. Os quilombolas conquistaram parte das terras reivindicadas e contam atualmente com oito fazendas desapropriadas no interior do território. (CARVALHO, 2016).

As conquistas no âmbito territorial fazem parte da resistência, da organização política e social da comunidade quilombola e também dos avanços conquistados com as políticas públicas dos anos 2000. Assim nos aponta Rodrigues (2017).

Os registros (orais e escritos) da nossa história atestam que, até o início da década de 1990, as circunstâncias vividas pela comunidade quilombola de Conceição das Crioulas faziam com que a luta pela permanência nos poucos espaços que ainda lhes pertenciam e/ou para reconquistar aqueles que haviam sido invadidos enfrentasse potentes obstáculos. A seu favor, os invasores tinham o coronelismo, a política local, os donos de cartórios, a colonização das mentes de algumas pessoas e a ausência de legislação favorável aos que haviam perdido ou que estavam prestes a perder suas terras.

Resultado da organização política e da resistência quilombola, conseguimos avançar bastante, principalmente no que diz respeito à tomada de consciência política de integrantes influentes da comunidade. Pessoas que antes se imaginavam inferiores ou que não percebiam a força da nossa organização passaram a acreditar e participar efetivamente da luta contra agentes e fatores causadores de opressão dentro e fora da comunidade.

Os avanços aos quais me refiro têm como base, mudanças ocorridas na conjuntura política nacional no período de 2003 a 2015 com a chegada do PT no governo federal e, em nível local, uma parceria frutífera com o governo municipal no período de 1992-1996 e de 2000 a 2016. (RODRIGUES, 2017, p. 40).

As lutas e conquistas que as histórias de Conceição das Crioulas nos contam descrevem processos que não favoreciam às crioulas e seu povo, mas que ao longo dos anos a comunidade quilombola foi conseguindo superar os obstáculos que surgiram. O processo de dominação pelos poderosos da região, e em diversos momentos da história, os que se diziam donos da terra, os fazendeiros que chegaram no território nos anos 1930/1940, ocupando e cercando principalmente as terras produtivas; os políticos da região, os donos de cartórios, citados por Rodrigues (2017); a usurpação dos direitos desse povo através da ausência de uma educação crítica que influencia na reflexão sobre suas vivências, o que Rodrigues (2017) vai chamar de “colonização das mentes” e isso favorece aos poderosos da região. E ainda a ausência de uma legislação favorável aos povos tradicionais, que vai sofrer transformações nos anos 2000 com a chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) no Governo Federal.

Para resistir a esses processos de dominação das terras, usurpação dos direitos e “colonização das mentes”, as mulheres de Conceição das Crioulas usavam e ainda usam de estratégias de luta e resistência. E o cuidado com o documento que

garante a posse da terra era uma estratégia de resistência. Agostinha Cabocla (Imagem 84) a desempenhou com sucesso.

Imagem 84 - Agostinha Cabocla.



Raízes Quilombolas

A VIDA DE AGOSTINHA CABOCLA

Agostinha Gomes Dionísio, conhecida como Agostinha Cabocla, filha de Nicácio Gomes de Jesus e Ylceia Gomes Dionísio, tinha sete irmãos, Miguel Gomes Dionísio, Antonia Gomes Dionísio, Ana Gomes Dionísio, Joaquina Gomes Dionísio, Mariana Gomes Dionísio e Jofre Gomes Dionísio.

Agostinha era agricultora, benzedora e também artesã. Fazia corda de carão, sacó e esteiras de palhas, e lá vender seus produtos nas cidades mais próximas como: Salgueiro, Mirandiba, Floresta, e também na própria comunidade. Seu meio de transporte era animal (jumento, cavalo). Quando não tinha o animal ela ia a pé com suas companheiras fazer suas vendas.

Agostinha era mulher forte e dedicada na luta da comunidade. Sempre esteve ao lado de Antônio Andreiro (Toni) e Luiz Simão, viajando muitas vezes a Recife e até Brasília para defender os direitos da comunidade. Era solteira e nunca teve filhos. Muito respeitada por todos(as), muito religiosa, sempre procurava dar conselhos aos mais jovens dizendo o melhor caminho a seguir, pois muitas coisas de ruim que poderia ter acontecido na comunidade, graças a seis conselhos foram evitadas.

Não gostava de dizer palavrões, pois quando mais jovem foi dizer a palavra "frecha" que significa peste (baba) e foi surpreendida por uma queda ao falar este nome. Não entendendo o motivo da queda, repetiu a palavra e caiu novamente. Daí então ela sempre dizia as pessoas para não dizer palavrões. Agostinha gostava de fazer amizades, estava sempre visitando as pessoas e prestando sua solidariedade.

"Sinto muita saudade de Agostinha, pois foi a mãe que não tive. Era quem me dava força e coragem para enfrentar as dificuldades da vida. Sinto-me feliz em poder estar contando a história de uma mulher forte e lutadora que nunca mediu esforços em prol da sua comunidade", diz sua filha adotiva Luiza Joaquina Gomes, conhecida Luiza das Caboclas.

Por: Maria Jéssy de Oliveira e Francineide Rangel de Oliveira / Miel

Relembra: Não é fácil encontrar uma foto de Dona Agostinha Cabocla

Você sabia?

Que recentemente foram implantadas tele-salas quilombolas em três Municípios do Brasil? E que uma delas é em Salgueiro, na comunidade de Centurião das Caboclas?

Que o objetivo é incluir as pessoas que estão muito tempo fora do ensino no processo educacional sistemático?

Fonte: Jornal Crioulas, 2005, In: NASCIMENTO, M. 2017, p. 44

(...) Essa mulher é uma mulher que eu admiro muito, a comunidade toda admira, é uma mulher que já é estrela, que já não está mais com a gente, mas a história vai permanecer pelo resto dos séculos. Era uma mulher do século passado. Ela esteve por aqui mais ou menos, depois da chegada da Francisca Ferreira, mais ou menos 150 anos. Eu acho ela **uma mulher incrível**, era uma mulher que tinha outros irmãos e outras irmãs, tinha três irmãs. Pelo que eu pesquisei, mais próxima dela, que tinha algumas coisas em comum com ela também, mas assim como Francisca Ferreira se destacou muito entre as seis, ela se destacou entre as irmãs, que não sei se eram só três, mas na época que eu pesquisei eram três mulheres que não casaram.

Naquela época, e se identifica muito comigo nessa história de não casar, de não ter filhos. (...) **uma mulher que superou a história do machismo** por conta não só disso. Mas **uma mulher que saiu da comunidade, que saía a pé, que foi em busca da luta do território, que resistiu;** que passou fome, que tirou caroá, que era artesã do caroá.

(...) **É uma mulher que se superou além do seu tempo fazendo tudo isso e muito mais.** Ela fez história no século passado, que vem da geração de outras mulheres e que vai resistir e que se tornou história e símbolo. (...) **Símbolo de repassar a resistência pras outras mulheres e outras pessoas.**

Então, **Agostinha Cabocla eu sinto como uma pessoa que vive hoje** porque as pessoas aprenderam com ela e aqui se espelha nela. Então ela é uma pessoa que vive até hoje, apesar de não está mais fisicamente. Uma mulher que não teve filhos e fez história que não será esquecida jamais, Agostinha Cabocla. É dessa mulher que eu quis falar um pouquinho. (Márcia Nascimento, 2ª roda de conversa, 22 jul. 2021).

Agostinha Cabocla vem da geração de outras mulheres, das primeiras que chegaram, Germana, Francisca Ferreira, Francisca Macário, Francisca Presidente, Mendencha Ferreira, Romana e de suas descendentes Domingas da Conceição, Margarida Domingas, Maria Domingas, mãe Vilante, Ana Maria, Josefa, aquela prima da mãe de Márcia, Leonor, mãe Alzira e as que ainda estão vivas e continuam lutando, cuidando da terra e de todas(os) do quilombo. Entre estas está Lurdinha (Imagem 85), que cuida da terra, da sua roça onde planta e colhe alimentos sem veneno para a sua mesa e para a de quem ela vende e doa a produção. Na roça de Lurdinha recolhemos o retalho/mitema “renovação”.

Imagem 85 - Lurdinha e seu pai na roça.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo da pesquisadora.

(...) eu tenho o meu canteiro, é um canteiro orgânico, e aí é uma localidade onde eu posso tá chamando as pessoas da comunidade pra dá uma olhada no meu canteiro, pra ver o jeito que eu cuido, o jeito que organizo pra cuidar do canteiro e a principio é pra me alimentar, é pra temperar. Posso chegar no canteiro e alguém que tiver olhando eu posso chegar e comer ali porque é orgânico eu sei de onde é quem tem o que foi que eu coloquei o que não coloquei. Primeiro eu como depois eu ofereço isso pras pessoas da comunidade pra venda. Também se tem alguém da comunidade mesmo que não tem o dinheiro, mas quer o coentro, também eu faço isso, já fiz várias vezes na comunidade.

É uma das coisas que **eu penso muito na questão do cuidado**, nessa imagem tem a cebolinha também, a cebolinha é uma das **plantas que está sempre se renovando, vc tira uma quantidade, corta e ela renasce**, então eu peguei essa parte aí pra tá mostrando simbolicamente que na nossa história da comunidade **a gente precisa ser isso e nós somos isso**.

As primeiras que chegaram foram dando oportunidade a outras pessoas, **o sangue corre nas veias e a gente está sempre renascendo**. (Maria de Lourdes, 1ª roda de conversa 03 jul. 2021).

Lurdinha traz esse cuidado na imagem do canteiro, que ela nos trouxe para se apresentar. É a sua roça. As hortaliças, frutas, legumes que Lurdinha colhe em sua horta alimenta a família, para quem ela vende e também a quem ela doa porque não tem no momento o dinheiro para comprar. E Lurdinha retribui as colheitas de sua roça cuidando de sua terrinha, como ela diz. Não usa agrotóxico, pesquisa produtos orgânicos, meios que não agriam a natureza. O cuidado com a terra não é apenas uma troca, mas um modo de viver, como Krenak (2019, p.22), denomina a “gente que fica agarrada na terra”. Lurdinha e o povo de Conceição das Crioulas são “filhotes da terra”. No cuidado com essa terra, vão se renascendo a cada dia, a cada geração. E mesmo sofrendo todo tipo de violência, esses “filhotes da terra” e especialmente essas mulheres da terra, vão se renovando e se saciando com o que a terra tem a oferecer.

Para Boff (2011, p. 60) o cuidado é “importante para a vida humana e para a preservação de todo tipo de vida”. Na partilha de Fábria Oliveira o zelo com a terra se estende ao cuidado com a(o) outra(o), o retalho/mitema “colo de mãe”.

Falar da minha mãe é um prazer enorme, ela é muito importante pra mim, muito especial. E **em relação ao cuidado, é bem interessante ver o quanto ela se importa com todos os seus filhos o quanto ela tem um cuidado com a gente e as outras pessoas que estão ao seu lado, ao seu redor**. (Fábria Oliveira 5ª roda de conversa 28 set. 21).

E o cuidar está implícito em não está só e não deixar a(o) outra(o) só. Esse sentimento de coletividade é expresso na vontade de tomar conta. Esse cuidar que Fábria narra é o cuidado do dia a dia, o cuidado com alguém doente na família, como

ela que já recebeu o colo e o cuidado de mãe quando estava doente e também presenciou a mãe cuidando de sua avó e de outras pessoas da comunidade. Sempre que precisavam de alguma ajuda, de alguém presente, Dona Maria do Socorro estava por perto. Para tratar das enfermidades, as mulheres de Conceição das Crioulas aprenderam, desde cedo, com as mezinheiras, aquelas que Aparecida Mendes nos fala em sua apresentação, o manejo das ervas medicinais da região. Elas fazem parte do retalho/mitema "folhas e raízes".

(...) A Comunidade foi fundada pelo grupo de mulheres e elas tinham a convivência com a natureza, uma harmonia perfeita, por isso que nós existimos no território até hoje.

(...) a saúde do nosso povo era cuidada pelas mulheres principalmente pelas senhoras, pelas parteiras, pelas benzedadeiras, pelas mezinheiras. E o que tinha à disposição delas pra cuidar da gente era justamente as folhas e as raízes disponíveis na natureza, disponíveis no mato no nosso território. (Aparecida Mendes, 1ª roda de conversa 03 jul. 2021).

Morando longe do território quilombola, Aparecida Mendes não esqueceu desses ensinamentos e tem sempre suas ervas cultivadas como pode, no quintal, em vasos. Ela confia que este conhecimento, que garantiu a sobrevivência do seu povo, também vai garantir a sua boa saúde, na grande cidade. Percebemos o cuidado também com as visitas que chegam: pessoas da família, da comunidade ou alguém de fora. O cuidado com a(o) outra que chega, expressa a vontade de que aquela pessoa fique naquela casa e se sintam bem. Podemos chamar de hospitalidade, mas Fabiana Silva denomina de tradição, principalmente entre as(os) mais velhas(os), não é somente acolhimento, mas vai além, é uma ação de partilha. Este é o retalho/mitema "partilha" .

(...) aqui em Conceição das Crioulas, **principalmente na casa das pessoas mais velhas, é difícil você chegar e sair sem você tomar nem que seja um chá ou um café porque é tradição**, é costume e está no nosso meio essa questão da partilha, da coletividade e de dividir o que tem. **Pode ser o que for, mas se divide**. Pode ser pra quantas pessoas for, mas sempre era dividido. (...) Independente da pessoa ser filho, filha, irmã, irmão, mas sempre havia, **sempre era e ainda é bem presente essa questão do dividir, do partilhar, do não comer sozinho**.

Minha avó Alzira, quando ela estava aqui em casa era uma ofensa muito, mas muito grande, se chegasse uma pessoa aqui pra visitar ela e a gente não oferecesse nada, tinha que oferecer.(Fabiana Silva, 4ª roda de conversa, 11 set. 2021).

O cuidado com as visitas, um cafezinho ou um chá e uma boa conversa pode se estender a umas horas mais longas de cuidado como os almoços para comemorar as construções de casa de Ana Belo ou as conversas com partilha de

um café na mesa de Alzira Vilante. Com todas as dificuldades que enfrentaram durante a vida, as mulheres de Conceição das Crioulas se apresentam como mulheres alegres e festeiras, mas essa vontade de festejar a vida compreendemos que também aparece nas narrativas em forma de cuidado, como uma atividade da coletividade, uma forma de cuidar das pessoas que estão ao redor. O retalho/mitema “festa”.

(...) **As coisas que ela fazia sempre eram regadas de muita comida, muita bebida, muita fartura.** Mesmo diante das dificuldades, sempre era dessa forma. Com o que tivesse, com o que desse. Mas uma das coisas bem marcantes que eu via era essa questão da partilha, do não ser o individual e que isso reverbera em todas as práticas, na maioria das práticas da comunidade. A questão do **partilhar, do festejar, na alegria e na tristeza, como se diz, mas se é pra festejar tá todo mundo junto se é pra chorar tá todo mundo junto e é assim até hoje.** Ainda é presente, ainda é forte isso em Conceição das Crioulas. (Fabiana Silva, 4ª roda de conversa, 11 set. 2021).

Já trouxemos no tema Identidade a história de Ana Belo e suas construções de casas com muita festa, com as narrativas das mulheres festeiras. E também já falamos da alegria de festejar de mãe Alzira, mas aqui Fabiana traz ao descrever as atitudes da avó, o olhar de quem cuida, de quem zela pela comunidade. Por isso inserimos aqui também a festa da avó Alzira. Para ela, festa sem partilha não é festa. O importante para ela, como na tradição de receber dividindo o que se tem em casa, mesmo tendo pouco, era partilhar. E para partilhar tem que estar junto na alegria ou na tristeza. Essa era a vontade da avó Alzira. Isso é cuidar de quem está ao seu entorno, de quem chega para rir ou para chorar junto.

Quando ficou doente mãe Alzira queria fazer uma missa, infelizmente não deu tempo da família organizar. E Fabiana avisa que não era uma simples missa. Ela falava em chamar a comunidade toda e matar boi, matar bode, matar galinha e fazer tachos e mais tachos de comida. Até hoje quando a família faz alguma coisa em homenagem a ela, faz da forma que ela gostaria que fosse. Como não foi possível fazer a missa quando ela estava doente, fizeram depois de um ano de sua morte. Fizeram da forma que ela iria gostar de ver se estivesse aqui em vida. A presença dela com certeza foi sentida durante a festança, e ela estava muito feliz.

Costuramos até então os retalhos do cuidado com a terra, do dia a dia, de cuidar de quem está doente, de partilhar a mesa na alegria ou na tristeza. Nas partilhas recolhemos um outro retalho muito especial de cuidado: o cuidado das mulheres na hora do parto. O retalho/mitema “parteiras de Conceição das Crioulas”.

No Sítio Paula, Dona Rita esperava o marido ir buscar a parteira e se perdia pelos bares do caminho. As mulheres se cuidavam, se protegiam. Ela paria com a ajuda, com as rezas, os banhos das vizinhas. Quando chegava um outro momento de uma nova criança nascer o rito se repetia, o marido saía de novo para chamar a parteira, ou pelo menos tentar chamar, e não voltava. Com tantos partos sem que a parteira chegasse a tempo, as vizinhas foram aprendendo o ofício.

Uma destas parteiras muito requisitadas na comunidade era Margarida Domingas, mãe Magá, a mãe de todos, como é conhecida na comunidade quilombola. Aparecida Mendes nos conta que ela aprendeu o ofício de parteira com mãe Vilante. É referência nas histórias da comunidade e está nas dissertações de mestrado de Aparecida Mendes e Givânia Silva.

Maria Magá: é uma referência a Margarida Maria, uma das mais importantes lideranças de Conceição das Crioulas. Em virtude da sua atuação como parteira e conhecedora de importantes orações, se tornou uma verdadeira autoridade local, respeitada por homens, mulheres e crianças, dentro e fora do território. A maioria das pessoas do quilombo, que nasceram na segunda metade do século XX, a chamam de mãe Magá. Já as mães e pais a chamam de comadre Magá, em reconhecimento à tarefa de acompanhar as mulheres durante a gravidez, realizar o parto e seguir acompanhando até as crianças crescerem e a mãe se recuperar. Muitas vezes ela usou a sua autoridade para conter os maridos agressores das esposas. Além da habilidade de cuidar da população, ela era detentora de muitos outros saberes herdados das nossas antepassadas, a exemplo da astrologia e a importância da utilização dos recursos naturais. A sua casa sempre foi rodeada por árvores nativas, a exemplo dos pereiros que tinham os caules trançados por ela para crescerem com uma copa perfeita e que existem ainda hoje. (...) É homenageada no Posto de Saúde da comunidade, que recebeu o seu nome. (MENDES, 2019, p. 54).

Mãe Magá (Margarida) – era uma mulher a serviço do seu povo. Parteira das mais respeitadas na história. De Conceição, ficou conhecida como a “mãe de todos”. Hoje, quem mantém essa função na comunidade é Dona Joanelinha, que quando menina foi preparada por mãe Magá. (SILVA, G. 2012, p. 159).

Lorena Bezerra complementa que o ofício de parteira também fazia parte da história da família, Margarida Domingas e sua irmã, Maria Domingas aprenderam, com a mãe Domingas da Conceição, também parteira. Ensinaamentos e tradições que são passados de geração a geração: a religiosidade, ser benzedeira e ser parteira.

O marido chegava pra avisar que tinha chegado a hora do parto. Elas se arrumavam, todas eram mulheres muito vaidosas, se arrumavam e iam rezar. **Entravam no quarto e diziam “você se acalme que o que tiver de acontecer vai acontecer”**. Era a fé.

Muitas vezes quando ela chegavam a mulher já tinha feito o parto sozinha. **Elas sabiam quem tinha condição de fazer o parto sem ajuda e quem não tinha.** Pelo fato de demorar para chegar na casa da grávida diziam que **Maria Domingas era parteira de cortar o umbigo.** (Lorena Bezerra, texto enviado por aplicativo de mensagem de texto, 23 abr. 2022).

Mãe Magá (Imagem 86) acompanhava a gestante durante toda a gravidez e quando a hora do parto se aproximava avisava à família para começar os preparativos para o dia do parto. Não podia faltar alfavaca ou jarrinha⁸⁸ e cidreira⁸⁹. A cidreira era para fazer um chá calmante para beber e a alfavaca ou a jarrinha para infusão em um banho relaxante durante as dores do parto. Assim ajudava a liberar a passagem da criança.

Imagem 86 - Margarida Domingas, mãe Magá.



Fonte: Aparecida Mendes, acervo pessoal.

⁸⁸ Alfavaca e jarrinha são ervas típicas do território quilombola de Conceição das Crioulas. Alfavaca é encontrada nos quintais, jarrinha é uma erva rasteira que fica nas proximidades dos córregos e riachos.

⁸⁹ Erva cidreira também é uma erva calmante, usada em chás.

Mãe Magá praticou tanto o ofício de parteira que foi se especializando a cada dia. Acompanhava as gestantes desde quando se percebia que estava grávida. Em uma época em que não havia políticas públicas voltadas a assistência médica no território quilombola e muito menos com a saúde das gestantes e crianças, final da década de 1950 até os anos de 1980, os cuidados com as mulheres grávidas e as (os) recém nascidas(os) ficavam ao cargo das parteiras.

Se fosse hoje, o que ela fazia, poderia ser chamado de pré natal. Ela analisava de tal forma a gestante de modo que ela sabia, impressionante gente, ela sabia. Tem uma história do cordão umbilical, o cordão que enrola no pescoço das crianças, ela sabia quando a criança ia nascer com o cordão laçado. **Ela sabia e ela já dizia “olha essa criança não tem condições de nascer comigo não, essa tem que ir pra cidade”.**

Hoje se descobre pela ultrassonografia, mas **a sabedoria dela era tanta que ela naquele tempo sabia.** E ninguém ia contestar com ela, **era a parteira falando.** Então levavam pra cidade e já levava na hora que chegava a dor do parto. (Aparecida Mendes, texto enviado através de aplicativo de mensagem de texto em 17/12/2021).

A comunidade era grata a mãe Magá, por tudo que ela fazia pelas mães e pelas crianças que nasceram nos seus braços. E uma forma de retribuir esse serviço era cuidando de sua roça.

Mãe Magá, como todo mundo, vivia da roça né? E ela não tinha, não sobrava tempo quase pra ela ir pra roça. Dificilmente ela fazia uma outra atividade que não fosse a atividade de parteira e também cuidar de umas crianças de uma família, lá no território, da família de um fazendeiro. Algum agrado ela recebia. Não era uma pessoa remunerada, mas alguma contribuição ela recebia deles. Então, **quase não sobrava tempo pra ela ir pra roça, e as famílias tanto as mães, que ganhavam neném tanto os pais, entendiam que tinham uma dívida de gratidão com ela.** Então, o que eles faziam: ela tinha um pedacinho de roça ai, os pais iam lá, se juntavam um grupo e faziam um mutirão pra cuidar da roça dela. Pra fazer todo o processo, deixar a terra no jeito pra plantar. Depois, limpar e na hora de colher as mulheres, iam lá fazer a colheita. Contribuir, ajudar na colheita do feijão pra ela também ter algo da rocinha dela. (Aparecida Mendes, texto enviado por aplicativo de mensagem, 17 dez. 2021).

Além da gratidão, todos se preocupavam com seu bem estar, sua segurança nas andanças pelo território, quando ela era chamada a qualquer hora do dia e da noite para fazer o parto. Até que um dia mãe Magá se perdeu na Serra das Princesas (Imagem 87), como nos conta Aparecida Mendes, e foi um desespero naquela comunidade.

Imagem 87 - Vista da Pedra do Matame, a Serra das Princesas é depois dessas serras que avistamos.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo da pesquisadora.

Eu lembro que eu era pequena, bem pequena e a gente morava no sítio Areia. Uma comunidadezinha lá na roça, 3 quilômetros de distância da vila que faz parte do território. E o povo de Conceição, gosta de procurar catolé, que em outras regiões chamam de ouricuri, mas pra nós é catolé, que é um coquinho pequenininho. Ele é docinho e a gente gostava de catar. Eu mesma nunca fui, meu pai e muita gente da comunidade mais velha que ia muito buscar lá em uma serra (...) chamada de Serra das Princesas.

Foram procurar catolé nessa serra, um grupo, foi meu avô, uma turma de pessoas e ela foi junto nesse dia. Largou tudo e foi. (...) Mãe Magá disse que estava junto e ela foi ficando, aí chegou num imbuzeiro e começou ali embaixo do imbuzeiro. Ficou de cabeça baixa e os outros foram indo e não perceberam que ela ficou pra traz. Ela ficou catando catolé e conversando com o imbuzeiro: “mas onde já se viu um imbuzeiro dá catolé”. Ela conversava. Todas as mulheres conversavam com as plantas, conversavam com os animais como se fossem gente.

Aí ela conversava, “mas onde já se viu, gente, um imbuzeiro dá catolé? Eu vou ficar é aqui catando catolé”. E foi ficando. Quando levantou a cabeça tava sozinha. E diz ela... segundo ela, o que tinha no asseiro do imbuzeiro (em volta do imbuzeiro) tava uma jumentinha branca (...) e ela disse assim: “e agora jumentinha, eu fiquei pra trás? Tu vai me guiar?” Aí a jumentinha saiu andando e ela foi seguindo a jumentinha. Andou, disse que andou bastante.

Essa é a história que ela conta depois que foi encontrada.

Aí disse que andou bastante até chegar numa mata de caroá. O caroá, quando a gente entra muito no caroá, a gente não consegue se desvencilhar dele porque ele tem um espinho e é um espinho que parece uma preaca, assim, que gruda no seu corpo e você não consegue sair. Caroá e macambira são bem semelhantes. Aí, chegou nessa mata de caroá e a jumentinha foi entrando e ela: “mas jumentinha, não vou entrar aí, eu não vou entrar aí”. Aí a jumentinha é como se tivesse se aberto a mata de caroá e a jumentinha foi simhora e ela ficou sozinha e aí, ela dizia: “e agora, pra onde eu vou? cadê meu povo?” e nessa altura a turma já estava procurando por mãe Magá.

Eu lembro do desespero, eu era bem pequena, mas eu lembro do desespero. Esse povo entrou a noite procurando mãe Magá. Não encontrou. Chegavam em casa tarde e chegavam dando a notícia: comadre Margarida se perdeu (...) na Serra das Princesas. Foi tanto desespero naquele tempo, eu lembro porque eu via a aflição da minha avó e das outras pessoas.

Pra ir pra Serra das Princesas passava onde a gente morava, saía da vila e seguia pra lá. Passava no Boqueirão que é outra comunidade que fica dentro do território. Você ver a serra ao longe e quando chove você ver umas pedras que brilham, acho que é a água que ia escorrendo nas pedras e reflete a luz dos sol. Então de longe, a gente vê aquela pedra brilhando de longe de muito longe, de lá da vila, acho que são uns 8km da vila da Conceição até a Serra das Princesas.

Esse povo entrou em desespero. E todo dia subia gente. Ia gente pra Serra das Princesas, todo dia ia gente procurar mãe Magá. Eu não lembro exatamente quantos dias foram, não sei se foram oito dias, mas foi muito tempo. Mãe Magá perdida nessa serra e o nosso povo procurando e não encontrava. Aí, quando foi um dia, (...) a gente estava no terreiro de casa ouvindo vó contando histórias, de repente vó viu uma luzinha azul passando como se viesse em direção da serra. E vó mostrava pra gente e a gente via como se fosse uma luzinha andando. Se fosse hoje, se a gente fosse ver de perto, talvez fosse simplesmente um vagalume né? Mas naquela hora que vó viu aquela luzinha, vó falou assim: “comadre Margarida foi encontrada, ó o sinal ali, é uma luz de aviso”. Era como se fosse uma luz não alta, alí por cima das matas, como se viesse da direção da serra pra vila. Vó entendeu naquela hora, vó entendeu “comadre Margarida foi encontrada”. Será vó? E ela: “foi”.

Mentira não foi, no outro dia a gente recebeu a notícia que realmente mãe Magá tinha sido encontrada. Foi encontrada por uns caçadores. Tinha uns caçadores e ela perguntou pra eles “onde eu tô”, aí eles disseram que ela já estava em outro canto bem longe do lugar onde tinha ficado, onde se separou dos outros. (...) aí ela disse: “pois eu tô perdida, eu vim com meu povo e fiquei perdida, não me encontraram, tô precisando chegar em algum lugar pra chegar em casa”.

Aí eles foram deixar ela numa comunidadezinha que hoje é perto porque a gente anda de carro né? Mas naquela época era longe. Foram deixar nessa comunidade chamada Barreira e de lá foram deixar ela em Conceição. E foi alguém dessa comunidade, da Barreira que deu a notícia pra nós de Conceição, que mãe Magá tinha chegado lá e que era pra buscar ela.

Essa é a história que eu conheço de quando mãe Magá se perdeu. (Aparecida Mendes, texto enviado por aplicativo de mensagem, 17 dez. 2021).

Na oralidade esta história vem sendo contada nas varandas das casas pelas avós, nas rodas de conversa e nas escolas do território quilombola. Mãe Magá andou muito, mas ela sabia as orações. Quando ela estava perdida, com medo na mata, homens passavam por ela, mas não a viam. Ela sabia a oração para não ser vista. A história oral conta que ela sabia. Ela machucou muito os pés nesses dias que ficou perdida na serra, mas estava só em uma área que tem onça e cobra, o perigo era grande. E ela somente machucou os pés por ter andado muito para voltar

para casa. Na comunidade isso foi visto como um milagre. Perder a parteira, a mãe de todos, era algo que ninguém queria pensar naqueles dias.

As parteiras de Conceição das Crioulas foram envelhecendo e as novas gerações não aprenderam o ofício, não seguiram a tradição do parto com uma mulher experiente da comunidade. Além disso, outros fatores contribuem para a não continuidade das ações de parteiras nas comunidades tradicionais

(...) a ampliação do Sistema Único de Saúde (SUS) como causa, já que é comum, nas unidades de saúde, a recomendação para que as parteiras encaminhem as grávidas aos serviços de saúde e hospitais. Essa, segundo algumas parteiras, também foi uma recomendação comum em alguns dos cursos de capacitação para parteiras realizados pela Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco – o parto domiciliar passa a ser algo emergencial e não uma escolha da mulher. (...) as mulheres atualmente escolhem o parto hospitalar devido à imagem de segurança que a maternidade representa para a sociedade urbana e contemporânea. (MELO; MÜLLER; GAYOSO, , 2013, p. 8).

Estas informações são baseadas em entrevistadas que as pesquisadoras, idealizadoras do projeto “Inventário dos Saberes e Práticas das Parteiras Tradicionais de Pernambuco”, realizaram, entre os anos de 2008 a 2011, com parteiras tradicionais em associações e núcleos de parteiras em cidades do Agreste, Região Metropolitana do Recife, Zona da Mata e Sertão pernambucanos. Conceição das Crioulas não fez parte desta pesquisa, contudo, com as partilhas e conversas na comunidade, podemos inferir que dar preferência aos serviços de saúde e hospitais e como consequência, o parto hospitalar; e a desvalorização e desautorização pelo Estado de atuação das parteiras tradicionais, também foram fatores que influenciaram na descontinuidade da atividade das parteiras no território quilombola.

Uma das parteiras ainda viva na comunidade quilombola, mas que não “pega mais menino”, como ela fala, ou seja, não atua mais como parteira, é mãe Joana (Imagem 88), ou Dona Joaninha, aquela que foi preparada por mãe Magá quando ainda era menina. Nesta escrita costurada com tantas memórias e ancestralidades, a última parteira da comunidade e que foi preparada por mãe Magá, não poderia ficar de fora. Chegamos na frente de sua casa, e ao nos cumprimentarmos, ela foi logo dizendo seu nome, Joana Joventino. Eu lhe disse que meu pai tinha o mesmo sobrenome, “ Joventino” ela segurou meu braço, sorriu e me perguntou “será que somos parentes?” Respondi “Será?”

Imagem 88 - Mãe Joana em frente a sua casa, Conceição das Crioulas.



Fonte: The WSS

Na tarde do domingo, quinze de maio de 2022, dia da parteira, a brisa leve nos presenteou com a imagem daquela senhora sorridente nos convidando para uma conversa: “Vem gente, vamo chegar pra aqui”. O nosso caminho e interesse eram outros, apenas passamos na frente de sua casa por que aquele era o trajeto que estavam nos guiando, mas aquele convite foi irresistível, e ainda mais no dia da parteira.

Mãe Joana estava sentada na frente de sua casa com a porta aberta, provavelmente descansando do almoço e vendo o movimento da rua, esperando alguém passar para conversar (Imagem 89). Estava sozinha em casa. Nos convidou para entrar várias vezes, mas um compromisso com hora marcada não nos deixou aproveitar a “partilha do receber em casa de Conceição das Crioulas”. Ela foi logo nos dizendo que era parteira “peguei mil e um e outros tantos que não coloquei na conta”.

Imagem 89 - Encontro com mãe Joana na Comunidade Quilombola, 15 de maio/2022.



Fonte: The WSS.

(...) estão tudo por aí no mundo com mulé e filho, tão tudo por ai. **Eu não pego mais nenhum, minha fia, sabe por quê? Porque a vista está meio ruim, mas eu ensino, se você quiser aprender eu ensino pra você fazer lá onde você quiser.**

O perigo, vou dizer a vocês, **o perigo não é o menino nascer**, não é irmã, **o perigo é ficar o resto**, se ficar esse tantinho você vai, o resto de parto. Eu descolo ali, (...) **eu só vou com a mãozinha, cai tudinho.** (Joana Joventino, 15 mai. 2022)

E sobre o que ela chama de “resto”, a placenta, que ela diz que tira com muito cuidado para não ficar nada, nenhum resquício no corpo da mulher, pergunto o que é feito dele?

Eu, mando cavar o buraquinho e apranto. Se eu pegar na estrada como daqui pro Salgueiro eu já peguei muitos, **eu trago na mochilinha de plástico, quando chegar aqui eu enterro.** (Joana Joventino, 15 mai. 2022).

A preocupação, o cuidado de mãe Joana com o “resto” que não pode ficar no corpo da mulher depois que a criança nasce, continua depois que ela termina de retirar tudo, toda a placenta, todo o resto. Mãe Joana se une a Dona Salustiana nas histórias de Vieira Júnior (2019) no livro *Torto Arado*, elas enterram os “restos”, a placenta, no quintal da casa. Devolvem a Nanã, que é a lama do fundo do rio por baixo do rio,. Aquela que deu a matéria no começo dos tempos e nos lembra Prandi (2018, p. 197), “quer de volta no final tudo o que é seu”. Em *Conceição das Crioulas*, a orixá também recebe “o resto”, o órgão que garantiu a vida uterina, mas que agora não tem mais função. Em Durand (2012, p. 237) “a terra torna-se berço mágico e

benfazejo porque é o lugar do último repouso”. Neste momento do repouso da placenta, o “resto” se junta à lama do rio por baixo do rio, que o acolhe em “berço mágico e benfazejo”, desta maneira, Nanã, participa do início da vida e espera pelo seu final. Nanã é início e fim.

A terra que as primeiras crioulas chegaram e garantiram durante anos a posse dos documentos, é reverenciada recebendo a placenta das(os) nova(os) crioulas (os) que irão continuar a sua luta.

E a nega véia tá aqui. É como dizer como isso ai, **a energia da veia é forte.** Não é não minha irmã?
Vieram e eu nem pensava, mas não vieram até a nega véia? **Aqui é uma guerreira, aqui é uma guerreira véia.** (Joana Joventino, 15 mai. 2022).

Krenak (2019, p. 48) nos fala sobre uma “profunda comunhão com a terra” como resultado da herança que seu povo recebeu dos antepassados e de suas memórias de origem. No capítulo 3, indagamos sobre a falta de histórias/imagens das crenças de matriz africana no mito de origem das seis mulheres crioulas. No relato de mãe Joana, ao plantar os restos da criança recém-nascida, podemos inquirir sobre vestígios de algumas heranças, memórias de origem que elas carregaram nas andanças até chegarem no território quilombola. Herança de povos que viviam em “profunda comunhão com a terra”, diferente dos nosso colonizadores. Esses vestígios que estes “filhotes da terra” ainda cultuam, não deixam mãe Joana destinar ao lixo, o “resto”, a placenta, ela é devolvida à terra, a comum união entre povo e terra está mantida. As histórias de mãe Joana nos emocionam e vão ao encontro no que foi discutido pela professora Danielle Rocha Pitta no 14º Ciclo de Estudos sobre O Imaginário, realizado em 2006.

(...) levantava a questão: “No Ocidente, nos dois últimos séculos, o afastamento entre homem e natureza tem sido crescente. Entenda-se por natureza não somente o mundo dito natural, flora e fauna, mas também o corpo, a biosfera, o ecossistema... Se, nas sociedades ditas tradicionais, o homem e a natureza formam um todo orgânico, nas sociedades industrializadas, tem-se evidenciado a defasagem que configurou a situação atual. A Revolução Industrial e Tecnológica foi fator determinante nesta cisão sem precedentes”. (ROCHA PITTA, 2020, p. 14).

Mãe Joana renovava no cuidado, a cada parto, a sua relação com a natureza, com o lugar que ela habita, as pessoas que cuidava e tudo que estava envolvido nessa relação: o corpo, a biosfera, o ecossistema.

Cuidar da terra e em todos os sentidos que esse cuidado envolve, como a

garantia da posse do território, uma tarefa cumprida por Agostinha Cabocla; da saúde da terra em seu manuseio com produtos orgânicos, para não agredir a natureza e quem vai se alimentar da produção da roça, como faz Lurdinha; cuidar de quem precisa de cuidados no corpo e também na alma, como fez e ainda faz Maria do Socorro e as benzedeiros da comunidade no manuseio das ervas medicinais; o cuidado com quem chega, a partilha do que se tem na mesa e uma boa conversa para estreitar laços; o cuidados com a vida de quem está chegando no mundo e com a mulher que está trazendo essa vida, as parteiras. E com esse cuidado pela vida, o ciclo se reinicia, a placenta é acolhida pela terra, no rio por baixo do rio, que nutre a vida.

No grande tema Cuidado estes foram retalhos/mitemas recolhidos:

- A resistência de Agostinha Cabocla para esconder dos poderosos o documento que garante a posse da terra;
- O zelo de Lurdinha pela terra e o que ela produz para partilhar com quem chega na sua roça;
- Das mezinheiras com o manejo das ervas medicinais da região para curar as feridas do corpo e da alma, o conhecimento passado entre gerações;
- A partilha no receber as visitas sempre com algo a compartilhar, mesmo tendo pouco; e
- As parteiras da comunidade, mãe Magá e mãe Joana, com orações, chás, acolhimento e conhecimento sobre o corpo da mulher e da criança vivenciado nas casas da comunidade quilombola.

Estas foram as repetições, redundâncias encontradas nas falas partilhadas nas rodas de conversa das coautoras que denominamos retalhos/mitemas e reunimos no grande tema Cuidado.



(...) uma das coisas que eu acho mais bonito nela é a questão da religiosidade. Ela botava a mesa. Na mesa ela invocava entidades que diz respeito ao Candomblé, a Umbanda e religiões de matriz africanas, aos orixás. Invocava os caboclos, ela dizia assim: “eu sou cabocla”. Era muito misturado o que ela fazia. E ao mesmo tempo que ela fazia esses rituais, ela também era devota dos santos e santas da igreja católica, não perdia uma missa, não perdia uma novena. Tinha missa, ela estava lá. Tinha novena, ela estava lá. Ia pra missa, ia pra novena, ia pro terreiro, pro centro de Toré, dançava o Toré e cultuava os orixás. E eu acho que eu trago muito disso dela comigo. (Fabiana Silva, 4ª roda de conversa 11 set. 2021).



5.4 - Religiosidade

No começo, a casa que abriga os primeiros *xapiri* de um iniciando não é nada imponente. Mas, aos poucos seus iniciadores fazem vir outros, cada vez mais numerosos, de todas as direções da floresta e do céu. (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 169).

Concluindo os temas identificados nas histórias partilhadas temos a Religiosidade. Este tema reúne uma constelação de retalhos/mitemas relacionados as crenças, histórias místicas, a presença da religião na comunidade e suas implicações.

Consideramos o conceito religiosidade, não apenas relacionado às religiões, mas segundo Chauí (1995), como “manifestação do sagrado”. Recolhemos aqui os retalhos de histórias/imagens do sagrado que em Kopenawa e Albert (2015) liga a floresta e o céu; promove o diálogo de Margarida Domingas, a mãe Magá e os seres que habitam a Serra das Princesas; move a fé cristã desde a chegada das primeiras mulheres negras ao território; e em Cabrobó; promove os encontros dos encantados na casa de mãe Alzira.

Jung (2016, p. 21) nas suas escritas também usa o termo religiosidade para falar sobre o sagrado e descreve o divino como “coisas fora do alcance da

compreensão humana”, algo que não podemos definir ou compreender em sua totalidade, e por este motivo, acrescenta, que “as religiões empregam uma linguagem simbólica e se exprimem através de imagens”.

Também encontramos o termo religiosidade nas escritas das pesquisadoras quilombolas Silva, G. (2012), Nascimento, M. (2017), Rodrigues (2017) e Mendes (2019). A religiosidade, nas escritas das mestras de Conceição das Crioulas, está presente na comunidade quilombola nas manifestações dos cultos afro-indígenas; nos cultos da igreja católica e na sua influência que segundo Silva, G. (2012, p. 55) “pode ter contribuído para o afastamento da comunidade quilombola de parte de suas raízes culturais africanas”.

Neste contexto escutamos nas rodas de conversa o tema religiosidade em diversos momentos. Nas partilhas de Aparecida Mendes lembrando de ouvir, sentada na calçada da casa de mãe Magá, as histórias da comunidade, recolhemos o retalho/mitema “mãe Magá e a jumentinha na Serra das Princesas”. Essa era uma de suas histórias preferidas para contar às crianças. Contar sobre quando ela se perdeu na Serra das Princesas e encontrou a jumentinha que lhe ajudou a passar pela mata de caroá.

(...) A gente sentava e ela ia se lembrando, essa **história da jumentinha** foi ela quem contou.

Para o povo de Conceição, a Serra das Princesas tem essas pedras onde tem uma princesa encantada. Eles contam essa história.

Então na cabeça dela, aquela jumentinha ela não estava ali à toa, ela estava ali porque **ela queria levar mãe Magá pra esse lugar, o lugar do encantamento**, lá. Aí pra mãe Magá aquela mata de caroá, aquele feixe de caroá que tava no caminho era pra impedir que ela entrasse, que ela fosse até chegar lá e nunca mais ser encontrada. **A jumentinha ia guiando ela pra ela chegar nesse lugar onde está o encantamento, essa pedra encantada, a pedra da princesa.** (Aparecida Mendes, texto enviado por aplicativo de mensagem de texto, 17 dez. 2021).

A religiosidade também está expressa no retalho/mitema “fé cristã”, nas falas de Lurdinha e de Fábila Oliveira ao se apresentarem.

Em primeiro lugar **ofereço esse meu trabalho com gratidão ao meu Deus** em quem eu confio extraordinariamente.

(...) Então esse aqui é o meu chão, primeiramente credito muito em **Deus que criou o céu, a terra, tudo que existe, tudo que nós somos hoje é porque eu creio nesse ser que fez a terra e que da terra** ele nos dá a sabedoria pra fazer as roupas, pra fazer os calçados, os transportes, tudo, tudo vem dessa materiazinha que Deus criou.(Lurdinha 2a roda de conversa, 22 jul 21).

Sou Fabia. (...) Sou evangélica.

(...) **Meus pais são católicos e eu sou evangélica.** Fui convidada por um casal de amigos para conhecer a igreja evangélica onde participo até hoje. Depois convidei minha avó paterna, Maria Alexandrina e ela também participa da mesma igreja.

Eu gosto muito de ouvir canções de louvor e um trecho que eu gosto muito da música é "És o meu alívio, tudo o que eu preciso, bem aqui comigo pra eu continuar. Que me impulsiona todos os dias pra eu não parar, **tu és o motivo Jesus que eu tenho para avançar**". Eu amo muito essa canção. (Fabia Oliveira, 1a roda de conversa, 03 jul 2021).

A religiosidade cristã é vivenciada desde o mito de origem do território com a chegada das seis mulheres negras e depois do homem que carregava a imagem da santa, Nossa Senhora da Conceição (Imagem 90). As vivências com o sagrado de Lurdinha e Fábria expressam a influência das igrejas cristãs protestantes na região que chegam muito tempo depois da igreja católica e continuam abrindo novas igrejas no território quilombola.



Imagem 90 - Imagem da santa que foi trazida pelo Francisco José. Encontra-se na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Vila Centro - Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.
Fonte: Ane Beatriz Reis.

Neste período eminentemente católico, umas das maneiras de Ana Belo , avó de Aparecida Mendes, reunir seu povo e festejar, era fazer novena embaixo do imbuzeiro. É o retalho/mitema "Imbuzeiro de São José e os preparativos para a chegada da chuva" (Imagem 91).

Imagem 91 - Imbuzeiro de São José, roçado de Ana Belo, no Sítio Areia Território Quilombola de Conceição das Crioulas..



Fonte: The WSS.

No catolicismo popular existia a crença, que roubar a imagem de São José nos longos períodos de seca era uma forma de chamar a chuva. A nossa vó Ana Belo movida pelo desejo de ver a chuva chegar e pela vontade de festejar a devolução da imagem, se tornou uma especialista em pegar a imagem de São José.

(...) Esse era costume muito bem intencionado, quem pegava, tinha o compromisso de devolver o santo logo que a chuva chegasse. A devolução da imagem se fazia com grande festejo. **Então vó combinava com as tiradeiras de novena, a banda de pífano e convidava toda a comunidade para a procissão com a imagem de Nossa Senhora de Conceição. Fazendo o percurso de aproximadamente quatro quilômetros, da Igreja localizada na Via Centro até o imbuzeiro, onde aguardávamos com um altar com a imagem de São José que havia sido escondida para fazer chover.**

Os preparativos que envolviam a devolução do santo, começam com vários dias de antecedência: organização do mutirão para adquirir e preparar os alimentos; limpeza do espaço; o responsável pela solta dos fogos; as responsáveis pelos louvores e pela tocada de zabumba durante a caminhada.

Ao chegarem à sombra do imbuzeiro a imagem de Nossa Senhora da Conceição era colocada junto à do santo. Com todos acomodados era hora de fazer a novena, em seguida era a hora da partilha dos alimentos, grande variedade e quantidade de comida. Com todos muito bem alimentados era hora de voltar

com muita alegria e cantoria de louvores a São José e a nossa Senhora da Conceição.

A festa só se encerrava com a chegada de volta à igreja com as duas imagens acompanhadas o tempo todo, pela banda de pífano. Interessante que enquanto as mulheres cantavam os homens tocavam toda variedade de músicas, desde frevo, forró e benditos tudo fazia parte do acervo musical e na nossa cabeça não havia nenhum pecado o profano e o religioso se encontrar em nossas celebrações.

Como o ponto de apoio para a devolução de São José era o imbuzeiro, eis a razão pela qual ele recebeu esse nome: Imbuzeiro de São José. (Aparecida Mendes, texto enviado por aplicativo de mensagem de texto, 30 out, 2021).

A comemoração da chegada da chuva era planejada por Ana Belo e as mulheres da comunidade. Tinha muitas tarefas para cumprir: desafiar o santo e aguardar a chuva; combinar com as tiradeiras de novena; convidar a comunidade para a procissão; combinar com a banda de pífano; preparar o altar embaixo do imbuzeiro para receber a imagem de São José. E para a devolução da imagem de São José à igreja (Imagem 92), tinha que ter festa.

Imagem 92 - Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Vila Centro, Conceição das Crioulas.



Fonte: The WSS.

O sagrado era vivenciado com orações, cantorias, caminhadas e festas.

As(os) mais novas(os) seguiam junto e aprendiam com as madrinhas.

(...) madrinha Socorro é prima legítima da minha mãe, **ela era extremamente católica**, ela aprendeu com tia Maria, com Graça, com tia Bernardina com outras pessoas mais idosas da comunidade. Ela era muito amiga de Dona Auxiliadora, outra prima de mãe. Elas pareciam irmãs, estavam sempre juntas.

Organizavam as novenas, eram as tiradeiras de novena. Elas organizavam as novenas, a via sacra, organizavam tudo junto com as outras pessoas. E essas pessoas muito ligadas à igreja que eu aprendi a ler pra outras pessoas, **foram elas que me ensinaram a ler a ladainha em latim, a fazer parte das leituras das novenas, a fazer a leitura da Salve Rainha.**

Tudo isso eu aprendi com Dona Auxiliadora que foi minha primeira professora e com madrinha Socorro.

Além desses momentos na igreja ela era a pessoa com quem minha mãe e meu pai confiavam pra sair.

Ela é uma pessoa que eu tenho uma consideração muito grande porque ela foi uma dessas referências que além de ter sido a pessoa responsável por cuidar de mim nesses momentos, **foi com ela que eu aprendi muitas coisas na igreja.** (Aparecida Mendes, 3ª roda de conversa, 14 ago.2021).

Orações, cantorias, caminhadas, festas, aprendizados e relação muito próxima com a natureza, com o que é do território, com o que é da terra. Retalhos/mitemas do sagrado se encontram embaixo do imbuzeiro de São José que deixa de ser somente mais uma árvore no território, é uma imbuzeiro que guarda histórias.

Como já foi dito por Aparecida Mendes, os imbuzeiros de Conceição das Crioulas tem histórias e ganham nomes. Além do imbuzeiro de São José, tem outros retalhos/mitemas imbuzeiros.

(...) Era da venda de imbu que ela garantia parte do sustento nosso. Então **o imbuzeiro pra nós é uma das árvores sagradas.** É uma planta que tem uma relação muito forte com a nossa vida, com o nosso cotidiano. **Imbuzeiro tem nome na nossa comunidade, tem nome de gente.** Não são todas, mas muitas árvores tem nomes. Junto deles tem uma ligação muito forte com o acontecimento do dia a dia.

Por exemplo na roça da minha avó tem o **“Pereiro de vó”**. Na roça o pereiro era a nossa casa, era o lugar onde a gente ia.

(...) A minha bisavó, ela sofreu um acidente em um imbuzeiro. Na roça de Totô, de André Lino, meu tio, meu padrinho, aí **esse imbuzeiro recebeu o nome de Marcionila.** Ela foi a mãe da minha avó, a minha bisavó. Então, eternamente ele vai ter esse nome, ele não vai se perder na história, porque aconteceu algo ali, não foi bom, mas teve um acontecimento naquele espaço.

Na roça do meu avô, **tem um imbuzeiro chamado “imbuzeiro da pisa”**, porque embaixo daquele imbuzeiro, meu pai tinha aprontado junto com meus tios e foi, embaixo daquele imbuzeiro que minha avó conseguiu pegar os três e dá uma surra em cada um, aí o imbuzeiro recebeu o nome de imbuzeiro da pisa. (Aparecida Mendes, 4ª roda de conversa 11 set. 2021).

E perguntando sobre outros imbuzeiros nas rodas de conversa chegamos a

outras árvores:

1- Imbuzeiro Latada do azedão - são três pés de imbuzeiros juntos e são muito azedos;

2- Imbuzeiro Mata fome - é o primeiro que começa a dar frutos e o último que termina;

3- Imbuzeiro de Zé Bezerra - Não podiam tirar os frutos dele porque ele ficava nas terras dos fazendeiros. Sempre que Zé Bezerra ia para roça ele batia a enxada, ajeitava a ferramenta nesse pé de imbuzeiro, mas esse não fica na roça dele. Zé Bezerra tirava imbu escondido do fazendeiro e a esposa levava para vender na feira;

4- Imbuzeiro da Viola - uma cabra ficou debaixo desse pé onde morreu seu cabritinho e as pessoas passavam, viam a cabra e diziam “eita que cabra magra tá parecendo uma viola”. A cabra morreu, ali, na sombra do imbuzeiro;

5- Imbuzeiro de Juvina que recebe esse nome porque era uma mulher que não pertencia à comunidade e se chamava Juvina. Ela vivia por lá, ela não tinha casa, nem parava na casa de ninguém. Parava só pra comer, pra beber água, mas não ficava, não fazia moradia na casa de nenhuma pessoa da comunidade. Ela se apoiava embaixo desse imbuzeiro. Ela tinha problemas mentais. E por conta disso, o imbuzeiro passou a receber esse nome “Imbuzeiro de Juvina”, era a casa dela.

Para Bachelard (1993, p 260) “a árvore que tem a honra de abrigar um ninho participa do seu mistério” e com seus galhos, frutos e sua sombra se transforma é “um ninho desde que um grande sonhador nela se esconda”. O ninho-casa se expande para fora de seus gravetos e a árvore por inteira participa dos acontecimentos daquela morada. Voltar ao sítio, como fizemos em uma manhã de sol com Aparecida Mendes, e encontrarmos-nos com o imbuzeiro de São José, é voltar para esse ninho. Na sombra daquela árvore, Aparecida Mendes nos conta sobre as memórias da infância, as histórias de sua família, pessoas, cantorias, objetos passaram por ali. O imbuzeiro de São José, a grande árvore, é uma imagem presente nessas histórias. Chegamos ao imbuzeiro como se visitássemos uma casa antiga e lá encontramos, a árvore do passado, ou a casa do passado que segundo Bachelard (1993, p. 262) “transformou-se numa grande imagem, a grande imagem das intimidades perdidas”: o imbuzeiro de São José.

Um outro lugar que conhecemos durante a estadia em Conceição das Crioulas

em maio de 2022, foi a casa de mãe Alzira, a avó de Fabiana Silva. A casa (Imagem 93), onde a família guarda a mesa e seus objetos é outra “grande imagem das intimidades perdidas” e guarda as histórias de “mãe Alzira”, mais um retalho/mitema que compõe a constelação do grande tema Religiosidade. Mãe Alzira é resistência contra a imposição da fé cristã junto aos povos africanos sequestrados e trazidos para o Brasil. O que hoje denominamos de intolerância religiosa.

Imagem 93 - Casa onde moravam os pais de Fabiana Silva quando acolheram Dona Alzira. A mesa dela continua arrumada no quarto onde dormia. Conceição das Crioulas.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo da pesquisadora.

Mãe Alzira era cabocla. Durante a maior parte de sua vida não viveu no território quilombola, mas em Cabrobó⁹⁰, sertão pernambucano. O preconceito por conta de suas crenças e rituais de origens afro-indígenas fizeram com que ela fosse morar em outra cidade, para longe da família. Por causa da influência cristã na comunidade quilombola, suas crenças e rituais com objetos e adornos indígenas (Imagem 94) não eram bem vindos. Mãe Alzira era de terreiro. Fabiana nos diz: “ela botava a mesa”. E por isso a comunidade não a queria por perto.

⁹⁰ Cabrobó é um município do sertão pernambucano situado a 51 km a Sul-Oeste de Salgueiro, a maior cidade nos arredores. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-cabrobo.html>. Acesso em: 18 dez. 2021.

Imagem 94 - Objetos e adornos indígenas usados por mãe Alzira, (cocá, maracá e a saia de fibra, estão guardados na casa da neta Graça Atikum.



Fonte: Alice Amorim.

(...) **ela morou muito tempo em outra cidade que não era aqui em Conceição**, mas as coisas quando são para ser, da forma que tem que ser acontece. Porque ela morou a vida toda dela, depois que ela casou e engravidou do meu pai, ela foi pra Cabrobó. (Fabiana Silva, 4ª roda de 11 set. 2021).

Quando Alzira ficou grávida do Venceslau (pai de Fabiana Silva) ela era casada com José Jilú, seu grande amor. Mas ele não conheceu o filho. Foi embora, sumiu no mundo e nunca mais apareceu. Uma das histórias que contam na família é que, um dos irmãos de José Jilú, também gostava da cabocla Alzira, e ele com ciúmes por ter sido preterido, inventou mentiras para o irmão. Estas mentiras causaram a separação do casal Alzira e José Jilú. Anos depois, ela soube da morte do seu grande amor.

A jovem mãe se viu sozinha e pouco tempo depois que o filho nasceu, mudou-se para Cabrobó. Deixou a criança com o tio, João Jilú. Venceslau foi criado em Conceição das Crioulas, longe da mãe. Alzira voltou para Salgueiro e para casa do filho Venceslau já idosa, quando ela não conseguia mais morar sozinha, quando não tinha mais condição de fazer tudo por conta própria. Então a família conseguiu convencê-la a voltar para perto, a ficarem juntos. Quando ela morreu, estava perto de seu povo.

Na nova morada, em Cabrobó, mãe Alzira praticava sua religiosidade:

recebia as pessoas na sua casa e botava a mesa.

(...) uma das coisas que eu acho mais bonito nela é a questão da religiosidade. Ela botava a mesa. Na mesa ela invocava entidades que diz respeito ao Candomblé, a Umbanda e religiões de matriz africanas, aos orixás. Invocava os caboclos, ela dizia assim: “eu sou cabocla”. Era muito misturado o que ela fazia. E ao mesmo tempo que ela fazia esses rituais, ela também era devota dos santos e santas da igreja católica, não perdia uma missa, não perdia uma novena. Tinha missa, ela estava lá. Tinha novena, ela estava lá. Ia pra missa, ia pra novena, ia pro terreiro, pro centro de Toré⁹¹, dançava o Toré e cultuava os orixás. E eu acho que eu trago muito disso dela comigo. (Fabiana Silva, 4ª roda de conversa 11 set. 2021).

Foi por esse sincretismo religioso e especificamente pelos cultos de matriz africana, que a cabocla Alzira foi afastada do convívio daquelas/es que lhes eram caras(os). E essa história carrega semelhanças com a que Adichie (2011) conta no livro *Hibisco roxo* sobre Kambili e Jaja, também afastados do avô Papa-Nnukwu, que não se converteu ao cristianismo e continuava a seguir a crença afro de seus antepassados nigerianos. Papa-Nnukwu também se afasta da família. Nos poucos encontros com o avô Kambili e Jaja vão descobrindo que aquele homem não vai lhes fazer mal, como os adultos sempre lhes alertavam. E aos poucos vão conhecendo o avô que tinha muitas histórias para contar.

Em Cabrobó, a cabocla Alzira está livre pra vivenciar suas crenças de origem afro-indígena longe dos olhares que não compreendem sua religiosidade, o que lhe é sagrado, o que lhe é divino.

Em Cabrobó ela conseguia desenvolver as manifestações religiosas que ela fazia de forma sem ter que dar explicação, sem sofrer preconceitos, sem sofrer represálias dos familiares que não concordavam com o que ela fazia.

Como eu falei, quem faz alguma coisa ligada às religiões de matriz africana aqui em Conceição. de um modo geral, ainda faz de forma escondida, ainda faz na caladinha, por conta dessa questão, de que é errado, de que é do demônio. Então, a gente acha que foi uma forma de ela se proteger, ficando lá para fazer aquilo que ela gostava de fazer. Que era trabalhar com, eu vou dizer da forma que eu entendo, **que era botar a mesa.** (Fabiana Silva, visita à casa de seus pais, 20 mar. 2022)

A avó Alzira, em uma comunidade quilombola brasileira e Papa-Nnukwu,

⁹¹ Toré e jurema são os dois principais ícones da indianidade nordestina. São elementos culturais que, embora não exclusivos das sociedades indígenas, codificam a autoctonia dos índios da região Nordeste do Brasil. O toré é uma tradição indígena de difícil demonstração substantiva por conta da variação semântica e das diversas formas de suas realizações práticas entre as sociedades indígenas e fora delas. Trata-se, a princípio, de uma dança ritual que consagra o grupo étnico. Não se pode, além disso, precisar uma origem do termo e até do ritual do toré pela ausência de narrativas coloniais a seu respeito. (GRÜNEWALD, 2008).

personagem fictício, com retratos reais de uma Nigéria colonizada, vivenciam os resquícios de uma colonização cristã que impôs sua fé aos que foram trazidos sequestrados e depois, aos nativos da terra invadida. Essas marcas resistem na cultura, nas escolas, nas igrejas, nas famílias, revertendo-se em preconceito e intolerância. Assim, nos ensinaram que cultos e rituais das religiões de matriz africana e indígena tem relações com o demônio. E por longos anos Fabiana e as irmãs tinham medo de se aproximar da avó, temiam ficar impuras se tocasse na avó. Para quem não conhecia suas crenças, Alzira e Papa-Nnukwu eram pecadores, tinham pacto com o demônio.

Quem mais seguia a Cristo do que a minha avó? Por isso que eu digo que as religiões evangélicas e católica, elas são muito cruéis nesse sentido de satanizar. Eu e minhas irmãs crescemos muito tempo afastadas dela porque a gente tinha muito medo por conta disso. E hoje a gente lamenta esse tempo todo que a gente perdeu afastada dela por que a gente tinha medo de tomar a benção a ela, abraçar. Então, era coisa do outro mundo pra gente, a gente não abraçava ela. Só depois dos meus vinte anos foi que eu fui me aproximar dela.

Eu me aproximei dela a partir do momento que a gente chegou na casa dela, eu e minha irmã e outra pessoa. A gente chegou e disse: **“vó bota a mesa pra gente”. Ela olhou pra mim e disse: “tem certeza minha filha?” “Tenho vó, bota a mesa pra gente”.**

Ela foi pro quarto dela, se organizou e aí depois pediu pra gente entrar. Chamou a gente e aí fez tudo o que ela geralmente fazia em um ritual de colocar a mesa. (Fabiana Silva, 4ª roda de conversa, 11 set. 2021).

É necessário ter coragem para confrontar as informações recebidas durante toda a vida: não se aproxime, ela vai te fazer mal; ela não é de Deus; faz parte com o demônio; fique longe. Esse exílio da avó Alzira foi acompanhado por toda comunidade quilombola, por quem concordava e acreditava que o que ela fazia não era coisa de um deus e também por quem não acreditava em nada daquilo que foi difundido durante anos de educação colonizadora. Uma dessas pessoas é Aparecida Mendes.

Eu acho fantástico esse depoimento de Fabiana. Imagina você crescer, **a avó da gente**, pelo menos **a minha**, eu acho que **é a criatura mais sagrada que Deus colocou na terra e você crescer sem poder se aproximar da sua avó, porque um sistema impôs na sua cabeça que ela é a representação do diabo pelo que ela faz.**

E aí depois você vai se aproximar, você vai analisar, você vai perceber que não é nada disso. E o quanto ela foi forte demais. Essa mulher foi um exemplo de subversão, um exemplo de guerreira, porque ela nunca deixou a mesa, porque os netos, porque os familiares tinham medo de se aproximar dela. Porque em outra situação ela largava de mão né? (Aparecida Mendes, 4ª roda de conversa 11 set. 2021).

Mas, “largar de mão” não estava nos planos de mãe Alzira, ela era insurgente. E com o tempo, um poderoso vínculo consegue superar e quebrar o muro do medo construído ao longo de anos. O vínculo do amor entre avó e netas é refeito. Elas se olham, se vêem sem interferências, sem conceitos prévios. E quebram o muro das mentiras.

Então o que me fez perder o medo foi ver que naquele momento, naquele instante em todo ritual que ela fez, eu não vi diabo nenhum, eu não vi satanás, nem quero ver. Assim como as pessoas diziam, eu não vi maldade nenhuma em tudo aquilo que ela fazia, como nos foi dito a vida toda. Se é de deus, se é do diabo eu não sei. Qual religião é de deus, qual religião é do diabo eu não sei. Mas eu vejo as religiões, todas as religiões dessa forma, sem julgar quem faz ou deixa de fazer, o que é feito ou o que é deixado de ser feito em cada religião.

E ela era uma pessoa, que qualquer pessoa que precisasse dela e que pedisse ajuda a ela, ela ajudava. Qualquer pessoa que chegasse na casa dela, ela podia conhecer ou não. “**Tia Alzira!**” “**Mãe Alzira!**”, muita gente chamava ela de mãe. **A religião mais forte que eu conheci por meio dela, foi a religião do amor ao próximo, independente de denominação religiosa.**

O que eu trago de ensinamento dela é essa questão: independente de que você seja, o que você siga, que você consiga ajudar ao próximo, ajudar as pessoas que precisam, as pessoas que pedem ajuda a você ou não.

Se você me perguntar hoje qual a minha religião, eu vou dizer que eu não tenho religião. Eu ando na igreja católica, eu ando no terreiro, eu vou lá no Toré, eu vou no centro espírita, eu entro e saio de todos esses espaços sem nenhuma preocupação, sem que nada me defina ou sem nenhum julgamento, sem nenhum preconceito. Porque o que o outro faz não define o que eu sou ou eu não me acho no direito de julgar ou dizer que aquilo que ele faz é certo ou errado ou é coisa do diabo. (Fabiana Ana da Silva, 4ª roda de conversa 11 set. 2021).

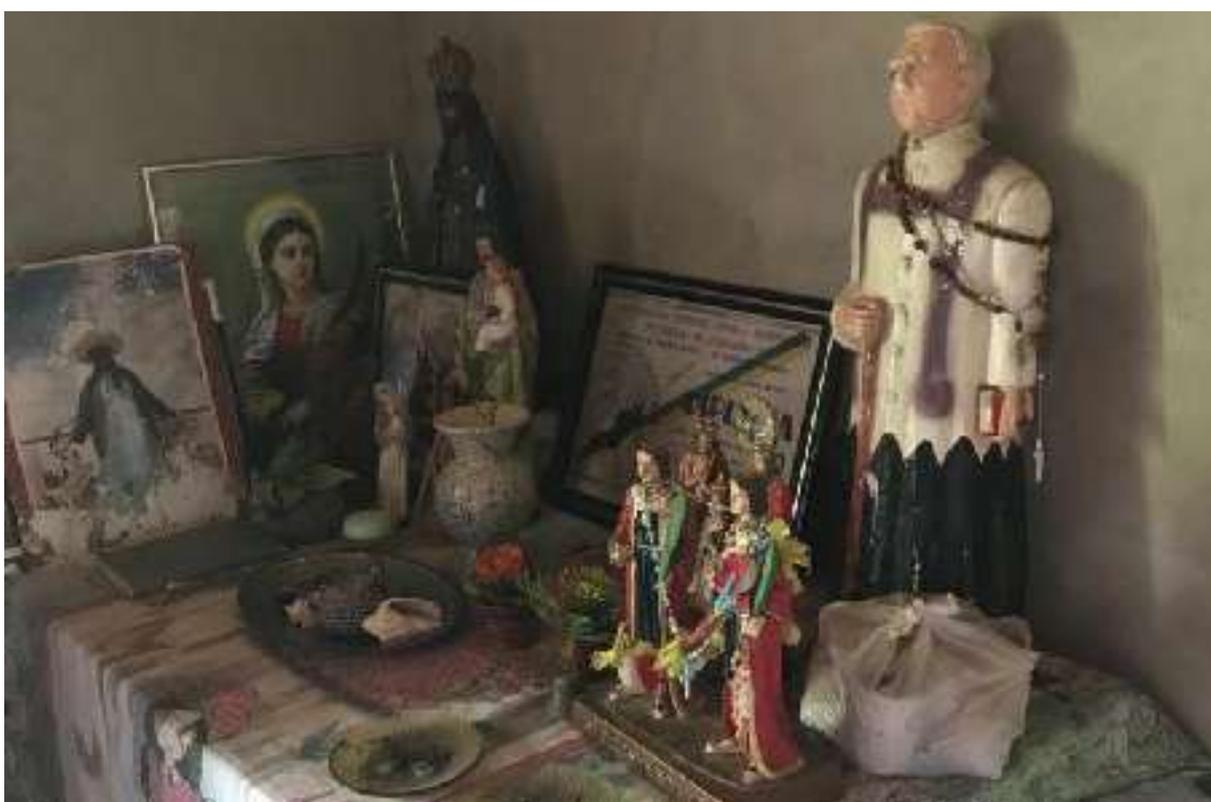
Por várias vezes a família tentou trazer mãe Alzira para ficar em Salgueiro ou no território quilombola. Para ficar mais perto da família, mas não conseguiu. Só depois de muito tempo é que entenderam que o motivo que a impedia de voltar era que ela não queria ficar longe de sua mesa (Imagens 95 e 96).

Imagem 95 - Fabiana Silva e a Mesa de mãe Alzira na casa de Ana e Venceslau, Conceição das Crioulas.



Fonte: Alice Amorim.

Imagem 96 -Mesa de mãe Alzira na casa de Ana e Venceslau, Conceição das Crioulas.



Fonte: Alice Amorim

A mesa e todos as suas entidades, elementos e imagens que estavam em Cabrobó. E ela só conseguiu ficar de forma mais tranquila com a família, quando a

mesa veio para perto dela.

Poderia ter morrido lá e deixar a mesa dela lá. Mas não, **a mesa dela veio parar aqui, tá lá em casa⁹², a gente tem como espaço sagrado da casa.**

Pode ter quantas gerações tiver, vai está lá conservado, preservado. Todo mundo que chega lá. Lá não mora nenhum de nós. Mas todo mundo que chega lá, na casa da gente, a primeira coisa que faz é limpar a mesa dela. Que **ela tinha muito cuidado com essa mesa. Tinha que está tudo limpo, impecável. Então a primeira coisa que a gente faz é ir direto lá na mesa dela e limpar todos os santos, todas as coisas que tem na mesa dela.**

(...) É isso que eu lamento porque a gente demorou muito tempo pra se aproximar dela, ficou muito tempo afastada dela e muito do que ela conhecia a gente não teve mais oportunidade de conhecer, por conta que a gente se aproximou dela já muito idosa.

(...) Eu não falo dela no passado, como se ela não existisse, como se ela tivesse morrido, porque ainda é muito forte a presença dela comigo.

(...) **Minha avó era uma figura, era muito especial minha avozinha.** (Fabiana Silva, 4ª roda de conversa 11 set. 2021).

Já nos foi dito que mãe Alzira tinha a mente descolonizada, embora desconhecesse essa palavra. Era uma mulher extremamente vaidosa, a alegria em vida. Tinha as ideias e ações diferentes do seu tempo. Ela sempre foi livre, falava e fazia o que queria. E quanto a sua religiosidade, a sua relação com o sagrado não foi diferente. Viveu, como disse Fabiana Silva “a religião do amor” e transbordando amor e cuidado durante sua vida. Colheu amor e cuidado quando precisou no final de sua trajetória. Morreu junto de seu povo em agosto de 2020, aos noventa anos. Conseguiu contar muitas histórias para as(os) netas(os) e receber muitos abraços. Sua mesa, sua ancestralidade e as divindades que cultuava não foram abandonadas, voltaram para comunidade. As histórias de Mãe Alzira continuam em suas(seus) descendentes.

Em homenagem a mãe Alzira e a todas as pessoas que tiveram que esconder sua crença e cultos de matriz africana, e as que ainda assim vivem, concluímos o tema Religiosidade com um recorte da história de Adetutu. Personagem de Prandi (2007) que enquanto aguarda seu destino final, algum porto no Brasil para ser escravizada, em sonhos encontra-se com os orixás.

No mercado de escravos Adetutu alcançou bom preço pelo ótimo estado do corpo e dos dentes, foi considerada uma boa peça. Agora era uma escrava de ganho. Trabalharia para todos que necessitassem de seus serviços e produtos, e com isso ganharia

⁹² Ao falar “lá em casa” Fabiana Silva se refere a antiga casa dos seus pais onde hoje não mora ninguém. A casa fica fechada.

dinheiro para seu proprietário. (...) Era uma escrava destinada ao trabalho urbano, não trabalharia nem nas roças nem nas minas, e não moraria em senzala. Ainda assim era uma escrava, escrava de ganho, uma negra ganhadeira.

(...) Antes do embarque no navio negreiro Adetutu fora batizada na religião católica e marcada com ferro em brasa no lado direito do peito com um sinal de propriedade particular, a marca da escravidão. No lado esquerdo, o ferro quente imprimira uma cruz, a marca da cristandade. (...) Seu nome de batismo era Maria da Conceição. Deveria frequentar uma igreja do bairro da Barroquinha, destinada especialmente a africanos e brasileiros negros originários da mesma região da África da qual ela viera. Adetutu (...) era católica, tinha de ser. Mas nunca renegou os orixás, nunca deixou de amá-los com devoção. Nunca esqueceu seus mitos, lendas e aventuras. Nunca deixou de sonhar.

Finalmente chegara a hora. Adetutu era livre, estava bem de vida, conhecia muitos negros que, como ela, permaneceram devotados aos seus deuses, às suas raízes. E antes de qualquer coisa era uma sacerdotisa de Xangô.

Adetutu Maria da Conceição fora iniciada nos rigores da religião africana e tinha o poder de iniciar outras sacerdotisas e sacerdotes. Foi o que ela fez.

(...) Num pequeno quarto do novo templo, mãe Conceição montou os altares dos orixás, onde eles recebiam as oferendas dos devotos. Nos altares, representando os deuses, foram depositados os objetos da sacolinha de segredos, as relíquias sagradas trazidas dos sonhos de Adetutu na longa jornada do navio negreiro através do Atlântico.

(...) Um dia, quem sabe, quando o país aprendesse a amar os orixás e aceitá-los, não haveria mais razão para manter escondidos tantos mistérios, tantos segredos guardados. (PRANDI, 2007, p. 143-147).

Foi uma grata surpresa ler na narrativa de Adetutu, seu nome de batismo, “Maria da Conceição”. Não. Não é uma coincidência. Esse é o nosso último retalho/mitema, aquele que finaliza a colcha, “Adetutu Maria da Conceição”. A história da mulher que foi sequestrada de sua terra e levada para um lugar muito distante. Usaram de várias formas de violência para lhe tirar a dignidade, a lembrança de seus amores, suas crenças, sua língua. Nada do que ela tinha vivenciado até então era levado em consideração por aqueles que se diziam seus donos. Ela sobreviveu. Resistiu. Esperou o momento. E quando a liberdade chegou, resgatou o que estava guardado bem escondido dentro de si. Seus segredos, suas crenças, seus amores que ninguém conseguiu lhes roubar. Estava guardado na sua sacolinha de segredos.

Mãe Adetutu Maria da Conceição se junta ao grande tema Religiosidade e aos retalhos/mitemas recolhidos:

- os lugares do encantamento na Serra das Princesas;
- a fé cristã de Fábria Oliveira e Lurdinha;
- o imbuzeiro de São José, as histórias guardadas entre seus troncos e os

preparativos que envolvia a festa da chegada chuva;

- as árvores da comunidade quilombola que ganham nomes com as histórias que elas vivenciam;

- Mãe Alzira e sua resistência contra a imposição da fé cristã junto aos povos africanos sequestrados.

mãe Alzira, foram mulheres guerreiras, livres para usar de sua relíquias sagradas.

Quem sabe estes retalhos/mitemas da religiosidade foram recolhidos na sacolinha de segredos de Mãe Adetutu Maria da Conceição durante sua travessia e chegaram também em Conceição das Crioulas. Foram guardados com muito cuidado e hoje tais histórias continuam sendo contadas pelo povo quilombola.



Com guerreiras que cuidam. Mulheres guerreiras que pelem pelo coletivo. Embora sejam em sua maioria cristãs, a palavra "guerreira" se apresenta aqui com uma outra cosmovisão, diferente da luta do bem contra o mal; de que um tem que morrer para o outro triunfar. Nesta outra ideia de luta, encontramos-nos com guerreiras do bem e do acolhimento coletivo. Mulheres que travam lutas incansáveis pela vida, como lemanjá, aquela que do ventre violado nasceram os orixás. Senhora de todas as cabeças, lemanjá é mãe, esposa e amante, assim como as mulheres de Conceição das Crioulas, não se deixa abater;



Encontramos-nos com a mãe que se doa para cuidar das(os) filhas(os) como Euá, filha de Nanã. Perdida com suas crianças na floresta, Euá para não deixá-las morrer de fome e sede, transforma-se em uma nascente d'água e dela filhas e filhos beberam. A orixá mãe, doa sua vida. Suas águas mais adiante dão origem a um novo rio, Odô Euá;

Além das fontes escritas, Barros (2013), no poema Cantigas por um passarinho à toa, nos convida a buscar outras. Seguindo a orientação do poeta, mergulhamos nas fontes dos saberes da comunidade quilombola: durante as rodas de conversa; nos encontros na comunidade, os cafezinhos ou chás nas casas visitadas; as mensagens e áudios trocados por emails e aplicativos de mensagens. E não seria possível celebrar o final da escrita sem ter pisado mais uma vez, no chão de terra da comunidade quilombola, sentir seus cheiros, seus sabores, seu calor, seus ventos, o calor dos seus abraços. E como foi importante voltar a nos abraçar.



6 - Celebrar - colcha costurada, acabamento finalizado

Este momento da costura da escrita provoca uma mistura de sentimentos: um alvoroço por ter concluído as etapas planejadas e replanejadas; uma angustia por ter que terminar algo que por longos meses foi visitado todos os dias; pensado nas horas de estudo, de reflexão e por vezes até nos sonhos. Embora o termo concluir aponte um ponto final para a escrita e isso é muito bom, preferi a palavra celebrar que é sinônimo de concluir, no sentido de chegar a um acordo sobre algo. Portanto estamos de acordo que esse é o momento que precisamos juntar o último retalho, verificar o acabamento, cortar as linhas, passar ferro na colcha e entregar a encomenda.

Isso não significa que não podemos fazer mais ou fazer diferente. Entretanto, minha mãe dizia que é melhor fazer uma nova costura do que consertar uma que já está pronta, ela detestava fazer consertos em roupas. Neste sentido, com as colchas que concluímos, a escrita e a costurada em retalhos (Imagem 97 e 98), podemos nos inspirar para fazermos outras e acredito que há muitas possibilidades para produzirmos tantas outras colchas com as imagens e histórias que vivenciamos nos retalhos aqui reunidos.

Imagem 97 - Colcha de retalhos em processo de corte, montagem e costura



Fonte: Ane Beatriz Reis, 2022, acervo da pesquisadora.

Imagem 98 - Colcha de retalhos concluída e apresentada na defesa da Dissertação.



Fonte: Ane Beatriz Reis, acervo da pesquisadora.

Em busca de novas experiências nas histórias das artes encontrei-me com mulheres de um quilombo do sertão pernambucano. A vontade de pesquisar sobre o feminino foi trasladado da cidade do Recife para a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. A pesquisa foi iniciada no ano da Pandemia da Covid-19,

uma doença desconhecida, uma experiência nunca vivenciada no país, afetou o mundo e matou milhões de pessoas. No Brasil, até o momento, mais de seiscentas mil. Sobrevivemos.

Nestes anos tumultuados, escutar a si mesma, escutar outras mulheres, remexer as gavetas da memória, visitar as ancestralidades, partilhar histórias, foram exercícios renovadores, essenciais, para chegarmos até este momento e podermos celebrar, dizermos ainda que, apesar das gavetas da memória tenha ganhado nestes últimos meses a imagem da morte, podemos celebrar que estamos vivas(os) e continuamos a lutar pela vida. Minha gratidão às oito mulheres que continuaram caminhando comigo para chegarmos até aqui: Aparecida Mendes, Fábiana Oliveira, Fabiana Silva, Lorena Bezerra, Lurdinha, Márcia Nascimento, Marinalva Bezerra e Vitória Amaral.

Nesta pesquisa do campo das Artes Visuais, proposta por mulheres e com mulheres, as leituras indicadas durante o mestrado e as contribuições da banca de qualificação foram importantes para continuarmos a busca pelos retalhos sobre as artes visuais que envolviam o feminino na comunidade quilombola e a costura das duas colchas: a escrita e a de tecido. Aceitamos sempre ouvir críticas. Analisamos as que contribuíram para os estudos. Priorizamos as escritas de mulheres e especialmente as mulheres brasileiras e as latinas. Não por desmerecer as reflexões trazidas por homens, os autores renomados, aqueles tidos como clássicos, mas para nos exercitarmos e também provocarmos o exercício na(o) leitora(r) com uma referência recheada de escritas pensadas por mulheres. Algo que ainda não é muito comum nos textos que lemos, não somente nas artes, mas também em outras áreas do conhecimento.

E além das fontes escritas, Barros (2013), no poema *Cantigas por um passarinho à toa*, nos convida a buscar outras. Seguindo a orientação do poeta, mergulhamos nas fontes dos saberes da comunidade quilombola: durante as rodas de conversa; nos encontros na comunidade, os encontros para cafezinhos ou chás nas casas visitadas; as mensagens e áudios trocados por emails e aplicativos de mensagens. E não seria possível celebrar o final da escrita sem ter pisado mais uma vez no chão de terra da comunidade quilombola, sentir seus cheiros, seus sabores, seu calor, seus ventos, e os seus abraços. E como foi importante voltar a nos abraçar.

Os encontros com as teorias dos feminismos contribuíram para a escuta atenta nas rodas de conversa com as coautoras e em outros momentos na comunidade. Na abertura das gavetas da memória, pesquisando as nossas ancestralidades, realizamos encontros com o passado, com quem já não convivemos, mas estão sempre presentes em nossos pensamentos. Estes capítulos discorreram sobre histórias de mulheres. Sentimos a necessidade de entender como começam essas histórias e fomos em busca dos mitos de origem do feminino. Este capítulo abre caminhos, como uma introdução, para chegarmos ao mito de origem de Conceição das Crioulas e aos seus retalhos/mitemas.

Durante a costura da escrita procuramos entrelaçar as histórias e imagens das Artes Visuais, das experiências individuais e coletivas da comunidade quilombola. Embora a segunda parte do projeto proposto anteriormente para a pesquisa, que se estendia às escolas da comunidade quilombola, não tenha sido executado, vivenciar o cotidiano das coautoras na comunidade, seja nas rodas de conversa, seja em suas atividades de docência nas escolas, foram momentos de pensar, planejar e saborear a Arte/Educação na comunidade quilombola. As histórias e imagens das mulheres aqui costuradas estão nos conteúdos trabalhados nas escolas pela Pedagogia Crioula, embasada pelo Projeto Político Pedagógico do Território Quilombola de Conceição das Crioulas (PPPTQ). Agora nos falta pesquisar como essas histórias e imagens estão presentes e se a Arte/Educação também é realizada de uma forma específica, uma Arte/educação crioula.

Destes encontros e reflexões reunimos os retalhos/mitemas encontrados em quatro grandes temas: Educação, Identidade Crioula, Cuidado e Religiosidade. Voltamos às histórias e imagens partilhadas, separamos retalhos destacados como em um quebra-cabeça, tentamos não descartar algo que achamos importante, mas sem que torna-se a escrita cansativa e a colcha repetitiva. Adentramos mais uma vez às casas antigas, às sombras das árvores, sentimos de novo os cheiros e sabores. Percebemos algo que naquele momento não tínhamos notado. A escrita dos capítulos produziram os pontos retos ou zigue-zagues, os nós, os arremates e os acabamentos para a costura da escrita e da colcha de retalhos. Com a mitocrítica, realizamos a análise simbólica dos retalhos recolhidos, costurados e arrematados.

A partir da metodologia do Imaginário e alumiadas pela mitologia africana desfiada em Prandi (2007):

- Encontramos-nos com a mãe que se doa para cuidar das(os) filhas(os) como Euá, filha de Nanã. Perdida com suas crianças na floresta, Euá para não deixá-las morrer de fome e sede, transforma-se em uma nascente d'água e dela filhas e filhos beberam. A orixá mãe, doa sua vida. Suas águas mais adiante dão origem a um novo rio, Odô Euá;

- Com guerreiras que cuidam. Mulheres guerreiras que pelem pelo coletivo. Embora sejam em sua maioria cristãs, a palavra “guerreira” se apresenta aqui com uma outra cosmovisão, diferente da luta do bem contra o mal; de que um tem que morrer para o outro triunfar. Nesta outra ideia de luta, encontramos-nos com guerreiras do bem e do acolhimento coletivo. Mulheres que travam lutas incansáveis pela vida, como Iemanjá, aquela que do ventre violado nasceram os orixás. Senhora de todas as cabeças, Iemanjá é mãe, esposa e amante, assim como as mulheres de Conceição das Crioulas, não se deixa abater;

- Com curandeiras da alma e do corpo. Mulheres que utilizam-se das ervas do território quilombola, como Ossaim, outro filho de Nanã e irmão de Oxumarê, Euá e Obaluaê. O orixá, senhor das folhas, da ciência e das ervas, como as mezinheiras da comunidade quilombola, conhece o segredo da cura e o mistério da vida;

- E com as mestras do melhor viver, como Iansã que a cada experiência amorosa ganha os atributos de seus amantes e as usa para proteger-se dos inimigos, realizar seus desejos, garantir a sua defesa e sobrevivência e de suas/seus filhas(os).

As mulheres de Conceição das Crioulas transmitem entre as gerações esses atributos.

Estes foram os mitos encontrados nos retalhos/mitemas recolhidos e analisados com a mitocrítica. O imaginário, nos diz Durand (1993), é permeado de um dinamismo contraditório. Neste sentido, é possível que, em uma nova leitura da colcha concluída, encontraremos outros retalhos que ficaram escondidos, por baixo de tanto recortes, linhas e agulhas. Assim podemos trocar algum de lugar ou retirar outro do conjunto. Mas como disse minha mãe, é mais complicado consertar uma costura pronta, do que fazer uma nova. Destas colchas de retalhos que celebramos

as últimas correções e cortes de linhas, se quisermos fazer alguma alteração, sugiro que separemos os retalhos que podemos investigar mais, costurar outras escritas e fazer-mos uma nova colcha. Como já foi dito durante esta investigação: temos muito o que pesquisar sobre as histórias e imagens das artes das mulheres de Conceição das Crioulas.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo - SP: Cia das Letras, 2019.

_____. **Hibisco roxo**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo. O Movimento Negro no Brasil: Influenciada pela luta anti-racismo na África e nos Estados Unidos, a militância brasileira cresceu nos anos 1970 e hoje colhe grandes conquistas. **Portal Geledés**, 09 de set. de 2010. Disponível em: https://www.geledes.org.br/o-movimento-negro-no-brasil/?amp=1&gclid=CjwKCAjwsfuYBhAZEiwA5a6CDD2zycHfrnTTR5KayMuZnP_bkTmkK6dkdb5Daw2LL05nPIAMjcBZBBBoCMSEQAvD_BwE. Acesso em: 18 jul 2021.

AMARAL, Maria das Vitórias Negreiros do; LIRA, Flávia W. Pereira; PAIVA, José Carlos; **Simbologia da terra nos processos de resistência: Quilombo de Conceição das Crioulas**. Conhecer: Debate entre o Público e o Privado, v. 9, n. 23, p. 198-219, 2019.

AMARAL, Maria das Vitórias Negreiros do. Arte/Educação e feminismo no imaginário pernambucano como resistência política e formação identitária das mulheres. In: **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 247-271, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/gearte>. Acesso em 12 abr. 2020.

_____. **Conceição contra o corona**: ancestralidade no combate à pandemia. Recife - PE: Ed. UFPE, 2021.

ANAZ, Sílvio Antonio Luiz; AGUIAR, Grazyella; LEMOS, Lúcia; FREIRE, Norma; COSTA, Edwaldo. **Noções do imaginário: perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin**. Revista Nexi. PUC. São Paulo - SP. n.3. 2014. Disponível em <http://revistas.pucsp.br/index.php/nexi/article/view/16760>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

ANDRADE, Antonia Lenilma Menezes de Cametá. **Mulheres quilombolas**: movimento, lideranças e Identidade. 2020. 166 p. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) - Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), Universidade Federal do Pará (UFPA), Cametá, PA, 2016. Disponível em: <https://sigaa.ufpa.br/sigaa/verProducao?idProducao=138192&key=ee256f84c3a942320c34a9309f073926>. Acesso em 16 agosto 2020.

ANICETO, Lara Nicolau. **Remexa minhas entranhas**: poéticas de um feminino monstruoso. 2018. 111 p. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES), Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/33166>. Acesso em: 15 agosto 2020.

ANTUNES, Marta de Oliveira. **A terra que volta**: gerindo territórios, memórias, conflitos e normas em Conceição das Crioulas. 2016. 516 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

(PPGAS), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, 2016. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/72/teses/846209.pdf>. Acesso em: 20 agosto 2020.

ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo - SP: Martins Fontes, 2005.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo - SP: Martins Fontes, 1988.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo - SP: Martins Fontes, 1993.

BAIRROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. In: HOLANDA, Heloisa Buarque (org). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro - RJ: Bazar do tempo, 2020.

BALLESTRIN, Luciana. **Feminismo De(s)colonial como Feminismo Subalterno Latino-Americano**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 3, e75304, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/WPTw4nyMwFQVLmBzhjHf8Jb/?lang=pt>. Acesso em: 05abr2021.

BARBOSA, Ana Mae. Dilemas da Arte/educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In: BARBOSA, Ana Mae (org). **Arte /educação contemporânea: consonâncias internacionais**. São Paulo - SP: Cortez, 2010.

_____. (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo - SP: Cortez, 2011.

BARROS. Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo - SP: Leya, 2013.

BARBOSA, Ana Mae; LONA Miriam Therezinha. Mulheres nas artes e no design: as garotas de Glasgow. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Maria das Vitórias (orgs), **Mulheres não devem ficar em silêncio: arte, design, educação**. São Paulo - SP: Cortez, 2019

BASTOS, Raquel Tavares. **Bordados como visão de mundo: narrativas através da memória e do feminino**. 2019. 156 p. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES), Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, 2019.

BEAUVOIR, Simone de, **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro - RJ: Nova Fronteira, 2019.

BETTO, Frei. **A mosca azul: reflexão sobre o poder**. Rio de Janeiro - RJ: Rocco, 2006.

BILGE, Sirma; COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. São Paulo - SP: Boitempo, 2020.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2011.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminino: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque (org). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro - RJ: Bazar do

tempo, 2019.

CARVALHO, Maria Letícia de Alvarenga, **Coleção terra de quilombos**: Quilombo de Conceição das Crioulas. Belo Horizonte - MG: FAFICH, 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo - SP: Ática, 1995.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo - SP: Boitempo, 2019.

CORDEIRO, Hildália Fernandes Cunha. **ÀWON ORÍ-IRUN OBÌNRIN DÚDÚ (Cabeças e Cabelos de Mulheres Negras)**: a raiz que empodera em contextos sacros africano-brasileiros. 2012. 155 p. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, BA, 2012.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Rio de Janeiro - RJ: Revista Brasileira de Educação. Nº 23 maio/jun/jul/ago 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FPTpjZfwdKbY7qWXgBpLNCN/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 08 jan 2021.

CURY, Carlo Roberto Jamil. A educação como desafio na ordem jurídica. In: LOPES, Eliane Marques Teixeira; FARIA, Luciano Mendes Filho; VEIGA, Cynthia Greive (org). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte - MG: Autêntica, 2010.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo - SP: Boitempo, 2016.

DEMPSEY, Amy. **Estilos, escolas e movimentos: guia enciclopédico da arte moderna**. São Paulo - SP: Cosac Naify, 2010.

DIAS, Taís Ritter; LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Gênero e ensino de Artes Visuais: desafios, armadilhas e resistências**. Florianópolis - SC: Revista Estudos Feministas, v. 27, n. 3, 2019.

DÍAZ-BENITEZ, Maria Elvira. Muros e pontes no horizonte da prática feminista: uma reflexão In: HOLANDA, Heloisa Buarque (org). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro - RJ: Bazar do tempo, 2020.

DORRICO, Julie. **Eu sou Macuxi e outras histórias**. Nova Lima - MG: Editora Caos e Letras, 2019.

DURAND, Gilbert. **Mito, símbolo e mitodologia**. Lisboa - Portugal: Presença, 1982.

_____. **A imaginação simbólica**. Lisboa - Portugal: Edições 70, 1993.

_____. **Campos do Imaginário**. Lisboa - Portugal: Instituto Piaget, 1996.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral**. São Paulo - SP: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ECO, Humberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro - RJ: Record, 2010.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto**

velha, velha enquanto jovem. Rio de Janeiro - RJ: Rocco, 2007.

_____. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Rio de Janeiro - RJ: Rocco, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres.** Rio de Janeiro - RJ: Malê, 2016.

FARTHING, Stephen. **Tudo sobre arte: os movimentos e as obras mais importantes de todos os tempos.** Rio de Janeiro - RJ: Sextante, 2011.

FERREIRA, Maria Raquel Dias Sales. **Mulheres Quilombolas e Culturas do Escrito: voz e letra na Comunidade Quilombola do Mato do Tição.** 2016. 231 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, (PPGE), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-ACHFSN>. Acesso em: 06 agosto 2020.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida Ferreira. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. In: **Revista Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, agosto/2002.

FRANÇA, Aurenia Pereira de. **Análise crítica do discurso quilombola em Conceição das Crioulas: oralidade, memória e identidade social.** 2018. 163 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Recife, PE, 2018. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/1096>. Acesso em: 15 agosto 2020.

FREIRE, Emanuel Andrade. **Conceição das Crioulas: uma análise dos processos identitários e territoriais de uma comunidade quilombola no sertão de Pernambuco.** 2012. 155 p. Dissertação (Mestrado em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental) - Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGEcoH) Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, BA, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro - RJ: Paz e terra, 1967.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro - RJ: Paz e Terra, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** São Paulo - SP: Global, 2006.

GOMBRICH, E. H. **A história da arte.** Rio de Janeiro - RJ: LTC, 2011.

GONÇALVES, Carmen Regina Teixeira. **Ser Quilombola, Mulher e Negra: a Agência do Coletivo de Mulheres Empodere Ser do Quilombo de Pinhões.** 2019. 186 p. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7803317. Acesso em: 21 agosto 2020

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo-afrolatino-americano: ensaios,**

intervenções e diálogos. Rio de Janeiro - RJ: Zahar, 2020.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Toré e Jurema: emblemas indígenas no Nordeste do Brasil.** Revista Ciência e Cultura. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência/SBPC. Cultura Indígena/Artigos p.43-45. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v60n4/a18v60n4.pdf>. Ed.: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

HARDMAN, Aline Souza. **Pencas de Balagandãs: construção histórica, visual e social das “crioulas” no século XIX.** 2020. 124 p. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV), Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, 2015. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4620>. Acesso em 20 agosto 2020.

hooks, bell. **Teoria feminista: da margem ao centro.** São Paulo - SP: Perspectiva, 2019.

_____. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo.** Rio de Janeiro - RJ: Rosa dos Tempos, 2020a.

_____. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.** Rio de Janeiro - RJ: Rosa dos Tempos, 2020b.

_____. Alisando o Nosso Cabelo, In: **Coletivo Feminista Marias Blog Feminista.** Camaçari, 09 mai. 2008. Disponível em: <https://coletivomarias.blogspot.com/2008/05/alisando-o-nosso-cabelo.html>. Acesso em: 13 ago. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro - RJ: DP&A, 2006.

_____. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro - RJ: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

IBGE, Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Estudos e Pesquisas • Informação Demográfica e Socioeconômica, n.41, IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações, Gráfica Digital, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em maio 2022.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada.** São Paulo - SP: Ática, 2014.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2000.

_____. (org). **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro - RJ: Harper Collins Brasil, 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro - RJ: Combogó, 2019.

KOLTUV, Barbara Black. **O livro de Lilith: o resgate do lado sombrio do feminino universal**. São Paulo - SP: Editora Cultrix, 2017.

KOPENAWA Davi; ALBERT Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo - SP: Cia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo - SP: Cia das Letras, 2019.

LEITE, Maria Jorge dos Santos. **Conceição das Crioulas: terra, mulher e política**. Sankofa Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, ano III, n. 6, 2010.

_____. **Movimento Social e Educação: a constituição do sujeito coletivo na luta por direitos na Comunidade de Conceição das Crioulas**. 2012. 294 p. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/5856>. Acesso em: 22 agosto 2020.

LIMA, Gírlanio Vidal de. **O empreendedorismo cultural revelando a identidade de artesãos quilombolas: um estudo na Comunidade de Conceição das Crioulas**. 2017. 134 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração (PROPAD) Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/30714/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Gir%C3%A2nio%20Vidar%20de%20Limal.pdf>. Acesso em: 24 agosto 2020.

LIMA, Karla Dias de. **A comunidade Quilombola do Tucum: liderança feminina e práticas cotidianas (Tanhaçu-BA)**. 2015. 180 p. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) - Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local (PPGHIS) Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, BA, 2015. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2923850. Acesso em: 28 agosto 2020.

LOPES, Marina Ferreira Belo. **As tramas que sustentam os corpos: Bordados, memórias e mulheres contemporâneas**. 2019. 111 p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/35245/1/AS_TRAMAS_QUE_SUSTENTAM_OS_CORPOS.pdf. Acesso em: 10 agosto 2020.

LOURO, Glaciara Lopes. **Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade**. Revista Formação Docente, v. 03, n. 04, p. 62-70, jan./jul. 2011. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MARQUES, Patrícia de Barros. **Educação escolar quilombola e etnoeducação palenquera: educação dos povos negros pelos povos negros em Conceição das Crioulas e Nariño (Brasil e Colômbia)**. 2018. 130 p. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional) - Programa de Pós-

Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional (PPGDSCI) Universidade de Brasília (UNB). Brasília, DF, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/32502?locale=es>. Acesso em: 08 agosto 2020. MEIRELES, Cecília. **Flor de poemas**. Rio de Janeiro - RJ: Nova Fronteira, 1983.

MELO, Júlia Morim de; Müller, Elaine; Gayoso, Daniella Bittencourt. **Parteiras tradicionais de Pernambuco**: saberes, práticas e políticas. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 - Desafios atuais dos feminismos (Anais Eletrônicos),: Florianópolis - SC:UFSC, 2013. Disponível em http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1380747140_ARQUIVO_PARTEIRAS_TRADICIONAIS_DE_PERNAMBUCO.pdf. Acesso em: 10 agosto 2020.

MENDES, Maria Aparecida. **Marias Crioulas**: emancipação e alianças entre mulheres no enfrentamento à violência doméstica em comunidades tradicionais. 2019. 159 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais) - Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (PPGPCTs) Universidade de Brasília (UNB), Brasília, DF, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/37900>. Acesso em: 08 agosto 2020.

_____. Saindo do quarto escuro: violência doméstica e a luta comunitária de mulheres quilombolas em Conceição das Crioulas. In: DEALDINA, Selma dos Santos (org) **Mulheres quilombolas**: territórios de existências negras femininas. São Paulo - SP: Jandira: 2020.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar. Belo Horizonte - MG: Editora UFMG, 2020.

MIÑOSO, Yuderlys Espinosa. Fazendo uma genealogia da experiência: o método rumo a uma crítica da colonialidade da razão feminista a partir da experiência histórica na América Latina. In: HOLANDA, Heloisa Buarque (org). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro - RJ: Bazar do tempo, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo - SP: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro - RJ: Zahar, 2021

NASCIMENTO, Márcia Jucilene do, **Por uma pedagogia crioula**: memória, identidade e resistência no quilombo de Conceição das Crioulas – PE. 2018. 199 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais) - Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (PPGPCTs), Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31319>. Acesso em: 08 agosto 2020.

NASCIMENTO, M. A. G.; SILVA, C. N. M. Rodas de conversa e oficinas temáticas: experiências metodológicas de Ensino Aprendizagem em Geografia. In: **Encontro**

Nacional de Prática de Ensino em Geografia, 10, Porto Alegre, 2009. Anais...
Porto Alegre - RS: UFRGS, 2009, p.1-11. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/281526063_RODAS_DE_CONVERSA_E_OFICINAS_TEMATICAS_EXPERIENCIAS_METODOLOGICAS_DE_ENSINO-APRENDIZAGEM_EM_GEOGRAFIA> Acesso em 25 jan. 2020.

OCAÑA Alexander Ortiz; ARIAS, María Isabel; CONEDO, Zaira Esther Pedrozo. **Decolonialidad de la educación**; emergencia/urgencia de una pedagogía decolonial. Santa Marta/Colombia: Editorial Unimagdalena, 2018.

OYĚWÙMÍ OYèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemológicas africanas. In: HOLANDA, Heloisa Buarque (org). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro - RJ: Bazar do tempo, 2020.

PASSOLD, Sirlene Barbosa Correa. **Desapocadas**: Concepções de Beleza e Conhecimentos Tradicionais de Mulheres Quilombolas do Puris/MG. 2017. 146 p. Dissertação. (Mestrado Profissional em Sustentabilidade) Programa de Pós-graduação em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais (MESPT), Universidade de Brasília (UnB), Brasília - DF, 2017.

PASSOS, Úrsula. Rosana Paulino costura ciência, mulheres e negros em mostra na Pinacoteca: Exposição faz retrospectiva de 25 anos do trabalho da artista paulistana. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 8 de dez. de 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/12/rosana-paulino-costura-ciencia-mulheres-e-negros-em-mostra-na-pinacoteca.shtml?origin=folha>. Acesso em: 20 de jan. de 2021.

PAULINO, Rosana. **Imagens de sombras**. 2011. 98 p. Tese (Doutorado em Poéticas Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, 2011. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-05072011-125442/pt-br.php>. Acesso em: 26 agosto 2020.

PERINI, Janine Alessandra. **Vale do Ribeira**: uma contribuição das redes virtuais quilombolas para a formação de professores de Artes Visuais na perspectiva da Lei 10.639/2003. 2012 Dissertação. (Mestrado em Artes Visuais) Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.

POUGY, Eliana e VILELA, André. **Todas as artes**: volume único - arte para o ensino médio. São Paulo - SP Ática, 2016.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo - SP: Cia das Letras, 2001.

_____. **A criação do mundo**: contos e lendas afro-brasileiros. São Paulo - SP: Cia das Letras, 2007.

RARA, Preta. **Eu, empregada doméstica**: a senzala moderna é o quartinho da empregada. Belo Horizonte - MG: Letramento, 2019.

REIF, Laura. **Entenda as linhas de pensamento de cada corrente do movimento feminista**. Publicado em 15/10/219 (atualizado em 5/10/2020). Disponível em:

<https://azmina.com.br/reportagens/radical-liberal-interseccional-conhecidas-as-principais-vertentes-do-feminismo/>. Acesso em: 28abr2021.

REIS, A. B. S.; M. B. Silva. A disciplina História da Arte nos cursos de Artes Visuais da UFPB, UFPE e URCA. In: Lívia Marques Carvalho; Maria Betânia e Silva; Robson Xavier da Costa. (Org.). **Tessituras: experiências e vivências em Artes Visuais**. p. 19-34. João Pessoa - PB: Editora UFPB, 2015.

REIS, Marina de Oliveira. O pacto narcísico da casa-grande: a representação das mulheres negras a partir de Lélia Gonzalez e Gilberto Freyre. In: **Humanidades em diálogo**, v. 9, n. 1, p. 93-101, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/154274>. Acesso em: 17 jun. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte - MG: Letramento, 2017.

_____. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo - SP: Companhia das letras, 2019.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos**. São Paulo - SP: Aleph, 2019.

ROCHA PITTA, Danielle Perin. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Curitiba - PR: Editora CRV, 2017.

ROCHA PITTA, Danielle Perin. A dinâmica dos quatro elementos no Candomblé In: ROCHA PITTA, Danielle Perin. BOARO, Júlio César e ALMEIDA, Rogério de (Orgs) **Imaginário africano e afro-brasileiro**. São Paulo: FEUSP, 2020.

RODRIGUES, Maria Diva Rodrigues da Silva. **Política de nucleação de escolas: uma violação de direitos e a negação da cultura e da educação escolar quilombola**. 2017. 122 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável) - Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais (PPGPCTs), Universidade de Brasília (UNB), Brasília, DF, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/31321?locale=en>. Acesso em: 25 agosto 2020.

_____. Pelas artes, Conceição das Crioulas e universidades se unem contra a hierarquização dos saberes. In: PAIVA, José Carlos (org). **Partilha de reflexões sobre as artes, as lutas, os saberes e os sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas**. Porto/Portugal: i2/ADS/ Instituto de Investigação em Arte e Sociedade/CEPE: 2020.

ROSÁRIO, Lilian Valeria Cunha do. **Kbela: o cabelo e a mulher negra no cinema contemporâneo brasileiro**. 2019. 93 p. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES), Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/59105>. Acesso em: 23 agosto 2020.

SANTANA, Junia Auxiliadora. **Aprendizagens da terra nas narrativas das mulheres guerreiras do Quilombo Mata Cavallo**. 2019. 97 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Cuiabá, MT, 2019. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/>

viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7684407. Acesso em 20 agosto 2020.

SANTIAGO, Fernanda Lucas. **Mulheres Negras: trajetórias de (re)existência em rede. Curitiba, 1922-1963**. 2019. 133 p. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) Universidade do Estado de Santa Catarina (UESC), Florianópolis, SC, 2019. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/faed/id_cpmenu/2555/Fernanda_Lucas_Santiago_16056332088306_2555.pdf. Acesso em 22 agosto 2020.

SANTOS, Antonilda da Silva. **O Processo de emancipação da mulher quilombola: participação política na Associação das comunidades remanescente de quilombos das Ilhas de Abaetetuba-Arquia**. 2019. 142 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), Universidade Federal do Pará (UFPA), Belém, PA, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7660907. Acesso em 19 agosto 2020.

SANTOS, Julio Cesar dos. **Se eu fosse uma flor: o cinema como dispositivo tecnopoético produzindo simbólicos identitários de uma mulher negra**. 2014. 173 p. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV), Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4398>. Acesso em: 08 agosto 2020.

SANTOS, Maria José dos. **Trajetória educacional de mulheres quilombolas no Quilombo das Onze Negras do Cabo de Santo Agostinho-PE**. 2012. 107 p. Dissertação (Mestrado em Educação, História, Política e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Educação, História, Política e Sociedade (EHPS), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, SP, 2012. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/10344/1/Maria%20Jose%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 19 agosto 2020.

SILVA, Claudio Vicente da. **"A escola foi tomada!": educação e resistência em Conceição das Crioulas/PE**. 2019. 144 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) Universidade de Brasília (UNB), 2019. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_cfdc93d67c4a1346585450703f5d9632. Acesso em: 22 agosto 2020.

SILVA, Clécio Ernande da. **O diálogo (inter) cultural entre saberes: um estudo de caso a partir da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas**. 2011. 154 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, 2011.

SILVA, Givânia Maria da. **Educação como processo de luta política: a experiência de educação diferenciada do Território Quilombola de Conceição das Crioulas**. 2012. 199 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Universidade de Brasília (UNB), Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/12533?mode=full>. Acesso em: 22 agosto 2020.

_____. Mulheres quilombolas: afirmando o território na luta, resistência e insurgência negra feminina. In: DEALDINA, Selma dos Santos (org) **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo - SP: Sueli Carneiro/Jandíra, 2020.

_____. **Quem somos nós e o que queremos?**. In: PAIVA, José Carlos (org). **Partilha de reflexões sobre as artes, as lutas, os saberes e os sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas**. Porto/Portugal: i2/ADS/Instituto de Investigação em Arte e Sociedade/CEPE: 2020a.

SILVA, Lucia Helena Ramos da. **Os sentidos atribuídos às identidades de mulheres quilombolas na escola de Educação Quilombola**. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Identidades da Universidade Federal Rural de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco. Recife, 2016.

SILVA, Raimunda Patrícia Gemaque da. **O lado feminino do quilombo: o território quilombola sobre o enfoque de gênero nas comunidades da Boa Vista e Moura em Oriximiná/PA**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia. Rondônia, 2016.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUZA, Maria Aparecida de Oliveira. **A Comunidade de Conceição e suas lutas: histórias escritas no feminino**. 2006. 146 p. Dissertação. (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História (HIS) - Universidade de Brasília (UNB), Brasília, DF, 2006. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2333>. Acesso em 14 agosto 2020.

SOUZA, Maria Aparecida de Oliveira. **Negras nós somo, só não temo o pé no torno: a identidade negra e de gênero em Conceição das Crioulas, Contendas/Tamboril e Santana**. 2013. 255 p. Tese. (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, 2013.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro - RJ: Rosa dos dos tempos, 2019.

TOURINHO, Irene. Metodologia(s) de pesquisa em arte-educação: o que está (como vejo) em jogo? In: DIAS, Belidson; IRWIN Rita L. (Orgs). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

VASCONCELOS, Ana Cleide da Cruz. Mulheres da Amazônia. In: DEALDINA, Selma dos Santos (org) **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo - SP: Jandíra: 2020.

VILELA, Ica Suzana Lopes. **Afirmção da identidade no discurso quilombola em perspectiva semiótica: o caso das bonecas pretas do Quilombo de Conceição das Crioulas**. 2014. 203 p. Tese. (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em em Semiótica e Linguística Geral (PGLing), Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, 2014.

XAVIER, Girleide da Silva. **Mulheres do quilombo**: identidade ética, gênero e educação na Comunidade Porto dos Cavalos - Ilha de Maré/Bahia. 131 p. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, BA, 2018. Disponível em: <http://www.saberaberto.uneb.br/handle/20.500.11896/914>. Acesso em 15 agosto 2020.

WAISELFISZ, Julio Jacobo, **O Mapa da Violência 2015**: homicídio de mulheres no Brasil. Brasília/DF: Flacso Brasil, 2015. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf. Acesso em 15 abril 2021.

WHAN, Chang. **Ritxoko**: a voz visual das ceramistas Karajá. 2010. 215 p. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV), Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA/UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, 2010. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=195264. Acesso em: 24 agosto 2020.

ZACCARA, Madalena. **Mulheres nas Artes Visuais em Pernambuco: um resgate**. Anais do 25º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores e Artes Plásticas (ANPAP). Comitê de História, Teoria e Crítica de Arte. Porto Alegre/RS, 2016.